



**ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

TAINARA ALBA

***PERFORMANCE TELEJORNALÍSTICA: UM ESTUDO SOBRE AS
EXPERIÊNCIAS DE GLÓRIA MARIA NO GLOBO REPÓRTER***

CAXIAS DO SUL

2018

TAINARA ALBA

***PERFORMANCE TELEJORNALÍSTICA: UM ESTUDO SOBRE AS
EXPERIÊNCIAS DE GLÓRIA MARIA NO GLOBO REPÓRTER***

Monografia apresentada como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo na Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Prof.^a Ma. Marliva Vanti Gonçalves

CAXIAS DO SUL

2018

TAINARA ALBA

**PERFORMANCE TELEJORNALÍSTICA: UM ESTUDO SOBRE AS
EXPERIÊNCIAS DE GLÓRIA MARIA NO GLOBO REPÓRTER**

Monografia apresentada como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo na Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Prof.^a. Ma. Marliva Vanti Gonçalves

Aprovado em ____/____/ 2019

Banca Examinadora

Prof.^a. Ma. Marliva Vanti Gonçalves
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Prof. Ms. Jacob Raul Hoffmann
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Prof.^a. Ma. Ana Laura Paraginski
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Dedico esta monografia aos meus pais que, apesar de não terem tido as mesmas oportunidades de estudo, as garantiram para mim; e também a todos aqueles que apreciam a capacidade comunicativa de uma boa *performance* jornalística.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pelo apoio em todos os momentos da minha vida, mesmo com erros, acertos, sofrimentos, conquistas e alegrias pelo caminho, sempre seguraram a minha mão e me mostraram que eu não estou sozinha.

Aos meus pais, Alécio e Gilmara, que não tiveram as mesmas oportunidades de estudo, mas as garantiram para os três filhos. Lembro, com emoção, do período em que me ajudavam com o dever de casa na mesa da cozinha. Mas, com mais emoção ainda, lembro quando não conseguiram mais me ajudar porque naquela altura eu já havia ido mais "longe" na escola. Eu sei que doeu não saber me auxiliar em questões do ensino médio, por isso, pai e mãe, essa monografia é para vocês.

Aos meus irmãos, Suélen e Marcos Luan que, embora a vida tenha me conduzido cedo a deixar a casa da família e, conseqüentemente, a nossa convivência diária, sempre me apoiaram e torceram por mim, além de que, sempre me receberam - e recebem - com amor, euforia e "buzinaço" nos momentos de "visita" ao antigo (e eterno) lar. Sei que me amam e é recíproco.

Ao meu namorado, Vitor, que encarou comigo os diversos desafios que surgiram ao longo da graduação, e também na vida. Agradeço a compreensão e o incentivo, especialmente nos momentos mais difíceis, em que, assim como a minha família, me estendeu a mão e não me deixou desanimar. Igualmente agradeço à família dele, que se tornou a minha família também, por todo apoio e motivação.

À minha orientadora, Marliva, pelos ensinamentos e provocações reflexivas que me ajudaram a aprender e amar ainda mais o jornalismo. Gratidão por ter estado presente em um dos momentos mais difíceis da minha vida, quando enfrentei a depressão, e se transformado em uma amiga, me incentivando e acreditando na minha capacidade. Gratidão pela paciência, compreensão, preocupação e empatia. Aprendi muito, não só sobre jornalismo, mas sobre humanidade.

Aos colegas da RBSTV Caxias, onde realizei dois anos de estágio em telejornalismo, por todo o conhecimento compartilhado, incentivo e amizade. Foi incrível e fundamental poder aprender com profissionais dedicados, "humanos" e preocupados com o fazer jornalístico. Com vocês, aprendi que ajudando a mudar "uma só coisinha" na vida de "uma só" pessoa, também significa mudar o mundo. Em especial, agradeço à Shirlei que, por muitas vezes, demonstrou ser mais do que minha "chefe", se importando comigo, me incentivando a crescer.

*“O repórter só deve ser repórter se isso for irreversível,
se não houver outro jeito de ganhar a vida,
se alguma força maior o empurra para isso”
(Ricardo Kotscho, 2001, p. 32).*

RESUMO

Esta monografia tem como tema a interferência da *performance* da telejornalista Glória Maria na compreensão das informações pelos telespectadores do Globo Repórter. A pesquisa gira em torno da questão norteadora que deseja identificar como a *performance* telejornalística da repórter interfere na compreensão das informações das reportagens veiculadas no programa. O referencial teórico é composto por assuntos como comunicação oral; arte de contar histórias; jornalismo como forma de conhecimento e transformação social; Jornalismo Literário; televisão; papel do jornalista; poder da imagem; espetáculo da representação; televisão como a janela do mundo; história da Rede Globo; *performance*, comunicação não-verbal; personagem e experimentação; carreira jornalística de Glória Maria. Para viabilizar o estudo, foram analisadas cinco reportagens produzidas por Glória Maria para o Globo Repórter: “Beduínos nômades mostram como vivem no deserto de Omã”; “Comunidade Rastafári mais fechada da Jamaica não segue leis do país”; “Glória Maria entra em mesquita no Irã para acompanhar tradicional oração”; “Glória Maria salta do maior *bungee jump* do mundo, em Macau”; “Glória Maria experimenta o segredo da medicina ayurvédica”. A metodologia utilizada é constituída pelos métodos de Análise de Conteúdo, proposto por Bardin (2000) e como método de apoio foi realizado um Estudo de Recepção, por meio da técnica de Grupo Focal. Ao término do estudo, foi possível verificar, a partir dos resultados obtidos, que a *performance* da jornalista contribui para a transmissão de informações aos telespectadores por meio das reportagens, ao mesmo tempo que, provoca a sensação de proximidade ao conseguir “levar” o telespectador consigo.

Palavras chave: Jornalismo. *Performance*. Televisão. Glória Maria. Globo Repórter.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Categorias e gêneros na televisão brasileira	56
Figura 2: Gêneros na Rede Globo de televisão	76
Figura 3: Glória Maria cobre posse de Jimmy Carter nos EUA	116
Figura 4: Glória Maria entrevista o artista Raul Seixas	118
Figura 5: Glória Maria em primeiro voo duplo de asa delta no Brasil	121
Figura 6: Glória Maria corre e entrevista pessoas em corrida matinal	121
Figura 7: Glória Maria desvia segurança nas Olimpíadas de Los Angeles	122
Figura 8: Glória Maria entrevista o artista Mick Jagger	123
Figura 9: Glória Maria entrevista o artista Freddie Mercury, do grupo Queen.....	124
Figura 10: Glória Maria entrevista artistas do Barão Vermelho	125
Figura 11: Glória Maria apresenta o <i>Fantástico</i>	125
Figura 12: Glória Maria entrevista crianças de projeto social em Minas Gerais.....	126
Figura 13: Glória Maria cobre a Chacina de Candelária	128
Figura 14: Glória Maria mostra consternação pela morte de Ayrton Senna.....	129
Figura 15: Glória Maria entrevista o cantor Roberto Carlos	130
Figura 16: Glória Maria apresenta Especial e dança com Roberto Carlos.....	130
Figura 17: Glória Maria entrevista o artista Michael Jackson	131
Figura 18: Glória Maria sobrevoa o vulcão ativo Kilauea	134
Figura 19: Glória Maria faz travessia de balões em movimento.....	135
Figura 20: Glória Maria conversa com mulher que seria apedrejada na Nigéria.....	136
Figura 21: Glória Maria entrevista e presenteia a artista Madonna	137
Figura 22: Glória Maria entra na lama do vulcão Totumo	138
Figura 23: Glória Maria acompanha o escritor Paulo Coelho em viagem	138
Figura 24: Glória Maria experimenta a gravidade zero	139
Figura 25: Glória Maria mostra costumes dos índios Kamaiurás no Alto Xingu.....	140
Figura 26: Glória Maria em voluntariado na Nigéria	141
Figura 27: Glória Maria mostra costumes de Brunei Darussalam	145
Figura 28: Glória Maria mostra as belezas do Grand Canyon.....	146
Figura 29: Glória Maria mostra costumes e crenças do Butão.....	147
Figura 30: Glória Maria mostra costumes de Omã.....	148
Figura 31: Glória Maria conversa com beduína em Omã.....	149
Figura 32: Glória Maria experimenta <i>abaya</i> em Dubai.....	150

Figura 33: Glória Maria mostra túneis no Vietnã	152
Figura 34: Glória Maria mostra costumes de Laos.....	153
Figura 35: Glória Maria aprende a pescar salmão no Reino Unido.....	155
Figura 36: Glória Maria desce da mais alta e veloz tirolesa da Europa.....	156
Figura 37: Glória Maria visita vilarejo em Myanmar	157
Figura 38: Glória Maria experimenta culinária da Sérvia.....	159
Figura 39: Glória Maria mostra parque isolado em Montenegro	160
Figura 40: Glória Maria mostra curiosidades da Áustria.....	160
Figura 41: Glória Maria percorre o deserto do Saara	162
Figura 42: Glória Maria mostra costumes de comunidade Rastafári.....	163
Figura 43: Glória Maria mostra costumes de comunidade Rastafári.....	164
Figura 44: Glória Maria mostra parque que homenageia jamaicanos.....	164
Figura 45: Glória Maria vira meme na internet	165
Figura 46: Glória Maria cuida de panda em Hong Kong	167
Figura 47: Glória Maria salta do maior <i>bungee jump</i> do mundo.....	168
Figura 48: Glória Maria salta do maior <i>bungee jump</i> do mundo.....	168
Figura 49: Glória Maria veste o chador a pedido de iranianas	170
Figura 50: Glória Maria experimenta comida típica de Abyaneh.....	171
Figura 51: Glória Maria mostra deserto de Lut.....	171
Figura 52: Glória Maria experimenta medicina ayurvédica no Sri Lanka	174
Figura 53: Glória Maria participa de ceia tradicional no Sri Lanka	175
Figura 54: Glória Maria explora parque na Macedônia	176
Figura 55 - Beduína tira máscara e mostra o rosto para Glória Maria.....	185
Figura 56 - Glória Maria fuma Ganja em ritual Rastafári	188
Figura 57: Glória Maria entra em mesquita no Irã e veste o xador.....	191
Figura 58: Glória Maria salta do maior <i>bungee jump</i> do mundo em Macau	194
Figura 59: Glória Maria experimenta a medicina ayurvédica no Sri Lanka	198

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 JORNALISMO.....	23
2.1 A COMUNICAÇÃO ORAL E A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS.....	23
2.1.1 Uma breve linha do tempo do jornalismo.....	25
2.2 O JORNALISMO COMO FORMA DE CONHECIMENTO E TRANSFORMAÇÃO.....	29
2.3 JORNALISMO LITERÁRIO.....	34
2.4 EIS O MUNDO, DIZ O JORNALISTA.....	38
3 TELEVISÃO.....	41
3.1 O OLHO É A VERDADE.....	41
3.2 O ESPETÁCULO DA REPRESENTAÇÃO.....	45
3.3 TELEVISÃO: A JANELA DO MUNDO.....	53
3.4 TELEVISÃO BRASILEIRA: UMA BREVE LINHA DO TEMPO.....	59
3.5 TELEJORNALISMO.....	65
3.5 REDE GLOBO: “A GENTE SE VÊ POR AQUI”.....	68
4 PERFORMANCE.....	79
4.1 O CORPO SE COMUNICA.....	79
4.2 PERFORMATIVIDADE: O MUNDO COMO PERFORMANCE.....	80
4.3 PERSONAGEM E EXPERIMENTAÇÃO.....	85
5 GLÓRIA MARIA.....	95
4.1 GLÓRIA MARIA: UMA PESSOA.....	96
4.2 GLÓRIA MARIA: TELEJORNALISTA.....	109
4.2.1 Reportagens e coberturas de Glória Maria na linha do tempo.....	112
4.3 GLÓRIA MARIA NO GLOBO REPÓRTER.....	142
4.4 GLÓRIA MARIA EM CAXIAS DO SUL.....	176

6 METODOLOGIA.....	182
6.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	182
6.1.1 Fase 1: pré-análise.....	182
6.1.2 Fase 2: exploração do material.....	183
6.1.2.1 Omã, 2012.....	185
6.1.2.2 Jamaica, 2016.....	188
6.1.2.3 Irã, 2017.....	191
6.1.2.4 Macau, 2017.....	194
6.1.2.5 Sri Lanka, 2018.....	198
6.2 ESTUDO DE RECEPÇÃO.....	203
6.2.1 Fase 3: tratamento e interpretação.....	205
6.2.2 Análise.....	206
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	237
REFERÊNCIAS.....	243

1 INTRODUÇÃO

“Boa noite. O Globo Repórter completa 37 anos neste mês de abril, e para comemorar, convidamos você para uma viagem de sonhos”¹. Foi assim que o apresentador de televisão, Sérgio Chapelin, fez a abertura do Globo Repórter em 9 de abril de 2010, na estreia da repórter Glória Maria Matta da Silva no programa.

A “viagem de sonhos” se refere a uma reportagem produzida por Glória Maria - como é mais conhecida - sobre Brunei Darussalam, um país muçulmano localizado no sudoeste da Ásia e conhecido como morada da paz. É uma terra governada por sultões, onde a população não paga impostos e tem direito à educação, saúde e moradia subsidiadas pelo governo.

A repórter começou sua trajetória na Rede Globo em 1971, integrando em 2010 - até hoje - a equipe de um dos mais antigos programas da TV brasileira, no ar desde o dia 3 de abril de 1973: o Globo Repórter.

Pelo programa, Glória Maria experimentou variadas situações em suas reportagens, conheceu e apresentou aos telespectadores diversos países, diferentes povos e culturas. O “espírito de aventura” sempre pautou sua carreira, tendo ela se destacado ao longo dos anos por sua *performance*, sua postura ousada e sua insistência em conseguir informações importantes.

Por esse motivo, este trabalho monográfico tem na repórter Glória Maria o seu objeto de estudo, por meio de cinco reportagens, produzidas para o programa Globo Repórter, que foram selecionadas e são apresentadas mais adiante neste capítulo.

O estudo tem como tema: “Análise sobre a interferência da *performance* telejornalística de Glória Maria na compreensão das informações pelos telespectadores do Globo Repórter” e busca responder à seguinte questão: “Como a *performance* telejornalística de Glória Maria interfere na compreensão das informações pelos telespectadores do Globo Repórter?”.

Para um programa como o Globo Repórter é permitido um mergulho do jornalista na reportagem, ou seja, um maior tempo de pesquisa, de apuração e de

¹ MEMÓRIA GLOBO. **Globo Repórter**. Brunei Darussalam. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/globo-reporter/globo-reporter-brunei-darussalam.htm>>. Acesso em 10 de julho de 2018.

captação de imagens, uma maior sensibilidade no tratamento do texto, um maior envolvimento com o processo de produção.

Nesse sentido, a pesquisadora passou a se interessar pelo trabalho de Glória Maria desde a adolescência, quando costumava assistir ao Globo Repórter com a família (pais e irmãos). As noites de sextas-feiras eram as únicas em que todos podiam dormir mais tarde, então, pais e filhos se reuniam no sofá, ao lado do fogão a lenha, e assistiam ao programa, juntos.

A sensação de que a televisão era uma convidada especial, que merecia a atenção dos familiares, fazia com que todos se transformassem em telespectadores curiosos, atentos a cada imagem e a cada palavra.

A maneira com que a jornalista Glória Maria apresenta a matéria, a sua interação com o espaço e com os povos dos lugares mostrados, a sua forma de descrever a emoção de experimentar algo novo, contemplar paisagens e/ou conhecer outros costumes são elementos que sempre prenderam a atenção da família da pesquisadora e a fizeram refletir se o mesmo acontece com outros telespectadores e suas famílias.

Glória Maria tem mais de 45 anos de experiência na TV. Quando iniciou na carreira profissional, os jornalistas ainda não apareciam nas reportagens, e isso pode ter despertado uma preocupação maior nos profissionais da época em produzir conteúdo que fosse capaz de transmitir credibilidade, mesmo sem que os telespectadores pudessem conhecer a imagem do repórter.

Mesmo mais tarde, quando os repórteres passaram a aparecer no vídeo, Glória Maria manteve um perfil mais ousado. Ela consolidou um estilo próprio de fazer reportagem. Uma *performance* particular.

Cobriu acontecimentos históricos, conseguiu informações exclusivas e sempre foi persistente em conseguir as informações de que precisava, ou que julgava serem importantes e relevantes para a reportagem.

A forma com que o repórter age diante das câmeras e que é percebida pelo telespectador, constitui-se em uma *performance* capaz de despertar no público alguma sensação, seja positiva ou negativa, direta ou indiretamente.

A postura ativa do repórter, a exemplo de Glória Maria, pode transmitir ao telespectador afinidade, sensação de proximidade com o meio jornalístico e/ou televisivo, e também confiança nele, como um instrumento de conhecimento. Além

de informar, o telejornalismo, e o próprio repórter, também emocionam, despertam sensações e sentimentos em quem os assiste.

Uma vez que as pessoas associam ver com saber, como disse Arbex Júnior (2001), a percepção visual tem sua importância reforçada no meio televisivo. A partir dessa perspectiva, entende-se que o jornalista de televisão possui grande responsabilidade ao assumir a condição de transmissor de conhecimento.

Por isso, ao experimentar situações, conhecer outras culturas, contextualizar informações e interagir com os espaços que apresenta, o repórter pode estar cumprindo um papel importante da profissão defendida por Kotscho (2001): “levar” o telespectador a lugares que, no momento, ele não pode ir sozinho.

As câmeras, postadas em diferentes lugares, podem captar mais detalhes e de diferentes ângulos, tendo um alcance visual maior e proporcionando ao telespectador a sensação de estar transitando pelos cenários apresentados. “(...) a televisão, com o seu aparato tecnológico cada vez mais aperfeiçoado, reivindica para si a capacidade de substituir com vantagem o olhar do observador individual” (ARBEX JÚNIOR, 2001, p. 34).

Se uma das funções do repórter é “levar” o telespectador para determinados locais, logo, é importante saber de que forma isso acontece, observar os fatores que tornam essa “viagem” possível e por quê.

Por isso, operar com sabedoria os elementos da linguagem televisiva para a construção de uma reportagem torna-se essencial a fim de diferenciar um bom trabalho de um trabalho comum. Além de atraente, o trabalho deve ter conteúdo, informação, acrescentar “algo”, envolver o telespectador.

Desde que a pesquisadora iniciou o estágio em telejornalismo na emissora de televisão RBS TV (Rede Brasil Sul de Televisão) de Caxias do Sul/RS, filiada à Rede Globo, houve o aumento de interesse pela reportagem, trabalho e influência do repórter, produção de programas telejornalísticos e impactos causados pelas informações nos telespectadores.

As reflexões sobre o alcance do jornalismo de TV e sobre a influência do repórter na compreensão do conteúdo apresentado aos telespectadores se tornaram constantes e, cada vez mais, interessantes. Esses questionamentos inspiraram o tema desta monografia, conforme já apresentado.

Pensando nessa relação de influência e interação entre repórter e telespectador, pode-se mencionar Stanislavski (2007), quando diz que, para poder

influenciar pessoas com nossos sentimentos e convencê-las com nossos pensamentos é necessário atraí-las, procurar entender o que passa em seu interior e buscar formas de transmitir o que se quer.

Segundo o autor, que utiliza conceitos do teatro, a dúvida é inimiga da criatividade e impede o processo do ator de viver e representar algum papel. Da mesma forma ocorre com o repórter, que precisa estar convencido da verdade daquilo que transmite para poder realizar o seu trabalho.

O desafio do repórter de TV é relatar com precisão e síntese, entender as histórias o suficiente para contá-las, transmitindo a relevância da informação de forma atraente e compreensível, sempre respeitando os preceitos éticos que regem a profissão.

Como defende Kotscho (2001), cada história é uma história e merece um tratamento exclusivo. “O repórter é um contador de histórias (...) com personagens reais, que nem sempre terminam bem. Há enredo, protagonistas, hora e local onde se desenrolam os fatos, e também um motivo” (BISTANE; BACELLAR, 2008, p. 13).

O jornalismo (repórter) e o teatro (ator) possuem semelhanças em relação às suas formas de representação da realidade, por esse motivo, muitos conceitos do teatro podem ser aplicados à *performance* do repórter de televisão, porém as suas funções são diferentes e não podem ser confundidas. O assunto é abordado nos próximos capítulos desta monografia.

Ao estar em diversos países com culturas e crenças peculiares e submeter-se aos costumes, rituais e normas das comunidades locais em prol da reportagem, pode-se questionar se a narrativa de Glória Maria lhe proporciona mais credibilidade do que a de alguém que não experimenta algo, mas fala sobre, por exemplo.

Outro questionamento pode ser feito em relação à sensação de proximidade (ou distância) provocada no telespectador, uma vez que a repórter apresenta realidades distantes dele, sempre mostrando as características, geografias e culturas desses lugares, interagindo com pessoas, animais, relevos, superfícies, etc.

Pode-se refletir ainda se a linguagem mais próxima do Jornalismo Literário e das reportagens especiais (grandes reportagens) aliada com a *performance* dinâmica dos repórteres são elementos com capacidade de melhor conquistar a atenção do telespectador.

Silva (2017) diz que o Jornalismo Literário era chamado anteriormente de reportagem especial e que combina forma literária com conteúdo jornalístico, uma

vez que há vários elementos da literatura que os jornalistas aspiram ver em suas reportagens, como a criatividade, o texto impecável e a capacidade de sobreviver ao tempo.

Seguindo essas reflexões e buscando respostas, surgiram algumas hipóteses (H), que foram confirmadas ou refutadas a partir do desenvolvimento e análise deste estudo e da aplicação dos métodos de pesquisa Análise de Conteúdo e Estudo de Recepção.

H.A. A *performance* jornalística da repórter Glória Maria contribui para a melhor compreensão das informações pelos telespectadores.

H.B. O estilo de informar e participar, de forma ativa, da informação, percebido nas reportagens de Glória Maria, transmite ao telespectador a sensação de aproximação com o conteúdo apresentado.

H.C. A experimentação dos cenários, culturas, normas e hábitos de diferentes comunidades existentes pelo mundo, no exercício da profissão de repórter e na construção de suas reportagens, atribui à Glória Maria ainda mais credibilidade e confiança por parte do telespectador.

H.D. Glória Maria, por meio da valorização da *performance* de telejornalista, consegue despertar no telespectador o desejo de vivenciar os cenários e situações apresentados.

H.E. A *performance* telejornalística de Glória Maria, que participa ativamente como personagem central de suas matérias, atrapalha o entendimento da mensagem, chamando mais atenção para si própria do que para o conteúdo das informações prestadas ao telespectador.

Um objetivo geral também foi estabelecido: analisar como a *performance* telejornalística da repórter Glória Maria interfere na compreensão das informações pelos telespectadores do Globo Repórter.

Foram elencados outros objetivos, chamados de específicos, que têm papel importante na investigação deste trabalho.

a) compreender a linguagem televisiva.

b) compreender o conceito de *performance* e sua aplicação no exercício do telejornalismo.

c) observar de que forma acontece a interação entre reportagem/informação e telespectador.

d) verificar se existe um padrão sobre a forma de atuação do telejornalista em relação à forma de produção de conteúdo.

e) analisar quais fatores geram a identificação do telespectador com o que está sendo mostrado.

f) analisar quais fatores transmitem credibilidade ao telespectador quando este assiste ao material telejornalístico.

g) observar quais elementos são adicionados à reportagem para despertar, ou não, o desejo de vivenciar o que está sendo mostrado ou, ainda, se são adicionados tais elementos.

Para cada hipótese, foram relacionados os objetivos específicos.

Hipótese A: objetivos a, b, c.

Hipótese B: objetivos a, b, c, d, e.

Hipótese C: objetivos a, c, d, e, f.

Hipótese D: objetivos a, b, c, d, e, g.

Hipótese E: objetivos a, b, c, d, e, f, g.

Em busca de respostas para a questão norteadora desta monografia, suas hipóteses e seus objetivos, foi desenvolvida uma metodologia. Para Gerardt e Silveira (2009), a pesquisa é o procedimento que, por meio de várias fases, vai produzir respostas aos problemas propostos (questionamentos) e traduzidos de modo mais concreto pela questão norteadora.

Esta monografia tem como caráter metodológico a pesquisa qualitativa, já que é um procedimento mais compatível com a proposta do tema. Para Bardin (2016), é um procedimento mais intuitivo, mais adaptável a índices não previstos ou à evolução das hipóteses. Sua característica primordial é a inferência.

Segundo Gerardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa se preocupa com aspectos que não podem ser quantificados, buscando explicar o porquê das coisas com base na interpretação. Minayo (2001) apud Gerardt e Silveira (2009) diz que essa pesquisa trabalha com significados, motivos e aspirações.

Como procedimento metodológico foi utilizada a pesquisa bibliográfica. Gerardt e Silveira (2009, p. 32) dizem que ela "(...) é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites". A pesquisa bibliográfica apresenta ao pesquisador o que já foi estudado sobre o assunto e o ajuda, todo o tempo, a embasar seus estudos e reflexões.

Como método inicial para a pesquisa, foi utilizada a Análise de Conteúdo. Segundo Laurence Bardin (1979), consiste em um conjunto de técnicas adaptáveis e aplicadas ao campo das comunicações que leva em consideração as significações e interpretações. Ela se organiza em três fases:

a) pré-análise: é o período de organização, reunião dos documentos que serão submetidos à análise (podendo incluir novos procedimentos durante a investigação), elaboração das hipóteses, objetivos e indicadores que fundamentem a interpretação. Os documentos que foram submetidos à análise se tratam de cinco reportagens produzidas pela repórter Glória Maria para o programa Globo Repórter da Rede Globo:

I. “Beduínos nômades mostram como vivem no deserto de Omã”, exibida em 13 de abril de 2012;

II. “Comunidade Rastafári mais fechada da Jamaica não segue leis do país”, exibida em 01 de julho de 2016;

III. “Glória Maria entra em mesquita no Irã para acompanhar tradicional oração”, exibida em 08 de setembro de 2017;

IV. “Glória Maria salta do maior *bungee jump* do mundo, em Macau”, exibida em 09 de junho de 2017;

V. “Glória Maria experimenta o segredo da medicina ayurvédica”, exibida em 23 de novembro de 2018.

b) exploração do material: aplicação das decisões tomadas, operação de codificação. Para este trabalho, nesta fase, foram selecionados recortes de cenas, das cinco reportagens objetos de estudo, que mostram a atuação da repórter e que contêm características importantes para o estudo do tema. Os trechos foram selecionados com base em categorias, como sugerido por Bardin (1979):

I. *Performance* corporal: gestos, expressões faciais, interação, contato e ação do corpo da repórter com o espaço/ambiente da reportagem ou pessoas apresentadas, aparecimento da personagem (repórter) na reportagem;

II. *Performance* textual: texto (palavras), tom de voz, emissão/expressão de emoções, manifestação de opinião pessoal;

III. *Performance* estética imagética (que pode contribuir com a *performance* da repórter): imagens, planos de enquadramento das imagens/cenários, movimentos de câmera.

c) tratamento dos resultados obtidos e interpretação: sendo os resultados significativos e válidos, podem adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos ou trazer novas descobertas. É a análise, propriamente dita, e suas inferências.

Além da Análise de Conteúdo, outro método utilizado para responder a investigação foi o Estudo de Recepção por meio da técnica do Grupo Focal (*Focus Group*). Para Figaro, no artigo "*Estudos de recepção para a crítica da comunicação*" (2000), a partir da recepção, pode-se entender melhor o papel da comunicação e de seus meios na vivência da sociedade. Os Estudos de Recepção propõem uma abordagem diferenciada dos meios de comunicação, buscando compreender o processo de comunicação como interação social.

Segundo Backes, Colomé, Erdmann e Lunardi (2011), no artigo "*Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas*" (2011), o Grupo Focal (GF) representa uma técnica de coleta de dados que intensifica o acesso às informações acerca de um tema, promovendo a discussão sobre um foco específico a partir da interação de um grupo de participantes. Neste processo, os participantes podem explorar e manifestar os seus pontos de vista.

Através do Grupo Focal é possível atingir outras/novas reflexões e observações sobre o tema, que não foram percebidas pelas técnicas anteriores, ou então foram percebidas e comprovadas pela técnica. Para Duarte e Barros (2011), o Grupo Focal permite aprofundar a reflexão sobre o essencial, o sentido dos princípios e motivações que regem os julgamentos e percepções das pessoas. Tem como objetivo perceber os aspectos valorativos e normativos que são referência de um grupo em particular.

Para esta monografia, foram convidadas a participar da técnica do GF, dez pessoas com idades entre 17 e 45 anos. Os participantes foram escolhidos de acordo com alguns critérios. Pelo menos um deles é telespectador do programa Globo Repórter; pelo menos um deles não tem o hábito de acompanhar programas telejornalísticos ou televisivos; pelo menos um deles é adolescente; pelo menos um deles tem mais de 45 anos de idade; pelo menos um deles é jornalista ou estudante da área de comunicação; pelo menos um deles é artista ou profissional do teatro; pelo menos um deles é professor em alguma área do conhecimento.

Aos participantes foram apresentados trechos das cinco reportagens selecionadas, um vídeo de cada vez, permitindo o debate ao término de cada um e

também ao final do processo. A pesquisadora assumiu o papel de mediadora, sem exercer influência nas opiniões dos participantes, podendo, assim, aprofundar o estudo em busca das respostas para a pesquisa.

Além desta Introdução, que consiste no primeiro capítulo do trabalho monográfico, mais cinco capítulos são apresentados para tornar o material compreensível.

O segundo capítulo aborda a comunicação oral como forma de contar histórias e acontecimentos. Também fala sobre as origens do jornalismo, sua importância e influência na vida em sociedade, como forma de conhecimento e transformação. Além disso, trata sobre o papel do repórter, suas responsabilidades e capacidade de influência, além da reportagem e da autonomia jornalística. Traz conceitos sobre o Jornalismo Literário e outros, provindos do teatro, fazendo uma integração entre as áreas artística e jornalística.

O terceiro capítulo discorre sobre as formas como a sociedade privilegia o olhar e a imagem como forma de conhecimento e verdade. Também aborda a questão da realidade e da representação, especialmente no meio televisivo, além do que Debord (2002) chamou de Sociedade do Espetáculo. A crença naquilo que se vê é abordada para reforçar a influência da televisão e a importância do recurso visual para o meio jornalístico televisivo. Também faz parte deste capítulo uma breve linha do tempo sobre a história da televisão brasileira, seus gêneros e formatos. O telejornalismo e suas formas de abordagem das notícias, além de informações sobre a Rede Globo fazem parte do capítulo.

No quarto capítulo são trazidos conceitos sobre a *performance*, seu significado, aplicação e presença nas mais variadas ações do cotidiano. Conceitos e pensamentos provindos do teatro dão suporte às abordagens sobre personagem, performatividade e representação para comparar e relacionar com características que rodeiam a atuação jornalística do repórter de televisão.

O quinto capítulo discorre sobre aspectos pessoais e profissionais da telejornalista Glória Maria. Trechos de entrevistas e participações em programas destacam opiniões e características particulares da repórter. Sua carreira profissional é apresentada em uma espécie de linha do tempo com as principais reportagens telejornalísticas produzidas ao longo dos anos. O capítulo também apresenta informações acerca do programa Globo Repórter, da Rede Globo, além das reportagens produzidas por Glória Maria para o programa. Dentre todas as

reportagens apresentadas, as que mais chamaram a atenção da pesquisadora foram utilizadas como objetos de estudo desta monografia.

No sexto capítulo, os métodos e técnicas utilizados para a elaboração e construção desta monografia são descritos detalhadamente, bem como o resultado das percepções obtidas por meio da aplicação da Análise de Conteúdo e do Estudo de Recepção via Grupo Focal.

Por fim, o sétimo e último capítulo traz as considerações finais obtidas a partir da pesquisa desta monografia. As hipóteses e o alcance dos objetivos são verificados e as percepções da pesquisadora também são expostas.

2 JORNALISMO

*“De las noticias hay tantas definiciones
como del amor.”²
(CUNHA, 1990)*

A natureza do jornalismo está no medo da ignorância e do desconhecido, que faz o homem buscar a segurança no conhecimento (Pena, 2005). Essa definição é melhor esclarecida neste capítulo que trata do jornalismo como instrumento de comunicação, transformação e conhecimento. Para que haja sociedade ou interação entre indivíduos, é preciso que haja um mínimo de conhecimento social.

2.1 A COMUNICAÇÃO ORAL E A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

*“A eficácia simbólica das palavras só se exerce
na medida em que aquele que a experimenta
reconhece aquele que a exerce
como no direito de exercê-la.”
(BOURDIEU, 2008)*

Com a evolução das sociedades e tecnologias, imaginar a comunicação com a básica serventia de transmitir uma mensagem causa, no mínimo, estranheza. Porém, por mais difícil que seja pensar dessa forma, Aubenas e Benasayag (2003) afirmam que a comunicação já foi considerada uma simples ferramenta, pela qual uma informação era apresentada, importando, portanto, apenas o seu relato.

Nas diversas tradições e sociedades, ao longo da história, a voz e seu intérprete desempenharam várias funções e receberam vários nomes. Stein in Pereira, Isaacsson e Torres (2012), se apropria das percepções da pesquisadora inglesa Rosalind Thomas e do filósofo clássico Jaa Torrano, sobre o aedo (cantor, poeta) na Grécia Antiga (1.100 a.C até 146 a.C), considerando-o como um possível precursor da comunicação com o sentido de “contar histórias”.

² Das notícias existem tantas definições quanto do amor (tradução nossa).

Antes da constituição da polis (modelo de cidade-estado) e da adoção do alfabeto, para as comunidades agrícolas e pastoris da Grécia arcaica (800 a.C até 500 a.C), o aedo representava o máximo poder de tecnologia de comunicação.

Através do canto e da poesia, ele era simultaneamente o preservador da memória e o *performático*, o sábio e o filósofo. Para aquele grupo social, toda a visão de mundo e consciência de sua própria história era conservada e transmitida pelo canto do poeta.

Era através da audição deste canto que o homem comum podia romper os restritos limites de suas possibilidades físicas de movimento e visão, transcender suas fronteiras geográficas e temporais, que de outro modo permaneceriam infranqueáveis, e entrar em contato e contemplar figuras, fatos e mundos que pelo poder do canto se tornam audíveis, visíveis e presentes (TORRANO apud STEIN in PEREIRA; ISAACSSON; TORRES, 2012, p. 223-224).

Ainda conforme Stein in Pereira, Isaacsson e Torres (2012, p. 221-222), de simples fonte de informação até formador da memória de um povo e principal fonte de desfrute de obras artísticas da sociedade em que viveu, o poeta-intérprete, no exercício de sua *performance*, constituiu figura central na vida cotidiana e formação espiritual de grupos sociais que “(...) deveram (e no presente ainda devem) sua coesão social aos conteúdos e formas veiculados por essa linguagem falada ou cantada que existem na presença vocal de um intérprete.” Nesse caso, a *performance* mencionada trata do ato pelo qual um discurso poético é comunicado por meio da voz e, portanto, percebido pelo ouvido.

Ainda para o autor, a relação entre voz, corpo e expressividade vai além de relacioná-los, pois existe um paralelo na dinâmica de funcionamento entre eles que nos permite ampliar o olhar na maneira de abordá-los, porque a voz é relação com os espaços e não apenas ação.

Segundo Burnier (2009), a ação vocal não está exatamente, ou simplesmente, nas palavras, mas sim no “texto da voz”, referindo-se a “como” o sujeito diz as coisas, e não apenas “o que” ele diz. Pallottini (2005) complementa, dizendo que a informação é tanto aquilo que se diz quanto o que não se diz, mas que aparece sob outro formato, podendo ser um gesto, expressão ou entonação.

A partir dessa afirmação, percebe-se que a oralidade possui uma grande capacidade de gerar interação entre as pessoas, sendo um importante elemento de integração e transmissão de informações. Além disso, a maneira como as

informações são pronunciadas ou expressadas, é tão impactante e influente quanto o próprio conteúdo explorado e transmitido pela fala.

Ao encontro dessas percepções sobre a comunicação oral como arte de contar histórias e/ou transmitir informações, cabe o pensamento de Pena (2006), para o qual os relatos orais são considerados a primeira grande mídia da humanidade. Uma espécie de “pré-jornalismo”.

2.1.1 Uma breve linha do tempo do jornalismo

Para muitos pesquisadores, o jornalismo começou ainda na Pré-História com a primeira comunicação humana e, para outros, o começo foi entre os séculos XVIII e XIX, quando a universalidade de assuntos, a periodicidade, a atualidade e a publicidade, já faziam parte dos jornais (PENA, 2006).

Mesmo sem uma data absolutamente definida, Bahia ([19--], p. 30) acredita que “as origens do jornalismo se encontram nas primeiras manifestações conscientes ou organizadas da comunicação, com as quais surge o costume da transmissão de informações”. Suas formas básicas surgem com a oralidade e se estendem com a transmissão simbólica, destinada a fixar os acontecimentos.

Para o autor, a escritura surgiu por conta dos empecilhos de distância e tempo para uma comunicação direta, através da palavra, entre as pessoas, e também por conta da necessidade de registro, conservação e fixação do pensamento, ou seja, uma maneira de se proteger contra as possíveis falhas da memória.

Bahia ([19--]) defende que, anterior ao jornalismo impresso, houve um jornalismo escrito, referindo-se à carta manuscrita como a sua forma anterior mais completa. Araújo (2017) também pensa que os jornais periódicos surgiram inspirados e impulsionados pelas cartas. Para ele, a necessidade de obter novas informações foi tão acelerada quanto os avanços industriais ocorridos a partir do século XVIII.

O autor conta que os mais antigos escritos semelhantes ao jornal são as *Acta Diurna Populi Romani*, instituídas por Júlio Cesar (49 a.C) para que os atos importantes do Senado e do povo romano fossem registrados e publicados no *álbum*, uma tábua branca que ficava exposta no muro da residência do grande

pontífice. Segundo Bahia ([19--]), essas atas possuíam pelo menos três características do jornal: atualidade, periodicidade e variedade.

A invenção da tipografia encerrou o jornal manuscrito e revolucionou a imprensa. Ainda conforme Bahia ([19--]), já eram praticadas técnicas tipográficas na China, desde o século II e na Europa, desde o século XIII. Porém, em 1455 (século XV), quando o alemão Johannes Gutenberg imprimiu o primeiro livro - sua famosa Bíblia de 42 linhas - em caracteres móveis, abriu-se caminho para a grande imprensa, possibilitando que a informação fosse regularmente transmitida ao leitor.

Com a periodicidade e a ideia de propiciar a cobertura de acontecimentos que vão desde a informação mais grave até as fofocas, o jornalismo logo se tornou um hábito. Os sujeitos passaram a ter a necessidade de preencher o espaço comunicativo antes ocupado pelas relações interpessoais.

No âmbito da esfera pública, para Habermas (2003), a imprensa no século XV tinha interesse puramente comercial; todavia, em um novo momento, predominantemente político, ela se modificou e a maximização dos lucros já não era mais importante do que o êxito das classes dominantes em conduzir a opinião pública.

Já Marcondes Filho (1984) considera que a comercialização de notícias começou no século XVI, entre relatos sensacionalistas e curiosidades sobre o mundo, que atingiam o imaginário das pessoas com as declarações que tinham caráter de fábula.

O suporte midiático predominante no século XVII foi o jornal impresso. Os primeiros anúncios publicitários seguiam forma escrita semelhante às notas informativas sobre acontecimentos gerais, fazendo com que o leitor não tivesse alteração significativa em sua experiência padrão de leitura. “Nos primórdios da imprensa jornalística, não havia ainda uma distinção esclarecida sobre a limitação do que era jornalismo e do que era publicidade, tonificando uma certa ambiguidade” (MARSHALL, 2003, p.107).

No século XVIII, segundo Traquina (2012), os jornais eram utilizados como ferramenta para lutas em prol de causas político-partidárias. Somente na metade do século XIX é que a imprensa (já transformada em uma instituição organizada profissionalmente) passou a atuar sob um novo objetivo de fornecer ao público informação, seja noticiosa (jornalística) ou sedutora, com viés comercial (publicitária), e não mais propaganda política.

Isso aconteceu em virtude dos avanços tecnológicos, fatores sociais e a evolução dos sistemas econômico e político. O jornalismo voltou a servir de plataforma para noticiar acontecimentos e comercializar espaços para anúncios publicitários, ambos utilizados para informar a comunidade sobre os produtos e serviços ofertados na sociedade.

Santos (2005) aponta que a própria indústria publicitária criou normas (base para os atuais códigos de autorregulamentação) contra mensagens enganosas. O jornalismo eliminou o caráter subjetivo dos fatos para apresentar ao público a representação da realidade. A objetividade do jornalismo, de acordo com Sodré (2009, p.43), passou a ser enraizada à cultura jornalística a partir do século XIX.

O autor ainda relata que a imprensa se organizou no fim do mesmo período com um campo industrial-capitalista da cultura que considera "(...) em primeiro plano a tarefa de apenas informar o público, assim privilegiando a objetividade profissional das técnicas de texto e o desenvolvimento dos processos mecânicos e eletrônicos de reprodução das mensagens" (SODRÉ, 2009, p. 55).

Conforme Marcondes Filho (2000), no final do século XX, surgiu a indústria publicitária e de relações públicas, como forma de reação às crises, e acabaram se tornando concorrentes do jornalismo. Para tentar vencer a oposição existente entre as novas formas de comunicação, o jornalismo enfatizou sua importância como uma representação "correta" da realidade, supondo que o jornalismo teria um compromisso com a verdade maior do que o da indústria publicitária e de relações públicas.

Para o autor, o jornalismo é filho legítimo da Revolução Francesa (1789 - 1799) - mesmo que um século e meio antes já existissem jornais -, e se expandiu a partir da luta pelos direitos humanos, no tempo que também houve a conquista do direito à informação. Para uma melhor visualização dos períodos do jornalismo, Marcondes Filho (2000, p.12-36; 2009, p. 19-56) o distribuiu em fases:

I. **Pré-história** (1631 - 1789): nessa época não há efetivamente jornalismo, pelo menos não como se conhece hoje. O saber se restringia à Igreja e à Universidade e o controle da informação funcionava como poder de dominação. O jornal era semelhante ao livro, artesanal e com poucas páginas. Seus conteúdos eram voltados ao espetacular, desastres, mortes, seres deformados, reis, etc.

II. **Primeiro jornalismo** (1789 - 1830): foi um período de jornalismo político-literário marcado pelo esclarecimento político e ideológico, questionamentos da

autoridade e crítica da política. Naquele período, o Estado se incumbiu de assegurar à sociedade a circulação da informação; tudo podia ser, e era, exposto. Surgia a redação, e com ela, a profissionalização, separando o diretor do editor. Os jornais eram escritos com fins pedagógicos e de formação política, inclusive, muitos jornalistas eram políticos.

III. **Segundo Jornalismo** (1830 a cerca de 1900): a transformação tecnológica exige da empresa jornalística capacidade financeira, poder de venda, dando espaço para a imprensa de massa e visando o lucro. A busca da notícia, o “furo”, o caráter de atualidade, a aparência de neutralidade, o entretenimento passam a ser prioridades. Surgem as reportagens, enquetes, entrevistas, manchetes, capas atrativas, etc., e a publicidade ganha mais visibilidade (com o objetivo de comercialização do espaço).

IV. **Terceiro Jornalismo** (cerca de 1900 a cerca de 1960): grupos monopolistas dominam a imprensa. O desenvolvimento e o crescimento das empresas jornalísticas somados à influência da indústria publicitária e das relações públicas geraram uma concorrência entre as categorias. A fotografia ganhou espaço, bem como rubricas políticas ou literárias e páginas-magazines que falavam de esportes, cinema, turismo, universo infantil e feminino. Jornalistas, publicitários e relações públicas promoveram a “indústria da consciência” - que foi uma estratégia dos meios de comunicação de publicar interesses privados (propagandas) como sendo notícias de interesse público.

V. **Quarto Jornalismo** (cerca de 1970 até o presente): predominância da informação eletrônica e interativa. Os impactos visuais (aparência) e a velocidade são priorizados. Toda a sociedade passa a produzir informação. O papel histórico do jornalista como um “contador de histórias” passa a ser também o de um “explicador do mundo”. As tecnologias interferem nos conteúdos, favorecendo certas linguagens e depreciando outras. O noticiário deixa de ser “informar-se sobre o mundo” e passa a ser “surpreender-se com coisas e pessoas”.

2.2 O JORNALISMO COMO FORMA DE CONHECIMENTO E TRANSFORMAÇÃO

*“Sempre é bom poder ajudar alguém
com aquilo que a gente escreve.”
(KOTSCHO, 2001)*

A informação é a principal finalidade do jornalismo. “Etimologicamente, informar deriva do verbo latino *informare*, que significa dar forma, modelar, formar, fabricar. Em sentido figurado, *informare* significa formar no espírito, imaginar, descrever, apresentar, educar, instruir” (SIQUEIRA, 1999, p. 23, grifos do autor).

O jornalismo é um dos instrumentos básicos da comunicação e transformação coletiva, representando a forma pela qual o público participa da vida social, como já foi destacado anteriormente.

Olinto apud Bahia ([19--]) diz que o homem tem sempre notícias e informações para transmitir, seja sobre os amigos, sobre si, sobre os lugares em que passou ou as emoções que sentiu. Siqueira (1999) acredita que a informação é a própria relação social porque afinal, há sempre alguém querendo conhecer o outro.

De acordo com Bahia ([19--], p. 38), “os povos desejam e exigem ser imediatamente e seguramente informados sobre os acontecimentos”. A informação possui uma relevante missão, reconhecida como inestimável e insubstituível: seu objetivo maior é o bem comum, independentemente dos padrões, estilos de vida ou sistemas políticos.

A informação tem lugar na sociedade qualquer que seja o grau de civilização. A força dos laços sociais depende fundamentalmente do caráter amplo da informação. Os veículos de informação ou comunicação, na sua estrutura mais popular ou mais complexa, são instituições sociais que se colocam a serviço do desenvolvimento, ao reunir, escrever e distribuir as notícias (BAHIA, [19--], p. 37).

Ainda conforme o autor, um dos conceitos mais conhecidos da palavra jornalismo é como registro, apreciação e cobertura dos acontecimentos e fatos que interessam à coletividade sob critérios de veracidade (comprovação da verdade), objetividade (clareza), impessoalidade (imparcialidade) e independência (liberdade).

Para Fonseca in Leal, Antunes e Vaz (2014), o jornalismo trata do real, do presente, em uma linguagem objetiva e de maneira vocacionada ao interesse

público. Igualmente, Traquina (2012) acredita que o “polo intelectual” do campo jornalístico é identificado com valores de verdade, independência, objetividade e serviço público.

Kovach e Rosenstiel (2004) afirmam que o primeiro comprometimento do jornalismo é com a verdade, e que, apesar da dificuldade, ela ainda é uma crença perseguida pelo jornalismo até hoje. Bahia ([19--], p. 69) também defende o critério da verdade, afirmando que “os que vão governar devem ser eleitos, é o princípio democrático; os que vão informar o povo devem ter o respeito pela verdade, é o princípio da informação”.

De acordo com o autor, o conceito de jornalismo varia de acordo com o ponto de vista de cada um. Alguns o entendem como comércio, empenhado na finalidade do lucro. No entanto, para a maioria, jornalismo é algo sério e que não se dissocia das aspirações comuns de justiça, de desenvolvimento e de liberdade do homem.

Jornalismo quer dizer a transmissão de informações, fatos, ou notícias, com exatidão, clareza e rapidez, conjugando atualidade, pensamento e ação. É o meio pelo qual as notícias e comentários chegam ao público. É uma arte, uma técnica e uma ciência (BAHIA, [19--], p. 37).

Ao mencionar anteriormente, nesta monografia, a concorrência entre o mercado publicitário e o jornalístico, é importante também dizer que ambos os campos de informação seguem caminhos diferentes no que determinam os objetivos estratégicos de cada um.

Conforme Charaudeau (2013), o jornalismo enfrenta uma tensão entre dois pontos particulares: o “fazer saber”, que produz um objeto de saber e serve para informar o cidadão; e o “fazer sentir”, que produz um objeto de consumo e serve para conquistar o público e sobreviver à concorrência.

Segundo o autor, a publicidade também enfrenta a tensão entre informar (para apresentar o produto e suas qualidades) e seduzir, para conquistar o máximo de consumidores. No entanto, o jornalismo e a publicidade se diferenciam porque no primeiro é o “fazer saber” que prevalece e no segundo, o “fazer sentir”.

O “fazer saber” no jornalismo consiste em informar ao cidadão o que acontece na sociedade, descrevendo/narrando os fatos e explicando/esclarecendo as causas e consequências do surgimento deles. Ainda para o autor, a verdade pode ser tratada segundo determinadas oposições.

O verdadeiro seria dizer o que é exato/ o falso seria dizer o erro; o verdadeiro seria dizer o que aconteceu/ o falso seria inventar o que não aconteceu; o verdadeiro seria dizer a intenção oculta/ o falso seria mascarar a intenção (mentira ou segredo); enfim, o verdadeiro seria fornecer a prova das explicações/ o falso seria fornecer explicações sem prova (CHARAUDEAU, 2013, p. 88, grifos do autor).

Para o autor, “dizer o exato” significa que há coincidência entre o que é dito e os fatos do mundo exterior à linguagem, e essa coincidência pode ser verificada (seja pela percepção humana como, por exemplo, o olhar, ou pela sustentação auxiliada por experiências, como por exemplo, o instrumento microscópio). “Dizer o erro” significa a falta das condições de veracidade, ou seja, a impossibilidade de verificar a coincidência.

“Dizer o que aconteceu” significa que não há coincidência temporal entre o dito e o fato, portanto, o relato que se instaura entre os dois é de reconstituição. O maior desafio é a veracidade da reconstituição, de seu grau de verossimilhança³ que pode ir do mais provável ao improvável, e mesmo ao inventado.

No meio televisivo, por exemplo, alguns elementos utilizados para atingir a reconstituição podem ser as imagens, os testemunhos (entrevistas) e até mesmo a tecnologia em favor da reconstrução dos fatos (como a simulação de um assassinato, por exemplo).

“Dizer a intenção” significa instaurar uma relação de transparência entre aquilo que é dito e o que pensa o sujeito que fala. Se é o próprio sujeito quem desvenda a intenção que mantinha em segredo, a revelação consiste em uma confissão; se é um outro sujeito que revela a intenção oculta, a revelação consiste em uma denúncia. No meio televisivo, por exemplo, as entrevistas, pesquisas e debates são procedimentos que podem provocar revelações.

“Fornecer a prova” das explicações significa mostrar os motivos dos fatos ou sua possível consequência. Não se trata de reportar fatos, mas de extrair deles sua razão de ser. Provar é fundamentar a validade das explicações.

Ainda de acordo com Charaudeau (2013), o desafio permanente do meio jornalístico é a credibilidade, já que baseia a sua legitimidade no “fazer crer que o que é dito é verdadeiro”, estando engajado num “jogo da verdade” que consiste em corresponder aos diferentes imaginários sociais que o questionam.

³ Tornar verossímil é tentar fazer crer que o relato corresponde à reconstituição mais provável, apresentando-se o dito como o mais fiel possível ao fato tal como se realizou (CHARAUDEAU, 2013, p. 89).

As representações, ao construírem uma organização do real através de imagens mentais transpostas em discurso ou em outras manifestações comportamentais dos indivíduos que vivem em sociedade, estão incluídas no real, ou mesmo dadas como se fossem o próprio real (CHARAUDEAU, 2013, p. 47).

Para orientar os conteúdos jornalísticos dentro da relação de respeito com a verdade, e também para que o conceito de liberdade não fosse interpretado de qualquer maneira, em risco de ferir o critério da veracidade, foram criadas normas de objetividade, que servem para nortear o exercício jornalístico. Uma delas trata do “*lead*”, que tem a função de informar o receptor sobre as informações principais logo no primeiro momento da matéria jornalística.

Segundo Lage (2006), o “*lead*” (ou lide) é o primeiro parágrafo da notícia em jornalismo impresso, primeira proposição de uma notícia radiofônica ou a cabeça (texto que introduz uma reportagem) em televisão. Seu conteúdo é o relato mais importante do fato, informa quem fez o que, a quem, quando, onde, como, por que e/ou para quê.

Conforme o pensamento de Silva (2017), o “*lead*” não constitui exatamente uma regra, mas uma técnica para manter em foco os questionamentos que o leitor poderá fazer a si mesmo. É uma diretriz que auxilia o jornalista a não esquecer nenhuma informação importante.

Para Fortes (2008), a objetividade é o conceito mais importante que o jornalista deve ter em mente no momento de construção de uma notícia. Significa que o jornalista deve se manter distante da opinião, por mais poderosa que ela possa ser. Não é algo tão fácil, principalmente porque, normalmente, confunde-se objetividade com isenção, e ninguém é isento. Todas as pessoas, jornalistas ou não, têm gostos, preferências e valores. Isso torna a isenção, ou a imparcialidade, algo praticamente impossível.

O jornalista também faz parte da humanidade, e por isso, também sofre, se emociona, se indigna, se questiona, se revolta, etc. Ocorre que o leitor, telespectador, ouvinte ou internauta quer saber da informação. Por esse motivo, a objetividade, aliada ao esforço pelo alcance da imparcialidade, é tão importante no meio jornalístico.

Com a convergência midiática, proporcionada pelo advento da internet, o jornalismo continua cumprindo seu serviço ao público, mas agora se utiliza dos avanços tecnológicos para desenvolver formatos que atraiam mais, buscando

manter o seu funcionamento. O público, para o qual o jornalismo informa, se diferencia de acordo com o suporte de transmissão.

(...) leitores para a imprensa, ouvintes para o rádio, telespectadores para a televisão. Com isso, é fácil compreender que as reações intelectivas e afetivas do público não são as mesmas de uma mídia a outra, e a instância midiática que sabe disso e o afirma (“são profissões diferentes”), tira partido das diferenças (CHARAUDEAU, 2013, p. 78, grifo do autor).

Para Jenkins (2009, p.30), na convergência midiática, as “velhas” e as “novas” mídias colidem, ou seja, a mídia corporativa e a mídia alternativa se cruzam e o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem, representando “uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos”.

Conforme o autor, as fronteiras entre os meios de comunicação se tornam imprecisas, e a convergência exige que as empresas midiáticas repensem antigas suposições sobre o que significa consumir mídias.

Se os antigos consumidores eram tidos como passivos, os novos consumidores são ativos. Se os antigos consumidores eram previsíveis e ficavam onde mandavam que ficassem, os novos consumidores são migratórios, demonstrando uma declinante lealdade a redes ou a meios de comunicação. Se os antigos consumidores eram indivíduos isolados, os novos consumidores são mais conectados socialmente. Se o trabalho de consumidores de mídia já foi silencioso e invisível, os novos consumidores são agora barulhentos e públicos (JENKINS, 2009, p. 45).

Trata-se do fluxo de conteúdos por meio de múltiplas plataformas e do comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que se deslocam em busca das informações e experiências de entretenimento que desejam. “A convergência midiática é mais que uma mera mudança tecnológica. A convergência altera a relação entre as tecnologias existentes, as indústrias, os mercados, os gêneros e o público” (JENKINS, 2009, p. 26).

O excesso de informação atual satura o mercado digital e a concorrência torna-se intensa; a informação ganha um tratamento estético cuidadoso, na intenção de conquistar e reter a atenção do público por tempo suficiente para que a mensagem seja transmitida.

Ora, em um mundo em que a informação existe em abundância, para todos, tanto a rapidez como a eficácia na capacidade de obter uma informação

exclusiva e na de disseminá-la adquiriram uma urgência dramática, acirrando ainda mais a competição entre os vários veículos de comunicação de massa (ARBEX JÚNIOR, 2001, p. 88).

Essa competição tornou necessária a instituição de padrões de produção de conteúdo entre os veículos de comunicação. Um critério adotado é o Manual de Redação, que tem como objetivo nortear o jornalista durante a atuação profissional, deixando-o a par das normas e estilo que a empresa utiliza, criando uma identidade, a fim de manter o padrão estabelecido.

A abrangência do Manual varia de acordo com a necessidade de cada empresa e trata questões relacionadas à linguagem jornalística e ao comportamento do jornalista numa sociedade que exige dele, cada vez mais, capacitação técnica e consciência profissional.

2.3 JORNALISMO LITERÁRIO

“A liberdade é tão necessária para o jornalismo como para o homem.”
(BAHIA, [19--])

Se, por um lado, o estabelecimento de padrões ajuda a criar uma qualidade e uma identidade relacionada a determinado veículo de comunicação, por outro, coloca a capacidade criativa do repórter dentro de limites estabelecidos, bloqueando novas possibilidades de exploração de apresentação do conteúdo.

Pena (2006) diz que em 1960, nos Estados Unidos, os profissionais da imprensa se mostraram insatisfeitos com as normas de objetividade dos textos jornalísticos, como por exemplo, o “*lead*”, que se tornou uma espécie de prisão narrativa. Para o autor, as clássicas perguntas do “*lead*” já não constituíam o “segredo da arte de informar”. Essa insatisfação com a falta de autonomia para escrever foi o que motivou e proporcionou o advento do Jornalismo Literário.

Silva (2017) conta que o Jornalismo Literário era chamado anteriormente de reportagem especial e que combina forma literária com conteúdo jornalístico, uma vez que há vários elementos da literatura que os jornalistas aspiram ver em suas reportagens, como a criatividade, o texto impecável e a capacidade de sobreviver ao

tempo. Para a autora, o jornalismo literário se renovou nos Estados Unidos, nas décadas de 1960 e 1970, no estilo que seria chamado de Novo Jornalismo.

Nessa época, Tom Wolfe (1975) publicou um livro intitulado *The New Journalism* em que falava do que entendia ser um movimento na imprensa americana. (...) identificava nas reportagens do novo jornalismo quatro características: descrição detalhada de cada cena; muitos diálogos; um ponto de vista evidenciado na narrativa, que pode ser o de um personagem, reconstruído em entrevistas, cartas ou diários; detalhes que expressam o que seria o conjunto de comportamentos e de bens por meio do qual os personagens expressam sua posição no mundo (a real ou a que eles supunham ocupar) (SILVA, 2017, p. 163-164, grifos do autor).

Tom Wolfe morreu em maio de 2018, justamente no período de elaboração do projeto desta Monografia⁴. Para Pena (2006), no século XX, antes do manifesto de Wolfe, outros escritores anteciparam o gênero.

O mais significativo deles talvez seja John Hersey, autor do célebre *Hiroshima* (1946), que utilizou uma narrativa romanceada para escrever um livro jornalístico, cujo objetivo era descrever a tragédia atômica por intermédio dos pontos de vista de seis personagens reais, sobreviventes da bomba (PENA, 2006, p. 53).

O que vale no Jornalismo Literário é a maneira de contar, a arte de contar boas histórias (que nem sempre precisam ser boas, mas precisam ser bem contadas). Ele é uma vertente da prática jornalística que se divide na direção do jornalismo de literatura e do cuidado com a apuração da linguagem, incorporando ao conteúdo das matérias valores literários sem comprometer os ideais jornalísticos de objetividade e da busca pela verdade.

O Jornalismo Literário é um modo de ver a realidade. Ele exige uma observação minuciosa do repórter, mais do que anotações; é preciso sentir a essência do que se vai retratar. Suas características são a descrição detalhada e a valorização da linguagem e da estética com a prática da observação mais humana e sensível dos fatos (PENA, 2005).

Kotscho (2001) questiona se o leitor não teria direito de, entre uma desgraça e outra, encontrar uma boa história e conhecer a vida de alguém que não é político e nem empresário e só precisa de um espaço para ser contada.

⁴ GAUCHAZH. **Morre Tom Wolfe, ícone do jornalismo literário, aos 87 anos**. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2018/05/morre-tom-wolfe-icone-do-jornalismo-literario-aos-87-anos-cjh7tzmqw08dg01qoaf18mte0.html>>. Acesso em 18 de maio de 2018.

O autor defende que o objetivo da matéria é fazer com que o leitor, telespectador ou ouvinte viaje junto com o jornalista e a história. O repórter precisa cumprir a sua função primeira: “colocar-se no lugar das pessoas que não podem estar lá, e contar o que viu como se estivesse escrevendo uma carta a um amigo” (KOTSCHO, 2001, p. 16).

No livro “*A prática da reportagem*”, Ricardo Kotscho (2001) conta algumas de suas aventuras como repórter e fala sobre o trato com a reportagem. Pelos exemplos apresentados no livro, percebe-se a sua dedicação em descrever os detalhes, emoções e informações, além do cuidado com o texto em suas matérias.

Nas páginas 14 e 15, ele discorre sobre uma reportagem que produziu para a *Folha de São Paulo*, na qual falava de algo comum, mas com um olhar diferenciado. Ele criou um personagem, o forasteiro, para descrever o que encontrava pelo caminho. Falava da realidade por meio de uma figura fictícia.

O corpo da matéria (umas 120 linhas) ia seguindo esse forasteiro imaginário, apresentando os personagens encontrados no caminho - deficientes, desempregados, aposentados, indigentes, plaquistas, um sobrevivente hippie, engraxates, camelôs, vendedores de bilhetes, toda essa gente, enfim, que nunca sai no jornal, mas também faz o dia-a-dia da cidade. Mesmo quem esbarra neles todo dia, gostaria de saber como eles vivem, o que pensam, como foram parar ali - e foi exatamente isso que a matéria se propôs a apresentar. No dia em que ali só encontrarmos gente bonita, cheirosa e bem vestida, dá outra matéria. É preciso estar sempre atento para sacar as mudanças, sem medo de tomar posição (...) (KOTSCHO, 2001, p. 14-15, grifos do autor).

Pena (2005) diz que reportagens longas, escritas com rigor profissional e estilo podem até se tornar clássicos da literatura, como por exemplo, o livro “*Os sertões*” (1902), de Euclides da Cunha, que inicialmente seria um relato jornalístico sobre a Guerra de Canudos e acabou se transformando em uma referência da literatura brasileira. O autor cita também os livros “*Memórias do cárcere*” (publicado postumamente, em 1953), de Graciliano Ramos e “*A noite das grandes fogueiras*” (1995), de Domingos Meirelles como fortes exemplos.

Kovach e Rosenstiel apud Pena (2006) acreditam que quanto mais democrática uma sociedade, maior é a tendência da circulação e produção de mais notícias e informações. Bahia ([19--]) reafirma a ideia, explicando que o jornalismo só se exerce numa estrutura de liberdade e responsabilidade.

O fato, a novidade, a surpresa, a atualidade, são as leis do jornalismo. A liberdade é a sua seiva. Não é possível o exercício da informação sem liberdade, do mesmo modo como não é possível democracia sem livre manifestação do pensamento (BAHIA, [19--], p. 40).

Pena (2006, p. 54) defende que os repórteres não precisam e nem devem assumir a postura de um “chato”, com pensamento banal, personalidade apagada e escravos do Manual de Redação. Defende também que “o texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas literárias”.

Para Kotscho (2001), uma reportagem pode ser produzida de mil maneiras diferentes, dependendo da cabeça e do coração de quem escreve, além de que, no jornalismo, especialmente na reportagem, não existem fórmulas, pois cada história é uma história e merece um tratamento exclusivo.

Ao encontro desse pensamento de mais liberdade criativa, mais autonomia para narrar os fatos jornalísticos e menos objetividade, pode-se refletir sobre o que diz o campo do teatro a respeito da criatividade: segundo Stanislavski (2007), é o sentimento quem cria, e não o cérebro. Por isso, na arte, a iniciativa pertence ao sentimento.

A partir dessa perspectiva, pode-se dizer que o mesmo ocorre com o repórter ao exercer seu trabalho, uma vez que ele precisa explorar sua capacidade narrativa e essa ação só pode partir da sua própria iniciativa. Entendendo que uma das funções do repórter é investigar o seu material, estudar e conhecer o que vai transformar em reportagem e transmitir a outros, pode-se comparar o jornalismo, sob diversos aspectos, ao teatro.

Uma observação interessante pode ser feita quanto à comparação entre um roteiro teatral e uma pauta jornalística, uma vez que a investigação, a análise e o questionamento são características vitais ao teatro e também ao jornalismo. “Raramente chegamos a conhecer uma peça com uma só leitura. Frequentemente é preciso abordá-la de diferentes modos” (STANISLAVSKI, 2007, p. 25).

Assim como no teatro, também no jornalismo, em especial no televisivo, existe a atuação. Se no teatro ela pertence ao ator, no jornalismo pertence ao repórter, que vai ser o transmissor da mensagem via *performance*, assunto do quarto capítulo desta monografia.

(...) o ator pode submeter-se aos desejos e às indicações de um escritor ou de um diretor, e executá-los mecanicamente, mas para sentir seu papel é

preciso que use seus próprios desejos, engendrados e elaborados por ele mesmo, e que exerça sua própria vontade, não a de outros (STANISLAVSKI, 2007, p. 71).

Os fatos e circunstâncias teatrais precisam ser transformados pelo ator, ganhar vivacidade, passar de teatral para humano, e essa transformação é efetuada com o auxílio da imaginação artística. Num contexto de Jornalismo Literário, a imaginação artística pode ser comparada à criatividade e à autonomia, reforçando a “fuga” das regras de objetividade para buscar sempre novas perspectivas e novos olhares sobre os acontecimentos do cotidiano.

2.4 EIS O MUNDO, DIZ O JORNALISTA

*“O repórter só deve ser repórter se isso for irreversível,
se não houver outro jeito de ganhar a vida,
se alguma força maior o empurra para isso.”*
(KOTSCHO, 2001)

Apesar de defender mais a autonomia literária no jornalismo do que a objetividade, Pena (2005) lembra que é preciso ter cautela e equilíbrio em relação à projeção excessiva da profissão.

Quando pensamos em grandes jornalistas, logo nos remetemos àqueles responsáveis por grandes e famosas reportagens. Bob Wodoord e Carl Bernstein no escândalo *Watergate*, em Washington. Skeets Miller na tragédia da gruta *Sand cave*, no Kentucky. Peter Arnett na Guerra do Golfo. E Tim Lopes no mercado do tráfico da Favela da Grota, no Rio de Janeiro⁵. O último exemplo é proposital. Um alerta para a excessiva romantização do trabalho de repórter. (...) O *glamour* não é regra na profissão (PENA, 2005, p.32, grifo do autor e grifo meu).

O que diferencia um jornalista do outro é a sua capacidade de transformar os fatos que compõem a rotina de um determinado local em conteúdo agradável. Esse é o pensamento de Kotscho (2001). Ele também diz que o lugar do repórter é na rua, mesmo se estiver sem credencial para um determinado evento, ou sem pauta, pois é ali que as coisas acontecem e a vida se transforma em notícia.

⁵ ESTADAO. **Repórter foi capturado, torturado e morto por traficantes**. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,reporter-foi-capturado-torturado-e-morto-por-trafficantes,20020609p17850>>. Acesso em 18 de maio de 2018.

Segundo o autor, a essência do trabalho do jornalista é a mesma para cobrir uma grande tragédia ou um pequeno acidente, mas isso vai sendo descoberto com o tempo e com a experiência. O repórter não deve parar de garimpar informações enquanto ele próprio não tiver absoluta segurança sobre todos os fatos que irá transmitir.

Também não deve ficar insensível aos trabalhos de cobertura, uma vez que tristeza e alegria são inevitáveis, pois o repórter é um ser humano igual ao seu público, e as emoções precisam ser transmitidas tanto quanto as informações. “Informação e emoção são as duas ferramentas básicas do repórter, e ele terá de lutar sempre consigo mesmo para saber dosá-las na medida certa em cada matéria” (KOTSCHO, 2001, p. 32).

Para Marcondes Filho (2009, p. 65), “um bom texto é como a poesia, a literatura: irrompe, por conta própria, de dentro da pessoa”. No campo artístico, em especial o do teatro, conforme Pereira, Isaacsson e Torres (2012), toda arte e criatividade deve surgir da vida do seu criador, impulsionada por uma autêntica necessidade de expressão.

(...) É preciso, no entanto, esclarecer o que quero dizer, quando me refiro à vida do criador. O que me parece mais relevante, nesse caso, é a consciência, por parte do dramaturgo, de que “falar de sua aldeia”, como apregoava Tolstói, não significa falar de seu umbigo, mas sim dos muitos mundos que ele traz dentro de si. Ao dar voz a esses mundos, é certo que o público se tornará cúmplice do criador. Todo artista sabe, às vezes de forma intuitiva, que há uma conexão íntima entre aquilo que ele vive e o que os outros vivem. Além disso, é quase impossível, para um criador, desconsiderar suas experiências e seu mundo particular, quando escreve suas histórias - mesmo que seja inconscientemente, ele sempre estará falando de si (PEREIRA; ISAACSSON; TORRES, 2012, p. 249-250).

Quando os autores se referem aos “muitos mundos” que o dramaturgo traz dentro de si, podemos comparar a metáfora com as percepções, valores e interpretações do jornalista, que também carrega os seus “muitos mundos” dentro de si. Sendo quase impossível para o dramaturgo desconsiderar suas experiências e seu mundo particular quando escreve, assim também ocorre com o repórter.

Se, por exemplo, solicitássemos a dois artistas igualmente talentosos que pintassem a mesma paisagem com a máxima exatidão, o resultado seria dois quadros acentuadamente diferentes. A razão é óbvia: cada um pintará inevitavelmente a sua impressão individual dessa paisagem (CHEKHOV, 1996, p. 109).

Portanto, pode-se pensar que o jornalismo objetivo e imparcial é uma impossibilidade, uma vez que o jornalista tem suas próprias interpretações e percepções acerca do mundo e das emoções. Mesmo assim, ressalta-se que sua busca pelos ideais da profissão deve ser incansável.

O ideal do jornalismo objetivo e imparcial é que não se permita que as emoções, interpretações e percepções ditem o rumo da matéria. Mesmo assim, admite-se que as fontes possam falar a partir dos pontos de vista não permitidos ao repórter.

Kotscho (2001, p. 23) defende que o repórter deve estar sempre livre de qualquer preconceito, qualquer idéia pré-fixada, pois é a sua sensibilidade que vai determinar o enfoque da matéria. Ele afirma que “o maior patrimônio do repórter é a credibilidade - as pessoas precisam confiar em você para contar histórias que consideram delicadas porque mexem com a vida de outras pessoas”.

Para o autor, o jornalista deve estar disposto a ouvir muita gente, todos os lados envolvidos, sem ter pressa, buscando sempre as causas dos fenômenos além dos seus efeitos. Kotscho (2001) também diz que todos os anos, feriados e datas comemorativas se repetem e, mesmo sabendo quais são os rituais, alguém precisa contar como foi. Mesmo fazendo o óbvio, o repórter pode encontrar outro ângulo dentro dos velhos assuntos. “Para isso, é preciso estar sempre atento exatamente para alguma cena que fuja à rotina” (KOTSCHO, 2001, p. 22).

Por isso, o Jornalismo Literário e suas características “mais humanas”, como já foram apresentados anteriormente neste capítulo, podem resultar em uma melhor harmonia entre jornalista e jornalismo.

Para Kotscho (2001, p. 80), “enquanto houver repórteres dispostos a levar seu ofício até as últimas conseqüências, a reportagem sobreviverá - grande ou pequena, não importa. O importante é continuar contando o que acontece por aí”. Parece bastante simples, ao final.

3 TELEVISÃO

*“O fascinante na TV é isso:
a tensão entre momentos de fantasia liberada
e o restabelecimento do esquema da ordem.”
(MARCONDES FILHO, 1988)*

A “janela”, como já foi chamada a televisão, é aberta neste capítulo que fala sobre a sua influência na vida da sociedade. Um recorte histórico apresenta os momentos importantes da sua história. Tendo a imagem o privilégio da aceitação como conhecimento verdadeiro, ou seja, o “ver” como “saber”, a sua importância é reforçada no meio televisivo.

3.1 O OLHO É A VERDADE

*“Se dois homens disputam entre si,
devemos dar razão àquele que diz eu vi
e não àquele que diz contaram-me.”
(Texto sagrado do Hinduísmo)*

Ao receber uma informação de algo que está ao alcance do olhar, é comum as pessoas exclamarem: “é verdade? Quero ver!”. No princípio existe a dúvida, o questionamento da informação e a necessidade de comprovação, que só é aceita com a “verificação” por meio do olhar. Logo, a conclusão sobre a verdade, ou não, da informação, está sob poder e condição da imagem possível de ser vista.

As sociedades ocidentais privilegiam as imagens como forma de conhecimento e comunicação social (LAPLANTINE; TRINDADE, 2003). A segurança que o conhecimento traz pode ser percebida no poder que, para Chauí in Novaes (1988), a sociedade atribui ao olhar.

A autora exemplifica essa afirmação com situações cotidianas em que esse poder é atribuído, afirmado ou reforçado, como por exemplo, quando uma criança, aprendiz da brincadeira “esconde-esconde”, fecha os olhos pensando que está invisível, já que também não está vendo.

Ou então quando as pessoas aceitam opiniões, defendendo que cada um tem direito ao seu “ponto de vista”; ou quando afirmam que algo é verdadeiro, dizendo que é “evidente”, é “sem sombra de dúvida” ou é “claro”; relacionam coisas e fatos dizendo que eles “têm a ver”; fazem relação entre ver e falar ao dizer “veja o que diz” ou “olhe aqui”; aconselham alguém a “não olhar para trás” ou tomar cuidado com o “mau olhado”; falam em “visões de mundo”, referindo-se a culturas e ideologias diferentes; fecham os olhos para não ver algo horrendo, tentando torná-lo inexistente e atribuem poder ao olhar ao dizer que “o que os olhos não veem o coração não sente”.

Para a autora, a sociedade crê nas palavras porque crê nos olhos e crê que as coisas existem porque as vê, e as vê porque existem. Esse pensamento pode ser comparado a um texto sagrado do hinduísmo que a pesquisadora lembra de ter aprendido ainda criança: “o olho é a verdade. Se dois homens disputam entre si, devemos dar razão àquele que diz eu vi e não àquele que diz contaram-me”.

Segundo Japiassu (2001, p. 125-126), a questão da verdade se opõe ao ceticismo, “doutrina segundo a qual o espírito não tem condições de atingir a verdade”. Para o autor, cético é o indivíduo que reflete, duvida, questiona permanentemente, por entender que “nada pode ser conhecido com certeza”, seguindo o pensamento de Pirro (filósofo grego do século IV a.C.).

Porém, o autor questiona essa teoria a partir do fato de que se a menor de nossas ações exige a confiança em nossas percepções e em nossos raciocínios, logo, é necessário que se acredite em alguma verdade. As posições filosóficas do realismo e do anti-realismo dispõem de quatro posições em relação à verdade:

- a) no realismo, a verdade é única e universal, existindo independentemente do pensamento dos seres humanos;
- b) no anti-realismo a verdade é universal e depende dos seres humanos e dos meios racionais de conhecimento deles (razão e experiência);
- c) no relativismo, não há verdade universal; ela é relativa a cada um, ou ao grupo social a que pertence, pois é modelada pela cultura e pela sociedade;
- d) no ceticismo, não se sabe se a verdade universal existe ou não (não se nega e nem se afirma), acreditando que a razão humana é impotente para conhecer a verdade.

Conforme o pensamento de Duarte Júnior (2000), a questão da verdade e da realidade passa pela compreensão das diferentes maneiras de o homem se

relacionar com o mundo. Japiassu (2001, p. 134) acredita que “não conhecemos as coisas como são” e que a questão da verdade está envolvida em distinguir as coisas tais como nos aparecem e as coisas tais como são - ou seriam - independentemente de nós.

Ainda segundo o autor, a verdade é a conformidade à realidade (as coisas como nos aparecem) e às leis do pensamento (princípios universais admitidos pela razão). Ele diz que para o filósofo Kant (1724 - 1804), a verdade/verdadeiro é o processo da verificação (que submete as coisas à legislação) e que só é válida quando se verifica.

Bistane e Bacellar (2008, p. 41) afirmam que, para os budistas “(...) nem tudo é o que parece ser. A mente distorce, manipula, e a interpretação da realidade é mera ilusão. Para os filósofos, um fato não tem valor intrínseco, e sim aquele atribuído por quem o observa”. Todos esses posicionamentos reforçam, novamente, a capacidade e o poder atribuídos ao olhar/imagem.

Rudolf Arnheim (1969) apud Aumont (1993, p. 78-79) faz uma reflexão sobre os valores da imagem e sua relação com o real. O autor define três valores:

- a) Valor de representação: a imagem representativa é a que representa coisas concretas;
- b) Valor simbólico: a imagem simbólica é a que representa coisas abstratas;
- c) Valor de signo: a imagem signo representa um conteúdo cujos caracteres não são visualmente refletidos por ela.

Segundo o pensamento do autor, a imagem visa estabelecer uma relação com o mundo. Três modos principais dessa relação são atestados:

- a) Modo simbólico: tomando como exemplo os símbolos religiosos, considerados capazes de dar acesso ao sagrado pela manifestação "mais ou menos" direta de uma presença divina, pode-se mencionar esculturas ou imagens de divindades como Zeus, Cristo, Buda, ou outras com valor puramente simbólico como a cruz cristã, a suástica hindu, etc.
- b) Modo epistêmico: a imagem traz informações sobre o mundo, que pode assim ser conhecido, exercendo a imagem, portanto, função de conhecimento.
- c) Modo estético: a imagem é destinada a agradar seu espectador, oferecendo-lhe sensações específicas.

Para Laplantine e Trindade (2003, p. 10), as imagens são construções baseadas em informações obtidas pelas experiências visuais anteriores. “Nós

produzimos imagens porque as informações envolvidas em nosso pensamento são sempre de natureza perceptiva”.

Desse modo, as imagens não são coisas concretas, mas criadas como parte do ato de pensar e de perceber, portanto, a imagem de um objeto não é o próprio objeto, mas uma faceta do que se sabe ou se percebe sobre esse objeto.

Os autores defendem que as imagens não são formadas de modo imutável, pois são sempre marcadas pelos sentimentos e experiências que as provocam, e que, depois, elas provocam nos outros ao serem evocadas; podem transformar-se conforme o sujeito interage com elas e percebe a vida social. Assim, a imagem constitui representações e, por consequência, a realidade é algo percebido e interpretado.

(...) a realidade, como ambiente social e natural que se faz presente em sua concretude independentemente da nossa percepção, difere do real. O real é a interpretação que os homens atribuem à realidade. O real existe a partir das idéias, dos signos e dos símbolos que são atribuídos à realidade percebida. As idéias são representações mentais de coisas concretas ou abstratas (LAPLANTINE; TRINDADE, 2003, p. 11-12).

Conforme o pensamento de Arbex Júnior (2001) e Silva (2006), a linguagem é o elo da humanidade com o mundo; é ela que condiciona as pessoas, suas formas de agir e de se relacionar com o mundo e com as outras pessoas.

Silva (2006) afirma que a linguagem é uma atividade humana de construção interativa da sociedade. Por ela se pensa, se exprimem sentimentos e se referem objetos. “(...) o homem existe apenas *na* e *pela* linguagem, essa linguagem que constrói e destrói mundos, que revela e oculta, que abole e ergue as distâncias e os obstáculos entre os seres” (ARBEX, 2002, p. 26, grifos do autor).

Segundo Duarte Júnior (2000), o mundo é o que pode ser dito; portanto, é ordenado e significado através da linguagem; conseqüentemente, a realidade também é estabelecida por ela.

A partir da linguagem que um povo emprega (e também a partir de suas condições materiais, é claro), ele constrói a sua realidade. A construção da realidade passa pelo sistema lingüístico empregado pela comunidade. A linguagem de um povo é o sistema que lhe permite organizar e interpretar a realidade, bem como coordenar as suas ações de modo coerente e integrado. (...) Nossa percepção de mundo é, fundamentalmente, derivada da linguagem que empregamos (DUARTE JÚNIOR, 2000, p. 24, grifo do autor).

O autor diz ainda que a construção da realidade é um processo fundamentalmente social, pois são comunidades humanas que produzem o conhecimento de que necessitam, distribuem-no entre os seus membros e, assim, edificam a sua realidade.

3.2 O ESPETÁCULO DA REPRESENTAÇÃO

*“A realidade surge no espetáculo,
e o espetáculo é real.”
(DEBORD, 2002)*

A representação faz parte da humanidade e se encontra no cenário das sociedades e no seu cotidiano, podendo ser percebida por meio de imagens, *performances*, poemas, músicas, atuações artísticas, notícias, comunicação em libras, comerciais, produtos, entre tantos outros exemplos. Conforme Aumont (1993, p. 103), "a representação é um processo pelo qual institui-se um representante que, em certo contexto limitado, tomará o lugar do que representa".

Pensando nas várias possibilidades de representação, um desses meios recebe mais atenção neste trabalho de monografia justamente porque trata de algo basilar para este estudo: a imagem.

É importante lembrar que o homem trabalha com imagens desde a Pré-História. “Há mais de 40 mil anos foram representados, na gruta de Pech-Merle (França), mãos, cavalos, bisões e animais em movimento” (MARCONDES FILHO, 1988, p. 11).

Peixoto in Novaes (1988) leva a questão da imagem e da visão ao século XVIII, quando faz uma referência à Diderot, como o formulador de uma teoria renovadora do teatro, que valorizou o aspecto visual da encenação (imagem) e não apenas a recitação do texto por atores quase imóveis, como acontecia no século anterior. Diderot propôs um teatro que explorasse a expressividade do gesto, privilegiasse a ação e a composição visual da cena, reproduzindo aparências do mundo através das situações, gestos e emoções.

Até a invenção da fotografia, no século XIX, a pintura era a mais avançada maneira de retratar imagens de pessoas, lugares e objetos. Em 1895, os irmãos

franceses Louis e Auguste Lumière exibiram filmes utilizando o cinematógrafo, um equipamento inventado por eles e que era capaz de projetar sequências de fotografias numa velocidade rápida, produzindo a ilusão de movimento. Foi assim que as imagens estáticas da fotografia começaram a ganhar movimentos, dando origem ao cinema e a uma nova linguagem (ARAÚJO, 2017).

Segundo Marcondes Filho (1988), o cinema falado surgiu em 1927 como uma nova revolução e em 1935, a cor passou a ocupar as telas cinematográficas.

À luz da tradição cultural que identifica “ver” com “saber”, é coerente, e até esperado, que o desenvolvimento tecnológico dos meios de registro e comunicação, em particular a partir do final do século XIX (fotografia, cinema, televisão, Internet), tenha reforçado a importância da percepção visual (ARBEX JÚNIOR, 2001, p. 35, grifos do autor).

Para Llosa (2013), depois dos duros anos de privações da Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945) e da escassez dos primeiros anos pós-guerra, seguiu-se um período de desenvolvimento econômico no Ocidente. As classes médias das sociedades democráticas e liberais cresceram; a mobilidade social se intensificou e houve uma notável abertura dos parâmetros morais, como a liberdade sexual, por exemplo, tradicionalmente refreada pelas igrejas.

A liberdade de costumes e o bem-estar que surgiram a partir dessa fase fizeram crescer também a indústria da diversão. Passou-se a evitar o perturbador, angustiante ou entediante, e surgiu o que Llosa (2013) chama de “civilização do espetáculo”. Ele a descreve como “(...) a civilização de um mundo onde o primeiro lugar na tabela de valores vigente é ocupado pelo entretenimento, onde divertir-se, escapar do tédio, é a paixão universal” (LLOSA, 2013, p. 29).

Guy Debord, em seu livro “*A Sociedade do Espetáculo*” (2002, p. 16), diz que a vida nas sociedades é uma imensa acumulação de espetáculos. O autor apresenta o espetáculo como uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens. “(...) é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência”.

Conforme o pensamento de Arbex Júnior (2001), o espetáculo é a multiplicação de cenas, pelos meios de comunicação, rituais e hábitos de consumo de tudo aquilo que falta na vida real das pessoas, causando a sensação de ousadia, aventura e felicidade.

A Sociedade do Espetáculo de Debord (2002) é a inversão concreta da vida, uma visão do mundo onde a representação (imagem) substitui o que já foi vivido, tornando a vida e a realidade um objeto de contemplação. Prefere-se a representação à realidade, a imagem à coisa, a aparência ao ser.

A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. A exterioridade do espetáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhes apresenta. Eis porque o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda a parte (DEBORD, 2002, p. 26, grifo do autor).

O autor afirma também que o espetáculo é a principal produção da sociedade atual, submetendo para si os homens, que já estão totalmente submetidos à economia. É como a economia desenvolvendo-se para si própria.

Segundo o pensamento de Debord (2002), a dominação da economia sobre a vida humana levou à degradação do “ser” em “ter” ou “parecer”. O espetáculo é o capital acumulado que se torna imagem; não é um complemento ao mundo real, mas o centro da irrealidade da sociedade real; ele encontra na visão um sentido privilegiado, que em outras épocas foi o tato.

Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o *modelo* presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha *já feita* na produção, e no seu corolário - o consumo. A forma e o conteúdo do espetáculo são a justificação total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo é também a *presença permanente* dessa justificação, enquanto ocupação principal do tempo vivido fora da produção moderna (DEBORD, 2002, p. 15-19, grifos do autor).

Conforme os filósofos Adorno e Horkheimer (1985), também ganhou força no século XVIII o que os autores chamam de “indústria cultural”, que consiste na repetição, na disseminação de bens padronizados que satisfazem necessidades iguais. Sua inovação característica se resume no aperfeiçoamento da produção em massa. No meio televisivo, por exemplo, os produtos culturais podem ser os

programas, que atuam como representações da cultura por meio das imagens e conteúdos.

Para Llosa (2013), outra característica da sociedade do espetáculo é a superioridade das imagens sobre as ideias, que fez com que os livros perdessem espaço para os meios audiovisuais como a televisão, o cinema e a internet.

Segundo o autor, outro fator que contribuiu para a exaltação do entretenimento e desvio das preocupações da realidade, foi o fenômeno da democratização da cultura, que por meio da educação e da promoção das artes e manifestações culturais, a colocou (a cultura) ao alcance, não apenas da elite, mas de todos.

Em razão desse propósito de fazer a cultura chegar à maioria e ser compreendida por ela, houve um efeito de “facilitação” e superficialidade dos conteúdos culturais, utilizando, por exemplo, uma linguagem que pudesse ser compreendida por uma variedade maior de públicos.

A supervalorização da descontração, do humor e da diversão acabou ocasionando a banalização da cultura, atendendo a definição adotada no discurso antropológico de que “(...) cultura são todas as manifestações da vida de uma comunidade: língua, crenças, usos e costumes, indumentária, técnicas e, em suma, tudo que nela se pratica, evita, respeita e abomina” (LLOSA, 2013, p. 31).

Lembrando Debord (2002), a cultura seria pura representação, e não vida. Resumindo, nossa cultura passa, basicamente, pela relação com a tecnologia da comunicação, seus veículos e seus produtos, em especial, com os que trabalham com a imagem.

Por tudo isso, os produtos culturais como a literatura contemporânea, por exemplo, são leves, fáceis e ligeiros, não exigindo esforços intelectuais dos leitores, que buscam entretenimento e distração. Do mesmo modo funciona a televisão, em especial a TV aberta, com uma linguagem coloquial, que pode ser compreendida facilmente por todas as classes sociais e pessoas com diferentes níveis de instrução.

Conforme Llosa (2013), no passado, a cultura foi uma espécie de consciência que não permitia que a sociedade esquecesse ou ignorasse a realidade, mas agora, atua como mecanismo de distração e entretenimento, deixando aquela função ao jornalismo. Para Duarte Júnior (2000), a vida cotidiana à qual a sociedade retorna,

depois da diversão, é considerada a realidade predominante, e o óbvio é o mais difícil de ser visto.

Ainda segundo Llosa (2013, p. 48), uma das consequências de transformar o entretenimento e a diversão em valor supremo de uma época, é que, no campo da informação também se produz uma alteração de prioridades. As notícias passam a ser importantes ou secundárias de acordo com seu caráter novidadeiro ou escandaloso e não tanto por sua significação econômica, política ou social. “Sem que isso tenha sido proposto, o jornalismo de nossos dias, acompanhando o preceito cultural imperante, procura entreter e divertir informando”.

O autor complementa, ressaltando que os casos mais notáveis, na atualidade, de conquista de grande público por órgãos da imprensa não são alcançados por publicações sérias, que tentam ser responsáveis, buscando verdade e objetividade e informando em vez de divertir, mas sim por aqueles que alimentam as paixões e diversões da sociedade.

Ainda conforme o autor, não está em poder do jornalismo, sozinho, mudar a civilização do espetáculo, pois essa realidade está enraizada no tempo contemporâneo de uma sociedade que privilegiou o entretenimento e adquiriu o costume de rejeitar tudo o que aborreça ou lembre que a vida não é só diversão (como o jornalismo, por exemplo).

Peixoto in Novaes (1988) afirma que, através do teatro (século XIX), do cinema e da TV no Brasil (século XX), o gênero que conquistou a preferência do grande público foi o melodrama, com encenações que tinham a finalidade de apresentar grandes revelações.

O melodrama do teatro se assemelha ao entretenimento da TV, especialmente no que se refere às novelas (teledramaturgia), em seus aspectos de envolvimento do público que busca emoções e “fuga” do cotidiano.

Conforme Motter e Mungioli (2008), a teledramaturgia surgiu como uma opção mercadológica com a finalidade de obter maiores índices de audiência e também de gerar, por meio do uso do gênero ficcional, uma mudança no imaginário do público, operada pelos meios de comunicação.

Para Campedelli (1987), a telenovela é como um novelo se desenrolando, uma longa história, com um longo enredo que pertence ao gênero de ficção televisiva e seriada. Costa (2002) defende que a ficção presente no melodrama

busca trazer a realidade de uma forma mais leve aos olhos do telespectador, por meio de cenas que representem seus desejos e/ou paixões.

Marcondes Filho (1988) diz que as novelas possuem a preferência popular; o jornalismo vem logo em seguida e aparenta ter boa proximidade com as preferências do público. Talvez, por esse motivo, os noticiários sejam produzidos também a partir da linguagem do entretenimento e do espetáculo.

Segundo o pensamento de Aumont (1993), a imagem espetacular é produzida com destino ao espectador coletivo, sem cultura particular. Do espetáculo de rua à televisão, as emoções apresentadas são "fortes", gerando uma confusão entre emoção e sensação.

Morin (2005, p. 93) acredita que essa mudança no imaginário do público, operada pelos meios de comunicação, causa "uma revolução no reino do imaginário. A idéia de felicidade se torna o núcleo afetivo do novo imaginário". O final trágico passa a ser substituído pelo final feliz, que é mais agradável. O jornalismo televisual também se inclui no imaginário coletivo, por isso, também nas matérias, pode-se esperar pelo final feliz.

O elo sentimental e pessoal que se estabelece entre espectador e herói é tal, no novo clima de simpatia, de realismo e de psicologismo, que o espectador não suporta mais que seu alter ego seja imolado. Pelo contrário, ele espera o sucesso, o êxito, a prova de que a felicidade é possível. Assim, paradoxalmente, é na medida em que o filme se aproxima da vida real que ele acaba na visão mais irreal, mais mítica: a satisfação dos desejos, a felicidade eternizada (MORIN, 2005, p. 93-94).

Porém, segundo Motter e Munglioli (2008), essa felicidade não é alcançada imediatamente. A verdade é desvendada após mistérios, pistas falsas, detalhes enganadores e reveladores. O "final feliz" só ocorre depois de diversos percalços e situações que levam o telespectador a se envolver emocionalmente e se identificar cada vez mais com os personagens.

As situações do cotidiano transformadas em cenas, na telenovela, por exemplo, criam certa identidade entre a trama e o telespectador. É a manifestação de uma busca pela expressividade onde "tudo se quer ver estampado na superfície do mundo, na ênfase do gesto, no trejeito do rosto, na eloqüência da voz" (PEIXOTO in NOVAES, 1988, p. 361).

Para Costa (2002), o desenvolvimento e a aceitação da ficcionalidade encontrada na sociedade midiática, somados à relação cada vez mais mediada a

que se sujeitam as pessoas, deram à sociedade um caráter espetacular que torna cada vez mais indefinidos os limites entre ficção e realidade. Arbex Júnior (2001) também acredita que a linguagem televisiva obedece leis próprias e permite a fácil transposição dos limites entre ficção e realidade.

Para Jost (2004), todo conteúdo audiovisual fica no centro de um confronto entre a produção de sentido para o emissor e a construção de sentido para o espectador. “É comum encontrar, nos enredos das telenovelas (...), fatos reais absorvidos - acoplados a uma personagem ou mesmo copiados” (CAMPEDELLI, 1987, p. 48).

O mercado cinematográfico também recorre, muitas vezes, a argumentos da realidade para alcançar o público. É comum ver cartazes com a frase: “baseado em fatos reais”. O que significa que, por mais que a ficção seja sedutora, relaxante e uma boa opção de esquecimento do mundo real, a realidade ainda detém certa preferência uma vez que o telespectador quer estar informado e conhecer fatos verdadeiros.

Duarte e Castro (2007) defendem que a televisão tem a capacidade de produzir situações que modificam o espaço-tempo do cotidiano, criando outra dimensão, a partir da qual os espectadores, reunidos em frente à tela de televisão, em um certo momento, redefinem a sua percepção do real. “É a difusão das imagens técnicas referentes aos acontecimentos noticiados que sustenta os efeitos de sentido de proximidade temporal e espacial do telespectador com o real” (DUARTE; CASTRO, 2007, p. 38).

As produções televisivas e suas representações influenciam e fazem parte da vida dos cidadãos. As imagens apresentadas na televisão causam efeitos no telespectador e é ele quem deve, diante dos produtos apresentados, aprender a distinguir a sua realidade daquela que é mostrada na tela da televisão.

As imagens usadas em uma reportagem, por exemplo, vão despertar alguma sensação no telespectador, seja tristeza, alegria, revolta, indiferença, etc. Imagens de situações tristes, como uma tragédia, por exemplo, se tornam piores a partir do momento em que se sabe que elas são reais.

Conforme Jost (2004), a televisão transmite ao telespectador a impressão de poder chegar diretamente aos acontecimentos, de ser testemunha do mundo. O telespectador, por sua vez, interpreta o que vê sob um eixo de verdade-falsidade.

Para o autor, quando um conteúdo audiovisual (atualidades, telejornal, reportagens) se refere ao mundo, é levado a sério pelo telespectador porque possui propósitos verificatórios sobre ele e exprime uma verdade que pode ser percebida.

O outro mundo ao qual o telespectador está inclinado a remeter as imagens é o mundo ficcional. Os objetos, as ações, todos os signos da ficção fazem então referência a um universo imaginário (...), isso aponta para a importância da fronteira que nós traçamos entre as imagens que remetem ao mundo e aquelas que representam um mundo eventualmente parecido com o nosso (JOST, 2004, p. 34-37).

Stanislavski (2007) diz que todo ser humano vive de fatos cotidianos, mas pode, também, viver a vida de sua imaginação que, por vezes, é mais agradável e interessante que a real. Assim também acontece em relação ao efeito que a TV pode provocar em quem a assiste.

Conforme Laplantine e Trindade (2003), as pessoas vivem em busca de novos caminhos que sejam capazes de conduzir à compreensão e à superação da realidade. Um desses caminhos é a imaginação.

Segundo os autores, o imaginário é uma filiação do real, mas sem imposição de sentidos na representação. Ele permite reconstruir ou transformar o real, o que não significa modificar a realidade, mas permitir que o real se constitua em uma representação, novamente tendo a imagem como base.

O imaginário possui um compromisso com o real e não com a realidade. A realidade consiste nas coisas, na natureza, e em si mesmo o real é interpretação, é a representação que os homens atribuem às coisas e à natureza. Seria, portanto, a participação ou a intenção com as quais os homens de maneira subjetiva ou objetiva se relacionam com a realidade, atribuindo-lhes significados. Se o imaginário recria e reordena a realidade, encontra-se no campo da interpretação e da representação, ou seja, do real (LAPLANTINE; TRINDADE, 2003, p. 79).

Para os autores, o homem está sempre em uma divisão. De um lado, a festa do imaginário, que fantasia e foge do mundo; do outro, a ciência que trabalha e abarca a realidade, aderindo ao mundo. De um lado a subjetividade, do outro, a objetividade. De um lado, a paixão; do outro, a razão.

Para Cashmore (1998), os telespectadores são normalmente hipnotizados pelos elementos de um estilo de vida glamouroso, com gratificações instantâneas e melhor do que o estilo de vida real.

De acordo com o pensamento de Marcondes Filho (1988), na televisão, tudo é espetáculo e a fascinação acontece pela eficácia visual, e não apenas pelo conteúdo oral.

Assistir à televisão é um hábito ligado a fatos muito antigos na história das sociedades humanas. Tem a ver com a experiência do homem de olhar objetos, cenas, a natureza e buscar por meio disso algum tipo de resposta, satisfação, distração, conhecimento (MARCONDES FILHO, 1994, p.8).

Segundo Morin (1990), os programas de televisão são distribuídos segundo uma alternância entre o informativo e o imaginário, indo do documentário ao ficcional e o público é animado por esse duplo movimento.

A notícia se apresenta para o receptor, (...) como pedaço do real, de onde se abstrai somente o fato específico que a originou, e como disposição múltipla e diversificada no jornal, na televisão, no rádio, no cinema, atua no receptor participando de um jogo psíquico, em que num momento ela desencadeia processos de preocupação e, noutro, de alívio e descontração. (...) o noticiário como um todo, ou mesmo a programação noticiosa jogam com esse duplo caráter ideológico da notícia. Trata-se da dialética da atemorização e da tranquilização, que compõem o fato noticioso (MARCONDES FILHO, 1989, p. 15).

Conforme o pensamento de Canevacci (1993), as cadeias de TV implantaram uma espécie de laboratório de observação voltado para avaliar os gostos do público como uma espécie de monitoramento comportamental.

Ao identificar os desejos dos telespectadores, a TV capta aquilo que falta às pessoas e pensa em conteúdos que atendam essas necessidades, produzindo uma experiência indireta para o telespectador (porque é assistida - representada - e não vivida), mas que proporciona uma satisfação paliativa, superficial, aparente (MARCONDES FILHO, 1988).

3.3 TELEVISÃO: A JANELA DO MUNDO

*"A imagem é uma das formas mais bem-sucedidas
que o homem criou para superar o fato
angustiante de que depois de hoje virá o amanhã."
(MARCONDES FILHO, 1988)*

Conforme escreveu Abruzzese (2006), a comunicação por fluxo tem uma antiga matriz na oralidade, pois o fluxo das vozes iniciou antes do fluxo das imagens, como já foi abordado no conteúdo desta monografia. A história da televisão, portanto, se entrelaça com a história dos outros meios de comunicação e com a rede de inovações tecnológicas.

Machado (2000) diz que depois da hegemonia da televisão, a partir da segunda metade do século XX, muito se falou (e ainda se fala) em “civilização das imagens”. Porém, a TV, herdeira direta do rádio, pelo menos no Brasil, se funda primordialmente no discurso oral, fazendo da palavra sua matéria prima principal.

Mesmo com a utilização tecnológica de gráficos computadorizados, vinhetas, artes, imagens, etc., a televisão continua essencialmente oral, como nos primórdios de sua história. Para o autor, a parte mais expressiva da programação televisual depende basicamente de uma maior eloquência no manejo da palavra oralizada, seja de um apresentador, entrevistado, repórter, ou qualquer um que participe da programação.

Se, para Machado (2000), o sentido mais precioso da televisão é a voz, para Arbex (2002), quem merece essa posição é a imagem.

(...) falar de televisão remete a que se fale antes de outra coisa, bem mais antiga que ela, que é a própria imagem, a forma de o homem representar as coisas que deseja através de símbolos, sinais, traços, marcas e toda uma série de elementos visuais. Desde que aprendeu a caminhar, o homem baseia-se na visão para assegurar-se de seu meio ambiente e para decidir a direção a tomar. Os outros sentidos informam-lhe também sobre o ambiente, seu redor, mas é a visão, de qualquer maneira, o sentido mais precioso para sua orientação (ARBEX, 2002, p. 8).

A imagem testemunha a mentalidade da época, do lugar e de seus valores. Segundo Marcondes Filho (1988, p. 12), “ela nos transporta a um mundo antigo, do qual estamos enormemente distanciados no tempo, e atira nosso imaginário na reflexão de como deve ter sido a vida daquela gente.” Pode-se pensar que a televisão também é capaz de causar essa sensação de “transporte”, seja para outras épocas, outros lugares ou outras realidades sociais.

Com o advento da TV, a grande tela de cinema passou a ser reproduzida na telinha do interior doméstico. A massa de espectadores correu para o núcleo familiar e a distração pública se converteu na distração privada. A rotina corrida do trabalho se uniu ao descanso em família (ABRUZZESE, 2006).

Para Arbex Júnior (2001), a diferença entre o cinema e a televisão é que no caso do cinema o telespectador sai de si mesmo, ou de um pequeno grupo, e vai para um grande grupo, vai assistir a um filme. No caso da televisão, é ela que penetra, se hospeda na mente e no emocional. Quem assiste televisão, é também assistido por ela.

(...) cinema e TV se tornavam capazes de produzir artificialmente encenação e comportamentos humanos - de realizar performances coletivas - que *refletissem* cada vez mais o mundo real, *àquela altura* sem precisar recorrer materialmente à fisicidade dos espaços, dos corpos ou dos aparatos cenográficos, como se dava na artificialidade do teatro, mas antes utilizando e manipulando a imagem ótica, o fantasma e, portanto, o desejo (ABRUZZESE, 2006, p. 65, grifos do autor).

Marcondes Filho (1994) diz que na primeira fase da televisão ela era comparada a uma janela (transparente), por onde as pessoas viam o mundo e ficavam sabendo o que acontecia nos mais variados lugares. E já na segunda fase, a transparência desapareceu, dando lugar a simulações do mundo.

Segundo Rocha (1995) e Abruzzese (2006), assistir à vida social nas múltiplas telas é uma das mais atraentes práticas do cotidiano. As representações do imaginário coletivo e dos acontecimentos da vida social encontram visibilidade ainda maior na tela da TV.

Esse novo cenário do império das imagens, da experiência do mundo vivida por meio da tela planetária, obriga o historiador, ou o crítico da cultura, a lançar um novo olhar sobre a teia de relações estabelecidas entre meios de comunicação de massa e o conjunto das instituições econômicas, políticas, culturais, científicas e sociais. Mais especificamente, trata-se de saber de que forma, e em que medida, esse novo cenário afeta o olhar, a vida, a relação de um indivíduo com o mundo (ARBEX JÚNIOR, 2001, p. 32-33).

Para Campedelli (1987, p. 5), televisão seria “uma espécie de liquidificador cultural, isto é, um eletrodoméstico capaz de misturar e diluir cinema, teatro, música e literatura num único espetáculo, oferecendo assim uma reforçada vitamina eletrônica para o público”.

Segundo Machado (2000, p. 19, grifo do autor), “*televisão* é um termo muito amplo, que se aplica a uma gama imensa de possibilidades de produção, distribuição e consumo de imagens e sons eletrônicos”.

A televisão é um meio de comunicação pelo qual se pode veicular variados conteúdos com distintos formatos que podem pertencer a diferentes gêneros e

categorias. Ainda conforme Machado (1999), os gêneros são mutáveis e heterogêneos, não apenas no sentido de que são diferentes entre si, mas também no sentido de que cada categoria pode estar “replicando” mais de um gênero ao mesmo tempo.

De fato, como colocar no mesmo pé de igualdade eventos audiovisuais tão distintos entre si, como uma narrativa de ficção seriada, a transmissão ao vivo de uma partida esportiva, o pronunciamento oficial de um presidente, um videoclipe, um debate político, uma aula de culinária, uma vinheta com motivos abstratos, uma missa ou um documentário sobre o fundo do mar? (MACHADO, 1999, p. 144).

Para o autor, os gêneros existem numa diversidade tão grande que muitas vezes se torna complicado estudá-los enquanto categorias. Conforme Souza (2015), os programas da televisão brasileira podem ser distribuídos em cinco categorias, que abrangem diversos gêneros, conforme ilustra o quadro abaixo.

Figura 1: Categorias e gêneros na televisão brasileira

CATEGORIA	GÊNERO
Entretenimento	Auditório • Colunismo social • Culinário • Desenho animado • Docudrama • Esportivo • Filme • <i>Game show</i> (competição) • Humorístico • Infantil • Interativo • Musical • Novela • <i>Quiz show</i> (perguntas e respostas) • <i>Reality show</i> (tv-realidade) • Revista • Série • Série brasileira • <i>Sitcom</i> (comédia de situações) • <i>Talk show</i> • Teledramaturgia (ficção) • Variedades • <i>Western</i> (faroeste)
Informação	Debate • Documentário • Entrevista • Telejornal
Educação	Educativo • Instrutivo
Publicidade	Chamada • Filme comercial • Político • Sorteio • Telecompra
Outros	Especial • Eventos • Religioso

Fonte: SOUZA, José Carlos Aronchi de. Gêneros e formatos na televisão brasileira. São Paulo: Summus Editorial, 2015. (cap. IV)

Para cada material veiculado, dentro de uma categoria e gênero, pode haver formatos diferentes, dependendo da proposta, conteúdo e intenção do programa. Além disso, o formato também pode apresentar variações de produção e exibição.

Gomes in Duarte e Castro (2008) afirma que os grupos de mídias têm aproximado, desde a década de 1980, informação e entretenimento, porém, ainda existe alguma confusão conceitual a respeito do híbrido (junção de categorias) que se denominou infotenimento.

Entende-se por hibridismo, conforme Canclini (2003, p. 19), “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”, ou seja, a ausência de limites entre gêneros e/ou categorias, uma mistura entre eles.

Para Gomes in Duarte e Castro (2008), o maior obstáculo para a compreensão do infotainment é a rigidez ideológica das duas categorias (informação e entretenimento), ainda que essa separação esteja perdendo força. Dejavitte (2006) define o conceito como “conteúdo editorial que fornece informação e diversão ao leitor e, ao mesmo tempo, constitui uma prestação de serviço”.

Exemplos de infotainment no meio televisivo podem ser percebidos em programas que dramatizam a vida cotidiana; programas jornalísticos populares, esportivos ou culturais; programas de colunismo social; programas que conjugam debates de assuntos da atualidade com recursos do entretenimento; etc.

Conforme o pensamento de Duarte (2006, p. 21), não faz sentido considerar um programa como entretenimento ou como informativo, porque todos eles trazem informações, têm como meta o entretenimento e “nenhum subgênero informativo escapa à espetacularização”.

Lembrando Llosa (2013), Costa (2002) e Stanislavski (2007), citados no subcapítulo anterior, a superioridade das imagens na sociedade do espetáculo fez com que a televisão se popularizasse. Com uma linguagem simples, que pode ser compreendida por todos, ela se transformou em companhia diária nos lares. O telespectador passou a evitar o “mundo real” e buscar distração em “outros mundos”, fazendo da tela da TV uma vida mais agradável do que a real.

De acordo com Marcondes Filho (1988), o ato de assistir televisão tornou a vida mais tranquila, auxiliou a diminuir o estresse do trabalho e da casa e passou a ser um divertimento para o telespectador. “Desligar o aparelho parecia um retorno ao ambiente de casa, ao cotidiano, à mesmice das estórias de rua, dos parentes, dos amigos. Ligá-lo, ao contrário, abria um espaço para se entrar em outros mundos” (MARCONDES FILHO, 1988, p. 36).

Segundo Borelli (2001) apud Ferreira e Santana (2013, p. 127), a televisão, e também as telenovelas, ocasionaram desordens, “invadiram lares; alteraram cotidianos; apresentaram novas imagens - propondo novos comportamentos, consolidando um padrão de narrativa considerado dissonante, tanto para os modelos clássicos e cultos quanto para as tradições populares”.

Para Paternostro (1999), a TV exerce fascínio sobre o telespectador, pois consegue transportá-lo para “dentro” de suas histórias. O telespectador, ao receber as histórias dentro de sua casa, em doses graduais, acaba estabelecendo familiaridade com elas, ele “não se dá conta disso: ele crê no ‘real’ da cena, porque a televisão simula um contato íntimo, direto e pessoal” (CAMPEDELLI, 1987, p. 17, grifo do autor).

Conforme Marcondes Filho (1988), vendo apresentadores, cenas e entrevistas, as pessoas têm a ilusão de que participam do ambiente que assistem, porém, essa presença é apenas imaginária, só existe na cabeça do público.

Há lares em que a televisão fica ligada o dia inteiro, às vezes até sem que ninguém a assista: é um aparelho falando sozinho. As pessoas, em geral, deixam-no ligado apenas para fazer barulho, para dar vida ao lar, para substituir uma companhia ausente com quem se pretendia dialogar (MARCONDES FILHO, 1988, p. 9).

Para o autor, o aparelho de televisão não é por si só fascinante. “Fascinante é o mundo do lado de lá que ele nos permite ver, o canal (no sentido técnico, o túnel) que dá passagem a outro lugar, ao mundo, aos sonhos, às nossas fantasias” (MARCONDES FILHO, 1988, p. 37).

Siqueira (1999) acredita que a televisão exerce uma forma “não violenta” de poder e influência que pode alterar cenários sociais, culturais e políticos. A televisão, segundo Debord (2002), é um dispositivo formador de comunidade, e está colocado não apenas diante de nós, mas “conosco”.

O “poder” da imagem, associado ao da enunciação, oferece uma potência à informação ainda que não gere uma ascendência total sobre o receptor. Nesse contexto persuasivo, a televisão passa a noção de que pode cobrir todos os acontecimentos e de que tem a melhor forma de dar as notícias. Assim, o meio desperta confiança e credibilidade no receptor, que é levado a crer que a TV cuida de sua informação e de seus interesses exclusivamente (SIQUEIRA, 1999. p. 55, grifo do autor).

3.4 TELEVISÃO BRASILEIRA: UMA BREVE LINHA DO TEMPO

*“A televisão adquiriu o poder de definir o que será
ou não um acontecimento político,
assim como o âmbito geográfico
em que esse acontecimento será conhecido.”
(ARBEX JÚNIOR, 2001, p.32)*

Ao mencionar, anteriormente, a TV, não se pode ignorar a sua história, que teve início em 1931, quando os Estados Unidos e a Inglaterra iniciaram a colocação de antenas de transmissão, tornando a televisão uma realidade. Segundo Araújo (2017), as primeiras transmissões de imagens coloridas ocorreram nos Estados Unidos em 1950 e tornaram-se regulares, inclusive com a fabricação de receptores em cores, a partir de 1954.

No Brasil, conforme Mattos (2010) e Araújo (2017), a televisão foi recebida durante a onda de crescimento industrial, que se iniciou nos governos Dutra (1946 - 1951) e Getúlio Vargas (1951 - 1954), e viveu seu ápice na gestão de Juscelino Kubitschek (1956 - 1961).

O grande advento da televisão no Brasil (nos anos de 1950) ocorreu graças ao empresário e jornalista Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, mais conhecido como Chatô, que apresentou o protótipo aos brasileiros e construiu um império. Dono dos Diários e Emissoras Associados, ele tornou-se um dos símbolos da comunicação e perpetuou-se por muito tempo no país como o grande nome da mídia, segundo o que afirma Moraes (1994) em seu livro *“Chatô: o rei do Brasil”*.

As primeiras imagens da televisão brasileira foram transmitidas pela TV Tupi-Difusora, em 18 de setembro de 1950, em estúdios precariamente instalados em São Paulo. Conforme Mattos (2010) e Araújo (2017), ela foi a primeira emissora de televisão da América do Sul e a quarta do mundo, pois já havia emissoras nos Estados Unidos, Inglaterra e França.

Cada país desenvolveu uma linguagem própria de televisão, dependendo da sua cultura e do desenvolvimento das outras formas de comunicação social. No Brasil, essa linguagem foi extraída das formas de comunicação populares: o circo e o rádio, mas também do teatro. Nos anos 1950, quando a televisão brasileira surgiu,

ela ainda não havia conquistado a sua linguagem, então o que se fazia era uma espécie de rádio televisionado.

A TV Tupi-Difusora surgiu numa época em que o rádio era o veículo de comunicação mais popular do país, atingindo quase todos os estados. Ao contrário da televisão norte-americana, que se desenvolveu apoiando-se na forte indústria cinematográfica, a brasileira teve de se submeter à influência do rádio, utilizando inicialmente sua estrutura, o mesmo formato de programação, bem como seus técnicos e artistas (MATTOS, 2010, p. 53).

Segundo Araújo (2017), o primeiro programa transmitido regularmente pela TV Tupi-Difusora foi *TV na Taba*, uma espécie de revista de variedades, apresentado por Homero Silva e dirigido por Cassiano Gabus Mendes. Contava com nomes como Lima Duarte, Mazzaropi, Hebe Camargo e Ivon Curi.

O primeiro telejornal exibido no Brasil foi *Imagens do Dia*, escrito por Rui Resende, que estreou em setembro de 1950, um dia após a inauguração da TV Tupi-Difusora. Exibidos pela mesma emissora, a primeira telenovela brasileira foi *Sua Vida me Pertence*, que foi ao ar em dezembro de 1951 e o teleteatro surgiu em novembro de 1950 com *A vida por um fio*, uma adaptação do filme norte-americano *Sorry, Wrong Number*.

Conforme escreveu Mattos (2010), os primeiros anos foram marcados pela falta de recursos e improvisações. Inicialmente, as notícias eram retiradas de jornais impressos; mais tarde, começaram a surgir as equipes de reportagem televisiva. As câmeras de TV eram muito pesadas e grandes para sair do estúdio, então as reportagens eram filmadas com câmeras de cinema.

Desde o seu início, a televisão brasileira se caracterizou como veículo publicitário, seguindo o modelo comercial norte-americano. Os patrocinadores determinavam os programas que deveriam ser produzidos e veiculados, além de contratar diretamente artistas e produtores. Por esse motivo, nas duas primeiras décadas da televisão brasileira, os programas eram identificados com o nome do patrocinador, como conta Mattos (2010).

Um dos mais famosos telejornais da televisão brasileira foi ao ar pela primeira vez em abril de 1952, com o nome de seu patrocinador (a Esso): o *Repórter Esso*. Ele ficava sob a responsabilidade de uma agência de publicidade e foi inspirado e adaptado de um radiojornal de grande sucesso transmitido pela *United Press International* (UPI). O telejornal permaneceu no ar até 31 de dezembro de 1970.

Conforme Araújo (2017), outros importantes telejornais nasceram e fizeram história na sequência, como o *Jornal de Vanguarda* e o *Show de Notícias*, da TV Excelsior, e o *Jornal Nacional*, da TV Globo. A TV Excelsior, fundada em 1959 e cassada durante o regime militar em 1970, foi responsável pela produção da primeira telenovela em capítulos diários. Além disso, foi considerada a primeira emissora a ser administrada dentro dos padrões empresariais atuais.

A TV brasileira foi iniciada com apenas 200 televisores no país, que pertenciam à elite econômica. Segundo Marcondes Filho (1988), a televisão começou a se expandir rapidamente a partir dos anos 1950, conquistando o público e ocupando um lugar importante no lazer das pessoas.

Ao final de 1951, existiam mais de sete mil televisores entre os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. O crescimento de estações de televisão começou durante a administração do presidente Juscelino Kubitshek (1956 - 1961), antes do Golpe Militar de 1964, que durou até 1985.

Para uma melhor visualização dos períodos da televisão brasileira, Mattos (2010) dividiu essa trajetória em seis fases. Cada uma corresponde a um período definido a partir de acontecimentos que servem de ponto de referência. Araújo (2017) e Loeblein (2017) complementam as fases definidas por Mattos (2010) com informações correspondentes a cada período. O estabelecimento de cada fase levou em conta o desenvolvimento da televisão dentro do contexto sócio-econômico-político-cultural brasileiro.

I. **Fase elitista** (1950 a 1964): quando o televisor era considerado um luxo ao qual apenas a elite econômica tinha acesso. Período marcado pelos grandes teleteatros da época, como *Grande Teatro Tupi*, *TV de Vanguarda*, *TV de Comédia* e *Câmara Um* que, com produções evidenciadas pelo romantismo melodramático, levavam para a televisão um referencial da “alta” cultura.

A grande revolução na televisão aconteceu em 1960, com o surgimento do videotape (ou videoteipe), inaugurado, no Brasil, pela TV Tupi. O videotape é uma fita com cobertura magnética usada para registrar e armazenar sons e imagens.

Antes disso, as transmissões só eram possíveis ao vivo. Hoje, a nomenclatura é popularmente conhecida como VT, e se refere à reportagem, ou ao vídeo em si, pois devido à evolução tecnológica, a fita não é mais utilizada.

A possibilidade de veicular um mesmo programa em vários dias da semana, por conta das condições de armazenamento de arquivos, estimulou o hábito de ver televisão, conquistando a atenção do telespectador.

A década de 1960 foi de grande expansão da televisão no Brasil. O enfraquecimento do teleteatro aconteceu na segunda metade da década de 1960, quando a telenovela diária se consolidou como gênero de maior popularidade e de baixo custo para as emissoras de TV.

II. **Fase populista** (1964 a 1975): quando a televisão era considerada um exemplo de “modernidade”. Os programas de auditório ocupavam a maior parte da programação das emissoras. Percebeu-se que o público da televisão era diferente daquele do rádio, teatro ou cinema e profissionais começaram a se especializar em televisão.

Em 1964, o então presidente João Goulart foi deposto por um golpe de Estado, o que afetou diretamente os meios de comunicação de massa, principalmente a televisão, porque a situação socioeconômica e o sistema político foram totalmente modificados. Teve início a instauração do regime de ditadura militar no país (1964 - 1985).

As transmissões via satélite tiveram início em caráter experimental, entre os Estados Unidos e a Europa, em 1962, mas somente em 1965 ocorreu o lançamento de um satélite criado com fomentos de um consórcio de mais de cem países, entre eles o Brasil, para regulamentar e controlar o sistema comercial de satélites e telecomunicações. Esses eventos tecnológicos possibilitaram o surgimento das Redes de Televisão.

A TV Globo estreou em 1965 e, já no primeiro ano de existência, lançou o *Show da Noite*, um programa de variedades com brincadeiras, música, dança e entrevistas, apresentado por Gláucio Gil, atendendo justamente a demanda pelo entretenimento. Novelas e programas de auditório eram muito mais assistidos na TV brasileira do que os telejornais, já naquela época.

Com o Ministério das Comunicações estabelecido em 1967, a concessão de licenças passou a considerar não apenas as necessidades nacionais, como também os objetivos de promover o desenvolvimento e a integração nacional, conforme ordenava o Conselho de Segurança Nacional.

No período compreendido entre 1968 e 1979, os veículos de comunicação operaram sob as restrições do Ato Institucional nº 5. O Ato concedia ao Poder

Executivo Federal o direito de censurar os veículos, além de estimular a prática da autocensura, evitando qualquer publicação ou transmissão que pudesse levá-los a ser enquadrados e processados a partir da Lei de Segurança Nacional.

O Jornal Nacional, da já então Rede Globo, teve sua estreia em 1º de setembro de 1969, com a apresentação de Hilton Gomes e Cid Moreira. Foi o primeiro telejornal a ser transmitido em rede, o primeiro jornal no Brasil a transmitir uma guerra ao vivo (Guerra do Golfo - 1991) e também o primeiro a utilizar, em 1977, equipamentos portáteis para a geração de imagens ao vivo.

A primeira transmissão oficial em cores aconteceu na inauguração da Festa da Uva, na cidade de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, em 1972. O evento foi transmitido para todo o país pela TV Difusora, de Porto Alegre, (hoje TV Band) e, por intermédio da Embratel, foi exibido por outras emissoras. Também foi nesse período que a televisão brasileira começou a “tomar as rédeas” de sua programação e em 1976, a Rede Globo já produzia 75% dos seus próprios programas.

III. Fase do desenvolvimento tecnológico (1975 a 1985): quando as redes de TV começaram a produzir, com maior intensidade e profissionalismo, os seus próprios programas com estímulo de órgãos oficiais, visando, inclusive, a exportação. Nessa época pode-se destacar a estabilização da Rede Globo como a principal emissora e a diversidade dramática como as principais marcas. A década de 1970 foi o período de transformações mais profundas.

IV. Fase da transição e expansão internacional (1985 a 1990): durante a Nova República, quando se intensificaram as exportações de programas. Com o fim da ditadura militar no Brasil (1985), houve uma consolidação da cultura televisiva e foram criados novos formatos de teledramaturgia, como séries e minisséries, especialmente endereçadas ao público juvenil. Telenovelas também passaram a ser exportadas, levando o Brasil a um patamar mais alto no mercado mundial da ficção, aumentando a qualidade e a audiência.

V. Fase da globalização e da TV paga (1990 a 2000): as redes de TV aberta, a partir de meados da década de 1990, passaram a popularizar a programação, buscando atrair um público com menos condições econômicas de consumir outros meios, como a TV segmentada ou paga. A televisão passou a se adaptar aos novos rumos da redemocratização da política brasileira.

VI. Fase da convergência e qualidade digital (a partir de 2000): com a tecnologia apontando para uma interatividade cada vez maior dos meios de

comunicação, esse período foi marcado pela convergência e qualidade da tecnologia digital. O sistema de televisão digital começou a ser implantado com a pretensão de substituir totalmente o sistema analógico no país. Para ampliar o alcance do público e atender ao ritmo do desenvolvimento tecnológico, a televisão brasileira passou a compartilhar o seu conteúdo, já exibido, em portais na internet⁶, o que deu início a uma era de interatividade. Em 2007 aconteceu a primeira transmissão de TV digital no Brasil e em 2015 teve início o processo de desligamento gradativo do sinal analógico no Brasil que deve ocorrer até 2023, prazo estipulado pelo governo federal e pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel).

Mattos (2010) ainda menciona uma sétima fase, que à época do livro, previa um período futuro para a televisão brasileira:

VII. Fase da portabilidade, mobilidade e interatividade digital (2010 em diante): o mercado de comunicação e o modelo de negócios passam por uma reestruturação, devido ao desenvolvimento e espaço ocupado pelas novas mídias, como o celular, por exemplo. Nessa fase, a produção e a distribuição de conteúdos têm fundamental importância para a televisão.

Para Mattos (2010), a importância da televisão na vida do brasileiro pode ser considerada a partir do crescimento do número de aparelhos televisores encontrados nos domicílios.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)⁷ Contínua 2016, realizada no último trimestre de 2016 e divulgada pelo Instituto Brasileiro de

⁶ Para Castells (2003), o projeto de 1969 da *Advanced Research Projects Agency* (ARPA), chamado ARPAnet, pode ser considerado o marco zero da constituição da Internet. Conforme Vieira (2003), o embrião do que é hoje a maior rede de comunicação do planeta surgiu em 1969, durante a Guerra Fria, pelas mãos de militares. O Departamento de Defesa dos Estados Unidos pretendia criar um sistema de comunicação (entre militares e cientistas) que não pudesse ser destruído por bombardeios e que fosse capaz de ligar pontos estratégicos, como centros de pesquisas e bases das Forças Armadas. Segundo Castells (1999) e Dizard Junior (2000), a partir dos anos 1980, com o desenvolvimento da tecnologia e da capacidade de conexão entre redes diferentes, o sistema se expandiu para o uso acadêmico e de outros países. No início de 1990 o cientista inglês Tim Berners-Lee desenvolveu, na Suíça, a World Wide Web (WWW), que é uma das formas de utilização da rede, um espaço que permite a troca de informações multimídia (texto, som, gráficos e vídeo) através da estrutura da internet. Com o aumento de usuários, a internet foi transferida para a administração de instituições não-governamentais, que se encarregam de estabelecer padrões de infraestrutura. No Brasil, as primeiras iniciativas para disponibilizar a internet ao público em geral começaram em 1995.

⁷ AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **Em 2016, 6,9 milhões de domicílios dependiam do sinal analógico de TV aberta**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20102-em-2016-6-9-milhoes-de-domicilios-dependiam-do-sinal-analogico-de-tv-aberta.html>>. Acesso em: 24 de agosto de 2018.

Geografia e Estatística (IBGE), apontou que para o total de 69,3 milhões de domicílios particulares permanentes no Brasil, 67,373 milhões possuíam televisão, à época.

Porém, existiam 102.633 milhões de televisores no país, sendo 63,4% de tela fina em 66,8% dos domicílios e 36,6% de tubo em 46,2% dos domicílios. Ou seja, apenas 2,8%, ou 1,9 milhão, não possuíam televisão, com destaque para o Norte do país, onde o percentual era o mais elevado (6,3%).

3.5 TELEJORNALISMO

*"A grande confusão que precisamos evitar é pensar que,
onde há informação, há jornalismo."
(CARVALHO, 2010)*

O surgimento da televisão possibilitou novas formas de transmitir informações, entre elas, a programação telejornalística. Curado (2002) afirma que o telejornal faz parte da programação da TV brasileira cumprindo uma determinação legal: o decreto lei 52.795 de 31.10.1963. Ele trata do regulamento dos serviços de radiodifusão e estipula que as emissoras dediquem 5% do horário da programação diária ao serviço noticioso.

O telejornal, conforme a percepção de Machado (2000), se trata de um programa realizado ao vivo, ainda que utilize materiais pré gravados ou de arquivo. Em geral, ele é "fechado" poucos minutos antes de entrar no ar, com as últimas notícias ainda chegando à redação.

Segundo Araújo (2017), uma das características do telejornal é a objetividade, que organiza a distribuição das informações de forma mais direta e clara, ou seja, seleciona-se o que é relevante informar, as informações mais importantes, o que realmente o telespectador precisa saber sobre determinado acontecimento.

Isso ocorre porque a TV opera com velocidade e, dessa forma, as informações precisam ser claras e precisas. Relembrando Fortes (2008), o jornalista deve sempre considerar a objetividade e se manter distante da opinião durante a construção de uma notícia.

Paternostro (1999) diz que no meio televisivo não existe um padrão de linguagem. Porém, há no telejornalismo uma forma pessoal de “contar” as notícias. É preciso pensar que o telejornalista (ou o apresentador) conversa com o telespectador. Como já mencionado nesta monografia, o real e o ficcional são mesclados na linguagem com o objetivo de gerar o envolvimento do público em relação ao que está sendo exibido. Os fatos (reais) são contados com elementos do ficcional (narração).

Uma das principais características da linguagem dos noticiários é garantir a verdade ao conteúdo do discurso, também a própria credibilidade do enunciador. Os noticiários utilizam jogos de sentido que resultam numa pretensa objetividade e no mito da imparcialidade. Os discursos provocam efeitos de realidade e se confundem com o real porque os personagens são reais e os fatos sociais, a matéria prima da produção (PEREIRA JÚNIOR, PORCELLO, MOTA, 2006, p. 70-71).

Rezende (2000) e Paternostro (1999) concordam que a necessidade de transmitir as informações com o máximo de clareza possível determina que elas sejam escritas e pronunciadas num estilo de conversação, exatamente para que todos os telespectadores sejam capazes de compreender, independentemente do seu grau de instrução.

Apesar de encarar como uma “conversa”, o telejornalista tem a obrigação de respeitar o telespectador, utilizando uma linguagem coloquial, mas correta. Conforme Paternostro (2000, p.78 e p.97), “as qualidades da linguagem coloquial passam a ser as exigências do texto jornalístico de TV (...), pelo coloquial atinge-se, portanto, o propósito máximo da comunicação de massa: uma mensagem acessível ao maior número de pessoas”.

Conforme Rezende (2000, p. 97), na seleção vocabular, o jornalista de TV deve dar prioridade às palavras mais conhecidas e precisas em seu significado, evitando a utilização daquelas que, pelo duplo sentido, possam confundir o telespectador. Além disso, com o ritmo televisivo, se a construção do texto das notícias não for objetivo, ocorre um desperdício de tempo e, portanto, de informação.

O jornalismo na televisão padece ainda mais da limitação lingüística pelo fato de que, (es)premidos pelo tempo, os telejornais - sobretudo os do horário nobre da programação - são forçados a condensar ao máximo o noticiário. A divulgação do maior número de notícias no menor tempo possível, lema dessa mentalidade de produção telejornalística, transforma

os informativos quase numa mera seqüência de manchetes, o que torna inevitável a redução vocabular (REZENDE, 2000, p. 26, grifo do autor).

O telejornal, segundo Pereira Junior, Porcello e Mota (2006), exerce uma função política e, ao mesmo tempo, é uma abertura para o mundo, intervindo em outros campos sociais a partir do modo que constrói e transmite as informações.

As diferenças (e também as proximidades) entre informação e entretenimento obrigaram o telejornalismo a se adaptar ao ritmo das mensagens publicitárias, pois ao passar pelo impacto visual de uma boa propaganda, ter de assistir a uma longa seqüência sobre algum evento, tornou-se algo “insuportável” para o telespectador.

Segundo Carvalho, Diamante, Bruniera e Utsch (2010), seria simples se a informação fosse um patrimônio do jornalista, porém ela não é, e além disso, existe informação no humor, na publicidade, num simples bate-papo entre amigos. O que significa que todos produzem e consomem informação. O que diferencia o jornalismo é a notícia, a informação processada. Ela é a base do telejornalismo.

O telejornal, mesmo que use elementos do entretenimento por meio da linguagem, precisa indispensavelmente informar. Tem de responder às expectativas do telespectador, mas também possibilitar o levantamento de novos questionamentos.

Ou seja, é necessário sempre considerar que o assunto que interessa ao público seja de interesse público. "A busca da imparcialidade é o nosso oxigênio, é o que nos dá credibilidade, o que permite ao nosso público estabelecer uma relação de confiança conosco" (CARVALHO; DIAMANTE; BRUNIERA; UTSCH, 2010, p. 15). Mesmo que a imparcialidade seja impossível, pelos motivos já mencionados nesta monografia, ela sempre deve ser buscada pelo profissional de jornalismo como um ideal.

O telejornalismo deve manter os mesmos princípios éticos e valorativos do jornalismo, conforme escreveram Vizeu, Porcello e Coutinho (2010). O telejornal é um elemento de articulação entre o indivíduo e o coletivo. Mais do que trazer informações, o telejornalismo é o “local participação simbólica” do indivíduo na sociedade.

Segundo Machado (2000), ao longo da história do telejornal, ele foi sendo arquitetado em uma estrutura de apresentação baseada em depoimentos de sujeitos relacionados direta ou indiretamente aos acontecimentos.

Por esse motivo, a presença da televisão no local e no tempo dos acontecimentos tornou-se essencial, não apenas para autorizá-la como fonte confiável, mas principalmente porque essa é a condição indispensável de seu processo significativo.

A presença do repórter e do cinegrafista no local de um acontecimento, ou até mesmo a forma como o apresentador se dirige ao telespectador, com palavras que demonstram tempo real (“vamos agora para...”) e interação com o telespectador (“você aí”; “olha só”) constrói vínculos entre emissor e receptor, fazendo com que esse último também se sinta participante do telejornal.

Ainda conforme Machado (2000), um mesmo telejornal pode ser “lido” diferentemente por diversas comunidades de telespectadores, em função de seus valores, ideologias e estratégias perceptivas ou cognitivas. Ou seja, para um mesmo fluxo televisual, podem existir diferentes “leituras”, o que demonstra que é o processo de interpretação que vai dar significação ao telejornal.

Segundo o pensamento de Arbex (2002), o telejornal abre espaços dentro de um novo horizonte informativo, em que a informação pura e simples já não é mais tão importante, mas é a encenação (representação) da informação que toma o lugar principal.

3.5 REDE GLOBO: “A GENTE SE VÊ POR AQUI”

*“Há uma coisa que o mundo da comunicação
ama apaixonadamente: a crítica.”
(AUBENAS e BENASAYAG, 2003,)*

A história das Organizações Globo teve início com o lançamento do jornal impresso O Globo, em julho de 1925. De acordo com Mattos (2005), ele surgiu como um veículo noticioso com o objetivo de ser o defensor das causas populares, em oposição ao jornalismo partidário praticado na época.

Conforme Morais (1994), o fundador, Irineu Marinho, morreu dias após o lançamento do veículo vespertino, deixando o comando para o filho, Roberto

Marinho⁸, que passou a direção para Euricles de Mattos, porque segundo Mattos (2005, p. 267-286), o jovem tinha apenas 20 anos e não se sentiu suficientemente seguro para assumir o comando. Marinho ficou, durante os seis anos seguintes, adquirindo domínio sobre o fazer jornalístico, exercendo as funções de repórter, reescrevedor e secretário de redação.

Ao assumir a direção de O Globo, Roberto Marinho colocou em prática um estilo empresarial diferente, que resultou na construção de um império de comunicação que cresceu ininterruptamente por seis décadas. Uma curiosidade sobre o jornal O Globo é que ele ainda está em circulação, com 93 anos de história completos em 2018.

Ainda conforme Mattos (2005, p. 267-286), na década de 1940, Roberto Marinho comprou seu primeiro transmissor e inaugurou sua primeira emissora, a Rádio Globo do Rio de Janeiro, em dezembro de 1944.

Na época, Marinho precisou enfrentar a concorrência e lutar pela audiência com Assis Chateaubriand, o pioneiro do ramo no Brasil. Mais tarde, na década de 1960, o enfrentaria novamente, ao pretender ocupar novos espaços em uma área também dominada por ele: a da televisão.

O autor diz ainda que Marinho conseguiu sua primeira concessão para um canal de TV no Rio de Janeiro, em 1957. Depois, em 1961 conseguiu mais uma concessão para um segundo canal, em São Paulo. Em 1965, Roberto Marinho deu início a uma nova fase estrutural das Organizações Globo.

Conforme já mencionado nesta monografia, a TV Globo estreou em 1965 e, já no primeiro ano de existência, lançou o *Show da Noite*, um programa de variedades com brincadeiras, música, dança e entrevistas, apresentado por Gláucio Gil, atendendo justamente a demanda pelo entretenimento.

Segundo Araújo (2017), as novelas e os programas de auditório eram muito mais assistidos na TV brasileira do que os telejornais e a crítica ao baixo nível da programação brasileira fez com que Marinho criasse departamentos de pesquisa e contratasse profissionais para cuidar das áreas de administração, produção e programação já em 1966.

⁸ Roberto Marinho nasceu na cidade do Rio de Janeiro no dia 3 de dezembro de 1904 e morreu no dia 6 de agosto de 2003, deixando o seu império para seus três filhos: Roberto Irineu Marinho, que passou a ocupar a presidência das Organizações Globo; João Roberto Marinho e José Roberto Marinho permaneceram como vice-presidentes de Relações Internacionais e Responsabilidade Social, respectivamente (MATTOS, 2005).

Conforme Ferreira e Santana (2013), a Globo foi a primeira emissora de televisão a realizar pesquisas junto aos telespectadores a fim de planejar e administrar sua grade de programação, interpretando as oscilações da audiência.

Conforme registrou Herz (1987), em 1962 a TV Globo fez uma parceria com o grupo de mídia americano Time-Life Incorporated e passou a ser subvencionada por milhões de dólares. Dois contratos foram assinados. Neles, a TV Globo comprometia-se a adquirir e instalar todo o equipamento de transmissão e completar a construção do prédio até 1963.

A Time-Life tinha direito à participação nos lucros e comprometia-se a oferecer assistência técnica, treinamento especializado na área de televisão, troca de informações sobre direção administrativa e comercial, assessoramento de engenharia e orientação para a aquisição de filmes e programas produzidos no estrangeiro.

Os contratos afirmavam que não contrariavam a disposição da lei e que a contribuição financeira da Time-Life à sociedade em conta de participação não lhe daria o direito de possuir ações do capital da TV Globo, nem de ter qualquer interferência direta ou indireta na administração da mesma.

Porém, o caso tornou-se um escândalo político quando o senador João Calmon organizou a realização de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar as ligações entre as empresas e concluiu que a transação era ilegal.

Para Guareschi (2013), a instalação da CPI ocorreu porque o acordo infringia o artigo 160 da Constituição Federal, de 1946, o qual vedava a participação de capital estrangeiro na gestão ou propriedade de canais de radiodifusão.

Segundo Moraes (1994), na Câmara dos Deputados, à medida que a CPI avançava, um número foi adotado oficialmente pela imprensa como sendo a cifra total que o grupo Time-Life tinha repassado a Roberto Marinho, em parcelas, nos três anos anteriores: 5 milhões de dólares.

O autor diz que Assis Chateaubriand (pioneiro da televisão no Brasil, como já apresentado anteriormente), em seus artigos, insistiu na tese de que o grupo Time-Life pretendia implantar no Brasil um "neocolonialismo cultural" por meio do controle dos meios de comunicação.

Para ele, Roberto Marinho fazia parte de uma "quadrilha", juntamente com a Time e o Governo Federal, que pretendia promover uma "chuva de dólares" com a pretensão de acabar com a concorrência na área televisiva.

Ao depor na CPI, Roberto Marinho revelou aos deputados que nada havia de secreto em sua associação com o grupo norte-americano, e para comprovar sua afirmação contou que, tão logo se iniciaram as negociações, ele comunicou o fato, por carta, ao então presidente da República e a quatro de seus ministros (MORAIS, 1994, cap. 36)

Conforme Melo (1988), a presidência do Marechal Castelo Branco (1964 - 1967) fez “vistas grossas” ao caso, não tomando nenhuma medida. Foi só no governo do Marechal Costa e Silva (1967 - 1969) que a Globo foi pressionada a desfazer o contrato, que vigorou de 1962 até 1969, tendo a TV Globo terminado de saldar a dívida com a organização somente em 1975.

No começo de 1967, quando faltavam quinze dias para transferir o governo para o marechal Costa e Silva, o ainda presidente Castelo Branco baixou o decreto-lei nº 236, que parecia redigido de encomenda para confirmar as suspeitas de Chateaubriand de que de fato tudo não passara de uma conjura para destruí-lo. No artigo 12 do decreto, Castelo limitou a cinco o número de estações de televisão que poderiam pertencer a um mesmo grupo privado (três estações regionais e duas nacionais). Naquela data começava a desmoronar a Rede Associada de Televisão, cujo prestígio e poder seriam ocupados, anos depois, exatamente pela Rede Globo de Televisão. Assis Chateaubriand perdia a sua primeira grande batalha. Que talvez fosse a última de sua vida (MORAIS, 1994, cap. 36, grifo do autor).

Mesmo com a quebra do contrato com a Time-Life, a TV Globo já havia adquirido tecnologia e capital suficientes para impor-se no cenário televisivo brasileiro, além do pioneirismo em criar departamentos de pesquisa, marketing e de formação.

Em 1967, o comando financeiro de Walter Clark contratou José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, para dirigir a programação e a produção. Ainda conforme o autor, naquela época, a grade de programação foi montada de acordo com os princípios de horizontalidade (reserva de horários para determinados programas durante a semana) e verticalidade (organização dos programas em diferentes horários diários).

Com toda sua tecnologia, a TV Globo continuou a investir em seus produtos. Conforme já mencionado anteriormente nesta monografia, o *Jornal Nacional*, da já então Rede Globo, teve sua estreia em 1º de setembro de 1969, com a apresentação de Hilton Gomes e Cid Moreira.

Foi o primeiro telejornal a ser transmitido em rede, o primeiro jornal no Brasil a transmitir uma guerra ao vivo (Guerra do Golfo - 1991) e também o primeiro a utilizar, em 1977, equipamentos portáteis para a geração de imagens ao vivo.

Com uma maior receita e prestígio, a Rede Globo passou, ainda no início dos anos 1970 a ser o carro-chefe das Organizações Globo. Ao longo da década de 1970, conforme Loeblein (2017), a Rede Globo foi a emissora que mais se empenhou na renovação de sua programação.

Sua proposta era investir numa programação direcionada à audiência popular (padrão classe média) que já tivesse condições de comprar aparelhos de televisão. "O número de aparelhos de TV existentes no Brasil em 1975, de acordo com a revista Mercado Global de dezembro daquele ano, era de 10,5 milhões, e 97% deles já faziam parte da área de cobertura da Rede Globo" (ARAÚJO, 2017, p. 43).

Como já mencionado nesta monografia, uma das principais características do período do regime militar (1964 - 1985) foi a censura. O Governo procurava controlar as atividades dos meios de comunicação, coibindo tudo que pudesse desestabilizar o seu poder.

Segundo Guareschi (2013) e Loeblein (2017), a Globo viveu um período de intimidade com o regime militar, consolidando um padrão de qualidade que melhor se adaptava às exigências do Estado, o que a ajudou a se fixar como líder de audiência, tendo condições de influenciar o público, já que sua programação atingia todo o território nacional.

Esse padrão de qualidade logo foi chamado de "Padrão Globo de Qualidade" pela própria emissora por meio de um slogan. Eugênio Bucci (2002) apud Motter e Munglioli (2008), diz que esse padrão continha a face ideológica de uma emissora totalmente submissa ao Governo militar, e só foi tornado possível pelo regime autoritário, porque dispunha de condições prévias.

Para Mattos (2005), três foram as razões para a Globo se firmar rapidamente: o acordo financeiro e operacional com o grupo Time-Life, a colaboração com o regime militar e o declínio das TVs Tupi e Excelsior.

Ainda conforme Eugênio Bucci (2002) apud Motter e Munglioli (2008, p. 160), o que definiu o Padrão Globo de Qualidade foi a necessidade imperativa de mostrar ao país qual era a "cara do Brasil". "(...) um Brasil de notícias governistas, de regionalismos de cartão-postal, de ufanismos futebolísticos e, por favor, sem negros

nas novelas, sem evangélicos no horário nobre, sem excluídos desdentados no auditório”.

Conforme o pensamento de Motter e Mungiolli (2008), na maioria das telenovelas e minisséries da Rede Globo, além de algumas experiências bem sucedidas em outras emissoras, as imagens do Brasil e do povo brasileiro ganharam destaque na abertura ou no tratamento estético e temático adotados ao longo dos anos. “A ‘cor local’ está presente em praticamente todas as suas produções por meio da inserção de cenas externas que primam pelos grandes planos que mostram as ‘belezas naturais’ ou a ‘grandeza das cidades’” (MOTTER; MUNGIOLI, 2008, p. 159, grifos do autor).

A televisão legitima-se em sua nacionalidade por meio do uso de um tom “patriótico sentimental”, assim definido pelas autoras, que se manifesta nas diversas formas de enunciação ao longo da programação diária da emissora e nas suas relações com a sociedade. Essas manifestações não estão apenas no conteúdo dos programas, mas também nas conhecidas vinhetas, como por exemplo, “*Brasil, a gente vê por aqui*”, da Rede Globo.

Conforme as autoras, a expressão “Padrão Globo de Qualidade” não corresponde apenas a um slogan, mas a uma reestruturação total da grade de programação, produção de programas e organização da empresa realizada pela emissora na década de 1970.

A Rede Globo equipou-se de tal maneira que suplantou todas as emissoras brasileiras, absorvendo rapidamente as inovações do mercado japonês (câmeras, celulóides de qualidade impecável etc.), acoplando-as ao sistema americano cinematográfico (locações especialmente fabricadas, escritores em tempo integral, contratos milionários, manutenção de uma imprensa especializada etc.). De fato, a imagem passada pela Rede Globo é de qualidade inequívoca, ela vai à cena munida de todas as armas (CAMPEDELLI, 1987, p. 38-39, grifos do autor)

Para Geoff Mulgan apud Machado (2000, p. 26), a qualidade no meio televisivo pode ser distribuída em pelo menos sete pontos:

I. Técnica: capacidade de bem utilizar os recursos expressivos da televisão, como fotografia, roteiro e interpretação;

II. Mercadológica: capacidade de detectar demandas da audiência (análise de recepção) ou da sociedade (análise de conjuntura) e transformá-las em produtos;

III. Estética: competência para explorar os recursos de linguagem numa direção inovadora;

IV. Pedagógica: capacidade de promoção de valores morais, aspectos pedagógicos e modelos construtivos de conduta;

V. Coletiva: capacidade de gerar mobilização, participação e comoção em torno de temas de interesse coletivo;

VI. Diversidade: valorização dos excluídos, das diferenças, individualidades e minorias;

VII. Multiplicidade: capacidade de oportunizar a diversidade de experiências;

Com condições de pesquisa, estudo e formação, a Rede Globo se tornou capaz de atender esses pontos a fim de qualificar sua programação e atender as necessidades e desejos dos telespectadores.

Conforme escreveu Bizinover apud Mattos (2010), em 1985, a revista *Status* publicou uma reportagem sobre os 20 anos da Rede Globo classificando-a como a quarta maior rede de televisão comercial do mundo, sendo superada apenas pelas norte-americanas BBS, ABC e NBC.

(...) primeira em volume de produção (80%), cobrindo 98% do território nacional (cinco estações e 51 afiliadas); 12 mil funcionários (1.500 vinculados à produção de 2h40min diárias de ficção; detendo 70% de audiência (82% no pique das oito) e quase a metade das verbas do nosso mercado publicitário, avaliado em US\$550 milhões, a Rede Globo chega às vésperas do seu 20º aniversário exportando programação para 128 países (BIZINOVER, 1985, apud MATTOS, 2010, p. 76-77, grifos do autor).

Os anos 1990 foram positivos para a mídia nacional. Jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão se modernizaram, tanto no aspecto tecnológico como editorial. Conforme Mattos (2005), o contexto econômico-financeiro positivo e a estabilidade cambial apontavam para novos investimentos, estimulando as empresas para a formação de conglomerados de mídia.

O padrão adotado pelas Organizações Globo, com investimentos em jornais, revistas, emissoras de rádio e de TV, TV por assinatura, além de empresas de Distribuição de Conteúdo e Serviços Financeiros, entre outros, era tomado como exemplo de sucesso.

Além da capacidade comercial e de produção de conteúdos, a Rede Globo também dispunha de grande capacidade de influência, uma vez que alcançava quase a totalidade do território nacional e liderava a audiência.

A televisão, como já foi abordado neste trabalho de monografia, é capaz de influenciar o público a respeito de ideias e posições políticas. Para Porto (2007), a televisão oferece referências que são incorporadas às narrativas que os cidadãos comuns constroem sobre o mundo, especialmente o mundo da política.

Por isso, os meios de comunicação, especialmente, e principalmente, a televisão, não são apenas condutores de informação, mas também contribuem para dar sentido e interpretar eventos e temas políticos.

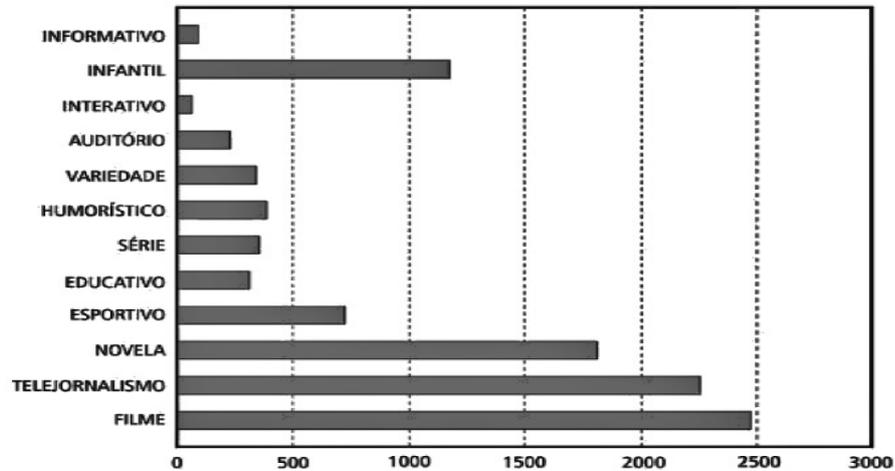
Mostaço, Orofino, Baumgärtel e Collaço (2009) afirmam que a atividade do público é importante para não totalizar essa capacidade manipulativa da mídia. Os autores utilizam como exemplo do potencial poder de manipulação da TV, a própria Rede Globo, recordando o período de campanha eleitoral de 1989, que confirmou a vitória de Fernando Collor de Mello como presidente do Brasil.

Naquele período, a Globo veiculou duas telenovelas: “*Que rei sou eu?*” e “*O salvador da pátria*”. A primeira contava a história de um jovem herói, corajoso e atlético, interpretado por Edson Cellulari, que tinha como missão libertar um reino afundado pela corrupção e atraso.

Já a segunda, narrava a história de um homem de classe popular, trabalhador rural, interpretado por Lima Duarte. Ao alcançar a vitória, leva o país à ruína. “O exemplo mostra que a Rede Globo realizava então uma articulação entre realidade política e produção ficcional diretamente endereçada à disputa eleitoral do momento, usando a telenovela como mais um espaço para declarar o seu posicionamento político” (MOSTAÇO; OROFINO; BAUMGÄRTEL; COLLAÇO, 2009, p. 234). Uma pesquisa realizada de 14 a 20 de outubro de 1996, segundo Souza (2015), apontou que a produção da Rede Globo, líder de audiência no Brasil, concentrava-se em dois gêneros: telejornalismo (22%) e telenovela (18%).

Segundo o autor, a Fundação Roberto Marinho, ligada às Organizações Globo, recebia investimentos públicos e privados para a produção e transmissão de programas educativos, e mesmo assim, dedicava ao gênero apenas 3% da programação. No total, a programação da Rede Globo dedicava 74% da programação à categoria entretenimento, 23% à categoria informação e 3% à categoria educação.

Figura 2: Gêneros na Rede Globo de televisão



Fonte: SOUZA, José Carlos Aronchi de. Gêneros e formatos na televisão brasileira. São Paulo: Summus Editorial, 2015. (cap. IV)

Ao observar a grade de programação da Rede Globo, conforme Balogh (2002, p. 159), é possível perceber o valor dado à teledramaturgia. O sucesso do gênero é tanto que “a emissora criou uma grade de programação rígida com ênfase absoluta na ficção”.

O gênero teledramatúrgico, como já apresentado nesta monografia, envolve o telespectador e atua como modelo interpretativo de um mundo construído à semelhança da realidade. As situações do cotidiano, transformadas em cenas e roteiros televisivos, criam uma identidade entre a trama e o telespectador, aproximando o público da emissora.

Essa afirmação pode ser percebida a partir da quantidade de novelas, ou programas do gênero, exibidos pela Globo até a atualidade: novela das 16h (reapresentação de novelas que já foram ao ar no quadro “*Vale a Pena Ver de Novo*”), novela juvenil das 17h (“*Malhação*”), novela das 18h, novela das 19h, novela das 21h, minisséries por volta das 23h (nas épocas em que a rede as exhibe, pois não é uma programação fixa), seriados semanais, etc.

Outro fator determinante que fez da Globo a organização mais importante não só para a telenovelas, mas também para o audiovisual brasileiro como um todo, foi a construção do Projac, ou Projeto Jacarepaguá como é conhecida a Central Globo de Produção, que foi inaugurado em 1995. Este é o maior núcleo televisivo da América Latina, ocupa uma área total de 1,6 milhões de m² e é o grande responsável pela produção de parte do audiovisual produzido no país (FERREIRA; SANTANA, 2013, p. 223).

Ainda segundo os autores, em 2011, a Globo alcançava 99,50% dos telespectadores que possuíam aparelho de televisão no Brasil. A emissora distribuía seus programas para mais de 130 países e possuía assinantes de mais de 115 países em seu canal internacional.

Além disso, cerca de 90% da sua programação era produzida de forma autônoma, gerando emprego para artistas, autores, jornalistas, produtores e técnicos, que produziam cerca de 2.500 horas anuais de novelas e programas correlatos, atingindo um recorde mundial da teledramaturgia. Para os autores, a Rede Globo é considerada o veículo de comunicação mais poderoso do Brasil e uma das maiores redes de televisão do mundo.

Quando os brasileiros ligam os aparelhos de televisão durante o horário nobre para saber quais são as últimas notícias ou simplesmente para relaxar, a grande maioria deles assiste a Rede Globo. A programação da emissora neste horário é dominada por dois gêneros, telenovela e telejornal (PORTO, 2007, p. 11).

O sucesso da Rede Globo foi importante não apenas para consolidar a emissora, mas também para a evolução de todo o meio televisivo. “Muitos anos foram necessários para que um esquema empresarial como o da TV Globo fosse implantado, facilitando o desenvolvimento da indústria televisiva como hoje a conhecemos” (MATTOS, 2010, p. 92).

Segundo Borelli e Priolli (2000), o hábito de milhões de brasileiros, de ligar a TV e assistir às telenovelas e telejornais da Globo pode vir a mudar com as próximas gerações. Afinal, as gerações nunca repetem exatamente as experiências das que as antecederam, justamente porque evoluem em outro momento histórico. Por isso, parece possível afirmar que a Globo pode ainda melhorar seus índices de audiência, porém, sem retomar a situação de quase-monopólio vivida no passado.

Com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e a convergência midiática, o público, antes mais definido (leitor, ouvinte, telespectador), migrou para um espaço onde todas essas experiências de recepção podem ser mescladas: a internet.

Os programas televisivos passaram a disponibilizar o conteúdo exibido em plataformas na internet, possibilitando que o público o acesse no momento em que

quiser. Além disso, é possível compartilhar os conteúdos em outras plataformas, como redes sociais⁹, por exemplo.

Com o telejornalismo, esse processo não foi diferente. O jornalismo continua servindo ao público, porém, agora, pode utilizar os avanços tecnológicos para desenvolver formatos mais atraentes e interativos.

⁹ Com a chegada da internet surgiram as redes sociais, nas quais as pessoas podem comunicar-se, informar-se e divertir-se virtualmente. As redes, dentro do ambiente organizacional, funcionam como espaços de compartilhamento de informações, que podem ser tanto presenciais quanto virtuais, onde as pessoas com os mesmos objetivos trocam experiências, criando bases e gerando informações relevantes para o setor em que atuam (TOMAÉL, ALCARÁ in CHIARA, 2005).

4 PERFORMANCE

*“Para mim, a performance é uma disciplina espiritual.
Você pode chegar tão alto quanto puder, ou não...”
(MONK apud COHEN, 2007)*

Desempenhar ou fazer algo ocupa função primordial na vida humana, individual e coletiva. No cotidiano, as pessoas fazem diversas coisas, desempenham papéis sociais (são filhos, pais, cônjuges, irmãos, etc.) e se dedicam a diversas atividades e profissões na sociedade (empreendedor, ator, padeiro, atleta, repórter, engenheiro, professor, etc.), formando uma múltipla rede de interações. O que há em comum em tudo isso é a *performance*.

No âmbito profissional, pode-se dizer que o repórter de televisão e o ator possuem diversas semelhanças em relação às formas de representação. Lembrando Stanislavski (2007), que defende a importância de se abordar uma história (ou fato) de diferentes modos para conhecê-la, pode-se dizer que o mesmo ocorre no processo de apuração de uma reportagem, por exemplo.

O questionamento, a investigação, a análise, a interpretação e a narrativa são “exercícios” aplicados em ambas as áreas, como já mencionado anteriormente nesta monografia. Apesar de funções distintas, o telejornalismo e o teatro se relacionam porque em ambos existe a atuação, mesmo que para funções diferentes. Se no teatro a atuação cabe ao ator, no jornalismo televisivo cabe ao repórter, que vai se comunicar com o público por meio da *performance*, assunto deste capítulo.

4.1 O CORPO SE COMUNICA

*“O corpo é, apesar de tudo, ainda o lugar e o
motor da experiência.”
(LEAL, 2016)*

Segundo o pensamento de Debord (2002), a vida é um espetáculo, e através do corpo surge a *performance*. O que fazemos com o corpo, a forma como lidamos

com a *performance* corporal transmite uma comunicação não-verbal essencial à nossa percepção e relação com os outros.

O corpo tem papel fundamental na *performance*, pois é o seu suporte de comunicação primordial. De acordo com Albuquerque (2012), por meio da *performance*, existe a tradução de uma mensagem visível ao espectador, ou seja, a *performance* é uma linguagem, um conjunto de sinais ou signos (sons, palavras, linhas, cores, gestos, movimentos) organizados de um modo único.

4.2 PERFORMATIVIDADE: O MUNDO COMO PERFORMANCE

*“A performance é uma pintura sem tela,
uma escultura sem matéria,
um livro sem escrita,
um teatro sem enredo...
ou a união de tudo isso...”
(LEIRNER apud COHEN, 2007)*

Não existe um limite histórico ou fixável para distinguir o que é ou não é *performance*. É nisso em que acreditam Mostaço, Orofino, Baumgärtel e Collaço (2009). Já para Cohen (2007, p. 40-41, grifo do autor), “pode-se conjugar o nascimento da *performance* ao próprio ato do homem se fazer representar”.

Para Schechner (2003), as pessoas têm vivido, no século XXI, como nunca antes, através da *performance*. No Brasil, existem, conforme Bião (2011), ao menos, três sentidos principais para a palavra *performance*.

O de um gênero de arte do espetáculo, frequentemente associado às artes visuais e às artes cênicas, inclusive multimídias (Cohen, 2006, p. 240-243); o de desempenho pessoal de qualquer tipo (de boa ou má qualidade); e o de objeto de pesquisa acadêmica inspirada pelas proposições de Schechner de Estudos da Performance (1977; 2002) e de Turner de Antropologia da Experiência e da Performance (1986) (BIÃO, 2011, p. 350, grifos do autor).

Segundo Schechner (2003), e também conforme os autores Mostaço, Orofino, Baumgärtel e Collaço (2009), a essência da *performance* está ligada à combinação entre relações e ações. É um ato onde *performar* é o resultado de: ser; fazer,

mostrar-se fazendo; explicar ações demonstradas. Envolve ações e atividades humanas incontáveis, com os mais diversos propósitos e voltadas para as mais diversas direções.

Ser, se trata da existência em si mesma, comportar-se. Fazer, se trata da atividade de tudo que existe. Mostrar-se fazendo, se trata de *performar*, ou seja, apontar, sublinhar e demonstrar a ação; está ligado à natureza do comportamento humano, mostrar o que se faz, exhibir-se. Explicar ações demonstradas (a exposição do fazer) é o trabalho dos Estudos da *Performance*, ou Estudos Performáticos - abordados logo adiante, neste capítulo.

De acordo com o pensamento de Bião (2011) e de Sibilia (2015), dizer que alguém fez uma boa *performance* no contexto dos negócios, do esporte, do sexo e até mesmo na espetacularização da vida cotidiana (pode-se pensar no jornalismo como tal, representando os acontecimentos da vida em sociedade), é afirmar que o indivíduo teve uma boa atuação, um alto padrão de desempenho, que foi bem sucedido.

No contexto da arte, o *performer* é aquele que atua, seja num show, espetáculo ou outras situações cênicas, pode-se conjugar música, teatro, poesia, dança, artes visuais e auditivas e experimentações com tecnologias digitais, como o vídeo e a fotografia. No contexto da vida cotidiana, "*performar* é ser exibido ao extremo, sublinhando uma ação para aqueles que a assistem" (SCHECHNER, 2003, p. 25, grifo do autor).

Mesmo que a arte seja um campo de estudos privilegiado pela *performance*, ela não está apenas em obras artísticas ou rituais, mas também em ações cotidianas comuns, ocupações esportivas e recreativas, situações de trabalho, contextos tecnológicos, rituais sacros e profanos, jogos, etc. Se as situações de trabalho também pertencem ao conceito de *performance*, então pode-se pensar que o exercício profissional do repórter, sua atuação, sua função, sua ação, também constituem *performance*.

Segundo Cohen (2007), a *performance* é considerada uma forma de teatro por ser uma expressão cênica, que se movimenta e não é estática - como uma escultura, por exemplo -, porém, por mais "plástico" ou não intencional que seja o modo como ela é constituída, sempre estará apresentando algo, para um determinado público, com algum sentido. O autor acredita na *performance* não

apenas como uma expressão cênica, mas também como uma linguagem de experimentação.

Domingos (2013, p. 3) descreve o *performer* e a *performance*, em seu artigo “O Performer É um Imigrante?”, de uma forma que pode-se julgar poética, literária, carregada de sentimento. “O performer é sempre um estrangeiro. Nunca está em terra firme. Amante do perigo, do instante, do estranho, do agora. (...) E o que é um performer senão um sujeito perdido entre lugares, abrigos conceituais e experimentações práticas? (...) Meu corpo renasce na experiência da performance. (...) Não acredito em sucesso ou fracasso de um trabalho performático. Acredito em necessidade de aventura, de se sentir vivo e pulsante. Movente.”

Albuquerque (2012) e Vanhaesebrouck (2013) concordam que a *performance* é um processo de comunicação e é realizada sempre para alguém, com a intenção de comunicar uma dada expressão, podendo ser compreendida como uma linguagem ampliada.

Comunicar significa, etimologicamente, “pôr em comum”, portanto, a comunicação exige o partilhar com o outro, por isso, a *performance* não pode ter uma existência independente do público, ela precisa dele.

Sibilia (2015) acredita que, seguindo a configuração de um novo modo de vida, como registrou Guy Debord (a sociedade do espetáculo), não basta *performar*, é preciso exibir, mostrar ao público, pois o esforço performático tem como alvo o olhar alheio; sua meta consiste em conquistar a atenção daqueles que observam; logo, somente se *performa* para o olhar dos outros.

O *performer* é um personagem, ele sempre tem testemunhas, alguém precisa observá-lo, pois a sua existência está condicionada pelo olhar dos outros. Portanto, o personagem é quem *performa*, e a *performance* existe apenas ao estar sendo observada.

Para Albuquerque (2014), enquanto houver uma mensagem para transmitir, a *performance* fará sentido, à semelhança de qualquer diálogo cultural, social, político e artístico que envolva dois ou mais seres humanos.

Mendonça (2016) acredita que a *performance* evidencia a obra, ou o movimento, ou o objeto, em detrimento do sujeito que manipula, ou seja, ela valoriza “o que” está sendo apresentado, mais do que “quem” está apresentando.

Schechner apud Mendonça in Pereira, Isaacsson e Torres (2012, p. 259) afirma que “performances são feitas de pedaços de comportamento restaurado, mas

cada performance é diferente das demais”. Phelan (1993) apud Vanhaesebrouck (2013) diz que a *performance* acontece ao longo de um tempo que não se repetirá, mesmo que haja nova *performance*, será sempre diferente, portanto, única, permanecendo a sua existência na memória do espectador.

Segundo o pensamento de Mostaço, Orofino, Baumgärtel e Collaço (2009), se a ação é a base da *performance*, então os Estudos da *Performance* ou Estudos Performativos, campo dos pesquisadores e dos críticos para refletir sobre a performatividade (o mundo como *performance*), consistem em estudar as ações, explorando o comportamento humano, a prática artística, o trabalho de estudo de campo e o engajamento social.

Os autores afirmam que o conceito de performatividade foi introduzido em 1955 pelo filósofo John Langshaw Austin, ao lançar um conjunto de palestras para descrever a natureza da língua (ou linguagem) quando efetiva ou registra atos.

Noção moderna, embora derivada de um antigo verbo inglês¹, passou a maior parte do tempo despercebida enquanto tal, provavelmente em função da quase naturalidade que infunde: “fazer” ou “desempenhar” são hábitos tão entranhados no dia a dia que dificilmente nos damos conta de como os realizamos, a partir de que perspectiva e seguindo que modelos.

¹ Segundo o dicionário Houaiss, o substantivo formou-se a partir do verbo inglês *performance*, registrado pela primeira vez em 1531, de *to perform* “alcançar”, “executar” e, este, do francês antigo *parfourmer* “cumprir, acabar, concluir”, de *former* “formar, dar forma a, criar”, do latim *formāre* “formar, dar forma” (MOSTAÇO; OROFINO; BAUMGÄRTEL; COLLAÇO, 2009, p. 15-16, grifos do autor).

De acordo com o pensamento de Setenta (2008), o conceito de performatividade refere-se a um modo de estar no mundo, podendo ser aplicado às relações pessoais, sociais, políticas, culturais e artísticas.

A performatividade se caracteriza por movimentos inquietos, questionadores - aqueles que não se satisfazem com respostas já dadas e trabalham para perturbar o domínio do “o quê”, “para que/quem”, “porque” em favor de um ‘como’ que precisa ser sempre construído (SETENTA, 2008, p. 83, grifos da autora).

Mostaço, Orofino, Baumgärtel e Collaço (2009) dizem que Austin investigou o surgimento da pragmática (protocolo), destacando o que existe de performatividade implícita aos atos da fala quando a linguagem é empregada como ação ou para indicar atos perpetrados (rituais, casamentos, juramentos, etc.).

Conforme os autores, as reflexões sobre *performance* estão numa perspectiva que afirma que a realidade é percebida através de interpretações que devem ser contextualizadas e atender diversos pontos de vista simultaneamente, e que a sua significação depende do conceito onde estão inseridas.

Por meio desse entendimento sobre a *performance* é possível dizer que essas características são semelhantes, senão iguais, às indispensáveis para o bom desempenho do trabalho do repórter, ou então do próprio jornalismo, que precisa ser contextualizado, atender a diferentes modos de observar os fatos ou posicionamentos, e considerar sempre a realidade onde os fatos se encontram.

De acordo com o pensamento de Mostaço, Orofino, Baumgärtel e Collaço (2009), ao longo do tempo, novos gêneros e percepções foram somados e outros dispensados. No entanto, a noção básica é de que qualquer ação estruturada, apresentada, marcada ou exposta é considerada *performance*, podendo pertencer a mais de uma categoria ao mesmo tempo.

Um jogador de futebol americano, por exemplo, correndo com a bola e apontando um dedo para cima depois de um tento convertido está performando uma dança e executando um ritual como parte de seu desempenho profissional enquanto astro popular (SCHECHNER, apud MOSTAÇO; OROFINO; BAUMGÄRTEL; COLLAÇO, 2009, p. 26).

Para os autores, outro aspecto da *performance* é a recepção (leitura e audição). Os diferentes modos em que a palavra escrita ou a audição da literatura oral são praticadas influenciam as relações criadas com o texto, estimulando percepções e sentimentos distintos diante do poético.

De acordo com o pensamento de Mostaço, Orofino, Baumgärtel e Collaço (2009, p. 39), a teatralidade da *performance* não está naquilo que o espectador enxerga, mas no seu olhar, pois "(...) ela é um produto mental propiciado pelas percepções e, para emergir, não depende de um palco, atores ou cenografia, mas tão somente de uma operação de linguagem intermediando um sujeito e um objeto. Por isso, a teatralidade e a performatividade seriam "filhas" do mesmo estímulo fenomenológico que fundamenta a mais simples experiência de um sujeito: olhar.

4.3 PERSONAGEM E EXPERIMENTAÇÃO

*“Na performance existe uma ambigüidade
entre a figura do artista performer
e de uma personagem que ele represente.”
(COHEN, 2007)*

Para Brait (1999), os personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção, não existindo fora das palavras ou no espaço dos seres humanos. Pertencem ao universo da linguagem, das maneiras que o homem inventou para representar, simular e criar a realidade.

Pallottini (1989, p. 11) diz que o personagem “é um determinante da ação, que é, portanto, um resultado de sua existência e da forma como ela se apresenta”. Ele vai sendo “montado” conforme o texto da peça teatral, que pode ter informações de toda a espécie, indicações de elementos, sentimentos, etc., mostrando como seguem os acontecimentos daquela representação.

Do mesmo modo, no meio jornalístico, o repórter vai “montando” a sua *performance* conforme o texto de sua matéria (aqui entendido como texto audiovisual), que pode ter informações de toda a espécie, emoções, declarações oficiais, estatísticas, etc., permitindo explorar formas de interpretação que melhor transmitam a mensagem pretendida.

Conforme Stanislavski (2012, p. 169, grifos do autor), tudo que acontece no palco deve ser convincente para o ator, para os seus associados e para os espectadores. “Deve inspirar a *crença* de que na vida real seriam possíveis emoções análogas às que estão sendo experimentadas pelo ator na cena. Cada momento deve estar saturado de crença na veracidade da emoção sentida e na ação executada pelo ator”.

O autor, na criação de um personagem, desenha um esquema de ser humano; preenche-o com as características que lhe são necessárias, dá-lhe as cores que o ajudarão a *existir*, a ter foros de verdade. Uma verdade, é claro, ficcional. Não se trata de ter um personagem que seja a cópia real de uma pessoa qualquer, viva, existente, conhecida do autor. Mas de criar um ser de ficção, que reúna em si condições de existência; que tenha coerência, lógica interna, veracidade. Um ser que *poderia ter sido*, não necessariamente um *ser que é* (PALLOTTINI, 1989, p. 12, grifos da autora).

Na representação da realidade, por meio de uma reportagem de televisão, por exemplo, todos os elementos visíveis e perceptíveis também devem ser convincentes. Quando se pretende informar um fato - uma verdade -, e para isso se utiliza a representação por meio da imagem, do processo de edição do material e da *performance* do repórter, é preciso que tudo seja o mais aproximado possível daquela determinada realidade que se quer retratar.

Segundo o que acredita Barba (1994), as experiências vividas, questionamentos, pensamentos e percepções pessoais ajudam a dar vida e justificar a partitura do ator (processo e técnicas de criação do personagem).

Cada um de nós possui suas próprias convicções, sua própria visão de mundo, seus próprios ideais e sua própria atitude ética perante a vida. Esses credos profundamente enraizados e, com frequência, inconscientes, constituem parte da individualidade do homem e de seu grande anseio de livre expressão; (...) um artista que se esforça por expressar suas convicções mais íntimas trata de aperfeiçoar seus próprios instrumentos de expressão, sua forma particular de arte (CHEKHOV, 1996, p. 41).

Ainda conforme Chekhov (1996, p. 64, grifos do autor), no processo de criação de um personagem, o ator deve imaginar-se nas diferentes atmosferas indicadas pela peça, e deve atuar sob a influência delas. “Uma *performance* desprovida de suas atmosferas gera a impressão de um *mecanismo*”.

Os atores que possuem amor e compreensão pela atmosfera de uma *performance*, sabem do vínculo que ela cria entre eles e o espectador. Essa atmosfera é o conjunto da atuação, que envolve ator, diretor, autor, cenógrafo, músicos, etc. Envolvido por ela, o espectador “atua” junto com o ator, reagindo com confiança e aprofundando a sua percepção.

Para Pavis (2008), o espectador também “vive” as situações interpretadas pela *performance* do ator na representação de determinado papel. Existe uma relação entre o ator e o espectador, que torna possível a este último, compreender e captar o espetáculo (cena, peça, reportagem, etc.).

Igualmente ocorre na reportagem de televisão. Por esse motivo, o investimento no conjunto da representação (imagens, sons, coerência, clima) é capaz de fazer o espectador/telespectador penetrar nos aspectos da cena/reportagem, despertando os seus sentimentos e compreendendo o conteúdo. O processo de percepção se torna mais significativo.

Chekhov (1996) diz que uma cena/reportagem sem atmosfera, em comparação com outra envolvida por ela, desperta reações muito diferentes no espectador/telespectador. O espaço (a atmosfera) em volta dos sujeitos desperta sempre novos sentimentos e impulsos criativos, incitando-os a atuar em harmonia. “Um ator não pode dar a seu público novas revelações se apenas se mostrar invariavelmente ele mesmo no palco” (CHEKHOV, 1996, p. 99).

Ao se limitar meramente a declamar as falas fornecidas pelo autor, executar as marcações ordenadas pelo diretor, não buscando nenhuma oportunidade de aplicar a sua criatividade, o ator acaba fazendo de sua profissão uma atividade emprestada, e de si mesmo um escravo da criação de outros.

Pensando nisso, pode-se dizer que o mesmo acontece com o profissional de televisão. Se o repórter limitar a sua capacidade criativa à simples narração de um texto, sem variação de entonação, sem emoção, sem explorar possibilidades de realizar, por exemplo, uma passagem¹⁰ atrativa, um enquadramento de imagem diferente, ele também estará reduzindo a sua *performance* à mediocridade.

Spolin (2015) diz que é na capacidade individual para “experenciar” que a potencialidade de uma personalidade pode aparecer. Para o ator, experenciar é penetrar no ambiente, se envolver nele, seja de forma física, intelectual ou intuitiva.

(...) o grande ator deve estar repleto de sentimento e deve sobretudo sentir a coisa que está registrando. Deve sentir uma determinada emoção não uma ou duas vezes apenas, enquanto estuda o papel, mas em maior ou menor grau todas as vezes que o representar, quer se trate da primeira ou da milésima vez (...) (STANISLAVSKI, 2012, p. 42).

A partir dessa perspectiva, pode-se pensar que no campo telejornalístico, o mesmo ocorre com o repórter. É preciso que ele saiba o que está transmitindo, tenha a sensibilidade de conhecer a realidade que vai representar e organize as informações de acordo com a verdade (conforme conceitos já vistos anteriormente nesta monografia), não importando quantas vezes já tenha feito esse processo.

Conforme o pensamento de Pavis (2008), as emoções dos atores, no teatro, não precisam ser reais ou vividas, mas devem estar, antes de tudo, de conformidade as convenções de representação dos sentimentos, visíveis e legíveis.

¹⁰ Gravação feita pelo repórter no local do acontecimento (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2003, p. 94).

A expressão emocional do ser humano, que reúne os traços comportamentais pelos quais se revela a emoção (sorrisos, choros, mímicas, atitudes, posturas), encontra no teatro uma série de emoções padronizadas e codificadas, as quais figuram comportamentos identificáveis que, por sua vez, geram situações psicológicas e dramáticas que formam a estrutura da representação (PAVIS, 2008, p. 50).

Seguindo essa percepção sobre as emoções na *performance*, pode-se dizer que na TV, o repórter (e/ou o apresentador) também precisa estar “emocionalmente conveniente” aos diferentes tipos de informações que vai transmitir. Por exemplo, se o conteúdo de uma reportagem falar sobre o aumento do índice de mortes no trânsito é inaceitável que o repórter apresente os dados sorrindo porque, naturalmente, não se trata de um assunto “feliz”.

Não apenas aquilo que o repórter fala é importante e provoca reações no telespectador, mas também o que ele demonstra. Por isso, uma expressão emocional contrária à naturalidade emocional da informação transmitida causa uma interferência negativa.

Podemos disfarçar um sentimento com as palavras, mas não conseguimos fazê-lo com outros elementos da fala. As informações da emoção podem ser percebidas em variações muito sutis das características de fala, na frequência da voz, na velocidade ou na inflexão, a melodia da voz (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2003, p. 62).

Segundo Kyrillos, Cotes e Feijó (2003), alguns estudiosos estimam que cerca de 70% da expressividade de um comunicador recaem sobre o não-verbal. Pallottini (2005) diz que a informação é tanto aquilo que se diz quanto o que não se diz, mas que aparece sob outro formato, podendo ser um gesto, expressão facial ou entonação.

No meio audiovisual, a comunicação não-verbal envolve também a expressividade do corpo, gestos, postura, aparência física. “Esses recursos não-verbais da comunicação não se limitam àqueles diretamente relacionados à voz e à fala” (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2003, p. 67).

Um exemplo sobre a interferência da aparência física na comunicação pode ser imaginado da seguinte maneira: uma repórter entra ao vivo com informações sobre o velório de uma personalidade pública que morreu tragicamente. Obviamente, o momento é de tristeza e consternação. Porém, a repórter usa uma roupa colorida, estampada com flores, um visual chamativo e

“aparentemente/supostamente” alegre. Logo, a roupa transmite uma mensagem diferente da pretendida. Existe uma interferência negativa na comunicação. Isso ocorre porque tudo na tela da TV está comunicando algo.

Para Féral in Pereira, Isaacsson e Torres (2012), na percepção do espaço pelos sentidos, a visão é fundamental, pois veicula mais informações que os outros sentidos, tornando a informação visual ainda mais importante.

Para a autora, o canal de comunicação passa pelo olho do espectador. Porém, o espaço visual não é apenas um espaço para a visão, mas também para o sentir, uma vez que o olhar pode permitir ao espectador experimentar sensações e emoções e modificar suas percepções e perspectivas conforme o que lhe é apresentado.

Pode-se dizer que o mesmo ocorre na reportagem de televisão, já que várias imagens, falas, entrevistados, *performances* do repórter e outros elementos são continuamente apresentados até a sua conclusão. Tanto aspectos negativos podem ser percebidos a partir de “como” o repórter transmite uma informação, quanto aspectos positivos podem ser explorados no mesmo campo, que, inclusive, permite ao repórter um investimento criativo.

Para Chekhov (1996 p. 42, grifos do autor), o texto é a base firme sobre a qual o ator (aqui pode-se pensar no repórter de televisão) pode e deve desenvolver a sua criatividade e suas improvisações. “*Como* ele declama suas falas e *como* cumpre as instruções são as portas abertas para um vasto campo de improvisação. Os ‘como’ de suas falas e instruções são os *caminhos* através dos quais ele pode expressar-se livremente”.

Burnier (2009, p. 56, grifos do autor) exemplifica essa condição lembrando os dadaístas¹¹ - do movimento Dadá¹² - que souberam explorar os aspectos da ação vocal (o “texto da voz”) em seus poemas fonéticos. “Além de o *que* dizer, eles

¹¹ Conforme Silva (2005), o dadaísmo (1916 a 1922) foi um movimento artístico denominado "Dadá" que defendia a desordem das formas de arte institucionalizadas. Segundo Argan (1992), o movimento surgiu em Zurique, na Suíça, em 1916, quando alguns artistas e escritores fundaram o Cabaret Voltaire, círculo literário e artístico decidido a ironizar e desmistificar todos os valores constituídos da cultura passada, presente e futura.

¹² O nome Dada também é casual, escolhido ao abrir-se um dicionário ao acaso. As manifestações do grupo dadaísta são deliberadamente desordenadas, desconcertantes, escandalosas; a práxis é semelhante à do futurismo e das vanguardas em geral, mas, no caso do dadaísmo, trata-se de uma vanguarda negativa, por não pretender instaurar uma nova relação e sim, por demonstrar a impossibilidade de qualquer relação entre arte e sociedade (ARGAN, 1992, p. 355).

exploravam o *como* dizer, criando uma poesia em que o texto desse **como** [grifo meu] era mais relevante do que o das próprias palavras”.

Segundo Chekhov (1996), existem inúmeros momentos entre as falas em que o ator pode criar transições, ampliar seu desempenho e *performance*, explorando o seu “engenho artístico”. Na reportagem especial de televisão, por exemplo, onde o repórter comumente aparece em mais momentos do que apenas em uma passagem, pode-se pensar que ele tem várias oportunidades de explorar a sua *performance*, informando e despertando diferentes sensações nos telespectadores a partir do que faz, fala e apresenta.

Para Kyrillos, Cotes e Feijó (2003, p. 19), “a voz é nossa forma mais primitiva de comunicação, caracteriza-nos como seres humanos e nos identifica como pessoas”. Para Stein in Pereira, Isaacsson e Torres (2012), a voz falada, atualmente, perdeu certa importância no meio social e isso está relacionado à desvalorização da memória por meio do avanço da tecnologia.

A memória humana antes registrada e veiculada pela voz foi sendo substituída por “armazenadores” artificiais. Dos couros e pergaminhos passando pelo papel até chegar às mídias eletrônicas e às películas. A sociedade contemporânea dispõe hoje de novos meios e recursos para armazenar e mesmo acessar eventos do passado (STEIN in PEREIRA, ISAACSSON e TORRES, 2012, p. 226, grifo do autor).

Para o autor, o que pode recuperar o valor da voz/oralidade é a *performance* aliada a ela (voz), pois assim, tira a voz da posição de uma simples narração. Ele também reforça o poder das palavras, que, sempre que enunciadas, precisam ser acompanhadas de responsabilidade e respeito. “A palavra, mesmo com seu desgaste diário, com seu uso irrestrito, continua sendo um evento distintivo, um evento de mudança para a vida das pessoas” (STEIN in PEREIRA, ISAACSSON e TORRES, 2012, p. 233).

Uma voz equilibrada e clara, harmônica com o repórter, além de manter a atenção do telespectador, também contribui na compreensão da mensagem.

Repórteres e apresentadores sabem que seu maior desafio, na TV, é conseguir estabelecer uma comunicação efetiva, na qual a mensagem seja recebida com credibilidade. A receita para enfrentar esse desafio combina bom texto, voz agradável, articulação clara e gestos e expressões corporais ilustrativos e harmoniosos (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2003, p. 45).

Por outro lado, não articular bem os sons, falar muito rápido, usar uma voz não harmônica (muito fina, muito grave, com pigarros) pode causar interferências na transmissão da mensagem, os conhecidos ruídos de comunicação, e o telespectador pode vir a prestar mais atenção nessas características do que no próprio conteúdo.

Conforme Chekhov (1996), o ritmo da *performance* não deve ser uniforme, pois se for, causará no espectador um efeito desagradável: o desinteresse involuntário. Por isso, o ator (pode-se pensar no repórter de televisão) precisa quebrar a monotonia de sua *performance*, mudando seu ritmo de tempos em tempos, causando “pequenos, mas agradáveis, choques” no espectador, reanimando-o a continuar prestando atenção no conteúdo.

Como já mencionado anteriormente nesta monografia, a representação da vida, das *performances* ou da realidade pode ser percebida nos meios de comunicação, especialmente na televisão. A mídia desempenha um papel fundamental na estruturação das relações sociais. Diferentes meios de comunicação mediatizam a vida social pelas vias da representação e/ou da *performance*.

Se a vida cotidiana, de acordo com uma teoria social dos atos de fala e dos papéis sociais, implica compreender a ação como comunicação, e esta materializada em performances, então a presença da mídia implica uma reencenação, reapresentação. Ou seja, uma reiteração do ato performativo agora mediatizado. (...) a mídia é mais do que mero veículo de representação do real (MOSTAÇO; OROFINO; BAUMGÄRTEL; COLLAÇO, 2009, p. 226-227).

Para os autores, a relação entre mídia e performatividade refere-se à própria história social dos meios de comunicação e o surgimento da televisão constitui a representação da vida social por meio de imagens.

Conforme Albuquerque (2012), o corpo performativo mediatizado, por meio da televisão, por exemplo, causa uma percepção diferente no telespectador do que a *performance* observada ao vivo, fora da tela, porque o material técnico é organizado e conduz o olhar do telespectador.

Para Mostaço, Orofino, Baumgärtel e Collaço (2009), os programas televisivos imitam a própria vida. Eles são alimentados com reportagens que, mesmo baseadas em imagens autênticas e fatos reais, são representações e passam por um tratamento antes de serem veiculadas.

Para Sibilia (2015), nas *performances* contemporâneas, convida-se a “vida real” para participar e interagir, principalmente nas telas.

Então, se viver se assemelha a atuar ou encenar, se “ser alguém” equivale a interpretar um personagem, e se a vida tende a se parecer cada vez mais com uma narrativa midiática, isso ocorre porque costumamos sublinhar nossos gestos e ações para aqueles que assistem (...) como se estivéssemos o tempo todo, fazendo performances (SIBILIA, 2015, p. 355-356, grifos do autor).

Para a autora, com a relevância dos meios de comunicação, especialmente os audiovisuais, como a televisão, o “modo de ser” e a personalidade estão sempre expostos ao olhar alheio. O desempenho visível e a imagem pessoal de cada indivíduo se tornaram valores essenciais, propiciando o desenvolvimento de habilidades de autopromoção, especialmente por meio da *performance*, aproveitando o potencial alcance das mídias para a promoção pessoal e profissional.

Por isso, essa condição da “performatividade” por meio da tela da TV passa a ser também um lugar de busca pela capacidade e poder de influência, como por exemplo, o interesse de personagens públicos e/ou políticos em transmitir uma imagem pessoal de qualidade para conquistar seus fãs e/ou eleitores.

Os repórteres e apresentadores de telejornais passaram por transformações, tanto nos papéis, quanto em relação às posturas e *performances*. Conforme Kyrillos, Cotes e Feijó (2003), no início da televisão quase não havia movimentos e a formalidade no telejornalismo era maior. Com o passar do tempo, o avanço tecnológico e a evolução da própria televisão, enquadramentos de vídeo e interpretações de conteúdos se tornaram mais expressivos.

Conforme Fachine (2008), isso possibilitou que hoje possam apresentar um estilo mais descontraído, com maior liberdade para exibir expressões, comentar sobre situações particulares do seu cotidiano, fazer algumas brincadeiras com a equipe ou com os próprios telespectadores.

A informalidade ganhou espaço e “os apresentadores e repórteres passaram a ser mais próximos do telespectador” (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2003, p. 70). Fachine (2008) afirma que por meio desses comportamentos, cria-se uma proximidade com o telespectador, que vai perceber no repórter e/ou no apresentador figuras mais familiares, das quais ele conhece até mesmo alguns aspectos da vida, experiências ou opiniões.

Kyrillos, Cotes e Feijó (2003) afirmam que o corpo fala e, no telejornalismo, isso não é diferente. O gesto, a forma de se expressar, a voz, o movimento do corpo (cabeça, mãos, tronco, caminhar, etc), a expressão facial, tudo isso potencializa a expressividade do repórter.

A televisão dita padrões e revela formas de comportamento corporal, por isso o repórter que aparece no vídeo deve ter consciência da expressividade envolvida em sua atuação e também da sua influência sobre os telespectadores.

Antes mesmo de o repórter falar, a imagem dele já foi transmitida e essa é a “mensagem silenciosa”, emitida pelos movimentos do corpo, como gestos e expressões faciais que chega, por vezes, antes, aos telespectadores. “A expressividade de um bom apresentador ou repórter deve inspirar, acima de tudo, credibilidade, unindo recursos verbais (palavras) e não-verbais (voz, fala e corpo)” (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2003, p. 69, grifos dos autores).

O repórter que tem consciência da participação da postura no processo de comunicação é capaz de elevar a expressividade da sua *performance*. Boas emissões são o resultado de diversos aspectos importantes que compõem a comunicação. Voz, fala e corpo devem atuar em plena harmonia para que a informação seja transmitida da melhor maneira possível.

Para os autores, os olhos, sobrancelhas, lábios e todos os músculos da face transmitem mensagens que podem ser facilmente compreendidas pelo telespectador. “A expressão facial é considerada a principal fonte de informações não-verbais, pois apresenta um grande potencial comunicativo, revelando estados emocionais” (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2003, p. 82).

Contudo, no telejornalismo, a fala não é espontânea. Mesmo que o repórter se comunique naturalmente, seu padrão de emissão é diferente do utilizado no dia a dia. As narrações são de textos lidos, decorados ou organizados com informações apuradas e selecionadas, por meio de *offs*¹³, passagens, cabeças¹⁴, vivos¹⁵, etc.

¹³ *Off* é a fala do repórter no decorrer da matéria, coberta com imagens sem exposição do repórter (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2003, p. 94).

¹⁴ Pequena parte da matéria lida pelo apresentador do programa, no estúdio, para “chamar” a reportagem (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2003, p. 93).

¹⁵ Transmissão do repórter no momento do fato ocorrido, ou seja, em tempo real (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2003, p. 97).

O que ocorre no vídeo é a recriação, imitação da fala espontânea, num processo semelhante ao dos atores que estudam, decoram suas falas e as dizem como se fossem improvisadas.

Se o repórter se “empolgar” nas expressões corporais, mesmo que com a intenção de interpretar melhor o conteúdo que está transmitindo, fazendo-as em excesso ou de modos que causem estranheza, ele assume o risco de perder ou desviar a atenção do telespectador.

De acordo com Sibilía (2015), para uma personagem que produz conteúdos e assina com a sua marca, como é o caso da reportagem (interpretando aqui a marca como o crédito ao repórter), a performatividade de seu corpo, não apenas no aspecto físico ou imagem corporal, mas também nas ações cotidianas, se torna determinante para a valorização da sua obra.

Em relação à reportagem, pode-se pensar que o repórter que é “bem visto” pela sociedade (seguindo uma perspectiva de caráter e personalidade), tem boa desenvoltura em frente às câmeras e boa aparência, terá o seu trabalho e suas produções mais valorizadas pelos telespectadores do que outro profissional que não tenha essas características.

Para Fechine (2008), a credibilidade de um telejornal é influenciada diretamente pela confiança que os telespectadores depositam nos seus apresentadores e repórteres.

Os apresentadores do telejornal, diferentemente dos profissionais que desempenham este papel em outros gêneros, constroem sua imagem numa constante tensão entre a propalada exigência de “objetividade” e imparcialidade da prática jornalística e a autopromoção e glamourização inerentes à televisão (FECHINE, 2008, p. 69, grifo da autora).

Para Sibilía (2015), muitos atores, repórteres, apresentadores de televisão, profissionais do vídeo em geral que atuam para serem assistidos pelos públicos se tornam, ou não, celebridades por meio de suas *performances* porque criam suas “marcas pessoais” e são lembrados e admirados, ou não, por elas.

5 GLÓRIA MARIA

“Se pudesse voltar à vida como outra pessoa, quem seria?”

*A Glória Maria. [risos] Ah, se voltar dez vezes,
dez vezes eu queria ser eu.*

*Só abriria uma exceção, em alguma encarnação,
para voltar como Bob Marley.”*

(Glória Maria Matta da Silva, 2015)¹⁶

Este capítulo apresenta informações pessoais e profissionais sobre a telejornalista Glória Maria, sua carreira e suas reportagens para o programa *Globo Repórter*, da Rede Globo, do qual faz parte da equipe desde 2010.

Ao buscar informações sobre a vida de Glória Maria, a pesquisadora teve dificuldade de encontrar conteúdos focados na trajetória profissional da repórter. Fazendo uma breve pesquisa pela internet, com o nome da jornalista, é possível identificar resultados com títulos especulativos e/ou sensacionalistas. Muitos sites, revistas e programas estão mais interessados em especular sobre a sua vida pessoal, como, por exemplo, descobrir a sua idade ou seu status de relacionamento, do que em informações sobre a carreira e a experiência profissional e intercultural.

Todas as informações que constam neste capítulo foram encontradas em revistas, entrevistas, programas e vídeos disponíveis na internet, incluindo uma pergunta feita pesquisadora para Glória Maria em um evento ocorrido em Caxias do Sul/RS. A fim de recolher dados pertinentes, a pesquisadora selecionou trechos em que a telejornalista fala sobre a carreira e/ou vida pessoal. As entrevistas utilizadas como referência estão devidamente informadas ao final desta monografia, no campo referências.

Para juntar conteúdos relevantes para esta monografia foi preciso filtrar, considerando a importância dos temas, todos os resultados de pesquisa na web, uma vez que não foram localizados livros ou artigos que abordem informações significativas sobre a jornalista. Por esse motivo, a linguagem deste capítulo se diferencia daquela dos demais capítulos desta monografia.

¹⁶ CASA VOGUE. **Confidencial**. Glória Maria: “Sou uma revolução ambulante”. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/Colunas/Confidencial/noticia/2015/08/gloria-maria-sou-uma-revolucao-ambulante.html>>. Acesso em: 09 de abril de 2019.

As informações sobre a vida particular e profissional da telejornalista estão divididas em dois subcapítulos. Por se tratar de uma única pessoa, apesar da divisão entre aspectos pessoal e profissional, alguns dados se “cruzam”, portanto, se, inicialmente, alguma informação parecer superficial, provavelmente será melhor esclarecida no próximo subcapítulo.

A pesquisadora percebeu que determinados assuntos são lembrados repetidas vezes nas entrevistas com Glória Maria. Por isso, achou conveniente destacá-los, em negrito, ao longo do texto deste capítulo, não configurando novos subtítulos, mas apenas deixando-os em evidência para uma melhor visualização e organização textual.

Outro critério utilizado pela pesquisadora foi transcrever as falas, mesmo que longas, de Glória Maria, como uma forma de respeitar a escolha das suas palavras para cada resposta concedida durante as entrevistas. Por esse motivo, os parágrafos deste capítulo são mais extensos do que os demais.

Além disso, expor as palavras da repórter é uma forma de valorizar (e também conhecer) a sua forma de se expressar, sua opinião e reação a determinados assuntos, o que, também faz parte de quem ela é; faz parte da sua *performance*.

4.1 GLÓRIA MARIA: UMA PESSOA

“Eu só sei viver dentro da dificuldade.

Eu não nasci pra moleza.”

(Glória Maria Matta da Silva)¹⁷

Infância pobre e família

Filha da dona de casa Edna Alves Matta e do alfaiate Cosme Braga da Silva, Glória Maria Matta da Silva nasceu em Vila Isabel, perto de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. O ano é incerto, já que uma de suas “famas” é a de não revelar a idade verdadeira.

¹⁷ YOUTUBE. **Matheus Mazzafera**. Glória Maria já foi cigana! Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HVxHZcGeYJg>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

Os pais se separaram, então foi criada por muito tempo pela avó, que era considerada pela família, uma verdadeira matriarca. “*Tudo na família girava em torno dela.*”¹⁸ Teve uma infância pobre no subúrbio carioca, conforme comenta em várias entrevistas. “*Nunca passei fome, mas era tudo contadinho. (...) A gente podia ter só um vestido. Mas estava sempre arrumadinho.*”¹⁹

Apesar da pobreza, a repórter lembra com alegria da época de criança e acredita que a infância tenha ajudado a formar a sua personalidade. “*Era aquela infância de passar o dia inteiro na rua, de subir em árvore. Acho que foi isso que me tornou uma pessoa tão ativa. Tenho esse problema, faço milhões de coisas ao mesmo tempo. Preciso estar sempre em movimento.*”²⁰

Citada como uma pessoa alegre, Glória Maria foi questionada se em algum momento havia enfrentado a depressão. “*Tenho momentos de tristeza, claro. Mas nunca fiquei totalmente abatida. E aprendi a lidar com as perdas. Tive a perda da minha avó, por exemplo, uma das pessoas mais importantes da minha vida. E meu pai morreu quando eu tinha 15 anos. Fiquei muito triste. Mas tudo o que eles me ensinaram está dentro de mim. De uma forma muito forte.*”²¹

Da escola à profissão

Na época escolar, Glória Maria gostava muito de escrever e ganhava diversos concursos de redação entre escolas estaduais e federais. Estudou no Colégio Pedro II e no Rivadávia Corrêa, no Rio de Janeiro, ambos públicos. Também estudou inglês, francês e latim em outras instituições.

Entrevistada pelo ator Lázaro Ramos, na série *Espelho*²², do Canal Brasil, a jornalista conta que na época escolar imaginava escrever um livro, ou algo do gênero, e que o jornalismo “*veio no susto*”. Diz que não pensava em ser jornalista, não podia “*sonhar*” com isso, e que, naquela época (referindo-se a ao período em que iniciou na área), nem “*existia direito*” essa profissão.

Quando começou a trabalhar na Globo, em 1971, ainda era estudante. Só depois de um ano de estágio não remunerado Glória Maria foi contratada pela

¹⁸

¹⁹

²⁰

²¹ REVISTA TRIP. **Tpm**. Da pobreza à Globo, do jornalismo à fama, Glória não faz por menos. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/gloria-maria>>. Acesso em 09 de abril de 2019.

²² GLOBOSATPLAY. **Espelho**. Glória Maria. Disponível em: <<https://globosatplay.globo.com/canal-brasil/v/5831062/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

empresa e começou sua trajetória profissional, que viria a ser “recheada” de experiências.

Liberdade e racismo

Em vários momentos, em entrevistas e participações em programas, Glória Maria fala sobre racismo, preconceito, liberdade, diversidade, respeito e justiça. Para a revista TPM, a repórter contou que a injustiça é algo que a entristece. *“O que me deixa muito triste é a injustiça, a maneira como as pessoas julgam as outras. Se nem eu me conheço, como os outros podem se sentir no direito de me julgar? Isso acontece o tempo todo. E eu não me conformo”*.²³

Sempre que o assunto racismo ou liberdade é mencionado em entrevistas, a jornalista faz referência à avó, lembrada com respeito e gratidão. *“Não aprendi a história da escravidão em livros, a minha avó contava. Os valores dela eram de liberdade, porque teve uma história justamente de falta de liberdade, então me ensinou que eu tinha que ser livre”*.²⁴

A repórter conta que combater o preconceito não é um exercício simples. *“A minha avó me contava sobre um bisavô que foi laçado nas montanhas de Minas Gerais. A minha tataravó foi beneficiada pela Lei do Ventre Livre.”*²⁵ *Então, a minha avó me ensinou assim: você tem que ser livre, não tem que procurar marido, nada disso. Tem que buscar a sua liberdade da alma. Então, a minha preocupação era em combater o preconceito racial. Primeiro, dentro de mim, pra que isso não me deixasse uma pessoa triste, amarga. E também pra que eu não usasse isso como uma defesa. Tipo, receber uma crítica e dizer: ‘Ah, estão falando só porque sou*

²³ REVISTA TRIP. **Tpm**. Da pobreza à Globo, do jornalismo à fama, Glória não faz por menos. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/gloria-maria>>. Acesso em 09 de abril de 2019.

²⁴ GLOBOSATPLAY. **Espelho**. Glória Maria. Disponível em: <<https://globosatplay.globo.com/canal-brasil/v/5831062/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

²⁵ No dia 28 de setembro de 1871, foi assinada a Lei nº 2.040, considerada um marco no processo de abolição da escravidão no Brasil. A Lei do Ventre Livre declarava livres os filhos de mulher escrava nascidos no Brasil a partir da data da aprovação da lei. Esse instrumento significava, na prática, a abolição gradual da escravidão, pois a geração seguinte nascida no país seria completamente livre (ARQUIVO NACIONAL. **Ministério da Justiça e Segurança Pública**. Lei do Ventre Livre. Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br/br/ultimas-noticias/736-lei-do-ventre-livre.html>>. Acesso em: 09 de abril de 2019).

*negra'. Sempre foi um exercício muito grande na minha vida isso. Li muitos livros sobre o assunto. E também fiz quase 20 anos de terapia, claro".*²⁶

Glória Maria foi a primeira repórter negra da Globo e a primeira a apresentar o programa dominical, *Fantástico*. *"Muita gente não se conformava, como se fosse uma agressão eu estar ali. (...) Como uma mulher negra pode estar apresentando um programa que é símbolo de glamour, de mulheres lindas? Eu era muito mais cobrada. Agora, na TV Globo, nunca houve racismo. E, quando falo isso, falo da família mesmo. Já recebi várias propostas para sair. Nunca saí por causa disso. Só cheguei onde cheguei porque me abriram espaço. Fui a primeira repórter do Jornal Nacional, apresentei o Fantástico quando ele estava no auge. Hoje, sou uma das principais repórteres do Globo Repórter. O doutor Roberto [Marinho, dono da Rede Globo] acreditava no talento. E só. Nunca fui vista como uma pessoa estranha no ninho. Isso pelo primeiro escalão. Agora, pelo segundo, às vezes tinha aquelas coisas. 'Por que ela e não eu?' Pra você ter uma ideia, teve gente que disse que eu estava apresentando o Fantástico por causa do movimento negro. Vê se pode".*²⁷

O produtor de moda e apresentador, Matheus Mazzafera, comenta que Glória Maria foi uma das primeiras mulheres a se destacar na televisão brasileira e além disso é negra. Ele pergunta se isso foi uma dificuldade. *"A dificuldade me empurra pra frente. Quando comecei na televisão, era uma época de ditadura, eu era uma menina, tinha 16 para 17 anos, mulher, negra, e vinda de uma família pobre. Era um pacote muito violento pra uma pessoa só. Isso fez com que eu fosse abrindo os olhos, aprendendo, entendendo a melhor maneira de me movimentar dentro daquelas dificuldades todas. Eu acho que isso me fez crescer. E, de repente, aquilo tudo que parecia uma enorme dificuldade, se transformou num desafio que me move até hoje. Foi difícil. É difícil. Mas, eu só sei viver dentro da dificuldade. Eu não nasci pra moleza".*²⁸

A jornalista conta que não teve referências e precisou aprender muita coisa sobre a vida, sozinha. *"Sofri muito porque a minha avó me ensinou a ser livre, mas não me ensinou a lidar com a liberdade. Então, quando eu fui pro mundo... o mundo*

²⁶

²⁷ REVISTA TRIP. **Tpm**. Da pobreza à Globo, do jornalismo à fama, Glória não faz por menos. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/gloria-maria>>. Acesso em 09 de abril de 2019.

²⁸ YOUTUBE. **Matheus Mazzafera**. Glória Maria já foi cigana! Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HVxHZcGeYJg>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

*não é de gente livre [risos], nós somos todos, de uma maneira ou de outra, escravizados. E aí, como você lida com isso? Eu tive que aprender a lidar com o fato de ser negra, de ser livre, de não me curvar diante de nada (isso é um compromisso que eu tenho com a minha avó), e o preço é altíssimo. Ou você entra no mundo como ele é, ou você tenta fazer o ‘seu’ mundo, o que é quase utópico, mas a gente tem que viver com um pouco de utopia, senão, qual é a graça que essa vida tem? Se eu não lutar, quem é que vai lutar por mim? O que me faz ficar renovada o tempo todo é que eu não me rendo e eu não vou me render nunca”.*²⁹

Glória Maria também foi a primeira pessoa do Brasil a usar a Lei Afonso Arinos³⁰, criada para ajudar a combater o preconceito racial. *“Na época, racismo não era crime, era só contravenção. Mas, uma vez, um gerente de um hotel tentou me proibir de entrar pela porta da frente. Aí, chamei a polícia. Foi quando percebi que tudo o que eu tinha tentado aprender na minha vida deu resultado. Não me fiz de vítima, não me fiz de algoz. Simplesmente soube usar a lei”.*³¹

Para a repórter, o racismo não “diminuiu”. A diferença para os dias atuais é que existem leis mais claras e rigorosas, o que, em sua opinião, não acaba com o racismo, porque ele é um sentimento das pessoas. Ela conta sobre a preocupação em transmitir esse entendimento para as filhas adotivas, Laura e Maria. Para ela, o mundo é “branco”. Por isso, tem o hábito de pesquisar conteúdos e produtos que sirvam de referência e ajudem a ensinar os “valores negros” para as filhas. *“Às vezes, minhas filhas perguntam por que elas são as únicas negras na escola e eu digo que elas são negras. Tem gente vermelha, tem gente alta, gente baixa, gorda, magra. E elas são negras”.*³²

²⁹ GLOBOSATPLAY. **Espelho**. Glória Maria. Disponível em: <<https://globosatplay.globo.com/canal-brasil/v/5831062/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

³⁰ Em 3 de julho de 1951, o Congresso brasileiro aprovou a Lei 1.390, que transformava em contravenção penal qualquer prática resultante de preconceito de raça ou cor (ACERVO O GLOBO. **Fatos históricos**. Criada a Lei Afonso Arinos, a primeira norma contra o racismo no Brasil. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/criada-lei-afonso-arinos-primeira-norma-contraracismo-no-brasil-10477391>>. Acesso em 09 de abril de 2019).

³¹ REVISTA TRIP. **Tpm**. Da pobreza à Globo, do jornalismo à fama, Glória não faz por menos. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/gloria-maria>>. Acesso em 09 de abril de 2019.

³² GLOBOSATPLAY. **Espelho**. Glória Maria. Disponível em: <<https://globosatplay.globo.com/canal-brasil/v/5831062/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

De voluntária à mãe

Quando Glória Maria decidiu dar um tempo na carreira, ao final de 2007, pensou em fazer várias coisas, entre elas, viver sem câmera, viajar e fazer trabalhos voluntários com crianças. *“Porque eu viajava, via crianças em situações péssimas e tinha vontade de fazer alguma coisa. Passei meses na Índia fazendo trabalho voluntário na cidade mais pobre do país. Acordava às três da manhã, servia café, cuidava de crianças abandonadas e de mendigos. Fiquei maravilhada. Depois, fui sozinha trabalhar com crianças abandonadas no interior da Nigéria. Voltei para o Brasil e pensei que precisava fazer algo parecido. Fui para o Festival de Verão, em Salvador. Quando cheguei lá, encontrei pessoas de uma instituição e me ofereci para ser voluntária. Aí, vi as minhas duas filhas. Olhei para uma, o mundo parou. Olhei para outra, o mundo parou. Logo, já estava querendo saber a história delas e como adotá-las. A Laura tinha 17 dias. E a Maria, 9 meses”*.³³

Em muitas entrevistas, a repórter é questionada sobre a decisão de se tornar mãe e a relação com as meninas. *“Nunca pensei em ter filhos, adotar, ter crianças. Minha vida se bastava, ‘tava’ bacana, mas aí eu conheci minhas filhas. Elas ‘me pegaram’. Quando eu vi, eu tinha certeza que elas eram minhas. (...) Eu vi primeiro uma e depois a outra. No abrigo, ninguém sabia que elas eram irmãs, porque chegaram separadas, com quase um mês de diferença. Então a documentação estava no juizado e não perceberam. Só quando eu pedi pra saber a história delas é que descobriram que elas eram irmãs”*.³⁴ A jornalista diz que a adoção das filhas foi a maior revolução de sua vida e um presente do qual vai lembrar sempre.

Uma curiosidade em relação à criação das filhas de Glória Maria é que, apesar da reconhecida carreira da mãe no meio televisivo, as meninas não veem televisão. *“Crio as minhas filhas como crianças, como eu fui criada. Quando eu era criança, não tínhamos televisão porque éramos muito pobres. Eu via televisão na casa do vizinho. As minhas filhas ‘brincam’ com os meus valores: panelinha, subir em árvore... Televisão, nem pensar! Elas assistem DVDs de educação infantil, ouvem música, mas gostam de ser crianças, de brincar. Como não veem televisão, não sabem o que está na moda. Claro que, às vezes, querem algo que a ‘coleguinha*

³³ REVISTA TRIP. **Tpm**. Da pobreza à Globo, do jornalismo à fama, Glória não faz por menos. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/gloria-maria>>. Acesso em 09 de abril de 2019.

³⁴ GLOBOSATPLAY. **Espelho**. Glória Maria. Disponível em: <<https://globosatplay.globo.com/canal-brasil/v/5831062/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

da escola' está usando, que é normal. Mas, não vou 'colocar' elas nesse mundo de consumo antes do tempo. Não vou antecipar a adolescência delas. Quero que elas vivam cada momento da vida delas assim como eu vivi. Eu tive uma infância longa, só comecei a me sentir mocinha com 14 ou 15 anos, então quero que elas sejam crianças, não quero fazer 'adulinhos' [risos].³⁵

Questionada sobre os desafios da maternidade, a jornalista conta que não quer “fazer” crianças ambiciosas ou vencedoras, mas crianças reais e felizes, e que isso é um exercício diário. “*Quero criar as minhas filhas bem e fazer delas seres humanos íntegros, duas pessoas do bem*”.³⁶ Além disso, comenta sobre outro tipo de preconceito. “*Embora hoje em dia as pessoas achem 'moderninho' adotar, a realidade é bem diferente. Ainda existe uma resistência contra a adoção, as pessoas ainda pensam que criança adotada é diferente. As pessoas dizem: 'eu não adotaria, você vai ter problemas'. Você tem problemas com qualquer filho*”.³⁷

O mistério sobre um numeral: a idade

A verdadeira idade de Glória Maria é um dos assuntos mais mencionados por revistas e sites de curiosidades sobre celebridades. A repórter também não faz questão de esclarecer a dúvida, tornando o tema ainda mais misterioso. Porém, em entrevistas, ela menciona datas importantes, que levam à dedução da sua idade.

A jornalista disse que entrou na Globo em 1971, com 16 para 17 anos. Logo, se a informação for verdadeira, Glória Maria deve ter, atualmente, entre 64 e 65 anos de idade. O que, segundo ela, não tem importância, pois um dos aprendizados que teve com a cultura budista é que o tempo de cada um é diferente. “*O que é 24 horas para você, é diferente para mim. Se o seu tempo não é igual ao meu, por que a gente vai medir o tempo cronológico das pessoas com a idade? Isso é uma bobagem! Mas não tenho nenhuma queixa. 'Tá' tudo certo. Não quero ser mais*

³⁵ GLOBOSATPLAY. **Espelho**. Glória Maria. Disponível em: <<https://globosatplay.globo.com/canal-brasil/v/5831062/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

³⁶ YOUTUBE. **Ai que loucura**. Revelações de Glória Maria à Narcisa - Parte 01. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UF4CpzipSQg&t=226s>>. Acesso em: 09 de abril de 2019.

³⁷ GLOBOSATPLAY. **Espelho**. Glória Maria. Disponível em: <<https://globosatplay.globo.com/canal-brasil/v/5831062/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

nova. Nem mais velha. Estou do jeito que queria estar. No meu tempo. E não escondo a idade desse jeito também não. Se virou uma lenda, eu mantenho”³⁸

Entrevistada pela socialite Narcisa Tamborindeguy, no quadro “*Ai que loucura!*”, em uma série (de três vídeos) chamada “*Revelações de Glória Maria a Narcisa*”³⁹, a repórter responde perguntas sobre a vida pessoal e profissional. Ela elenca algumas das perguntas mais insistentes e que ela menos gosta de responder. “*Se faço topless. Se estou namorando. Mas, tem uma que é a mais comum: sobre a idade. É chato, chato! Não me importo em falar de idade, mas pra que vou falar? Não tem motivo. Desde pequena me ensinaram que se você falar do tempo vai atrair o tempo contra você. Vou fingir que tempo e velhice não existem. [começa a cantar] Deixa a vida me levar, vida leva eu...*”⁴⁰

Quando a entrevista com Narcisa chegou ao assunto “idade”, as duas relembrou uma experiência inusitada que viveram juntas em Paris. O mistério em torno da verdadeira idade das duas era tanto que elas começaram a ficar com medo de que na hora de mostrar o passaporte no aeroporto, alguém visse a data de nascimento no documento. Lembraram de uma dica de uma amiga em comum: rasurar, “sem querer”, o documento. Elas pensavam que minimamente rasurado, não teriam problemas.

Então, derrubaram esmalte no passaporte e inventaram uma história de que a manicure havia se descuidado e derramado o líquido sobre o documento. Só que, para o azar das duas, a história “não colou” e elas precisaram telefonar para a Globo (Narcisa também trabalhava para a Globo) e pedir para que confirmassem todos os seus documentos. Ou seja, ficaram sem passaporte, sem visto, se envolveram em uma confusão em Paris, aborreceram o embaixador e os colegas da Globo descobriram as suas verdadeiras idades. As duas lembram o acontecido aos risos.

Relacionamentos

Glória Maria casou uma vez, em segredo, em um cartório de Copacabana, mas se separou porque não queria morar junto com o companheiro. “*Só contei para*

³⁸ REVISTA TRIP. **Tpm**. Da pobreza à Globo, do jornalismo à fama, Glória não faz por menos. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/ gloria-maria>>. Acesso em 09 de abril de 2019.

³⁹

⁴⁰ YOUTUBE. **Ai que loucura**. Revelações de Glória Maria à Narcisa - Parte 01. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UF4CpzipSQg&t=226s>>. Acesso em: 09 de abril de 2019.

*as pessoas quatro anos depois, quando me separei. E, no mesmo dia em que casei, registrei em cartório uma declaração dizendo que, por mais que a gente tivesse casado, a gente nunca ia morar na mesma casa. Ele não era brasileiro. Mas, o homem sempre acha que a gente está fazendo isso ‘de charme’, e que depois vai mudar de ideia. Aí ele começou a trazer as coisinhas dele. Depois de três anos, viu que não ia ‘rolar’. E aí acabou”.*⁴¹

Questionada sobre a maneira com que os homens lidam com a ideia de liberdade, ela responde, com bom humor, que eles não estão acostumados com mulheres livres de verdade, do fundo da alma. *“O homem brasileiro é muito, muito machista. Acabei me relacionando muito com estrangeiros. Homem acha que vai ser cuidado. E não é isso o que eu vou fazer. A maioria, no fundo, ainda acha que a gente vai agir. Mas, sempre dei sorte e tive homens maravilhosos na minha vida”.*⁴²

Viagens pelo mundo e memórias

Outro assunto que sempre aparece nos encontros com Glória Maria é sobre as suas viagens. Perguntada sobre lugares inesquecíveis, ela já citou diversos, mas sempre menciona a Índia, dizendo que é um país que a “melhora”. *“Já fui seis vezes e é sempre uma referência. É um país que me muda e me melhora sempre”.*⁴³

Além do exemplo positivo, a repórter também menciona um lugar que a marcou pelo sofrimento e dificuldades do povo. *“Fui pra Nigéria, pra um local onde eu já havia estado fazendo matéria. Fiquei dois meses sozinha, sem ONG, sem ninguém. Foi ‘barra pesada’, porque a Nigéria é pra profissional, não é pra amador. Foi a experiência mais pesada da minha vida. Fiquei lá dois meses trabalhando só com criança. É algo que você sabe que não vai resolver, porque na Nigéria não tem ‘jogo’, é muita violência, muita corrupção e não tem resultado, mas era algo que eu me propus e aí, eu fui.”*⁴⁴

⁴¹

⁴² REVISTA TRIP. **Tpm**. Da pobreza à Globo, do jornalismo à fama, Glória não faz por menos. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/gloria-maria>>. Acesso em 09 de abril de 2019.

⁴³ CASA VOGUE. **Confidencial**. Glória Maria: “Sou uma revolução ambulante”. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/Colunas/Confidencial/noticia/2015/08/gloria-maria-sou-uma-revolucao-ambulante.html>>. Acesso em: 09 de abril de 2019.

⁴⁴ GLOBOSATPLAY. **Espelho**. Glória Maria. Disponível em: <<https://globosatplay.globo.com/canal-brasil/v/5831062/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

A jornalista também conta que se encantou com o Irã. *“Falam mal do Irã. Que é terrorista e tal. Mas, talvez, tenha sido o único lugar do mundo que eu não senti a presença do racismo. Pode ser que tenha. O Irã é a antiga Pérsia, então recebem pessoas de todo o mundo. Já receberam reis da Etiópia. Estão acostumados [com estrangeiros]. Eu fui muito bem recebida. É um país em que você se sente à vontade, as pessoas são generosas”*.⁴⁵

No programa *Estrelas*, exibido em 17 de maio de 2014, a apresentadora Angélica comenta que Glória Maria já viajou bastante e viu coisas muito diferentes pelo mundo. Ela pergunta qual foi a mais diferente e a jornalista responde que Myanmar foi o lugar mais surpreendente em que já esteve. A produção do programa exhibe o trecho de uma reportagem em que ela mostra um grupo de crianças (de Myanmar) que se enxergam em uma fotografia pela primeira vez na vida.⁴⁶

Angélica pergunta se a Índia foi o país mais diferente, culturalmente, em que Glória Maria já esteve e a jornalista afirma. *“Na cultura deles, se você nasce em uma casta, não pode desejar passar pra outra. Tem que morrer na casta que nasceu. Eles têm, não conformidade, mas uma tolerância na vida, que é emocionante. O indiano tá sempre acreditando que o presente é bom”*.⁴⁷ Glória Maria ainda relembra a escalada ao Himalaia por um trajeto considerado sagrado pelos budistas tibetanos. O deserto do Saara também foi lembrado pela repórter. *“Uma das maiores experiências da minha vida foi o deserto do Saara”*.⁴⁸

Glória Maria contou que a compra mais inusitada que já fez em suas viagens foi um narguilé gigante, de cristal, vindo da Turquia. *“É lindo, mas foi um trambolho para trazer”*.⁴⁹ Questionada sobre qual a comida e a coisa mais esquisita que viu, a repórter conta sobre um episódio, na Ásia, onde, em um jantar, serviram cérebro de macaco, ela ficou horrorizada e não comeu. Lembrou também da China, onde as pessoas costumam comer grilo, lagarta, escorpião, formiga, tudo no palito.

⁴⁵ YOUTUBE. **Ai que loucura**. Revelações de Glória Maria à Narcisa - Parte 01. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UF4CpzipSQg&t=226s>>. Acesso em: 09 de abril de 2019.

⁴⁶

⁴⁷

⁴⁸ GLOBOPLAY. **Estrelas**. Glória Maria se derrete ao falar das filhas com Angélica. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3352657/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

⁴⁹ CASA VOGUE. **Confidencial**. Glória Maria: “Sou uma revolução ambulante”. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/Colunas/Confidencial/noticia/2015/08/ gloria-maria-sou-uma-revolucao-ambulante.html>>. Acesso em: 09 de abril de 2019.

Além disso, mencionou a Tailândia e as suas mulheres de pescoço gigante. Ela explica que, desde crianças, as mulheres (que seguem essa tradição) colocam as argolas no pescoço e o material vai pressionando o ombro para baixo, dando a impressão de que é o pescoço que cresce. “*É aflitivo olhar as mulheres assim...*”⁵⁰

A repórter também disse que o melhor do Brasil é a Música Popular Brasileira, a Bossa Nova e o Samba, e o melhor do mundo é a diversidade “*no sexo, na cor, na alma, na filosofia. Acho que a diversidade é o que move o mundo*”.⁵¹ Falou ainda sobre algumas imagens imortalizadas em sua memória. “*A primeira posse do Obama. Ver uma vitória, ao vivo, de perto, do Muhammad Ali, na época em que ainda era Cassius Clay. E ter assistido a Barbara Hendricks, uma cantora lírica linda, se apresentando em Paris*”.⁵²

Fontes de inspiração

Questionada sobre suas fontes de inspiração, Glória Maria menciona a dançarina Maya Plisetskaya⁵³, dizendo que a partir do momento em que a viu dançar, houve uma transformação em sua vida. A natureza também entra para a lista. “*(...) quando olho para o céu, o mar, as estrelas, os fiordes, os vulcões. O vulcão é uma coisa que me inspira profundamente. Você vê aquela coisa soltando fogo, o tempo inteiro, vivo. Vulcão é sinônimo de vida!*”⁵⁴ A repórter também

⁵⁰ YOUTUBE. **Ai que loucura.** Revelações de Glória Maria à Narcisa - Parte 01. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UF4CpzpSQg&t=226s>>. Acesso em: 09 de abril de 2019.

⁵¹

⁵² CASA VOGUE. **Confidencial.** Glória Maria: “Sou uma revolução ambulante”. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/Colunas/Confidencial/noticia/2015/08/gloria-maria-sou-uma-revolucao-ambulante.html>>. Acesso em: 09 de abril de 2019.

⁵³ Uma das bailarinas que auxiliou a destacar o Balé Bolshoi no exterior foi Maya Plisetskaya, nascida em Moscou, em 1925. Maya descendia de uma família de artistas e começou seus estudos de balé na Escola do Teatro Bolshoi, em 1934. Formou-se em 1943, já entrando para a companhia como solista, sendo promovida à primeira bailarina em 1945, aos 18 anos de idade (FARO; SAMPAIO, 1989). A família de Maya Plisetskaya foi uma das vítimas do grande expurgo realizado por Joseph Stalin. Seus pais, por serem judeus, foram enviados para campos de trabalho e, posteriormente, executados SILVA, Daniela Grieco Nascimento e. Corpo - escrita no balé: para repensar o corpo doce da bailarina da caixinha de música em uma pesquisa em educação e arte. 2017. 225 p. Tese de doutorado (Educação) - Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/14122/TES_PPGEDUCACAO_2017_SILVA_DANIELA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 20 de março 2019.

⁵⁴ CASA VOGUE. **Confidencial.** Glória Maria: “Sou uma revolução ambulante”. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/Colunas/Confidencial/noticia/2015/08/gloria-maria-sou-uma-revolucao-ambulante.html>>. Acesso em: 09 de abril de 2019.

menciona a filosofia dos ciganos, que vivem pela liberdade. Aliás, liberdade, como já mencionado nesta monografia, é um tema recorrente em suas entrevistas.

Fama

Em entrevista para a revista TPM, Glória Maria é questionada sobre se imaginava que um dia seria famosa. A jornalista relembra que, quando ingressou no meio, o jornalismo de televisão ainda estava começando. *“Não tinha essa coisa glamourosa que as pessoas imaginam e eu não pensava em aparecer na TV. Não existia isso. Quando comecei, os repórteres apuravam, mas não apareciam. Eu estava feliz por poder viver de escrever. O Jornal Nacional era apresentado pelo Cid Moreira e pelo Sérgio Chapelin. Pronto. Aquilo era uma instituição. O grande sonho, na época, era ser repórter do Jornal Nacional. (...) Ninguém ficava famoso no jornalismo. Só o Cid e o Sérgio. Não existia cultura de celebridades na época. Como é que você pode sonhar com uma coisa que nem existe? E depois, quando virei repórter que aparecia no Jornal Nacional, eu ia de bicicleta para o trabalho e depois para a praia, com uma turma incrível. Eu, Cazuzá, a Isabel do vôlei. Ninguém me achava nada de mais porque eu era jornalista, imagina”*.⁵⁵

A repórter conta que nunca se sentiu como uma celebridade, nunca teve segurança ou assessor de imprensa. *“A minha formação é de jornalista. Ando na rua normalmente, faço as minhas coisas. Mas, é claro que jornalista de TV virou celebridade. Ainda mais eu, que apresentei por dez anos o Fantástico. Antes, já era conhecida porque fazia coisas inusitadas. Fui a primeira mulher a fazer matérias de aventura na televisão, a voar de asa-delta, a cobrir guerra. Mas acho que fiquei conhecida mesmo porque subia em todos os morros e favelas sem problemas. Não pensava em nada, só ia. Mas, era normal. Hoje, as pessoas olham, mas existe um respeito por eu ser jornalista. Claro, tem paparazzo. Só que sempre morei no Leblon [bairro do Rio de Janeiro onde os paparazzi ficam de plantão], não vou mudar de bairro por causa disso”*.⁵⁶

⁵⁵

⁵⁶ REVISTA TRIP. **Tpm**. Da pobreza à Globo, do jornalismo à fama, Glória não faz por menos. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/gloria-maria>>. Acesso em 09 de abril de 2019.

Saúde, corpo e estética

Outra curiosidade sobre Glória Maria é que ela come pouco e explica que o motivo é a adaptação à vida de jornalista. Ela conta que as viagens para lugares distantes e de culturas gastronômicas distintas contribuíram para que ela selecionasse, no cardápio diário, alguns alimentos existentes em qualquer país, como, por exemplo, ovo e peixe. *“Tem gente que tenta preservar a sua vida. Eu não, fui me adaptando ao jornalismo. (...) Fui ficando assim”*.⁵⁷

Ela conta que se preocupa bastante com a saúde, faz exercícios, não fuma, não bebe e não usa drogas. Questionada sobre a cobrança da “eterna juventude” das celebridades, principalmente na televisão, a jornalista disse que nunca houve essa exigência e até brinca com a situação. *“As pessoas é que se cobram. Agora, entrou todo mundo na paranoia do HD. Quando comecei a trabalhar, era filme. O filme tem uma resolução muito mais forte que o HD. Então, é o seguinte: quem é do tempo do filme não teme o HD”*.⁵⁸

Glória Maria nunca fez plásticas ou preenchimentos estéticos e conta que gosta de tomar muitas pílulas; um hábito que gera polêmica. *“Tomo todo o abecedário, vitamina A, B, C, D, e por aí vai...”*⁵⁹(...) *As pessoas falam que eu sou louca por causa das minhas pílulas, mas tomam injeção na testa de uma toxina que paralisa. Quer fazer, tudo bem. Cada um tem que fazer aquilo que faz se sentir melhor. Mas, o que me faz bem mesmo são as minhas pílulas. (...) Tomo centenas por dia. E cada vez que viajo, trago novas. Compro nas lojas naturais. Eu comecei sabe como? Com o Armando Nogueira [ex-diretor de jornalismo da Globo, já falecido]. Ele começou a tomar vitamina C, vitamina E. E falava para mim: ‘Você precisa tomar também!’. Aí comecei a viajar e comprar outras e tomar. (...) As minhas pílulas são para tudo. Tomo para o sistema imunológico, para ter energia, para prevenir o envelhecimento das células do cérebro, para absolutamente tudo. É uma mania minha. E uma coisa que me faz bem. E todas são absolutamente naturais”*.⁶⁰

57

⁵⁸ REVISTA TRIP. **Tpm**. Da pobreza à Globo, do jornalismo à fama, Glória não faz por menos. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/gloria-maria>>. Acesso em 09 de abril de 2019.

⁵⁹ YOUTUBE. **Ai que loucura**. Revelações de Glória Maria à Narcisa - Parte 01. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UF4CpzipSQg&t=226s>>. Acesso em: 09 de abril de 2019.

⁶⁰ REVISTA TRIP. **Tpm**. Da pobreza à Globo, do jornalismo à fama, Glória não faz por menos. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/gloria-maria>>. Acesso em 09 de abril de 2019.

Outro costume curioso da repórter é beber chá de ninho de passarinho da Tailândia. É um hábito que ela mantém há mais de dez anos. *“Eles são retirados de cavernas em alto mar. O passarinho faz o primeiro ninho, que é bem branquinho, o pessoal vai lá e tira o ninho. Ele faz o segundo, que já fica mais amarelado por causa do estresse de perder o primeiro. Tiram de novo. E no terceiro ninho é que está o segredo. Os asiáticos, de maneira geral, demoram a envelhecer, não enrugam. Dizem que o motivo, desde a época dos imperadores e samurais, é o consumo do ninho”*.⁶¹

Livro

Glória Maria começou a escrever, há alguns anos, um livro que já teve várias previsões de ser lançado, mas ainda não foi finalizado. *“Era para ter publicado quatro anos atrás [2010], durante meu período sabático, mas o destino me surpreendeu e eu virei mãe. E mãe só pensa em fralda e mamadeira”*.⁶² A obra não será sobre as suas viagens e nem uma autobiografia. *“As passagens da minha trajetória vão servir apenas de pano de fundo para eu fazer reflexões sobre a vida. É o meu olhar sobre o mundo, o que eu venho aprendendo”*.⁶³

4.2 GLÓRIA MARIA: TELEJORNALISTA

*“O que é mais extraordinário é a possibilidade
que o jornalismo te dá de aprender.”
(Glória Maria Matta da Silva)⁶⁴*

Conforme o site Memória Globo, a jornalista enfrentou condições adversas nas produções de suas reportagens pelo Brasil e pelo mundo. Sem produtor, suas viagens eram feitas só com um cinegrafista e, para chegar onde queria, não mediu

⁶¹ GLOBOSATPLAY. **Espelho**. Glória Maria. Disponível em: <<https://globosatplay.globo.com/canal-brasil/v/5831062/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

⁶²

⁶³ ÉPOCA. **Bruno Astuto**. Glória Maria vai lançar um livro em 2015: "São reflexões sobre a vida". Disponível em: <<https://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/bruno-astuto/noticia/2014/12/bgloria-mariab-vai-lancar-um-livro-em-2015-sao-reflexoes-sobre-vida.html>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

⁶⁴ MEMORIA GLOBO. **Perfis**. Glória Maria. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/gloria-maria.htm>>. Acesso em: 17 de abril de 2018.

esforços. Arrastou mala, dormiu em saco de dormir na beira de rio; ficou sem comer, alimentando-se de barras de cereal, foi roubada e abandonada no meio do caminho com o cinegrafista, como aconteceu na Nigéria. Mas, nunca desistiu.

Especialização

No programa *Redação*, o apresentador comenta que vários jornalistas se especializaram em áreas específicas, mas que Glória Maria já fez diversas coisas diferentes e pergunta como ela encara a variedade de assuntos sobre os quais já precisou se debruçar ao longo da carreira. Ela responde que, quando começou no jornalismo, não tinha uma exigência de especialização em áreas específicas e que já fez muitas coisas. *"Eu comecei a me interessar por gente, por culturas. Por isso, comecei a viajar. A melhor coisa que você tem pra trabalhar é o ser humano. Alí tem tudo, tem universos"*.⁶⁵

A arte de escutar

Lázaro Ramos comenta que as entrevistas de Glória Maria costumam ter um clima relaxado; os entrevistados parecem estar à vontade, tranquilos. *"Eu gosto de escutar e tenho um respeito muito grande pelo outro. Sou de um tempo em que o repórter, na televisão, era só um instrumento, não tinha glamour nem aparecia no vídeo. Isso fez com que eu fosse exercitando a arte de falar, de conversar. Tenho uma maneira de me conduzir que quase me anulo ao entrevistado. Se você se coloca no pé de igualdade com ele, você coloca uma barreira. Então sempre deixo claro que a estrela é ele e eu estou aí só pra fazer ele brilhar. Isso faz com as pessoas confiem em mim. Você convidou aquela pessoa, ela é o foco. Se você tentar ser mais do que o seu entrevistado, se você competir, ele se fecha e você não 'tira' nada. Quanto mais simples você é, mais à vontade você deixa o outro"*.⁶⁶

O repórter e a humildade

Fernanda Honorato é uma jovem com Síndrome de Down que foi homenageada no evento Rio Sem Preconceito, em 2015. Ela ganhou um prêmio por

⁶⁵ YOUTUBE. **Alexandre Garcia**. Glória Maria - Profissão Sempre Gostei De Lidar Com As Pessoas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tbffAYPILuk>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

⁶⁶ GLOBOSATPLAY. **Espelho**. Glória Maria. Disponível em: <<https://globosatplay.globo.com/canal-brasil/v/5831062/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

lutar contra o preconceito e pela inclusão das pessoas com deficiência. Antes da cerimônia, Fernanda entrevistou Glória Maria para o *Programa Especial*.

Em um momento da entrevista, ela pergunta para a jornalista o que é preciso para ser um bom repórter. *"Ser humilde, ter vontade de aprender sempre e saber que a gente nunca sabe nada. Cada dia tem uma coisa nova pra aprender sobre você e sobre o mundo. O repórter é um observador do mundo, tem que estar sempre atento a uma coisa simples: do outro lado tem uma pessoa igual a você. Quando você entende isso, o caminho fica mais fácil"*.⁶⁷

Viagem com o telespectador

No programa *Encontro com Fátima Bernardes*, em novembro de 2012, a produção relembrou diversas experiências que Glória Maria viveu em suas reportagens. Fátima pergunta se esse tipo de reportagem em que a jornalista viaja pelo mundo e traz o que viu e encontrou para o telespectador é o seu tipo preferido de pauta. Glória Maria responde que também aprende com as viagens. *"Eu adoro gente, e gente 'tá' no mundo. Eu adoro viajar e conhecer a alma humana. A gente vive pra aprender e crescer. Eu gosto do mundo pra poder aprender"*.⁶⁸

Fátima diz que, quando as pessoas assistem às reportagens de Glória Maria pelo mundo, se sentem viajando com ela e pergunta se a repórter sente essa obrigação de "levar" o telespectador com ela em suas viagens. *"Eu tento viver aquele momento. Como eu não faço nada ensaiado, eu também 'tô' vivendo aquela emoção, aquela surpresa, aquela descoberta. Acho que é por isso que as pessoas viajam comigo."*

Uma das atrizes convidadas do programa, Carla Marins, comenta: *"Acho que a sua espontaneidade na hora de fazer a matéria aproxima a gente, com certeza."* Glória Maria responde: *"eu não penso muito, não planejo muito, eu vejo as coisas e quero aprender, quero conhecer, entender. Não devo colocar uma barreira entre eu e o telespectador. Ele tem que vir junto comigo e não olhar através de mim; mas, com o olhar dele, conduzido por mim. O que eu tento fazer quando viajo ao mundo,*

⁶⁷ YOUTUBE. **Programa Especial**. Programa Especial - Fernanda Honorato entrevista Glória Maria. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1zrC1TzwFVs>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

⁶⁸ GLOBOPLAY. **Encontro com Fátima Bernardes**. Viajar para Glória Maria é conhecer a alma humana. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2253046/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

é fazer as pessoas sentirem o que eu ‘tô’ sentindo na hora e não depois. Não quero que analisem, quero que vivam aquele momento”.⁶⁹

Culto à reportagem

No programa *Mais Você*, da Rede Globo, apresentado por Ana Maria Braga, em 17 de março de 2017⁷⁰, Glória Maria comentou sobre as experiências profissionais vividas ao longo da sua carreira. A jornalista comentou sobre a época em que os repórteres não apareciam no vídeo. *"A gente foi ensinado a cultuar a matéria, não tinha essa história do ego, de você botar ‘a cara no ar’ pras pessoas te verem. Ou você fazia um trabalho excepcional pra ser lido pelo Sid e pelo Sérgio [Sid Moreira e Sérgio Chapelin], ou você não fazia nada."*⁷¹.

Vida de repórter ou uma vida para a reportagem?

Em entrevista para a revista TPM, a repórter perguntou para Glória Maria se ela se considerava *workaholic*⁷². *"Nunca fui. O jornalismo, para mim, é uma paixão. Nunca senti aquilo realmente como um trabalho. E, como nasci em família muito pobre, fui acostumada com uma vida dura e sem ‘frescura’. A gente sempre acordava cedo, era o normal. E levei esse modo de vida espartano para a vida de repórter"*.⁷³

4.2.1 Reportagens e coberturas de Glória Maria na linha do tempo

Entre estreias, entrevistas com celebridades, aventuras, experiências inusitadas, cobertura de momentos históricos, exclusividades, experiências culturais e gastronômicas internacionais, a carreira de Glória Maria Matta da Silva está recheada de momentos inusitados. Ela já viajou por mais de 150 países e mostrou aos telespectadores histórias e povos de culturas variadas e belezas naturais. Esteve em lugares exóticos, como montanhas, vulcões, ilhas, castelos, mosteiros e

⁶⁹ GLOBOPLAY. **Encontro com Fátima Bernardes**. Viajar para Glória Maria é conhecer a alma humana. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2253046/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

⁷⁰

⁷¹ GLOBOPLAY. **Mais Você**. Mais Você - Programa de Sexta-feira, 17/03/2017, na íntegra. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5731657/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

⁷² Viciado em trabalho; trabalhador compulsivo. (tradução nossa).

⁷³ REVISTA TRIP. **Tpm**. Da pobreza à Globo, do jornalismo à fama, Glória não faz por menos. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/ gloria-maria>>. Acesso em 09 de abril de 2019.

desertos. Neste subcapítulo a pesquisadora apresenta matérias produzidas em anos diferentes que abrangem toda a carreira da repórter para que se tenha uma ideia da versatilidade da jornalista em relação a assuntos e coberturas.

Do estágio às telas (1971)

Em 1971, Glória Maria ainda era estudante e estava cursando o clássico (até os anos 1970, o ensino médio era dividido em três e compreendia o curso científico, o curso normal e o curso clássico). Era colega de uma menina que trabalhava na Globo Rio (praça televisiva da Globo localizada no Rio de Janeiro) e, por meio dela, soube de uma vaga de estágio na área do jornalismo.

Como a menina não se interessava pela vaga, porque não era remunerada, Glória Maria aproveitou a oportunidade para iniciar na rádio-escuta. *“Só que eu não sabia direito o que era o jornalismo. Eu estava estudando ainda, tinha 16 para 17 anos, não tinha nem noção do que era o jornalismo. Até porque não era o que é hoje, o telejornalismo estava começando, o repórter não ‘botava a cara’ no vídeo. Então, eu fui na experiência, na experimentação. Não fui para ser jornalista, porque eu nem sabia o que queria, só sabia que eu queria escrever, tinha fascínio pela palavra”*.⁷⁴

Paralelamente ao estágio, para ter alguma renda, começou a trabalhar como telefonista na Embratel, que era a empresa estatal de telefone na época. *“Não dava para trabalhar sem ganhar nada! Aquilo era um luxo que eu nem podia pensar em me dar. (...) A minha vida era assim: eu chegava na Globo às oito da manhã e saía às oito da noite. Ia para meu cursinho pré-vestibular, depois para casa e dormia uma hora. Acordava para passar a madrugada na companhia telefônica. Passei um ano assim. Até que a Globo me contratou”*.⁷⁵

Depois disso, passou a conciliar os estudos na Faculdade de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio) com o emprego. Lembrando o passado, a jornalista conta à revista *TPM* que as idades entre ela e os colegas de trabalho, na Globo tinham quase a mesma idade. Ela tinha 16, os câmeras tinham 18, ou próximo disso, e saíam para dançar toda noite. *“Não tínhamos um centavo no bolso,*

⁷⁴ GLOBOSATPLAY. **Espelho**. Glória Maria. Disponível em: <<https://globosatplay.globo.com/canal-brasil/v/5831062/>>. Acesso em 01 de maio de 2019..

⁷⁵ REVISTA TRIP. **Tpm**. Da pobreza à Globo, do jornalismo à fama, Glória não faz por menos. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/gloria-maria>>. Acesso em 09 de abril de 2019.

*mas éramos ‘caras de pau’ e descolados. Isso foi me dando uma outra visão do mundo. Era ao mesmo tempo meu trabalho e a minha turma. Eu, claro, achava tudo isso absolutamente divertido”.*⁷⁶

Estreia na reportagem (1971)

Glória Maria estreou como repórter em 20 de novembro de 1971, um sábado trágico para o Rio de Janeiro. A pauta era o desabamento do viaduto Engenheiro Freyssinet, sobre a Avenida Paulo de Frontin. A causa mais provável da queda foi a passagem de um caminhão com oito toneladas de concreto pelo viaduto, que se encontrava na última etapa da obra.

Com o desabamento, três vãos do elevado, num total de 112 metros, soterraram 48 pessoas e feriram dezenas. Vinte mil toneladas de concreto vieram abaixo, esmagando 20 carros, um ônibus e um caminhão que estavam parados num sinal de trânsito na rua de baixo.

Dez anos depois, em 20 de novembro de 1981, a Globo relembrou o caso. Glória Maria retornou ao local da tragédia, na Avenida Paulo de Frontin, sobre a qual o elevado já havia sido reconstruído, para uma entrada ao vivo.

Copa do Mundo na Alemanha e estreia no vídeo (1974)

Com os ensinamentos do cinegrafista Orlando Moreira⁷⁷, Glória Maria pôde fazer a primeira aparição no vídeo ao entrevistar os jogadores da seleção brasileira que disputariam a Copa do Mundo de 1974, na Alemanha. *“Quem me ensinou tudo, a segurar o microfone, a falar, foi o Orlando Moreira, o primeiro câmera com quem trabalhei”.*⁷⁸

Na Copa do Mundo de 1974, pela primeira vez, os torcedores brasileiros assistiram à transmissão em cores dos jogos da Seleção Brasileira de Futebol.

⁷⁶ REVISTA TRIP. **Tpm**. Da pobreza à Globo, do jornalismo à fama, Glória não faz por menos. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/gloria-maria>>. Acesso em 09 de abril de 2019.

⁷⁷ O repórter-cinematográfico Orlando Moreira nasceu no Rio de Janeiro em 1944. Começou na Globo em 1965. Em 1974, foi o primeiro cinegrafista do escritório da emissora em Londres. Em 1984, assumiu a chefia dos repórteres-cinematográficos de Nova York. (MEMÓRIA GLOBO. **Orlando Moreira**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/orlando-moreira.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019).

⁷⁸ MEMÓRIA GLOBO. **Glória Maria**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/gloria-maria.htm>>. Acesso em: 17 de abril de 2018.

Durante a competição, as entrevistas e as matérias eram feitas em filme e havia apenas dez minutos de satélite para enviar todas as imagens para a emissora no Rio de Janeiro.

Para Armando Nogueira, então diretor de jornalismo da TV Globo, essa foi a primeira experiência de cobertura jornalística, em equipe, realizada pela emissora. Até então, o trabalho no Mundial se resumia apenas à transmissão dos jogos.⁷⁹

Estreia ao vivo no Jornal Nacional (1976)

Em 1976, Glória Maria foi a primeira repórter a fazer uma entrada, ao vivo, no Jornal Nacional. Na ocasião, a jornalista falou sobre o vereador do município de São Pedro da Aldeia, João Batisa da Cunha, que era o mais novo dentro do estado do Rio de Janeiro.

Assassinato de Ângela Diniz (1976)

Glória Maria ajudou a cobrir o julgamento do empresário Raul “Doca” Fernandes do Amaral Street, acusado de assassinar a esposa, a *socialite* Ângela Diniz em 30 de dezembro de 1976.⁸⁰ Ela foi morta a tiros no balneário de Búzios, no Rio de Janeiro.

Doca Street foi condenado a dois anos de cadeia, mas obteve o direito de cumprir a pena em liberdade. A tese da defesa era de que ele teria agido em legítima defesa da honra e “matado por amor”. O argumento gerou polêmica. Militantes feministas organizaram um movimento cujo slogan “quem ama não mata” tornou-se, anos mais tarde, o título de uma minissérie da Globo.

A força dos protestos populares e o pedido de revisão do promotor levaram Doca Street a novo julgamento, em novembro de 1981. Condenado a 15 anos de prisão em regime fechado, ele obteve liberdade condicional.

⁷⁹ MEMÓRIA GLOBO. **Copa do Mundo da Alemanha - 1974**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/copa-do-mundo-da-alemanha-ocidental-1974/jogos-do-brasil.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

⁸⁰ MEMÓRIA GLOBO. **Assassinato de Ângela Diniz**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/mobile/programas/jornalismo/coberturas/angela-diniz-assassinato/a-historia.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

Estreia internacional (1977)

Em janeiro de 1977, a jornalista cobriu a posse de Jimmy Carter, do Partido Democrata, em Washington. Ele foi o 39º presidente dos Estados Unidos e governou de 1977 a 1981. Foi a primeira cobertura internacional da jornalista.

Figura 3: Glória Maria cobre posse de Jimmy Carter nos EUA



Fonte: REVISTA TRIP.

Para o quadro "*A primeira vez a gente nunca esquece*", do programa *Vídeo Show*, da Rede Globo, em novembro de 2011, Glória Maria disse que a experiência foi inesquecível. "*Quando eu entrei pra TV Globo eu fui pros Estados Unidos cobrir a posse do presidente americano Jimmy Carter. Eu não vou esquecer nunca. Eu era uma menina, mal falava inglês. Quando a gente foi gravar no Capitólio [prédio que serve como centro legislativo do governo dos Estados Unidos], as cadeiras estavam todas cobertas de gelo. Isso está marcado na minha memória e no meu coração*".⁸¹

Estreia ao vivo e em cores no Jornal Nacional (1977)

Em 1976, a Globo inaugurou o *Eletronic News Gathering* (ENG), pequenas unidades portáteis (dotadas de câmeras leves e sensíveis, transmissores de microondas, videoteipes e sistemas de edição) que permitiam o envio de imagem e som direto do local do acontecimento para a emissora. A tecnologia eliminou o tempo gasto com revelação de filmes e facilitou a vida do cinegrafista.

⁸¹ GLOBOPLAY. **Vídeo Show**. A primeira vez a gente nunca esquece com Glória Maria. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1690620/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

Com o ENG, o repórter passou a apresentar os próprios textos. Era exigido dele mais reflexão sobre o conteúdo, improviso e memorização. Com isso, a Globo concluía um ciclo de treinamento que, desde 1974, ensinava o profissional de vídeo a segurar o microfone, evitar a gesticulação excessiva, moderar as reações fisionômicas e colocar a voz, etc.⁸²

Foi para o Jornal Nacional, em junho de 1977, que Glória Maria fez mais uma estreia. Foi a primeira repórter a entrar no ar, ao vivo (com ENG), na primeira matéria em cores do telejornal. A repórter e o cinegrafista Roberto Padula foram à Avenida Brasil, no Rio de Janeiro, fazer uma reportagem sobre o engarrafamento no fim da tarde.

Na hora de entrar ao vivo, o equipamento de luz falhou. Na urgência, o cinegrafista teve de improvisar com os faróis do carro de reportagem. Glória Maria ficou de joelhos para ficar na altura da luz. *“Eu estava dura, rígida, porque não podia errar. Era a primeira entrada ao vivo. Faltavam cinco, dez minutos, era o técnico que ficava com o fone para me dar o ‘vai’. Quando a lâmpada queimou, faltava um minuto para a entrada ao vivo. O jeito foi acender a luz da Veraneio (carro utilizado pela emissora)”*.⁸³

Entrevista inusitada com Raul Seixas (1977)

Em 1977, Glória Maria entrevistou o artista Raul Seixas em um acontecimento inusitado. O mar do Rio de Janeiro estava tão movimentado que uma onda atingiu o carro do cantor enquanto ele dirigia pelo Leblon. *“O Rio está enfrentando hoje uma das maiores ressacas dos últimos anos. Na Avenida Delfim Moreira, aqui no Leblon, a água chegou a invadir a calçada, atravessar a rua e até causar acidentes”*.

⁸² MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/o-jornalismo-eletronico-e-os-reporteres-de-video.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

⁸³ MEMÓRIA GLOBO. **Glória Maria**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/gloria-maria.htm>>. Acesso em: 17 de abril de 2018.

Figura 4: Glória Maria entrevista o artista Raul Seixas



Fonte: YOUTUBE.

Glória Maria esteve no local e perguntou o que o artista pensava do incidente. Raul Seixas defendeu a natureza e criticou o excesso de construções. *“É uma coisa profética, está na profecia. Esse foi o primeiro vômito, um primeiro anúncio. Quem dançou fui eu. Ainda bem que esse carro é pra segurar barra de onda. (...) Eu vinha normalmente, da Barra da Tijuca, quando eu fui atropelado por uma onda, uma coisa inédita na história, veja bem. (...) A onda ‘tá’ certa. A natureza ‘tá’ certa. Errado ‘tá’ esses edifícios”*.⁸⁴

Caso Cláudia Lessin (1977)

Glória Maria ajudou a cobrir a investigação do assassinato de Cláudia Lessin Rodrigues, em julho de 1977. O corpo da jovem de 21 anos foi encontrado nu e com um saco cheio de pedras amarrado ao pescoço nas pedras do Chapéu dos Pescadores, na Avenida Niemeyer, no Rio de Janeiro.

A polícia suspeitava de George Khour e Michel Frank, que estavam com ela em uma festa na noite de seu desaparecimento. Michel Frank tinha dupla nacionalidade, fugiu para a Suíça e escapou da justiça brasileira.

O julgamento do caso ocorreu em 1980, três anos após a morte de Cláudia, e durou cinco dias; um dos mais longos do Tribunal do Júri no Brasil. Ao final, George Khour foi condenado por ocultação de cadáver e cumpriu pena de três anos e quatro

⁸⁴ YOUTUBE. **Tauil**. O dia em que Raul Seixas foi atropelado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AxzZ1YTgb98>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

meses. O júri concluiu que ele não era o autor da morte de Cláudia Lessin. Michel Frank não foi julgado e morreu assassinado em Zurique, em setembro de 1989.⁸⁵

Desafeto de Figueiredo (1979)

No Brasil, durante o período militar (1967 a 1985), Glória Maria entrevistou chefes de estado. Porém, acabou virando desafeto de João Baptista de Oliveira Figueiredo, o 30º presidente do Brasil (1979 a 1985) e o último do período da ditadura militar. *“Foi quando ele fez aquele discurso ‘eu prendo e arrebento’ - para defender a abertura (1979). Na hora, o filme acabou e não tínhamos conseguido gravar. Aí, eu pedi: ‘Presidente, é a TV Globo, o Jornal Nacional, será que o senhor poderia repetir?’ ‘Problema seu, eu não vou repetir’, ele disse”*.⁸⁶

Depois de algumas insistências, sem ter êxito, a repórter corrigiu o português usado pelo presidente, que não gostou: *“A senhora retire-se daqui”*. Glória Maria conta que foi um “bate-boca” e foi ao ar. *“Desde esse dia, passou a me odiar. E onde eu chegava, dizia para a segurança: ‘Não deixa aquela ‘neguinha’ chegar perto de mim’”*.⁸⁷

Atentado Riocentro (1981)

Um espetáculo musical comemorativo do Dia do Trabalho reuniu 20 mil pessoas no Riocentro, centro de convenções na zona oeste do Rio de Janeiro, na noite de 30 de abril de 1981. Uma bomba explodiu no interior de um automóvel Puma, matando o sargento Guilherme Pereira do Rosário e ferindo o capitão Wilson Luís Chaves Machado. Os dois eram integrantes do DOI-CODI⁸⁸ e estavam no local,

⁸⁵ MEMÓRIA GLOBO. **Caso Cláudia Lessin**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/mobile/programas/jornalismo/coberturas/claudia-lessin-morte/claudia-lessin-morte-a-historia.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

⁸⁶

⁸⁷ MEMÓRIA GLOBO. **Glória Maria**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/gloria-maria.htm>>. Acesso em: 17 de abril de 2018.

⁸⁸ Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) foi um órgão de inteligência e repressão do governo brasileiro ativo durante a ditadura militar de 1964. Instalados nas principais capitais do país, foram os locais por onde passaram milhares de presos e onde ocorreu a maioria dos casos de execuções e desaparecimentos forçados de opositores ao regime. (ARQUIVO NACIONAL. **Ministério da Justiça e Segurança Pública**. DOI-CODI. Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br/br/difusao/arquivo-na-historia/696-doi-codi.html>>. Acesso em: 01 de maio de 2019).

segundo as autoridades militares, numa operação de rotina. Outra bomba havia sido colocada na casa de força do prédio, mas não chegou a explodir.⁸⁹

Glória Maria cobriu a coletiva de imprensa em que foi divulgado o resultado do inquérito policial militar instaurado que considerou inocentes (e vítimas) o sargento Guilherme Pereira do Rosário e o capitão Wilson Luís Chaves Machado e concluiu que houve um crime militar de autoria desconhecida.

Cobertura da Guerra das Malvinas (1982)

Em 1982, Glória Maria fez parte da equipe de cobertura da Guerra das Malvinas, envolvendo Inglaterra e Argentina, que aconteceu de abril a junho daquele ano. Quase 150 anos depois de os britânicos terem ocupado as ilhas Malvinas, a Argentina desembarcou no arquipélago quatro mil homens, com o objetivo de reaver o território, situado a 400 quilômetros da sua costa. Três dias mais tarde, o governo do Reino Unido reagiu, mobilizando sua Marinha e Força Aérea.

Foi uma das mais amplas coberturas internacionais realizadas pela Globo. Em esquema de revezamento, 46 profissionais foram enviados à Argentina, além de outros 30 que acompanhavam a crise na Inglaterra, nos EUA e junto à ONU.

Fizeram parte da cobertura os repórteres Carlos Castilho, Luís Fernando Silva Pinto, Ricardo Pereira, Roberto Feith, Sílio Boccanera e Carlos Nascimento (na Inglaterra), Paulo Alceu, Roberto Lopes, Geraldo Canali, Francisco José, Hermano Henning, Rodolfo Gamberini, Glória Maria e Wilson Fadul Filho (na Argentina), e Sérgio Motta Mello e Lucas Mendes (nos EUA).

Na Argentina, os jornalistas ficaram sediados em um hotel em Buenos Aires, onde estava toda a imprensa internacional. A Globo participou de um *pool* de emissoras (“associação” de várias mídias para determinada cobertura), que recebia as imagens diretamente da frente de batalha, pois era proibida a presença de repórteres no local do conflito.

Estreia em vôo duplo de asa-delta (1982)

Em 1974, Glória Maria fez a cobertura do o primeiro voo de asa-delta no Brasil. Mais tarde, em 1982, foi ela quem estreou e registrou o primeiro vôo duplo de

⁸⁹ MEMÓRIA GLOBO. **Atentado no Riocentro**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/mobile/programas/jornalismo/coberturas/atentado-no-riocentro/a-historia.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

asa delta. "Foi de uma forma muito precária, não tinha as câmeras de hoje, foi tudo muito improvisado, mas graças a Deus deu certo".⁹⁰

Figura 5: Glória Maria em primeiro voo duplo de asa delta no Brasil



Fonte: GLOBOPLAY.

Estreia no *Bom Dia Rio* (1983)

O *Bom Dia Rio* é um telejornal exibido pela Rede Globo durante a manhã para a região metropolitana do Rio de Janeiro e os municípios de Niterói e São Gonçalo. O programa foi ao ar pela primeira vez em 03 de janeiro de 1983.

Na estreia, o programa exibiu, dentre outras reportagens, uma produzida por Glória Maria em que ela mostra o hábito de corrida dos cariocas nos seis quilômetros de calçadão que ligam os bairros Leblon e Ipanema, na zona sul do Rio de Janeiro.

Figura 6: Glória Maria corre e entrevista pessoas em corrida matinal



Fonte: MEMÓRIA GLOBO.

⁹⁰ GLOBOPLAY. **Mais Você**. Mais Você - Programa de Sexta-feira, 17/03/2017, na íntegra. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5731657/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

O que chama a atenção é que a jornalista está vestida com trajes de corrida e começa a reportagem sentada na calçada, amarrando os tênis e contando que também tem esse costume. Levanta e, enquanto vai dando as informações, começa a correr pelo calçadão ao lado das pessoas que também estão praticando o exercício. Ela entrevista as pessoas sem parar de correr, acompanhando o ritmo dos corredores.

Exclusividade na Olimpíada de Los Angeles (1984)

A primeira vez que a Globo transmitiu uma cerimônia de abertura, na íntegra, foi na Olimpíada de Los Angeles, nos Estados Unidos, em 1984.

O evento ficou marcado pelo boicote da União Soviética, a exemplo do que os norte-americanos fizeram, quatro anos antes, em Moscou, quando também se recusaram a participar. Apesar da ausência de 16 países, participaram das competições 140 delegações, com quase sete mil atletas.

Antes da cerimônia de abertura começar, a repórter Glória Maria burlou a segurança e, escondida em um corredor próximo ao local onde ficavam estacionados os ônibus dos atletas, conseguiu entrevistar, com exclusividade, o velocista americano Edwin Moses.

Figura 7: Glória Maria desvia segurança nas Olimpíadas de Los Angeles



Fonte: MEMÓRIA GLOBO.

Ele disse se sentir honrado por ter sido escolhido para fazer o juramento olímpico. Afirmou também acreditar que Joaquim Cruz seria a grande esperança de medalha para o Brasil no atletismo (e foi: conquistou o ouro na modalidade dos 800m). A entrevista foi ao ar durante a transmissão.

Entrevista com Mick Jagger - The Rolling Stones (1984)

"Eu, pelo menos, consegui". Foi assim que Glória Maria finalizou uma entrevista com Mick Jagger, do grupo *The Rolling Stones*, antes de assinar (dizer seu nome) para o Jornal Nacional, em 26 de novembro de 1984. O artista estava no Brasil para gravar um clipe.

Figura 8: Glória Maria entrevista o artista Mick Jagger



Fonte: GLOBOPLAY.

A frase, dita em tom de convencimento, sorriso largo e um semblante notável de satisfação, representava o contentamento da repórter pelo autógrafo concedido a ela por Jagger. Para deixar a cena ainda mais inusitada, Glória Maria ganha um beijo inesperado do artista.

Rock in Rio (1985)

A primeira edição do Rock in Rio, promovida pelo empresário Roberto Medina e realizada entre 11 e 20 de janeiro de 1985, foi o maior evento de rock realizado na América Latina, reunindo 1,6 milhão de pessoas. O festival entrou para a história e se transformou em um dos mais importantes eventos musicais do país.

Para abrigar o mega evento, foi construída, em Jacarepaguá, na zona oeste do Rio de Janeiro, a Cidade do Rock. Com transmissão exclusiva da Globo, deu-se início à programação comemorativa de seus 20 anos. Mais de 300 profissionais estiveram envolvidos na cobertura e na transmissão ao vivo.

Os repórteres Leila Cordeiro, Luiz Edmundo Monteiro, Angela Lindenberg e Glória Maria acompanharam, desde o começo das obras, na Cidade do Rock, até as primeiras passagens de som, contando também com diversas entrevistas exclusivas.

Glória Maria conversou com Eduardo Dusek e os integrantes do Kid Abelha para o *Jornal Nacional*, e com uma das grandes estrelas do evento, Freddie Mercury, do grupo Queen, para o *Jornal da Globo*.⁹¹

Figura 9: Glória Maria entrevista o artista Freddie Mercury, do grupo Queen



Fonte: YOUTUBE.

“Entrevista-café” com Barão Vermelho (1983)

Em 1983, Glória Maria toma café e entrevista os artistas Cazuzza, Frejat, Fernando Magalhães, Guto Goffi, Maurício Barros e André Palmeira Cunha, da recém formada banda de rock, Barão Vermelho.

O grupo foi fundado em 1981, na cidade do Rio de Janeiro. Na ocasião a entrevista foi encerrada com os rapazes cantando uma música à capella, sem instrumentos, fazendo sons manualmente.

⁹¹ MEMÓRIA GLOBO. **Rock in Rio I**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/rock-in-rio-i/rock-in-rio-i-a-historia.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

Figura 10: Glória Maria entrevista artistas do Barão Vermelho



Fonte: YOUTUBE.

Estreia no *Fantástico* - reportagem e apresentação (1986)

A partir de 1986, Glória Maria integrou a equipe do *Fantástico*, do qual foi apresentadora de 1998 a 2007. O programa é um painel dinâmico do que é produzido na Globo. Criado em 1973, é exibido aos domingos à noite.

Figura 11: Glória Maria apresenta o *Fantástico*



Fonte: MEMÓRIA GLOBO.

No *Fantástico*, a repórter ficou conhecida pelas matérias especiais, viagens a lugares exóticos e por entrevistar celebridades. Pelo programa, viajou por mais de 100 países, passando por toda a Europa, África e parte do Oriente, quando mostrou um “mundo novo” ao telespectador, já que raramente eram produzidas reportagens nestas partes do mundo.

Criança Esperança (1989)

Em 1986, a Rede Globo, junto com o Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), lançou a campanha nacional de mobilização social *Criança Esperança* que busca a conscientização em prol dos direitos da criança e do adolescente. Por meio dela, são realizados shows de diversos artistas que incentivam doações feitas por telespectadores e por várias instituições.

Em 1989, no quarto ano da campanha, a Globo levou ao ar, durante uma semana, uma programação especial. A abertura foi no *Fantástico* de 8 de outubro, com uma reportagem de Glória Maria, que mostrava um projeto da Escola Wenceslau Braz, em Caxambu, no interior de Minas Gerais. O projeto atendia 700 crianças carentes, oferecendo roupa, alimento, estudo e oficinas profissionalizantes de graça.

Figura 12: Glória Maria entrevista crianças de projeto social em Minas Gerais



Fonte: MEMÓRIA GLOBO.

Desde 2004, a campanha é desenvolvida em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), que passou a administrar os recursos arrecadados e a apoiar a Globo na abordagem dos temas mais relevantes (que são tratados nos intervalos das apresentações).

Xuxa Especial de Natal (1990)

O programa Especial de Natal apresentado por Xuxa Meneghel e exibido em 1990, intercalava músicas, dramaturgia, uma entrevista com a apresentadora e a presença de crianças da Fundação Xuxa Meneghel. Glória Maria participou do especial, entrevistando Xuxa.

Durante a entrevista, Glória Maria mostra uma fotografia de infância da apresentadora e Xuxa relembra a vida na cidade natal de Santa Rosa, no Rio Grande do Sul.

Carnaval (1992)

Glória Maria sempre foi persistente em conseguir as informações de que precisava ou que julgava serem importantes e relevantes para a reportagem. Durante a transmissão do desfile de Carnaval de 1992, ela percebeu algo errado com o casal Mestre-Sala e Porta-Bandeira da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel. Ela insistiu, mesmo ao vivo, em falar com a Porta-Bandeira, Mariazinha, que chorava enquanto desfilava. Pessoas da escola tentavam bloquear o acesso da repórter, mas ela insistia para que alguém explicasse o que estava acontecendo.

A repórter retornou, ao vivo, depois de alguns minutos, com os esclarecimentos: as roupas do casal Mestre-Sala e Porta-Bandeira não tinham ficado prontas e a escola não queria que o público soubesse. No vídeo, eles aparecem desfilando, enquanto as roupas vão se desmontando pelo caminho.

Chacina da Candelária (1993)

Em 1993, Glória Maria ajudou a cobrir um crime que chocou o país e o mundo. Na madrugada de 23 de julho, por volta da 1 hora, um grupo de policiais à paisana chegou ao entorno na Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro, simulando levar comida para os 72 meninos e meninas de rua que dormiam sob as marquises dos prédios da região. Ao invés disso, mataram, a tiros de fuzil, oito menores com idades entre 10 e 17 anos, e feriram outros.

O motivo seria a vingança contra o apedrejamento de uma viatura pelos menores, no dia anterior. Um guardador de carros que tomou quatro tiros e sobreviveu se tornou a única testemunha da tragédia, que ficou conhecida como “Chacina da Candelária” e ganhou repercussão internacional.⁹²

⁹² MEMÓRIA GLOBO. **Chacina da Candelária**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/chacina-na-candelaria/sobre.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

Figura 13: Glória Maria cobre a Chacina de Candelária



Fonte: MEMÓRIA GLOBO.

Três dias antes do crime, Glória Maria esteve no local, entrevistando crianças em situação de rua para uma reportagem sobre solidariedade. Entrevistou também uma artista plástica que dedicava a vida para ensinar valores de respeito, amor e dignidade para crianças abandonadas.

Para a reportagem, as crianças contaram alguns dos seus maiores desejos: "*A minha esperança é que eu melhore, que eu sei que eu vou melhorar*"; "*Eu pretendo sair, mas só vou sair da rua quando abrir uma escola pra esses garotos de rua, pra eu ir pra minha casa*"; "*Que todo mundo que tá aqui vá pra casa, que tenha uma casa, que seja feliz e eu também*".⁹³ Das crianças mostradas pela reportagem, pelo menos três foram mortas na chacina.

Morte de Ayrton Senna (1994)

Em 1994, Glória Maria ajudou a mostrar a comoção brasileira pela morte de Ayrton Senna. O piloto brasileiro Ayrton Senna da Silva morreu, aos 34 anos, durante o Grande Prêmio de San Marino, em Ímola, na Itália, em 1º de maio de 1994, num fim de semana marcado por acidentes na Fórmula-1.

Sua morte colocou em evidência a questão da segurança dos carros e dos circuitos automobilísticos. Brasileiros de todos os cantos do país choraram a morte de Senna. O governo brasileiro declarou três dias de luto oficial e concedeu ao piloto honras de chefe de Estado. Da Itália, Pedro Bial informou sobre a repercussão da

⁹³ MEMÓRIA GLOBO. **Chacina da Candelária**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/chacina-na-candelaria/videos.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

morte de Senna. A notícia foi manchete nos jornais de todos os países europeus e abriu a maioria dos telejornais.

Figura 14: Glória Maria mostra consternação pela morte de Ayrton Senna



Fonte: MEMÓRIA GLOBO.

Após muitas investigações, a perícia concluiu que o piloto brasileiro perdera o controle do carro devido à quebra da coluna de direção. Os responsáveis técnicos da Williams - incluindo Frank Williams, dono da escuderia - foram indiciados por homicídio culposo, negligência e imprudência em novembro de 1996. Um ano depois, no entanto, todos foram absolvidos.

Roberto Carlos Especial (1995) (2002) (2010) (2011)

O primeiro programa especial de Roberto Carlos produzido pela Globo foi exibido em 25 de dezembro de 1974, em comemoração ao Natal. A partir da data, o especial de fim de ano com o cantor tornou-se uma tradição da emissora. O ano de 1999 foi o único, desde 1974, em que *Roberto Carlos Especial* não foi exibido porque o cantor perdeu a esposa, Maria Rita, em decorrência de um câncer.

Em 1995, o programa homenageou os 30 anos da Jovem Guarda, trouxe uma entrevista exclusiva com o cantor e um show gravado em uma casa de espetáculos na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro. Glória Maria conversou com o artista sobre sucesso, religiosidade, carreira e o novo disco, *Roberto Carlos*.

Em 2002, o programa mostrou trechos do show realizado pelo artista no Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro e partes do show “*Amor sem Limite*”, gravado na casa de espetáculos Via Funchal, em São Paulo. Entre uma canção e outra, o cantor falou como as músicas retrataram momentos de sua vida com romantismo,

sensualidade, religiosidade e amor. Além disso, foi ao ar uma entrevista feita por Glória Maria com o cantor que teve um final especial: Roberto Carlos cantando *Emoções*, a pedido de Glória Maria.

Figura 15: Glória Maria entrevista o cantor Roberto Carlos



Fonte: MEMÓRIA GLOBO.

Em 2011, o show foi especialmente diferente. O palco foi montado no Sultan's Pool, que fica próximo ao Monte Sião e junto às muralhas da Cidade Velha de Jerusalém. Glória Maria foi a mestre de cerimônia do especial, que mostrou também a visita do cantor a lugares sagrados, como a Basílica de Santo Sepulcro, o Jardim das Oliveiras, o Sítio Arqueológico Ha'Ofel, o Muro das Lamentações e o Monastério de São Jorge.

Figura 16: Glória Maria apresenta Especial e dança com Roberto Carlos



Fontes: GLOBOPLAY.

Roberto Carlos apresentou suas músicas de maior sucesso, como *Emoções*, *Detalhes*, *Como Vai Você*, entre outras, e ainda interpretou canções em italiano, inglês, hebraico e espanhol. Além disso, dançou com Glória Maria no palco.

Entrevista com Michael Jackson (1996)

Em 1996, Glória Maria conseguiu, com exclusividade, uma breve entrevista com o astro pop Michael Jackson, que estava no Brasil gravando parte de um clipe. Em 10 de fevereiro de 1996, o cantor desembarcava em Salvador, para realizar parte das filmagens de seu videoclipe “*They don’t care about us*” (Eles não ligam pra gente) no Pelourinho, acompanhado de cerca de 220 integrantes da banda Olodum, que ensaiaram a coreografia no dia anterior com o diretor do clipe, Spike Lee.

No dia 11, Michael Jackson subia o Morro, no Rio de Janeiro, para continuar as gravações do clipe na favela Santa Marta. Com uma letra sobre miséria, pobreza e sobretudo um apelo para que “eles” façam alguma coisa pelos menos favorecidos, o ídolo do pop fazia uma *performance* tendo ao fundo paisagens como o Cristo Redentor e o Pão de Açúcar.

Depois do “*I love you Brazil*” (eu te amo Brasil) - frase dita pelo artista na breve entrevista para Glória Maria, ele surpreendeu a jornalista com um beijo.

Figura 17: Glória Maria entrevista o artista Michael Jackson



Fonte: GLOBOPLAY.

O artista morreu em 25 de junho de 2009, em decorrência de parada respiratória provocada por overdose de fármacos. A casa que serviu de camarim para o astro no Morro, se tornou ponto turístico e, em 26 de junho de 2010, foi inaugurada uma estátua de 1,82m em bronze do astro, feita pelo escultor e cartunista Ique, na laje onde o clipe foi gravado.⁹⁴

⁹⁴ ACERVO O GLOBO. **Em destaque.** Michael Jackson sobe o morro, grava clipe e leva o Dona Marta para o mundo em 96. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/michael-jackson-sobe-morro-grava-clipe-leva-dona-marta-para-mundo-em-96-18647055>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

Glória Maria relembra, em 2013, para o telejornal *GloboNews*, a conversa que teve com Michael Jackson durante a passagem do astro pelo Brasil. *"A gente conversou antes. Ele disse: 'olha, eu não dou entrevistas, não vou te dar entrevista, mas eu quero conversar com você'. Foi aí que eu descobri que ele 80% do corpo tomado pela doença vitiligo. Eu me senti mal, porque tinha, como todo mundo, achado que ele 'tava' querendo embranquecer. Mas é claro que era muito mais fácil clarear os 20% do corpo do que escurecer os 80. Todo mundo também dizia: 'ah, ele não permite que ninguém chegue perto porque ele tem nojo, tem medo de bactérias, disse e daquilo e por isso ele usa máscara'. Eu perguntei pra ele (fora da câmera) e aí ele me mostrou o furo que tinha no nariz e disse tinha um desvio de septo muito acentuado e não conseguia emitir determinadas notas, por isso fez várias cirurgias. Só que ficou um furo no nariz e sempre tinha secreção e, por isso, ele usava máscaras. Neste caso, sim pra se proteger de bactérias".*

A jornalista contou que ele se interessou em conhecê-la. *"Ele quis saber quem eu era, por que era conhecida no Brasil, por que as pessoas gostavam de mim (ele viu um pessoal me chamando, na Bahia). Eu expliquei pra ele que eu era praticamente uma das únicas negras que trabalhavam na televisão brasileira e a primeira repórter do Brasil e ele ficou encantado. Aí foi que ele disse: 'bom, então, eu vou permitir que você me faça uma pergunta'. Então, na hora que ele terminou de gravar o clipe, mandou me chamar".*

Terrorismo (1996)

Em 1996, Glória Maria ajudou a cobrir a invasão terrorista da organização Tupac Amaru (MRTA) à embaixada do Japão, em Lima, no Peru. Militantes sob o comando de Nestor Cerpa Cartolini invadiram a embaixada japonesa disfarçados de garçons durante a comemoração do aniversário do imperador Akihito, em 17 de dezembro de 1996.

O grupo exigiu a libertação de 440 membros condenados à prisão perpétua, inclusive o líder máximo Victor Polay Campos e a transferência de todos para um local de difícil acesso na selva peruana. 490 pessoas foram mantidas como reféns e ameaçadas de morte caso as exigências do grupo não fossem atendidas. *"Ou conseguimos a libertação dos nossos camaradas ou morreremos com os reféns".* A declaração, de um dos terroristas, foi publicada nos principais jornais do mundo.

Entre os detidos estavam os embaixadores de 15 países, incluindo o do Brasil, Carlos Luiz Coutinho Perez, além de 40 diplomatas, empresários, membros da Suprema Corte, forças de segurança e outras personalidades, como a mãe do presidente do Peru, Alberto Fujimori. O representante brasileiro foi solto quatro dias após o início do sequestro, junto com 38 reféns.

No dia 22 de abril de 1997, o presidente Fujimori ordenou o uso da força para resolver a crise. No ataque, cerca de 200 homens das Forças Armadas acabaram com o seqüestro em 36 minutos. Na ação, 72 reféns foram libertados e todos os 14 guerrilheiros morreram, assim como um refém, o juiz da Suprema Corte, Carlos Giusti, e dois militares.⁹⁵

Olimpíada de Atlanta (1996)

Em 1996, Glória Maria, junto com cerca de outros 100 profissionais, entre técnicos e jornalistas, ajudou a cobrir a Olimpíada de Atlanta, realizada nos Estados Unidos e marcada pela comemoração do centenário do evento. A primeira olimpíada da Era Moderna foi em Atenas, na Grécia, em 1896.

Pela primeira vez, todas as delegações reconhecidas pelo Comitê Olímpico participaram das competições, com a presença de 10.318 atletas de quase 200 países. Uma das imagens mais marcantes aconteceu na cerimônia de abertura: o mito do boxe Mohammad Ali, portador da doença de Parkinson e na época com 54 anos, acendeu a tocha olímpica, emocionou o público nas arquibancadas e os telespectadores em todo o mundo.

A Globo montou um estúdio e dois satélites disponíveis 24 horas por dia. Um dos destaques da cobertura foram as entrevistas com atletas da delegação brasileira, feitas depois de um dia de atividades ou na véspera de uma prova. As entrevistas só foram possíveis graças ao recurso da videoconferência, uma vez que a presença de jornalistas não é permitida na Vila Olímpica.⁹⁶

⁹⁵ ACERVO O GLOBO. **Em destaque.** Em 1996, Tupac Amaru toma embaixada do Japão, em Lima, e faz 490 reféns. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/em-1996-tupac-amaru-toma-embaxada-do-japao-em-lima-faz-490-refens-20641827>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

⁹⁶ MEMÓRIA GLOBO. **Olimpíada de Atlanta - 1996.** Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/olimpiada-de-atlanta-1996/fotos-e-videos.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

Copa do Mundo na França (1998)

Em 1998, Glória Maria ajudou a cobrir a Copa do Mundo na França. A equipe enviada pela Globo para cobrir o evento tinha cerca de 160 profissionais. Era uma das maiores mobilizadas até então para um evento internacional. Dois satélites exclusivos ficaram disponíveis 24h para que a equipe pudesse enviar matérias a qualquer hora do dia ou da noite. Entre os repórteres, se destacaram Tino Marcos, Mauro Naves, Maurício Kubrusly, Marcos Uchoa, Régis Rösing, Pedro Bassan, Mônica Waldvogel, César Augusto e Glória Maria.

Vulcão ativo - Havaí (2000)

Em fevereiro de 2000, o *Fantástico* exibiu uma reportagem sobre o vulcão Kilauea, o mais perigoso e ativo do mundo. Glória Maria explorou a cratera sobrevoando-a de avião. Localizado no Parque Nacional de Vulcões do Havaí, ele já aumentou a área da ilha em mais de 1 milhão e 600 mil metros quadrados devido à quantidade de lava expelida.

Figura 18: Glória Maria sobrevoa o vulcão ativo Kilauea



Fonte: GLOBOPLAY.

Travessia de balões no ar (2001)

Em 2001, Glória Maria viveu mais uma experiência inusitada durante as gravações de uma reportagem. Ela atravessou, no ar, de um balão para outro, por uma estreita passarela.

Em janeiro de 2019, a experiência foi lembrada no programa *Domingão do Faustão*, da Rede Globo, porque a travessia foi uma ideia de Fausto Silva, o

apresentador do programa. "*Com certeza foi a coisa mais difícil que já fiz na vida. (...) Até hoje quando vejo eu não consigo acreditar que fiz isso*".⁹⁷

Figura 19: Glória Maria faz travessia de balões em movimento



Fonte: GLOBOPLAY.

Olimpíada de Atenas (2004)

Em 2004, os Jogos Olímpicos voltaram para Atenas, seu local de origem. Algumas das provas foram disputadas nos mesmos lugares em que ocorreram mais de um século antes.

Foi o caso do arremesso de peso, realizado em Olímpia, sede dos Jogos na Antiguidade e na Olimpíada de 1896, a primeira da Era Moderna. Glória Maria ajudou a cobrir a Olimpíada em que o Brasil conseguiu o melhor desempenho de sua história olímpica, alcançando a 16ª posição, com 10 medalhas.

A Globo transmitiu ao vivo a cerimônia de abertura no dia 13 de agosto, com narração de Galvão Bueno, Glória Maria, João Pedro Paes Leme e Marcos Uchoa.

O início dos Jogos foi marcado por *performances* que apresentaram a tradição grega, sua cultura e história, e a reunião do passado com o presente.

Dez equipes de reportagem da Globo acompanharam os Jogos Olímpicos na Grécia. Os jornalistas Marcos Uchoa, João Pedro Paes Leme, Pedro Bassan, Cesar Tralli, Graziela Azevedo, Tino Marcos, Glória Maria, Régis Rösing, Glenda Kozlowski e Renato Ribeiro participaram da cobertura.

O cavaleiro brasileiro, Rodrigo Pessoa, conquistou o segundo lugar (medalha de prata) no hipismo. Mais tarde, depois das Olimpíadas, em cerimônia realizada no

⁹⁷ GLOBOPLAY. **Domingão do Faustão**. Glória Maria fala sobre momento radical no 'Domingão'. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7280397/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

Brasil, herdou a medalha de ouro, já que foi comprovado o *doppin* do cavalo vencedor.

Nigéria (2005)

Em 2005, Glória Maria viajou para a Nigéria. Em reportagem exibida pelo *Fantástico*, a repórter mostrou um festival com mais de 15 mil pescadores, disputando a pesca do maior peixe do local.

Tradicionalmente, só são classificados os participantes que conseguem pegar peixes de, no mínimo, dez quilos. "*Foi uma das coisas mais impressionantes que eu vi na vida. (...) Eu era a única mulher no meio daqueles homens todos, 15 mil só ali [pescando] e fora os que estavam assistindo*".⁹⁸

Também na Nigéria, Glória Maria conversou com uma mulher islâmica que seria apedrejada por ser mãe solteira. Conforme as leis islamitas, as mulheres não podem ter filhos fora do casamento, por isso ela foi denunciada pelo próprio irmão, que não aceitava que ela estivesse vivendo contra as leis do Islã.

Houve um movimento mundial em defesa dela. Então, o Islã decidiu absolvê-la, dois dias antes do apedrejamento, alegando que na época em que ela teve esse filho, as leis ainda não tinham validade.

Figura 20: Glória Maria conversa com mulher que seria apedrejada na Nigéria



Fonte: GLOBOPLAY.

Entrevista com Madonna (2005)

Glória Maria entrevistou Madonna Louise Veronica Ciccone (Madonna) para o *Fantástico*, em outubro de 2005, nos Estados Unidos. A cantora, que não costumava dar entrevistas, chamou a imprensa para falar do novo disco que estava lançando.

⁹⁸ GLOBOPLAY. **Mais Você**. Mais Você - Programa de Sexta-feira, 17/03/2017, na íntegra. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5731657/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

“Eu saí daqui e diziam que a Madonna era difícil. Foi antipaticíssima com a Marília Gabrilela e debochou do seu inglês”.

Ao chegar, Glória Maria foi informada de que tinha só quatro minutos. Na hora da entrevista, a repórter foi sincera e disse que precisaria gravar a introdução em português e em inglês e da mesma forma, faria as perguntas e isso tomaria bastante tempo. *“Olha, Madonna, eu tenho quatro minutos. Vou errar no inglês, estou assustada, acho que já perdi os quatro minutos.”* Para sua surpresa, a estrela virou-se para a equipe técnica e disse: *“Dê a ela o tempo que ela precisar”*.⁹⁹

Figura 21: Glória Maria entrevista e presenteia a artista Madonna



Fonte: MEMÓRIA GLOBO.

Quando a entrevista terminou, Glória Maria deu de presente à Madonna um colar com uma pedra brasileira (topázio imperial), igual ao que usou durante a entrevista. Madonna já havia reparado no colar da jornalista quando se encontraram.

Ela gostou do presente e colocou no pescoço. Depois, a cantora deu todas as outras entrevistas usando o colar e chegou a mencionar que foi um dos presentes que mais gostou de receber nos últimos anos.

Colômbia - lama de vulcão (2006)

Em 2006, Glória Maria mostrou aos telespectadores a lama do Vulcão Totumo, em Barranquilla, na Colômbia. A piscina de lama vulcânica - que não afunda - tem 2.500 metros de profundidade e funciona como fonte da juventude para os visitantes. O motivo é que ela possui propriedades medicinais e ajudaria a combater problemas de saúde, como a artrite e manchas na pele.

⁹⁹ MEMÓRIA GLOBO. **Glória Maria**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/gloria-maria.htm>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

Figura 22: Glória Maria entra na lama do vulcão Totumo



Fonte: MEMÓRIA GLOBO.

Viagem com Paulo Coelho (2006)

Em maio de 2006, Glória Maria acompanhou o escritor Paulo Coelho numa viagem de dez mil quilômetros pela Transiberiana, a maior ferrovia do mundo. De Moscou a Vladivostok, eles percorrem uma das regiões mais distantes e frias da Terra. As reportagens fizeram parte da série *Sibéria, a Missão de um Mago*, exibida entre 15 de outubro e 10 de dezembro, no *Fantástico*.¹⁰⁰

Figura 23: Glória Maria acompanha o escritor Paulo Coelho em viagem



Fonte: MEMÓRIA GLOBO.

A repórter e o cinegrafista Ronaldo Cordeiro viajaram como passageiros comuns. Já o escritor tinha um vagão só para ele. *“Paulo era uma celebridade, andava até com batedores. Eu e Ronaldo carregávamos aquelas caixas de metal pesadas, com todo o equipamento. O banho era na pia; só no terceiro dia*

¹⁰⁰ MEMÓRIA GLOBO. *Fantástico*. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/fantastico/fantastico-siberia-a-missao-de-um-mago.htm>. Acesso em 01 de maio de 2019.

descobrimos que pagando, a gente podia tomar banho no trem. Foi um trabalho de cão. Mas valeu a pena.”

Gravidade zero (2007)

Em 25 de fevereiro de 2007, Glória Maria experimentou a gravidade zero em uma apresentação proporcionada pela NASA para jornalistas internacionais. Ela foi a primeira no Brasil a ter essa experiência. Em um experimento real, o avião decolou da Flórida e saiu da órbita da Terra.

Figura 24: Glória Maria experimenta a gravidade zero



Fonte: GLOBOPLAY.

Estreia na transmissão em HD (2007)

"Boa noite e bem-vindos ao futuro! A TV brasileira entra na era digital. Por enquanto, apenas na região metropolitana de São Paulo. As transmissões em alta definição são um avanço tecnológico que vai acontecer em etapas, num processo bem parecido com o que aconteceu com a implantação da TV em cores no Brasil, na década de 70." Foi assim que Zeca Camargo e Glória Maria abriram o *Fantástico* no dia 02 de dezembro de 2007.

Nessa edição, uma reportagem feita por Glória Maria e o repórter-cinematográfico Lúcio Rodrigues, sobre os índios Kamaiurás, no Alto Xingu, inaugurou as transmissões em HDTV (*High-Definition Television*)¹⁰¹ na televisão brasileira. Durante as gravações da reportagem na comunidade indígena, Glória Maria conviveu com a tribo, conheceu costumes, crenças e rituais tradicionais. Alguns índios até contaram segredos para a repórter.

¹⁰¹ Televisão de alta definição (tradução nossa).

Além disso, ela experimentou o famoso suco de pequi e se aventurou ao provar uma espécie de formiga (ou abelha - não foi especificado na reportagem) que é típica da culinária indígena. Aos risos, ela diz: *“Ai! O que esse Fantástico faz comigo!”*

Figura 25: Glória Maria mostra costumes dos índios Kamaiurás no Alto Xingu



Fonte: MEMÓRIA GLOBO.

A reportagem também mostrou a festa do pequi, fruta de cor amarela adorada pelos índios Kamaiurás. As imagens foram feitas com a primeira câmera em alta definição do jornalismo da Globo.

“Folga” das telas (2007)

No mesmo dia da estreia em HD (02 de dezembro de 2007), Glória Maria anunciou aos telespectadores, no *Fantástico*, seu afastamento temporário das telas para se dedicar a projetos pessoais.

Fora do ar, ela conta que decidiu sair do *Fantástico* porque estava cansada. Havia trabalhado todos os finais de semana por anos consecutivos. Então como reconhecimento de uma vida inteira dedicada à Globo (mais de 30 anos desde o começo da carreira, em 1971), a empresa cedeu um período sabático de dois anos.

A jornalista comenta sobre o trabalho. *“Primeiro, fiz 18 anos de Jornal Nacional cobrindo guerra, polícia, política, economia, etc., fui pro Fantástico e comecei a viajar pra fazer reportagem; depois, comecei a apresentar também. Então, nos últimos dez anos eu estava apresentando, viajava na segunda-feira pra qualquer lugar do mundo, voltava na sexta-feira e já começava a editar. Passava o*

*sábado e domingo na ilha, editando. Na segunda-feira já estava apresentando. Então, nada demais pedir dois anos pra Globo”.*¹⁰²

Figura 26: Glória Maria em voluntariado na Nigéria



Fonte: REVISTA TRIP.

Foi nesse período que viajou para Índia, Nigéria e Bahia (no Brasil), para fazer trabalhos voluntários com crianças e acabou conhecendo suas filhas, conforme já relatado no subcapítulo anterior.

Medalha Chiquinha Gonzaga (2008)

Glória Maria foi homenageada pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro em 2008 com a Medalha de reconhecimento Chiquinha Gonzaga. A homenagem foi criada pelo Projeto de Resolução 14/1999 e é conferida a personalidades femininas que tenham se destacado em prol das causas democráticas, humanitárias, artísticas e culturais no âmbito da União, Estados e Municípios.¹⁰³

¹⁰² GLOBOSATPLAY. **Espelho**. Glória Maria. Disponível em: <<https://globosatplay.globo.com/canal-brasil/v/5831062/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

¹⁰³ CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO. **Homenagens**. Disponível em: <<http://www.camara.rj.gov.br/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

4.3 GLÓRIA MARIA NO GLOBO REPÓRTER

*"As pessoas querem ver você
da maneira que você é, e não o glamour.
Elas estão cansadas do excesso de glamour."
(Glória Maria Matta da Silva, 2017)¹⁰⁴*

O *Globo Repórter* estreou em 3 de abril de 1973, sendo hoje um dos mais antigos programas da televisão brasileira. No início da década de 1970, o jornalismo da Globo começava a se solidificar, sobretudo graças ao sucesso do *Jornal Nacional*. Para a emissora, era o momento de apostar em um formato novo, que permitisse o maior aprofundamento nas reportagens.

O investimento na produção de cine documentários contou com narrativas conduzidas a partir das imagens, dos depoimentos dos entrevistados e da locução em *off* do apresentador. A pauta dos programas era definida por Paulo Gil Soares e pelo editor Luiz Lobo.

Os diretores eram responsáveis pelo roteiro dos documentários, pela orientação das reportagens, pelo registro das imagens em filmes de 16mm e pela edição final feita em moviolas, nas salas de montagem de cinema.

Em depoimento, o repórter José Hamilton Ribeiro contou sobre uma reportagem que fez no Pantanal do Mato Grosso na primeira fase do *Globo Repórter*. O relato dá uma noção da forma como trabalhavam as equipes do programa no tempo do filme. *"Recebíamos cerca de dez latinhas de filmes e saíamos para o campo com uma delas. O operador de câmera tinha de vestir um saco preto para colocar o filme na máquina de modo que não entrasse luz. Às vezes, no meio do mato, ficava uma cena engraçada. Só então íamos gravar, tendo de nos lembrar de que cada filme tinha apenas 11 minutos de duração, e que se perdia um pouco desse tempo nas partes inicial e final. Se a câmera estivesse com defeito, nós só saberíamos após retornar à emissora. Como estávamos no Pantanal, isso significava que só saberíamos do defeito - e que eventualmente nada havia sido gravado - um mês depois, no Rio de Janeiro. As gravações do áudio e da imagem*

¹⁰⁴ YOUTUBE. **Matheus Mazzafera**. Glória Maria já foi cigana! Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HVxHZcGeYJg>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

*aconteciam em tempos diferentes: quando um entrevistado falava, o som demorava a entrar. A sincronização do som com a imagem era um trabalho artesanal. Havia, ainda, a etapa da edição, feita em moviola, uma máquina de cinema na qual íamos passando o filme e vendo as cenas. Quando queríamos colar uma cena à outra, tínhamos de fazer os cortes com tesoura, e às vezes, lamber o filme para limpá-lo antes de colar as partes. Em resumo, fazer uma edição era um trabalho artesanal incrível”.*¹⁰⁵

Com edição semanal, exibido atualmente às sextas-feiras à noite, o *Globo Repórter* apresenta reportagens com foco em comportamento, aventura, ciência e natureza. Depois de quase dez anos como apresentadora do *Fantástico* e dois fora do ar, Glória Maria passou a integrar a equipe do programa em 2010, como repórter exclusiva e permanece até hoje. *“Eu só sabia que eu queria fazer minhas reportagens pelo mundo. E, de repente, veio a ideia: ‘E o Globo Repórter?’ Eu falei com a direção e a gente descobriu que o Globo Repórter era o único programa que não tinha um repórter que fosse contratado do programa. Então, eu gostaria de ser a primeira repórter do Globo Repórter”.*¹⁰⁶

Para a editora-chefe Silvia Sayão, foi uma decisão acertada. *“Havia uma dúvida para onde ela [Glória Maria] voltaria. Ela ia passar um tempo no Globo Repórter e a nossa preocupação era que ela fizesse matérias de impacto. Era uma linguagem completamente diferente do que ela estava acostumada. Havia uma grande expectativa, o que as pessoas iam achar da Glória no Globo Repórter. Acho que a primeira pessoa que adorou foi ela própria, ela adorou e não quer sair do Globo Repórter”.*¹⁰⁷

Glória Maria comemora. *“O Globo Repórter me dá tempo de viajar e poder cuidar das minhas filhas e de reaprender tudo. Hoje, eu viajo com uma equipe, eu tenho produtor, tenho diretor, tenho câmera, tenho técnico. Você trabalha com tudo programado, com as coisas mais ou menos previstas, tem uma grande produção,*

¹⁰⁵ MEMÓRIA GLOBO. **Globo Repórter**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/globo-reporter/globo-reporter-no-tempo-do-filme.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

¹⁰⁶ MEMÓRIA GLOBO. **Globo Repórter**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/globo-reporter/globo-reporter-decada-de-2010-FF80808161E41E7301626EF184F50CAF.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

¹⁰⁷

tem uma grande pesquisa. Eu nunca pensei que eu pudesse ser tão feliz de novo dentro do jornalismo, como eu estou sendo agora".¹⁰⁸

Pelo programa, a jornalista continuou suas viagens pelo mundo, conheceu e apresentou aos telespectadores diversos lugares e culturas, viveu incontáveis experiências e virou até meme.¹⁰⁹

Morada da Paz (2010)

Em 9 de abril de 2010, na estreia de Glória Maria, Sérgio Chapelin, fez a abertura do *Globo Repórter* com as seguintes palavras: *“Boa noite. O Globo Repórter completa 37 anos neste mês de abril, e para comemorar, convidamos você para uma viagem de sonhos*”.¹¹⁰

Chapelin se refere à reportagem especial que a jornalista produziu em Brunei Darussalam, país muçulmano localizado no sudeste da Ásia e conhecido como “morada da paz” (em árabe, Darussalam significa a morada da paz).

O país tem o tamanho do Distrito Federal. É uma terra governada por sultões, onde a população não paga impostos e tem direito à educação, saúde e moradia subsidiadas pelo governo.

As casas populares têm cerca de 200m² e os moradores pagam apenas uma taxa de manutenção (equivalente a aproximadamente 120 reais), que se estiver “pesada” para pagar, podem pedir ao governo para baixar. *“Em Brunei, tudo o que reluz é ouro mesmo*”.¹¹¹

Raramente o sultão aparece em público, no máximo, três vezes por ano. Durante a gravação da reportagem, ele apareceu para uma cerimônia em

¹⁰⁸ MEMÓRIA GLOBO. **Globo Repórter**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/globo-reporter/globo-reporter-decada-de-2010-FF80808161E41E7301626EF184F50CAF.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

¹⁰⁹ Os memes representam elementos da cultura popular que ganham os ambientes virtuais, principalmente redes sociais, através da propagação viral. Podem se apresentar como imagens legendadas, vídeos virais ou expressões difundidas pelas mídias sociais. São geralmente compreendidos como conteúdos efêmeros e utilizam a linguagem do humor (MUSEU DE MEMES. Disponível em: <<http://www.museudememes.com.br/>>. Acesso em 01 de maio de 2019).

¹¹⁰ MEMÓRIA GLOBO. **Globo Repórter**. Brunei Darussalam. Disponível em: <<http://globo.globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/globo-reporter-brunei-darussalam-a-morada-da-paz-2010/2420017/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

¹¹¹ GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Casas populares em Brunei têm cerca de 200m². Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1245131/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

comemoração ao Dia Nacional de Brunei. "O povo aproveita pra olhar o sultão, que sempre consegue manter aquele clima de mistério".¹¹²

Figura 27: Glória Maria mostra costumes de Brunei Darussalam



Fonte: MEMÓRIA GLOBO.

Glória Maria também acompanhou o casamento de um jovem casal e mostrou alguns dos costumes relacionados à cerimônia que pode durar semanas. Durante o casamento, os homens só falam com os homens e as mulheres só com as mulheres. A repórter até ganhou um presente da família da noiva.

Grand Canyon (2010)

Em 20 de agosto de 2010, o programa exibiu uma reportagem de Glória Maria sobre o Grand Canyon, no Arizona, Estados Unidos. Índios milionários da tribo Hualapai, que dominam 4 mil km² ao longo do rio Colorado, construíram, com tudo o que existe de mais moderno na engenharia, uma ponte de vidro suspensa sobre o Grand Canyon.

A ponte, instalada a 1.200 metros de altura acima do Rio Colorado, pode suportar o peso de 71 aviões e resistir a terremotos. Glória Maria caminhou pela ponte enquanto descrevia a sensação durante a reportagem. "*Dá um medo, porque aqui, normalmente, o vento é muito forte*".

Enquanto gravava a passagem na ponte, em meio aos turistas que vislumbravam a paisagem do alto, a jornalista encontrou um brasileiro que andava a passos curtos sobre o vidro. Ela brinca com ele: "*Você é um brasileiro? Pelo amor de Deus, não me envergonha. Você 'tá' com medo de andar aqui?*" O turista ri,

¹¹² GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Casas populares em Brunei têm cerca de 200m². Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1245131/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

nervoso. Glória continua: *"Olha lá pra baixo, que lindo. (...) Você vai contar pra todo mundo essa experiência. Você vai com esse passinho pequenininho, vamos lá, coragem!"* E sai andando a passos largos pela ponte, encorajando o turista.

Figura 28: Glória Maria mostra as belezas do Grand Canyon



Fonte: GLOBOPLAY.

Depois disso, a reportagem segue, mostrando as belezas do lugar e a equipe faz 15 quilômetros de subida até o topo do Grand Canyon. *"Foi um dia inteirinho de uma caminhada que parecia não acabar nunca, mas finalmente nós estamos aqui, no topo do Canyon. As pessoas que vêm aqui dizem que esse lugar concentra uma das energias mais fortes da Terra. Verdade ou não, eu não sei, mas nós estamos aqui, e a sensação é de poder tocar o céu. É maravilhoso!"*¹¹³

Butão (2011)

A reportagem produzida por Glória Maria sobre o povo de Butão, considerado o país da felicidade, foi exibida pelo Globo Repórter em 20 de maio de 2011. O país é um pequeno reino distante, na Cordilheira do Himalaia, entre a China e a Índia, onde o povo se considera feliz. O terreno acidentado e o difícil acesso ajudaram na preservação das tradições.

O Butão viveu isolado durante séculos e só começou a ter contato com o resto do mundo há 60 anos. Os butaneses costumam construir, além dos inúmeros mosteiros, lugares sagrados para reverenciar Buda e fazer pedidos. Um dos

¹¹³ GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Índios milionários fazem uma ponte de vidro suspensa sobre o Grand Canyon. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1322372/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

costumes é pendurar, nas árvores, pequenas bandeiras com versos sagrados. Eles acreditam que, quando o vento sopra, a paz, a compaixão e a sabedoria se espalham por toda a região.

Durante a reportagem, a equipe fez duas horas de uma trilha íngreme, de terra e pedra, em uma altura de mais de 3.200 metros do nível do mar. O caminho é um santuário, um local de peregrinação que leva para o mais alto monumento de fé budista, construído em 1962: o mosteiro Ninho do Tigre.

Eles acreditam que na metade do século VIII, Buda foi até aquele lugar, voando nas costas de um tigre que pousou em uma pedra e depois, desapareceu.

Figura 29: Glória Maria mostra costumes e crenças do Butão



Fonte: GLOBOPLAY.

A equipe fez o trajeto até próximo ao Ninho do Tigre, mas, a partir de determinado ponto, é proibido filmar ou fazer fotos. Depois que a reportagem foi exibida, no estúdio, Glória Maria disse aos telespectadores: *"Bem, mas o que nós não tivemos autorização pra filmar, eu posso contar pra você. Depois de quatro horas de subida, eu entrei e vi. Lá dentro, é tudo de pedra. E existe uma enorme fenda na rocha, que tem a forma de um ninho. Para os budistas: o Ninho do Tigre"*.¹¹⁴

¹¹⁴ GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Butão possui mais alto monumento sagrado da fé budista: Ninho do Tigre. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1514877/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

Omã, o oásis da paz (2012)

Exibido em 13 de abril de 2012, Omã, o oásis da paz, foi um dos programas de maior repercussão do ano.¹¹⁵ O Omã é um dos últimos sultanatos do mundo. Situado no extremo leste da Península Arábica, faz fronteiras com Iêmen, Arábia Saudita e Emirados Árabes, mas o cotidiano deste país não é marcado por conflitos.

Ele se desenvolveu radicalmente desde o final dos anos 1970 com o comércio de riquezas naturais, como gás e petróleo. Mas, nem por isso, o povo abandonou os costumes e tradições. Na reportagem, Glória Maria apresenta o deserto de Wahiba e encontra um dos raros grupos de beduínos nômades que ainda vivem do comércio de camelos e dromedários.

No verão, os nômades vão para o litoral, ao norte do país, para sobreviver da pesca. Na reportagem, eles mostram como sobrevivem no deserto. A jornalista monta, com a ajuda de um beduíno, em um dromedário, e se desloca pelo deserto sobre o animal.

Figura 30: Glória Maria mostra costumes de Omã



Fonte: GLOBOPLAY.

Em um dos acampamentos dos beduínos, a repórter entrevistou uma das criadoras de camelos, Selma, que mostrou um pouco do dia a dia dos habitantes da região e explicou o significado cultural do véu que cobre os rostos das mulheres casadas. Glória Maria acabou conquistando a confiança de Selma a ponto de ela aceitar mostrar o rosto - somente para a repórter.

¹¹⁵ MEMÓRIA GLOBO. **Globo Repórter**. Omã, o oásis da paz. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/globo-reporter/globo-reporter-oma-o-oasis-da-paz.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

Figura 31: Glória Maria conversa com beduína em Omã



Fonte: GLOBOPLAY.

No Estreito de Ormuz, região estratégica por onde passa 60% do petróleo produzido pelo Golfo, a equipe de reportagem navegou em uma pequena embarcação por canais cercados por paredões de quase quatro mil metros de altura, acompanhada de perto por golfinhos, abundantes naquela região.

A equipe esteve ainda no mercado de cabras e ovelhas da feira semanal de Nizwa, um dos mais antigos de que se tem notícia, e na luxuosa mesquita do Sultão de Qaabos, a obra arquitetônica mais imponente do país, famosa pelo tapete de mais de quatro mil metros quadrados que levou quatro anos para ser tecido, no Irã.

O sultão de Omã mandou plantar um milhão de tamareiras no país. A fruta já foi o principal alimento da população e hoje está diminuindo muito. Pesquisadores da Universidade Sultão Qaboos descobriram propriedades na fruta que podem ajudar no combate ao Mal de Alzheimer.

Também existe no país, há milhares de anos, um sistema muito particular de distribuição de água. Ela é retirada de encostas de montanhas, e desviada para canais, que abastecem até pequenas cidades do interior do país.

Outro dos outros aspectos curiosos de Omã é o ritual de casamento em que homens e mulheres, incluindo os noivos, comemoram em lugares separados. Na região também é produzido, há milhares de anos, um valioso incenso a partir de uma essência retirada de árvores milenares. Antigamente, o seu peso era avaliado em ouro.

Dubai (2012)

Em 25 de maio de 2012, o Globo Repórter exibiu as reportagens que Glória Maria produziu em viagem para Dubai. O país começou a surgir a partir de um porto que atraía comerciantes da Índia e da antiga Pérsia (hoje Irã), que traziam mercadorias para vender e trocar. De toda a população que vive na cidade, 40% vieram da Índia.

O luxo e a riqueza são as principais características de Dubai, onde o petróleo trouxe muitos recursos. A equipe de reportagem mostra que no país, é comum, por exemplo, encontrar caixas eletrônicos para sacar barras de ouro. A água, em um lugar de deserto, também é considerada um luxo.

Glória Maria esteve em uma loja que vende *abayas*, a roupa que as mulheres costumam usar em Dubai, e experimentou uma delas. A reportagem mostra a jornalista se vestindo, com a ajuda de um lojista.

Figura 32: Glória Maria experimenta *abaya* em Dubai



Fonte: GLOBOPLAY.

A reportagem também mostra uma cidade em que as temperaturas, no inverno, ficam próximas dos 30°C. No lugar, existe um famoso bar de gelo, onde a temperatura é de -6°C.

Praticamente não há crimes no país; os transportes são seguros e águias e falcões são criados como animais de estimação (não são mais usados como caçadores). O maior shopping center do mundo (com mais de 1200 lojas, distribuídas por cinco andares), o hotel mais luxuoso e o prédio mais alto do planeta, o Burj Khalifa, estão em Dubai.

Eslovênia (2012)

Na viagem para a Eslovênia, país da Europa que faz fronteira com a Áustria, Hungria, Itália e Croácia, Glória Maria mostra aos telespectadores um lugar cheio de belezas naturais. A reportagem que foi ao ar em 03 de agosto de 2012 mostrou um conjunto de cavernas consideradas pela Unesco como patrimônio da humanidade.

Ao longo de milênios, a força da água esculpiu bacias, fendas e caminhos sem fim. O país tem 49 parques naturais e mais de nove mil cavernas, mas apenas 26 podem ser visitadas. A equipe de reportagem passou pelo maior cânion subterrâneo da Europa, com três quilômetros de extensão e 100 metros de altura.

Além das grutas, a reportagem também mostrou um castelo cercado de florestas e outro, cheio de lendas, que fica acoplado a uma rocha. A única ilha natural da Eslovênia, considerada a mais bonita do mundo, tem uma história que mistura crenças. *“Há 800 anos, havia um pequeno santuário dedicado à deusa pagã Shiva. Depois, foi transformado em uma igreja católica, e sob a forma atual, existe desde o século XVI”*.¹¹⁶ Glória Maria entrevistou moradores, ouviu histórias e tocou o sino da igreja, um costume que mistura fé e tradição.

Glória Maria ficou encantada com dois bolos típicos da Eslovênia e fez questão de aprender a fazê-los. Além disso, a equipe de reportagem mostrou os cavalos lipizianos, uma raça que é o resultado da mistura de várias outras e que são criados na cidade de Lípica. São necessários entre cinco e sete anos de treinamento para que os animais possam se apresentar em público.

Vietnã (2013)

Vietnã foi roteiro de mais uma viagem de Glória Maria. O país foi mostrado pelo Globo Repórter em 05 de abril de 2013. Quase 90 milhões de pessoas vivem no pequeno tigre asiático que corre atrás do desenvolvimento. *“O Vietnã tem um povo simples, que te recebe como um velho amigo e te conquista com um sorriso”*.

Quarenta anos atrás, o Vietnã estava envolvido em uma batalha (que praticamente todos consideravam perdida), no meio da Guerra Fria entre russos e americanos. Para resistir à guerra, criaram túneis que se estendem por mais de 200 quilômetros. *“É como um quartel subterrâneo, com salas escondidas, onde os*

¹¹⁶ GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Eslovênia esconde ilha considerada a mais bonita do mundo. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2073300/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

vietnamitas podiam se esconder e preparar novos ataques contra os americanos. Eles improvisaram, dentro desses túneis, escolas e hospitais para poder resistir”.

Na reportagem, um guia mostra como os vietnamitas enlouqueciam os americanos, sumindo debaixo da terra através de buracos no chão. Glória Maria é convidada a entrar em um deles.

Figura 33: Glória Maria mostra túneis no Vietnã



Fonte: GLOBOPLAY.

A equipe de reportagem também visitou o Parque Nacional de Phong Nha-Ke Bang, localizado no centro do Vietnã, onde existem mais de 300 cavernas. Toda a região é coberta por florestas tropicais e cortada por quilômetros de cavernas e rios subterrâneos. Além disso, existe o gigante Mekong, que é um rio que nasce no Tibet, passa por cinco países e quando chega no Vietnã, se divide em canais que formam um grande delta, uma região de terras férteis e peixes em abundância.

Laos (2013)

Em 2013, Glória Maria viajou para o sudeste da Ásia, para mostrar o povo de Laos, um país com ruínas e árvores milenares. Na reportagem exibida em 31 de maio, a jornalista apresenta ao telespectador um país que mistura duas crenças: o budismo e o hinduísmo. Mais de 200 estátuas budistas e hinduístas distribuídas pelo Buda Parque contam a história das culturas.

Um dos costumes do povo de Laos é homenagear os mortos reunindo dinheiro e balas. Segundo a tradição, quanto mais oferendas a pessoa arrecada, mais sorte terá. A repórter passeou por uma comunidade com casas simples e sem luxo, onde as pessoas fazem a comida no chão e as moradias não têm paredes. A

maioria é de artesãos que extraem cores intensas de raízes, madeiras e frutos para confeccionar tecidos em teares.

Glória Maria classificou as pessoas como um povo que não se abate com as dificuldades. Ela entrou em uma das casas da comunidade. *“Eles são receptivos, abertos.”*. Crianças entram na casa enquanto a equipe estava gravando e começam a brincar. A repórter interage com elas, chamando-as de travessas e pede um abraço para uma delas. *“Eles não têm nenhum constrangimento. Viu que coisa linda? Eles recebem a gente como se sempre tivessem nos conhecido”*.¹¹⁷

Figura 34: Glória Maria mostra costumes de Laos



Fonte: GLOBOPLAY.

Em Camboja, a reportagem mostra o maior monumento religioso do mundo, o Angkor Wat, que atrai turistas de todos os lugares. O templo foi construído para ser um lugar de elevação espiritual de nobres e religiosos da época. Hoje, as estruturas estão submetidas à força da natureza. Raízes centenárias debruçadas sobre os antigos mosteiros budistas criam uma aparência sombria.

No país também existe o parque Kuang Si, que abriga mais de 20 ursos ameaçados de extinção. O espaço é um santuário, o único lugar em todo o Laos onde eles podem ficar em segurança, longe de caçadores.

Nepal (2013)

Nepal é um “país das alturas”, onde o magnetismo das montanhas é místico e atrai milhões de pessoas de todo o mundo. Vida e morte têm outro sentido neste

¹¹⁷ GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Artesãos do Laos extraem cores intensas de raízes, madeiras e frutos. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2608561/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

lugar que é também um dos mais pobres do mundo. Glória Maria apresenta Nepal para os telespectadores do Globo Repórter em setembro de 2013.

No país onde nasceu Buda, o sábio lama, Rinpoche Ngawang Tenzin Jangpo, explica para a equipe de reportagem que o budismo é, acima de tudo, o controle profundo da mente; é observar a mente; treinar a mente, que é como a água: tem sua natureza limpa, mas se estiver suja, provoca doenças.

Ao passar pela cidade que fica aos pés do Everest, na Cordilheira do Himalaia, Glória Maria subiu por um caminho considerado sagrado pelos tibetanos, com o objetivo de chegar ao mosteiro mais alto (4 mil metros de altitude) e antigo da região (com 300 anos). "*Vamos caminhar durante 1 semana, em média 9 horas por dia, por uma trilha que leva ao mosteiro.*"

O povo das montanhas de Nepal demonstra força e energia. Eles costumam subir as montanhas com mercadorias nas costas. As imagens mostram um homem que carrega uma geladeira por trilhas em que não passa nenhum veículo e uma jovem, de 15 anos, transportando uma carga mais pesada do que ela própria.

Durante a reportagem, a equipe encontrou parte do elenco e produção da novela da Globo *Joia Rara*, que estava fazendo do mosteiro de Shechen, em Katmandu, o cenário de gravação. Também apresentou a cidade Lumbini, onde o príncipe Siddharta Gautana (Buda) teria nascido 600 anos a.C., e que pertence hoje ao Nepal e atrai budistas e hindus. Patrimônio da humanidade, a cidade tem diversos templos, sendo o tailandês um dos mais belos.

Reino Unido (2013)

Em 22 de novembro de 2013, o *Globo Repórter* exibiu a primeira parte de uma série de reportagens produzidas por Glória Maria sobre o Reino Unido. Uma delas mostra as manifestações no centro de Londres e explica que há quase 150 anos, quem vive na Inglaterra conquistou o direito de se expressar livremente no Hyde Park.

As histórias sobre o monstro do Lago Ness atraem um milhão de turistas por ano para a região. Além disso a Cornualha tem a praia mais famosa de toda a Inglaterra, mas ali não havia uma vegetação exuberante, com diversidade de plantas. Então há mais ou menos 12 anos foi construída a maior estufa de floresta tropical do mundo, com mais de um milhão de plantas. No local, os britânicos vão à

praia de casaco, echarpe e galocha porque não tem sol. No final do verão, a temperatura fica em torno de 14 graus.

Um dos atrativos locais é o whisky escocês e um de seus principais ingredientes é a água pura que vem de uma nascente natural do rio Spey, ao norte da Escócia. Na destilaria, a equipe mostrou o passo a passo da produção do whisky. Glória Maria também conversou com o guia britânico, Dougy Morison, que revelou os segredos da pesca de salmão e explicou que quando a maré está baixa, com pouco volume de água, é preciso utilizar iscas escuras.

Figura 35: Glória Maria aprende a pescar salmão no Reino Unido



Fonte: GLOBOPLAY.

Tanto na Escócia quanto na Inglaterra, o Reino Unido apresenta conquistas majestosas. Uma delas se deve ao brasileiro Thiago Soares, que foi reverenciado até pela Rainha Elizabeth e é o primeiro bailarino do Royal Ballet. A equipe de reportagem conversou com ele.

Na casa de chá mais tradicional da Inglaterra, existente desde 1707, uma xícara pode custar até R\$ 160. Glória Maria mostrou a rotina de uma família britânica que vive sem nenhum empregado em um castelo com 43 cômodos, que tem mais de 500 anos.

A repórter também embarcou no trem do bruxo mais famoso do mundo: Harry Potter. O trem existe de verdade, desde 1949, e se chama "Jacobite". Mas, por causa do filme, ficou famoso e agora é conhecido como "o expresso de Harry Potter".

Reino Unido (2014)

A segunda parte da série de reportagens produzidas por Glória Maria sobre o Reino Unido foi ao ar em 14 de março de 2014. O País de Gales é pequeno, mas se torna conhecido como a Terra dos Castelos, com mais de 640 castelos da Idade Média em seu território.

A menor casa do Reino Unido, com três metros de altura, divididos em dois andares, fica neste país. Além da casa minúscula, no País de Gales é possível encontrar a cidade com o maior nome de todo o Reino Unido, com 58 letras.

Glória Maria desceu da tirolesa mais alta e mais veloz da Europa. Localizada no País de Gales, ela se estende por 1,5 quilômetro, fica a 153 metros de altura e chega a uma velocidade de 160 km/h.

Figura 36: Glória Maria desce da mais alta e veloz tirolesa da Europa



Fonte: GLOBOPLAY.

Na Irlanda do Norte, a Calçada dos Gigantes é um exemplo da força da natureza. Para os irlandeses, o local é cenário de uma lenda. Eles acreditam que um gigante apaixonado teria feito uma calçada só de pedras para atravessar a longa distância que o separava da mulher amada.

Com 837 anos de história, o Castelo Carrickfergus protege o porto da capital da Irlanda do Norte. Ele já foi sitiado por escoceses, irlandeses, ingleses e franceses. O Titanic (navio que afundou) foi construído em Belfast, capital da Irlanda do Norte. Por isso, a tragédia é lembrada com esculturas espalhadas pelas praças e um museu que conta a história, funciona no mesmo lugar em que o navio foi construído.

Myanmar (2014)

Myanmar foi tema das reportagens exibidas em 11 de abril de 2014. O lugar tem a maior ponte de madeira do mundo (ponte U-bein) com 1,2 mil metros de comprimento. Ela levou dois anos para ficar pronta e fica sobre um lago que liga dois vilarejos. No país, pescadores da etnia Intha remam com os pés.

Bagan é uma planície com 41 quilômetros quadrados, com muitas palmeiras, árvores de tamarindo e aproximadamente 3 mil templos, a maioria erguidos entre os séculos XI e XIII. Myanmar também é um grande produtor de jade. Além disso, um costume do povo é usar a thanaka, uma espécie de pomada feita com o pó de uma árvore asiática que evita rugas e serve como protetor solar.

A equipe de reportagem embarca em uma viagem de 7 horas por um rio para conhecer mulheres que tatuavam o rosto e se desfiguravam para esconder a própria beleza e não serem levadas por nobres que vinham procurar esposas em Myanmar. Na vila das mulheres tatuadas em Myanmar, vivem 300 pessoas em 60 casas iguais e, hoje, a nova geração não precisa mais se tatuar.

Pelo caminho, a equipe parou em um vilarejo para conhecer como é a vida em um lugar pequeno e tão isolado. O guia disse que nenhum estrangeiro havia chegado ao vilarejo antes. *"A gente vai ver a reação das pessoas vendo pela primeira vez gente de outro país."* A reportagem mostra as pessoas chegando, curiosas, principalmente as crianças. São 600 pessoas vivendo no vilarejo.

Glória Maria faz amizade com as crianças e registra fotos com elas pelo celular. *"Essas crianças nunca tinham visto a foto delas, nunca tinham visto uma câmera, telefone celular, máquina fotográfica, elas estão encantadas com tudo o que estão vendo."*

Figura 37: Glória Maria visita vilarejo em Myanmar



Fonte: GLOBOPLAY.

As mulheres de pescoço gigante que vivem no lago Inle carregam argolas ao redor do pescoço que pesam cerca de 6 quilos. É uma tradição que as meninas já não querem mais seguir, mas usam, em temporadas, para agradar aos turistas. "*Por ter ficado tanto tempo isolado, sem contato com o mundo moderno, Myanmar vem conseguindo manter sua cultura quase intocada.*".

Uma pedra gigante, chamada de Pedra Dourada, fica bem no alto de uma montanha a 1,1 mil metros acima do nível do mar e desafia a gravidade se equilibrando na beirada da montanha. Os budistas acreditam que é o cabelo de Buda que equilibra a rocha, que já resistiu a terremotos e ciclones. "*Só os homens podem passar deste ponto e chegar pertinho da pedra, eu até tentei.*". Glória Maria aparece na reportagem tentando se aproximar, mas é alertada, mais de uma vez, de que as mulheres não podem chegar perto da pedra.

Sérvia (2015)

O destino da viagem de Glória Maria, desta vez, foi a Sérvia. No país, existe a Igreja de São Jorge decorada com ouro, figuras de santos da igreja ortodoxa e 40 milhões de mosaicos coloridos em mais de 15 mil tonalidades. Ela foi apresentada em uma reportagem exibida em 10 de abril de 2015, no Globo Repórter.

Além da Igreja, Glória Maria também visitou um vilarejo, no interior da Sérvia, para conhecer a cozinha típica, tradicional do país. A repórter foi recebida por Nicholas, dono de uma das casas, que convida a equipe para experimentar a culinária. Ele recebe as visitas dentro da tradição, com um pãozinho que se molha no sal. "*A família faz tudo para nos agradar.*". Na vila, todos os produtos são plantados e colhidos pelas famílias, tudo orgânico sem agrotóxico ou pesticida. "*É tudo tão puro que não precisa nem lavar. É só colher e comer.*".

A bebida mais popular do país é a rakia, uma aguardente semelhante à cachaça, feita a partir da ameixa (fruta típica do país), que é preparada, nos vilarejos, pelos próprios moradores. Glória Maria experimenta a bebida.

Figura 38: Glória Maria experimenta culinária da Sérvia



Fonte: GLOBOPLAY.

Outra fruta popular é a uva smederevka que, apesar de não servir bom vinho, segundo os sérvios, tem muitas propriedades medicinais e pode tratar problemas vasculares e até diminuir o colesterol. Os moradores de Novi Sad, cidade da Sérvia, falam oficialmente seis idiomas diferentes: húngaro, croata, rusyn, sérvio, eslovaco e romeno.

Montenegro (2015)

Antigamente com o nome de Sérvia e Montenegro, parte da antiga Iugoslávia, o atual Montenegro, hoje, se orgulha de ser independente. O país que mantém casas e fortalezas da Idade Média foi explorado nas reportagens de Glória Maria exibidas em 19 de junho de 2015. A equipe mostrou as igrejas com mais de 500 anos que flutuam no mar de Montenegro.

O Parque Durmitor, patrimônio da humanidade, possui 320 quilômetros quadrados de florestas virgens, 18 lagos e abriga o cânion mais profundo da Europa. A população vive isolada. Glória Maria mostra a rotina de uma senhora que vive no local onde todos se conhecem. A reportagem mostra que a senhora acorda antes do sol nascer para cuidar da casa e dos animais sob a temperatura de 3 graus negativos.

O segredo da longevidade em Montenegro é a alimentação caseira. A população do interior vive, em média, 80 anos e se alimenta com tudo que produz em casa. Famílias também fazem o melhor azeite do país.

Figura 39: Glória Maria mostra parque isolado em Montenegro



Fonte: GLOBOPLAY.

Áustria (2015)

A Áustria foi tema das reportagens exibidas em 18 de setembro de 2015. Os telespectadores conheceram a atração mais visitada do país: o Palácio Schönbrunn, que possui 1,4 mil aposentos e foi construído para ofuscar o Palácio de Versalhes, na França. A equipe de reportagem visitou os aposentos íntimos de Sissi, a imperatriz.

Antigamente, o sal era tão importante e valioso que os mineiros recebiam em sal, e não em dinheiro, o pagamento pelo mês de trabalho. Glória Maria visitou uma cidade que tem a mina de sal mais antiga do mundo e um escorregador que servia para os mineiros se locomoverem entre os túneis durante o expediente no garimpo. Hoje, o tobogã é um atrativo para os turistas.

Figura 40: Glória Maria mostra curiosidades da Áustria



Fonte: GLOBOPLAY.

A água, na Áustria, é de qualidade. É possível beber água pura que desce dos Alpes em qualquer lugar pelas ruas. Glória Maria experimentou: "*é uma água maravilhosa.*".

Suíça (2015)

Em 30 de outubro de 2015 foi ao ar reportagens de Glória Maria pela Suíça. Os suíços não inventaram o chocolate, mas melhoraram a receita de tal maneira que ela se tornou famosa em todo o mundo. A jornalista visitou a fábrica de chocolate mais antiga do país.

Um palácio de gelo em uma caverna que começou a ser escavada por guias em 1934 virou atração e recebe cinco mil curiosos por dia. A temperatura do local é em torno de -3°C e com o calor, o lugar se move 15 cm por ano. Glória Maria foi conhecer. Além disso, a repórter mostrou um lago que é formado pelo gelo que derrete dos Alpes.

A jornalista também mostrou a cidade de La Chaux-de-Fonds, na Suíça, que produz relógios preciosos, feitos com lava de vulcão, pedaços do Titanic, poeira da lua e peças da nave espacial Apolo 11. E conheceu Henri e Aymee, um casal que passa o verão nos alpes suíços para produzir o queijo L'Etivaz, considerado único e saudável.

Saara (2016)

Glória Maria viajou para o deserto do Saara e o que ela encontrou foi exibido no Globo Repórter de 10 de junho de 2016. Beduínos e tuaregues que vivem no Saara se aventuram entre duras temperaturas e ventos fortes diariamente.

O maior deserto quente do mundo possui quase 10 milhões de quilômetros quadrados distribuídos entre 11 países. Na região, vivem atualmente quase três milhões de pessoas - a maioria, nômades.

Em vilarejos no Saara, cada família possui uma pequena plantação de tâmara, a fruta mais valiosa do deserto e poderosa fonte de energia. A colheita é feita por homens e mulheres e as frutas são ricas em magnésio, ferro e potássio.

Figura 41: Glória Maria percorre o deserto do Saara



Fonte: GLOBOPLAY.

Ouarzazate, uma cidade no deserto, se transformou em enorme estúdio de cinema ao ar livre, onde mais de 500 filmes já foram rodados. Além das paisagens, outro atrativo da área é a qualidade da luz, pois lá o sol brilha 300 dias por ano.

Enquanto a safra de tâmara pode ser colhida em família, somente mulheres colhem azeitonas no oásis das mil palmeiras, no Saara. Enquanto os homens estão na cidade, as mulheres trabalham no oásis Skoura. Em torno do local vivem mais ou menos 8 mil pessoas em vilarejos.

Jamaica (2016)

Em 2016, Glória Maria embarcou em uma viagem para a Jamaica que foi mostrada no Globo Repórter do dia 01 de julho. Na reportagem, a jornalista mostra um fenômeno da natureza que só acontece em quatro lugares do mundo: um deles é a Jamaica. Durante o dia, microorganismos absorvem a luz do sol e, à noite, liberam energia, gerando um espetáculo de luz cintilante na água.

Jamaica também é a terra do velocista Usain Bolt, o homem mais rápido de todos os tempos. Ele diz que os jamaicanos não suportam perder e que a paixão e a vontade de vencer começam cedo, ainda nas escolas públicas. Lá, as crianças têm o sonho de ser o novo Bolt.

O país também inspirou o escritor Ian Fleming durante férias que passava na Jamaica. Ele criou James Bond nos anos 1950 (o agente 007), o agente secreto mais famoso do mundo, que ganhou 12 livros.

Bob Marley é um dos maiores símbolos jamaicanos. O artista usou o reggae para cantar a liberdade, a paz e o amor e com o sucesso mundial, ajudou a divulgar um movimento religioso que nasceu na ilha: o movimento Rastafári. Existem várias

comunidades. Eles buscam a simplicidade, a proximidade com a natureza e a elevação espiritual. O Deus é Jah. O cumprimento é simples: desejam bênçãos e amor.

A equipe de reportagem mostrou alguns dos costumes e crenças da mais ortodoxa comunidade Rastafári, chamada Bobo Ashanti, onde vivem mais ou menos 50 pessoas. Alguns são moradores permanentes e, outros, alunos que vêm aprender e praticar o movimento. Eles acreditam viver num território independente e, por isso, não seguem as leis do país e sonham em voltar à África, que respeitam como a Terra Mãe.

Figura 42: Glória Maria mostra costumes de comunidade Rastafári



Fonte: GLOBOPLAY.

Ao final da visita, Glória Maria foi convidada a participar da cerimônia de oração com os integrantes da tribo.

O que tornou tudo mais interessante foi um detalhe: o rito incluía fumar a Ganja, que é uma erva da Jamaica similar à Marijuana (maconha), usada em muitos dos rituais Rastafáris.

Segundo a repórter, se ela recusasse, seria considerado um desrespeito. *“No primeiro momento, fiquei completamente tonta. Pra quem não está acostumado, é preciso tempo para entender”*.¹¹⁸

¹¹⁸ GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Comunidade Rastafári mais fechada da Jamaica não segue leis do país. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5135071/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

Figura 43: Glória Maria mostra costumes de comunidade Rastafári



Fonte: GLOBOPLAY.

Na Jamaica, a descriminalização da maconha é recente, mas a tradição de fumar é antiga. O governo quer criar indústrias de medicamentos à base da erva, transformando a relação natural que o povo tem com ela, em negócio.

A reportagem também apresentou aos telespectadores um dos mais belos parques do país. O lugar faz uma espécie de homenagem à ousadia da equipe jamaicana que, anos antes, decidiu participar de uma Olimpíada de Inverno, sendo que, na Jamaica não tem neve. Sem treinamento adequado, a equipe conquistou o público. A história se transformou no filme “Jamaica Abaixo de Zero”.

Glória Maria embarcou - literalmente -, em mais uma aventura ao entrar no carro (espécie de montanha russa) que desliza sobre trilhos e que imita o da Olimpíada, que deslizava sobre a neve. A jornalista se surpreendeu com a velocidade que ele é capaz de atingir.

Figura 44: Glória Maria mostra parque que homenageia jamaicanos



Fonte: GLOBOPLAY.

Rainha dos memes (2016)

"*Eu sou a rainha dos memes!*".¹¹⁹ Foi assim que Glória Maria se descreveu para Ana Maria Braga em um encontro, em março de 2017, no programa matinal *Mais Você*, da Rede Globo. A fama entre os memes da internet começou imediatamente após o Globo Repórter exibir, no dia 01 julho de 2016, as reportagens especiais produzidas pela jornalista sobre a Jamaica.

O que rendeu a "febre" de memes e transformou Glória Maria na sensação da internet por algum tempo foi a sua *performance* em momentos específicos de, pelo menos, duas reportagens da série já descrita nesta monografia nos parágrafos anteriores deste mesmo subcapítulo.

Na reportagem sobre a comunidade Rastafári, quando a jornalista participa do ritual com os integrantes da tribo e fuma a Ganja, ela faz diversas caretas, fecha os olhos e sacode as mãos. Na reportagem sobre o parque jamaicano, quando a jornalista faz o passeio com o carrinho que se movimenta sobre trilhos, ela se assusta com a velocidade, arregala os olhos e começa a gritar "*aaah, mamãe, mamãe, mamãe*".

O público "não perdoou" e rapidamente as suas expressões faciais marcantes, e também engraçadas, se transformaram em conteúdos de humor na internet.

Figura 45: Glória Maria vira meme na internet



¹¹⁹ GLOBOPLAY. **Mais você**. Mais Você - Programa de Sexta-feira, 17/03/2017, na íntegra. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5731657/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.



Fontes: MUSEU DE MEMES.

Hong Kong (2017)

Hong Kong, a metrópole de contrastes que mistura passado e futuro e também é uma das áreas mais povoadas do planeta, foi o tema das reportagens exibidas em 21 de abril de 2017. Mong Kok, em Hong Kong, é o bairro mais populoso do mundo, onde vivem cerca de 130 mil pessoas por quilômetro quadrado.

No Hong Kong Park, existem 80 mil metros quadrados de vegetação, lagos, pequenas cachoeiras e, aproximadamente, 600 aves, de 70 espécies. Uma tela, que chega a 30 metros de altura, protege um enorme viveiro, construído com todas as características de uma floresta tropical.

É na China que vive uma das espécies de urso mais raras e ameaçadas do planeta: os pandas gigantes. No passado, eles eram muitos e viviam em praticamente todo o país. Hoje, são poucos e só sobrevivem em três províncias. Durante a passagem de Glória Maria por uma das províncias, a repórter cuidou de um panda de 130 quilos durante um dia inteiro, preparou as refeições, alimentou o animal e limpou a área que ele ocupa.

Figura 46: Glória Maria cuida de panda em Hong Kong



Fonte: GLOBOPLAY.

No país, é possível encontrar também a estátua do Buda Gigante, com 34 metros de altura, posicionada no alto de uma montanha, ao topo de 220 degraus. A vista espetacular de Hong Kong também atrai muitos turistas para o bar mais alto do planeta (118 andares), comandado, na cozinha, por um brasileiro.

Macau e Hong Kong (2017)

Em 09 de junho de 2017, o Globo Repórter exibiu reportagens de Glória Maria sobre Macau, cidade da costa sul da China, que foi colônia de Portugal até o fim do século passado. Por isso, a cultura portuguesa ainda é muito presente. Há 20 anos, ela passou a fazer parte da China, mas como uma região administrativa especial, que consegue ter autonomia em relação a Pequim e economia aberta.

As calçadas do centro histórico são de pedras portuguesas, e o governo mantém profissionais trabalhando na recuperação das calçadas para garantir a sua integridade. O lugar tem apenas 30 quilômetros quadrados e 650 mil habitantes, mas recebe quase cinco vezes mais turistas estrangeiros do que o Brasil. Todo fim de semana, milhares de pessoas atravessam a fronteira entre Macau e China.

Os cassinos luxuosos, grandes atrativos noturnos, transformam Macau - única cidade da China onde o jogo é permitido - em um dos lugares mais ricos do mundo, arrecadando mais do que os famosos cassinos de Las Vegas.

A cidade também é conhecida como o parque de diversões da Ásia. Durante a reportagem, Glória Maria saltou de *bungee jump* da torre mais alta da cidade, com 223 metros (altura de um prédio de 78 andares).

Na reportagem, ela explica que o primeiro passo para saltar no *bungee jump* é assinar e assumir a total responsabilidade pelo que acontecer. "Os controles de segurança são rigorosíssimos. Eles medem, conferem, pesam, checam, 'rehecam'. É o tempo todo. Eles são preocupadíssimos com a segurança".

Figura 47: Glória Maria salta do maior *bungee jump* do mundo



Fonte: GLOBOPLAY.

A repórter saltou com uma câmera presa na mão direita, que registrou os gritos e as expressões dos sete segundos de salto de um ângulo diferente. "É muito pânico, é muito medo. O salto lá de cima é desesperador. Foi a pior sensação da minha vida, mas depois é o máximo. A gente tem a sensação de estar voando. Dá pânico, dá medo, mas agora é maravilhoso."

Figura 48: Glória Maria salta do maior *bungee jump* do mundo



Fonte: GLOBOPLAY.

Hong Kong fica na mesma região de Macau e possui uma reserva natural que abriga 400 espécies de aves; 49 delas estão ameaçadas e são consideradas de interesse mundial.

Mais de 100 espécies de borboletas também vivem na reserva Mai Po, que é um exemplo de preservação numa área de restinga e manguezais. Os pesquisadores calculam que 90 mil aves migrem todos os anos para o local, a maioria fugindo do frio da Rússia e do norte da China.

A equipe de reportagem também conversou com o brasileiro João Moreira, o jôquei com mais vitórias em uma única temporada em Hong Kong. Ganhou dois dos três campeonatos que disputou e ficou famoso na região.

Irã (2017)

Irã foi o país visitado por Glória Maria e apresentado pelo *Globo Repórter* em duas edições: uma em 01 de setembro de 2017 e outra no dia 08 do mesmo mês. O Irã é um país muçulmano, porém, 2.500 anos atrás a religião que dominava a antiga Pérsia era o zoroastrismo.

A jornalista mostrou aos telespectadores um espaço sagrado que guarda lembranças da primeira religião persa. Eles acreditavam que existia um Deus único, com o poder do bem e do mal.

O espaço mais importante para os zoroastras era o templo do fogo. Cerimônias e rituais eram realizados no templo circular em uma montanha a 1.800 metros acima do nível do mar no Irã. É a construção mais bem preservada e que tem por volta de mil anos. Hoje, existem menos de 30 mil seguidores da religião.

A religião islâmica chegou ao Irã há muito tempo, há quase 1.400 anos, época em que os árabes conquistaram a Pérsia. Hoje, 99% dos iranianos são muçulmanos. A preocupação com a beleza das mesquitas é também uma forma de agradar a Deus. Uma das coisas mais difíceis para um ocidental, principalmente uma mulher, é entrar numa mesquita durante as orações.

O mais famoso sítio arqueológico da Pérsia, as ruínas da monumental Persépolis, é motivo de orgulho para os iranianos porque é um tesouro da humanidade. Elas contam a história do povo persa.

Para Glória Maria, o Irã é um país diferente, que respeita as diversidades culturais. Depois de passar por uma revista rigorosa, em que todos os equipamentos foram checados, em detalhes, a equipe de reportagem conseguiu entrar em uma

mesquita. A preocupação com segurança é grande, são dezenas de soldados atentos, principalmente às sextas-feiras, dia tradicional de oração.

Na mesquita, homens e mulheres entram por lugares diferentes e ficam separados para a oração. "*Quando a gente olha essas mulheres todas vestidas de preto, a impressão é de que elas sejam muito severas, mas não é nada disso, elas são simpáticas, gentis e receptivas.*". A câmera de filmagem não pôde entrar; então, a equipe gravou as imagens de dentro do local com o celular.

Figura 49: Glória Maria veste o chador a pedido de iranianas



Fonte: GLOBOPLAY.

Glória Maria conta, na reportagem, que foi convidada para acompanhar o início das orações ao lado das mulheres e que a equipe era bem vinda, mas que, por respeito, precisaria usar o tradicional *chador* - espécie de manto preto usado pelas mulheres.

Ela explica que é raro um não muçulmano entrar nas mesquitas, especialmente nas sextas-feiras; e que já esteve em vários países muçulmanos, mas que é a primeira vez que consegue entrar e conversar com as mulheres.

Glória Maria também passou por Abyaneh, uma cidadezinha que fica no alto de uma montanha, a 2 mil metros acima do nível do mar e experimentou um dos pratos mais tradicionais da região: *Ash-e reshteh*, uma sopa típica, feita com legumes, vários tipos de feijão, uma massa tradicional do Irã e vários temperos.

Figura 50: Glória Maria experimenta comida típica de Abyaneh



Fonte: GLOBOPLAY.

Abyaneh é conhecida como a cidade vermelha do Irã; é um dos vilarejos mais antigos do país e tem, aproximadamente 3 mil moradores. As casas, vistas de longe, parecem fazer parte da montanha. É um lugar isolado, onde as tradições resistem à passagem do tempo.

A equipe de reportagem também percorreu o deserto de Lut, considerado o lugar mais quente da Terra, com suas grandiosas formações de rocha e areia desenhadas pelo vento e conhecidas como Kaluts. Em todo o Irã existem 27 desertos. Lut é patrimônio da humanidade, não tem nenhuma vegetação e foi ali que 12 anos atrás a NASA registrou a temperatura mais quente da terra: 70,7 graus.

Figura 51: Glória Maria mostra deserto de Lut



Fonte: GLOBOPLAY.

Grupos nômades vagam pelo Irã, cuidando de rebanhos e levando uma vida livre, perto da natureza. Até hoje existem mais ou menos um milhão e meio de pessoas que cruzam o país.

Imagens da maior autoridade iraniana, o líder supremo, o aiatolá ali Khamenei estão espalhadas por todo o país, além das imagens de soldados mortos durante a guerra Irã-Iraque, que durou dez anos. O país faz questão de homenagear seus heróis. Depois de muito tempo de negociações a paz entre Irã e Iraque foi assinada em agosto de 1990.

Uma família brasileira que vive há 27 anos em Teerã, no Irã, garantiu que o país é mais seguro que o Brasil e contou para a reportagem como é morar em um lugar com costumes tão diferentes.

No Irã, a mulher já conquistou muitos direitos: dirige, estuda, trabalha, mas elas querem mais. Aproximadamente 4.500 mulheres iranianas buscam a igualdade através da luta e aprendem formas de combate de guerrilheiros. Elas treinam desde cedo as técnicas de autodefesa japonesas adaptadas aos costumes iranianos, que foram trazidas para o país há 300 anos.

Por causa das leis islâmicas, o mestre não pode tocar nas alunas; então, ensinar as mulheres se torna complicado. O professor de artes marciais explica para a reportagem que usa as crianças menores para mostrar como os exercícios devem ser feitos. E também grava DVDs com os próprios filhos e distribui para as alunas.

Em Bunker, no Irã, é possível encontrar um museu que guarda as joias mais valiosas da Terra. O tesouro está protegido por um esquema de segurança rigoroso e é considerado inviolável. Além dessa riqueza, os famosos tapetes persas feitos à mão por iranianas e reconhecidos como obra de arte podem custar milhões. Eles são vendidos nos grandes bazares do país e também são exportados para o mundo todo.

Portugal (2018)

Em 20 de abril de 2018, Portugal preencheu as telas dos telespectadores do Globo Repórter. Em Portugal, castelos e vilarejos se modernizam sem perder as características medievais. Chefes de cozinha jovens criam e reinventam pratos tradicionais, enquanto Lisboa, a capital, se moderniza e atrai turistas seduzidos por um novo Portugal.

A região de Algarve, no sul do país, se destaca pelas praias, grutas e falésias que podem chegar a 40m de altura. Foi escolhido como o melhor lugar do mundo para aposentados por causa da qualidade de vida, sistema de saúde, impostos baixos, natureza, segurança e clima atrativo. As formações rochosas do Algarve

guardam muitas surpresas. São muitas as grutas na região. Glória Maria mostra uma que é considerada a mais longa e profunda.

A equipe de reportagem mostrou porque o vinho do Porto, bebida que começou a ser produzida 400 anos atrás, é tão popular. Além disso, mostrou a livraria considerada a mais bonita do mundo e que inspirou a escritora J. K. Rowling, autora de Harry Potter.

Glória Maria passou por Monsanto, o vilarejo mais português do país com casas construídas em granito; pela Cidade de Óbidos, preservada e cercada por muralhas, conhecida durante séculos como 'a vila das rainhas' e por Nazaré, com ondas gigantes que atraem jovens em busca de desafio, aventura e emoção.

Sri Lanka (2018)

Nos dias 17 de agosto e 23 de novembro de 2018, o Globo Repórter exibiu no programa as reportagens de Glória Maria que revelaram as maravilhas naturais de um país rico em história e vida selvagem: o Sri Lanka. A jornalista mostrou os hábitos de pescadores que se equilibram em estacas dentro da água para trabalhar. Armações que parecem pernas-de-pau servem para sustentar os homens acima das ondas e é uma tradição do país.

O Sri Lanka se tornou um dos melhores lugares do mundo para se observar a baleia azul, o maior ser vivo de todo o planeta, já que o país faz parte da rota do animal, que hoje está ameaçado de extinção. A maior reserva natural do Sri Lanka é o Parque Nacional Yala, onde os animais vivem soltos numa área de 1.300 quilômetros quadrados de mata praticamente intocada. O animal mais famoso dessa reserva é o leopardo.

No Sri Lanka, um sistema de saúde pública funciona da mesma forma há 5 mil anos. No principal hospital público do país, mais de 200 pessoas são atendidas, por dia, por meio da medicina ayurvédica. A palavra ayurveda significa ciência da vida. O tratamento ajuda a equilibrar corpo, mente e alma e se baseia em cinco elementos do universo: éter, ar, fogo, água e terra. No corpo humano, esses elementos se manifestam através de 3 tipos de energias: vata, pitta e kapha. As doenças surgem quando as energias do corpo estão desequilibradas.

No hospital, são tratados os pacientes cardíacos e neurológicos e os tratamentos são basicamente à base de óleos vegetais, plantas medicinais,

massagens e exercícios. Além dos hospitais públicos, existem vários centros de tratamento especializados em medicina ayurvédica no país.

Glória Maria quer experimentar a técnica, vai até um desses centros e pede para fazer uma consulta. A pulsação é checada e várias perguntas são feitas, inclusive sobre a idade da jornalista. Ela só responde essa pergunta falando baixinho no ouvido da médica e brinca: *"quem quiser saber a minha idade vai ter que perguntar pra essa doutora aqui, e em cingalês [língua falada pelo grupo étnico maioritário do Sri Lanka], porque senão vocês não vão saber e eu não vou contar."*

A médica sugeriu um tratamento para desintoxicar, relaxar e repor as energias. Todos os produtos usados no tratamento ayurvédico são naturais. Glória Maria passa pelo tratamento e a equipe de reportagem grava as etapas. Em alguns casos, os médicos pedem exames complementares da medicina ocidental. *"É como quase tudo no Sri Lanka: o tradicional e o moderno se misturam, desenhando um novo país"*.

Figura 52: Glória Maria experimenta medicina ayurvédica no Sri Lanka



Fonte: GLOBOPLAY.

A equipe de reportagem também mostrou um pouco da culinária típica e popular do país. Entre os pratos, estão a “carne” de jaca, jaca ao curry e o pudim de especiarias, uma das sobremesas mais famosas do país. A culinária é uma mistura de tradição e sabores marcantes.

O chá feito no Ceilão é considerado um dos melhores do mundo. Na cidade mais alta, Nuwara Eliya, o clima e o solo são perfeitos para as plantações, onde o chá é plantado, colhido e produzido o ano inteiro.

Glória Maria e a equipe foram convidadas a participar de um ritual de Ano Novo com comidas tradicionais. As pessoas do Sri Lanka comem com a mão, não usam talheres. Então, a jornalista prova os pratos conforme os costumes locais.

Figura 53: Glória Maria participa de ceia tradicional no Sri Lanka



Fonte: GLOBOPLAY.

Glória Maria subiu quase 2 mil degraus para conhecer um dos principais cartões postais do país, a gigantesca rocha Sigiriya. O tesouro arqueológico é patrimônio da humanidade e atrai milhares de pessoas todos os anos. Mostrou também o templo mais importante do país, construído há mais ou menos 400 anos: o Templo do Dente Sagrado. Segundo os budistas, o lugar guarda uma relíquia: um dente de Buda. O lugar vem sendo restaurado ao longo dos anos e atrai milhares de pessoas para o país.

Além desse templo, a reportagem apresentou as grandiosas cavernas do antigo reino de Ceilão (atual Sri Lanka) que guardam mais de 200 estátuas de Buda. O conjunto de templos é considerado patrimônio mundial da Unesco e foi construído por um rei há 2 mil anos.

Macedônia (2019)

As reportagens exibidas pelo Globo Repórter no dia 03 de maio deste ano foram produzidas na Macedônia. A equipe do programa mostrou a rotina do casal que vive e trabalha no Parque Nacional Mavrovo, enfrentando o inverno rigoroso da Macedônia do Norte, completamente isolado nas montanhas. Nos meses em que o frio é mais severo, a temperatura pode chegar a 25 graus negativos.

No maior e mais antigo parque da Macedônia, com 730 quilômetros quadrados, alguns trechos só podem ser percorridos a pé ou a cavalo. O cânion é

cercado por trilhas. Glória Maria e o guia, montados em cavalos, passeiam pelas paisagens do parque. A reportagem mostra o lago que se formou a partir de um rio que existia no local. O parque tem 4 cavernas, mas só uma pode ser visitada. Ela é uma das mais profundas da Europa.

Figura 54: Glória Maria explora parque na Macedônia



Fonte: GLOBOPLAY.

A comida da região é conhecida por ser muito saudável. Tudo é produzido de forma natural. Para experimentar um pouco dessa culinária, a repórter Glória Maria foi conhecer um dos melhores cozinheiros do país.

O lago Ohrid, com dois milhões de anos, considerado uma das reservas biológicas mais importantes do mundo, é o mais antigo da Europa. Nele, vivem mais de 200 espécies que não existem em nenhum outro lugar do mundo. A santa católica Madre Teresa de Calcutá nasceu na Macedônia do Norte e é uma das figuras mais adoradas do país, que tem a tolerância religiosa como parte da sua cultura.

4.4 GLÓRIA MARIA EM CAXIAS DO SUL

Glória Maria palestrou em Caxias do Sul, cidade onde a pesquisadora mora atualmente, durante o 1º Simpósio Estadual do Varejo, promovido pelo Sindilojas (Sindicato dos Lojistas). A jornalista falou sobre Comunicação e Globalização às 16h30min do dia 23 de outubro de 2018, no Hotel Intercity.

Durante a palestra, Glória Maria exibiu trechos de reportagens produzidas durante a carreira e fez comentários relacionados a elas; a sua atuação (entende-se

também *performance*) e sobre como aplicou os aprendizados das experiências em sua vida.

A pesquisadora acompanhou a palestra como participante do evento e gravou trechos específicos em que a repórter fez comentários sobre 3 das reportagens escolhidas para o estudo e pesquisa desta monografia. Além disso, a pesquisadora teve a oportunidade de fazer uma pergunta para a jornalista (relacionada ao tema desta monografia), conforme descrito a seguir.

Mesquita no Irã

A jornalista mostrou um trecho da reportagem exibida pelo Globo Repórter em 08 de setembro de 2017 em que ela aparece entrando, pela primeira vez, em uma tradicional mesquita no Irã. A reportagem com o título “*Glória Maria entra em mesquita no Irã para acompanhar tradicional oração*” já foi detalhada no subcapítulo anterior.

Depois de exibir a reportagem, a frase “a vida é feita de experiências” ficou visível no telão. Em seguida, sobre essa experiência, a repórter comentou: *"se você conseguir tirar o peso do preconceito de dentro de você... é uma coisa complicada, mas você tira, como você tira outra carga ou peso, algo que te incomoda. O mundo, o tempo, a vida, vão te ensinando e você chega lá. Se você 'tá' predestinado pra isso, se você 'tá' disposto a quebrar barreiras, a vencer desafios. Os meus foram uns, os de vocês são outros. Agora, se eu consegui quebrar os meus obstáculos, por que todo mundo aqui também não consegue? Eu não nasci em 'berço de ouro', não sou de uma família importante, ninguém me indicou pra televisão, eu fui chegando lá. Se eu cheguei, qualquer pessoa pode chegar. O fato de a gente estar em um mundo cada vez mais rápido não significa que a gente tenha que desacelerar ou acelerar demais. A gente tem que acompanhar o nosso ritmo. É no nosso ritmo que a gente chega lá, se a gente tiver mesmo vontade de chegar. Porque viver é experimentar, porque se a gente não experimenta, a gente morre sem saber o que é a vida."*

Salto de bungee jump

A jornalista mostrou um trecho da reportagem exibida pelo Globo Repórter em 09 de junho de 2017 em que ela aparece saltando do mais alto *bungee jump* do

mundo em Macau. A reportagem com o título “*Glória Maria salta do maior bungee jump do mundo, em Macau*” já foi detalhada no subcapítulo anterior.

Depois de exibir a reportagem, as frases “superar seus próprios limites” e “ideias pré-concebidas limitam as possibilidades” ficaram visíveis no telão. Em seguida, sobre essa experiência, a repórter comentou: *"anos atrás, no Fantástico, eu tinha pulado do mais alto bungee jump da época, que era na Nova Zelândia e devia ter uns 138 metros. Aí, me inventaram isso aí, e eu pensei: não vai dar. Na época, [do salto na Nova Zelândia] eu não tinha filhos, tinha muitos anos a menos. Você ainda tem aquela coisa da vontade de testar. E agora não, eu tinha a responsabilidade de duas crianças. Eu disse: eu não vou nessa. Mas, aí eu 'tava' lá e é aquele negócio: quem 'tá' na chuva é pra se molhar. Esse tinha 263 metros, era quase o dobro do outro, e naquela torre... o medo não era de cair lá embaixo, mas daquela corda balançar e eu bater na torre e me acabar. Mas, eu sou movida a desafios. Eu gosto de me testar. Eu sou medrosa, mas eu sou abusada. Então, eu disse: eu tenho que ver pra crer. Nunca mais eu vou repetir, pode colocar um bungee jump dez vezes maior do que aquele que eu não vou. Já avisei na televisão: agora eu 'tô fora', já cheguei no meu limite. Podem inventar o que quiserem. Até me disseram que tem um em Dubai que é maior que aquele, mas eu já disse que não é pra mim. Pode ser que seja pra minha filha se ela quiser ser jornalista; mas, eu 'tô fora'. Mas assim, quando eu cheguei lá embaixo, primeiro eu fiquei um monte de tempo sem falar, eu 'tava' travada. Quando eu voltei a mim, eu disse: puxa vida, eu fiz, eu consegui. E isso é uma sensação de bem estar, por você ter chegado lá, que não dá pra descrever. Quando minhas filhas viram, perguntaram: mamãe, você não teve medo? Eu disse: eu tive. Mas, foi o medo que me levou. Eu pensei várias vezes em desistir, eles contaram umas dez vezes e eu não fui - é que a gente edita a reportagem pra não perder tempo - mas eles contaram 1, 2, 3 e eu não fui; mas, aí, lá pela sexta [contagem], se eu não fosse, eles me empurravam. E aí eu pensei: entre ser empurrada e ir, já que vou morrer mesmo, que pelo menos eu pule pro suicídio. É pular pro suicídio aquele negócio, mas eu sobrevivi. Graças a Deus. Eu tenho orgulho de dizer que eu superei um dos meus maiores limites que, além de nadar, é o de sentir medo de altura. Eu tenho pânico. Mas, eu fiz. E aí você pensa assim: bom, o que isso mudou na minha vida? Mudou tudo. Eu não sou mais a mesma pessoa de antes de ter pulado daquele negócio. Antes, eu tinha um medo que eu considerava invencível. Hoje, eu sei que eu posso vencer esse e outros*

medos. Mas, se você não tentar, se você não ir mais longe daquilo que você acha que é capaz, você nunca vai saber. E a gente acaba pensando: ah, mas eu não tenho mais 18 anos. Não tem 18, mas tem 20! A gente se engana pra poder sobreviver, porque senão você não sai daquela 'sua' área. Você fica lá, fazendo aquela coisa eternamente e não vai pra lugar nenhum. Então, se a gente tem essa oportunidade de conviver o tempo todo com outras pessoas, seja empreendedor, funcionário, gerente, você lida com gente, e o maior desafio que a gente tem que enfrentar na vida e no mundo, é as pessoas. Quando você olha pra outra pessoa e você entende que ela é igual a você, você morre de medo, porque você sabe as fragilidades e incapacidades que você tem, os erros que você comete, e você percebe que o outro é igualzinho a você. E isso dá pânico. Por isso que a gente não quer olhar pro outro e se olhar. Por exemplo, pra nós mulheres, o maior pânico é olhar no espelho e não gostar do que a gente 'tá' vendo. Aí começa: eu vou fazer cirurgia, eu vou fazer isso, vou fazer aquilo. Mas, não adianta mudar a embalagem e não mudar dentro. E o exercício de globalização, hoje, é a gente se reinventar, mudar de dentro pra fora. Porque de fora pra dentro, a gente não vai a lugar nenhum. A gente vai ficar naquela coisa: ideias pré-concebidas que limitam as nossas possibilidades. A gente precisa mudar isso pra viver melhor."

Ganja na Jamaica

A jornalista mostrou um trecho da reportagem exibida pelo Globo Repórter em 01 de julho de 2016 em que ela aparece fumando a Ganja em ritual de oração de uma comunidade Rastafári na Jamaica. A reportagem com o título "*Comunidade Rastafári mais fechada da Jamaica não segue leis do país*" já foi detalhada no subcapítulo anterior.

Depois de exibir a reportagem, a frase "a vida é feita de experiências e riscos" ("e riscos" destacado em vermelho) ficou visível no telão. Em seguida, sobre essa experiência, a repórter comentou: "*vou dizer uma coisa pra vocês: eu saí de mim, e só voltei umas oito horas depois. Eu e a equipe inteira, porque não fui só eu que tive que experimentar. O câmara não sabia mais pra onde ele ia filmar, o técnico não sabia o que era o microfone... Foram vários riscos ao mesmo tempo. Primeiro, saber se essa matéria seria colocada no ar. Mas, foi uma negociação de meses pra gente poder entrar nessa comunidade. Eu tinha medo. Não sou uma menina boba, não sou inocente, moro no Brasil, no Rio de Janeiro. Mas, eu nunca tinha tido uma*

experiência como aquela e eu não sabia o que ia acontecer. Quando eu sai de mim, não sei se eu fui pra Vênus ou pra Marte... Só sei que a gente saiu de lá, entrou no ônibus, foi pro hotel onde a gente estava hospedado e ficamos na recepção do hotel. A gente não conseguia sair dali. Ninguém ia pro quarto, ninguém saía, ninguém andava. E a gente se perguntava: mas, vem cá, a gente tá onde? É no Brasil? A gente não se entendia. Depois de oito horas sem saber onde eu estava e quem eu era, o meu medo era de não voltar nunca mais. Porque eu já tinha ouvido aquele negócio: ah, o fulano tomou um negócio, foi e não voltou. E eu pensei: eu não vou voltar... Mas... 'tô' aqui. 'Tô' nessa palestra. Graças a Deus, sobrevivi. E isso é pra ver que por maior que seja o risco, se você acredita em você, confia em você... O meu desafio maior foi depois. Minhas filhas viram isso e eu virei piada em todo lugar. E aí elas perguntavam: mamãe o que era aquilo que você fumou? E elas insistiam. Eu dizia: era Ganja. Mas, o que é Ganja? E eu pensava como ia explicar. Então, além de ter corrido riscos, eu tive que enfrentar as minhas filhas com esse desafio. Então é o seguinte: isso tudo é pra dizer pra vocês que a vida não é só isso que se vê. A gente tem que ir em frente. Tem que ousar, experimentar, não tem que ter medo. A gente tem que acreditar na gente, porque só assim a gente vai em frente, vive, aprende e se torna um ser humano melhor. Não tenham medo, ousem, porque a gente só tem uma vida, e é nossa, ninguém pode viver por nós."

Pergunta da pesquisadora para Glória Maria

No protocolo da palestra não estava programada a abertura para perguntas ou interação com o público. Porém, Glória Maria se atrapalhou. "*É isso, gente. Agora é hora das perguntas, né? Ah não, puxa vida, olha só como eu sou atrapalhada, não era pra ter perguntas, mas, já que eu fiz confusão, vou abrir espaço pra duas perguntas*". Imediatamente, a pesquisadora ergueu o braço. Um senhor foi mais rápido e fez a primeira pergunta. Depois, Glória Maria se virou para a pesquisadora, que a cumprimentou, se apresentou e comentou sobre o tema da sua monografia (fazendo a jornalista sorrir ao dizer que era relacionado a ela).

A pesquisadora explicou que o atual trabalho de monografia traz uma reflexão sobre a *performance* da jornalista, tratando justamente de características que ela abordou na palestra, sobre interação com os espaços e participação na reportagem de uma forma que o repórter se torna mais do papel do jornalista como um mero transmissor de informação, mas um "experimentador". A estudante também

comentou que o objetivo é descobrir o impacto que essa *performance* tem no telespectador, se ela o aproxima da reportagem, se cria uma afinidade com a informação, ou não. A partir disso, a pesquisadora perguntou se as experiências são planejadas ou saem naturalmente durante a produção da reportagem. Glória Maria respondeu: *"não, eu não penso em nada. Eu me jogo. Eu sou uma pessoa igual a todo mundo. Todo mundo tem vontade de experimentar, todo mundo tem medo. Eu não quero brilhar mais do que a matéria. Eu sou um ser humano. Se é pra me jogar de bungee jump, eu me jogo. Se é pra dançar com Roberto Carlos, eu danço. Porque é nisso que eu acredito: viver é experimentar. É você ousar. É você ir adiante. Então, eu não tenho medo do que a vida me oferece, eu aproveito, e tento fazer daquilo que ela me dá, sempre uma coisa melhor"*.

6 METODOLOGIA

O presente capítulo tem como objetivo detalhar a metodologia adotada nesta monografia e a forma como foi aplicada para atingir os objetivos e responder as hipóteses levantadas. Este trabalho monográfico tem caráter de pesquisa qualitativa e como procedimento metodológico, a pesquisa bibliográfica, feita a partir do levantamento de referências teóricas já publicadas sobre o assunto em questão.

Os métodos adotados foram a Análise de Conteúdo, que consiste nas fases de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados; e o Estudo de Recepção, a partir da técnica de Grupo Focal, que possibilita atingir também outras reflexões e observações sobre o tema.

6.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Como método inicial para a pesquisa, foi utilizada a Análise de Conteúdo segundo conceitos de Laurence Bardin (1979), que consiste em um conjunto de técnicas adaptáveis e aplicadas ao campo das comunicações e que leva em consideração as significações e interpretações.

6.1.1 Fase 1: pré-análise

Na primeira fase da Análise de Conteúdo foram elaboradas as hipóteses e os objetivos a serem alcançados com a pesquisa. Estão indicados na Introdução deste trabalho monográfico. Ainda como procedimento da primeira fase, que é o período de organização e reunião dos documentos, o conteúdo submetido à análise trata de cinco reportagens produzidas pela repórter Glória Maria para o programa semanal *Globo Repórter*, da Rede Globo:

- * Beduínos nômades mostram como vivem no deserto de Omã;
- * Comunidade Rastafári mais fechada da Jamaica não segue leis do país;
- * Glória Maria entra em mesquita no Irã para acompanhar tradicional oração;
- * Glória Maria salta do maior *bungee jump* do mundo, em Macau;
- * Glória Maria experimenta o segredo da medicina ayurvédica.

6.1.2 Fase 2: exploração do material

A segunda fase da Análise de Conteúdo consiste na exploração do material e no estabelecimento de categorias, como sugerido por Bardin (1979). Para este trabalho monográfico, foram selecionados trechos das reportagens, em vídeo, que mostram a atuação da repórter Glória Maria e que contêm características importantes para o estudo do tema.

Os trechos foram selecionados com base nas categorias:

I. *Performance* corporal: gestos, expressões faciais, interação, contato e ação do corpo da repórter com o espaço/ambiente da reportagem ou pessoas apresentadas, aparecimento da repórter (passagem) na reportagem;

II. *Performance* textual: texto (palavras), tom de voz, emissão/expressão de emoções, manifestação de opinião pessoal;

III. *Performance* estética/imagética (que pode contribuir com a *performance* da repórter): imagens, planos de enquadramento das imagens/cenários, movimentos de câmera.

Cada reportagem é apresentada nesta monografia com título; data de exibição no programa Globo Repórter, tempo total de duração, sinopse, período de recorte com início e fim e decupagem detalhada de todas as cenas e falas pertencentes ao trecho selecionado.

Todas as reportagens têm mais de 6 minutos de duração e são consideradas reportagens especiais, com maior exploração de conteúdo, cenários e informações. Todas foram gravadas fora do Brasil e em países diferentes umas das outras. Os trechos foram selecionados, considerando a relevância da atuação da repórter em determinado momento.

Uma relação de planos, movimentos e símbolos utilizados no meio audiovisual e na decupagem do material é relacionada a seguir, para facilitar a compreensão dos termos.¹²⁰

¹²⁰ Para definir os planos e enquadramentos de câmera, foi utilizado o material entregue pela professora Marliva Vanti Gonçalves, na disciplina de Telejornalismo I, do 4º semestre do Curso de Jornalismo da UCS, além de informações presentes no site Primeiro Filme. Disponível em: < <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>>. Acesso em 10 de maio de 2019.

Grande Plano Geral: enquadra todas as personagens por inteiro e o cenário de fundo; é feito com a câmera mais aberta e afastada.

Plano Geral: enquadra todas as personagens por inteiro, mais o cenário de fundo.

Plano Americano: enquadra a personagem do joelho para cima.

Plano Médio: enquadra a personagem da cintura para cima.

Meio Primeiro Plano: enquadra a personagem logo abaixo dos ombros.

Close: enquadra o rosto da personagem ou objeto.

Close Up: enquadramento bastante fechado para mostrar detalhes.

Travelling (passeio): a câmera acompanha o movimento da personagem ou objeto.

Panorâmica: proporciona uma visão geral do ambiente, através do passeio.

Zoom In: a câmera se aproxima da personagem ou objeto.

Zoom Out: a câmera se afasta da personagem ou objeto.

Plongée: a câmera faz um passeio de cima para baixo.

Contra-Plongée: a câmera faz um passeio de baixo para cima.

Fade: transição lenta de cena.

('): representa o minuto, aparece junto a um numeral.

("): representa os segundos, aparece junto a um numeral.

Off: locução do repórter coberta por imagens (feita durante o processo de edição).

Passagem: locução do repórter no local da reportagem (feita durante a gravação).

Sobe som: quando a trilha musical fica com o volume mais alto.

Considerando que os trechos escolhidos foram descritos detalhadamente sob critérios estabelecidos (*performance* corporal, textual e estética/imagética) para melhor atender a proposta da pesquisa, uma pequena legenda também foi elaborada para ajudar a identificar essas atuações performáticas no decorrer do texto da decupagem, conforme segue.

Negrito: para as palavras que Glória Maria pronunciar com mais ênfase

Sublinhado: para as palavras que Glória Maria pronunciar ao mesmo tempo em que gesticular, seja corporalmente ou facialmente. Ao término da fala, em parênteses, a pesquisadora explica os gestos.

Itálico: para as palavras que Glória Maria pronunciar de forma - aparentemente - espontânea, informal, como uma espécie de “falei comigo mesma”.

6.1.2.1 Omã, 2012

Figura 55 - Beduína tira máscara e mostra o rosto para Glória Maria



Fonte: GloboPlay

Reportagem: Beduínos nômades mostram como vivem no deserto de Omã

Data de Exibição no Globo Repórter: 13 de abril de 2012

Duração total: 17'11''

Sinopse: consta no capítulo 5

Decupagem: trecho a partir dos 8'51'' até 11'01''

Em Plano Geral e com movimento de *Travelling*, aparecem três pessoas de um lado de uma cerca e um camelo, do outro lado. Uma mulher adulta, beduína, vestindo trajes de cor azul e uma máscara preta está de frente para a câmera no canto direito da imagem. Duas crianças - uma menina ao lado esquerdo e um menino, ao centro - , vestidas com roupas coloridas, estão de costas para a câmera e olham para um camelo que está do outro lado de uma cerca feita de postes e arames bem espaçados. Ao fundo, céu azul e a areia do deserto de Omã. A câmera vai se aproximando e, em *Close*, mostra as mãos das crianças que afagam o rosto do camelo. Há uma trilha sonora leve que se mistura com o ruído do camelo - semelhante ao de uma vaca. A trilha permanece durante toda a reportagem, saindo apenas quando Glória Maria fala (em forma de passagem).

GLÓRIA MARIA: (*off*) No deserto, inverno é época de **renovação**.

O pescoço e o rosto do camelo - que mastiga algum alimento - aparecem em *Close*.

GLÓRIA MARIA: (*off*) A camela desta beduína também deu cria há **poucos** dias.

Em Plano Americano, aparece a beduína com um recipiente nas mãos, alimentando o animal, que está com o filhote, inquieto, ao lado. Em Plano Geral, aparece a mesma cena, mas de outro ângulo. Um raio de luz solar dá um efeito de corte e de “bolinhas” na imagem. Ao fundo, céu azul e a areia do deserto.

GLÓRIA MARIA: (*off*) Selma é uma **típica** habitante daqui e nos leva para conhecer um pouco do dia a dia de quem vive nessa região.

Em Plano Geral e movimento de *Travelling*, a câmera passa por tapetes feitos pelos nômades dentro de uma casa típica do deserto e vai até Selma, que está sentada no chão, coberto por tecidos, confeccionando um tapete manualmente. Em *Close*, aparecem as mãos de Selma e o objeto de madeira usado para confeccionar tapetes manualmente. As cores dos fios são vivas: vermelho e preto em destaque. Em Plano Geral, aparece Selma, sentada, trabalhando com o tapete. Ao fundo, almofadas coloridas estão distribuídas pelo contorno da casa. Tudo é bastante colorido dentro da moradia.

GLÓRIA MARIA: (*off*) A máscara, **estranha, diferente**, chama a nossa atenção.

O rosto de Selma usando uma máscara preta aparece em *Close*. O lenço de cor azul cobre a cabeça da mulher. Em Plano Geral, aparece Glória Maria sentada ao lado de Selma, em uma posição diagonal, quase frontal. Entre as duas, está sentada uma menina beduína, com roupas coloridas, que observa a repórter com aparente curiosidade (imitando alguns dos seus movimentos, atenta). Glória Maria usa roupas claras, um lenço ao redor do pescoço, uma calça cor de areia, uma blusa verde clara e meias cinzas (não está usando calçado).

GLÓRIA MARIA: (passagem) Eu perguntei pra ela porque que elas usam essa máscara e ela disse que é pra proteger da **areia**, do **sol** e dos **homens** (aponta com as duas mãos para Selma; olha para a criança que pronunciou alguma palavra - algo como “*malaca*”, como se estivesse tentando imitar a palavra “máscara”, que acabara de ouvir; faz um gesto com a mão direita, apontando o dedo indicador para cima).

Ainda em Plano Geral, a imagem mostra a repórter conversando com Selma.

GLÓRIA MARIA: (*off*) É uma marca das beduínas, tradição do povo do deserto.

O olhar da criança sentada entre Glória Maria e Selma aparece em *Close Up*.

GLÓRIA MARIA: (*off*) As mulheres são criadas **totalmente** separada dos homens e, muito tímidas, não se **mostram** a estranhos.

Em Plano Americano, do lado de dentro da casa, aparece Selma do lado de fora. Uma parede de madeira separa a câmara da personagem, que é filmada pelas frestas. Ao fundo, construções de nômades e a areia do deserto.

GLÓRIA MARIA: (*off*) Mas, os olhos dizem **tudo** por trás da maquiagem forte.

O olhar de Selma aparece em *Close* e *Zoom In*. Em Plano Geral, aparece novamente Glória Maria sentada junto com Selma e a menina dentro da casa enquanto conversam.

GLÓRIA MARIA: (*off*) Ela me conta que a mulher beduína só usa essa máscara depois do casamento.

O rosto de Selma com a máscara aparece em *Close*. A mulher sorri, é possível perceber isso porque a região visível dos olhos fica enrugada. Em Plano Geral, aparecem novamente as mulheres conversando.

GLÓRIA MARIA: (*passagem*) A tradição é uma coisa incrível. Ela “tá” me dizendo assim, que a máscara protege contra os homens porque só olhando os olhos, só vendo os olhos, eles não têm a ideia exata de como é todo o rosto (sinaliza os olhos com as mãos; sinaliza o rosto com as mãos). Então, assim, elas se sentem mais protegidas (demonstra estar refletindo sobre a explicação de Selma e faz um gesto com as mãos abertas para a frente do corpo, depois se inclina e pega, a sua frente, no chão, uma máscara, enquanto a movimenta nas mãos e a observa). Éé... É uma ideia, né (ergue os ombros).

Em Plano Geral do mesmo cenário, aparece Selma colocando um lenço estampado nas cores vermelha e preta sobre a cabeça e ombros de Glória Maria enquanto as duas trocam olhares e conversam.

GLÓRIA MARIA: (*off*) Será mesmo? (pausa) Bem, para saber, é preciso experimentar.

Ainda em Plano Geral aparece Selma, arrumando o lenço e os cabelos de Glória Maria e colocando uma máscara na repórter. As mãos de Selma amarrando os fios da máscara ao lado do rosto de Glória Maria aparecem em *Close*.

GLÓRIA MARIA: (*passagem*) A máscara não incomoda. Realmente não incomoda. Não é desconfortável. No primeiro momento sim, você fica achando que não respira direito. Agora não, já é natural. Parece que ela faz parte do seu rosto, por isso elas andam assim, com tanta naturalidade (coloca as mãos na máscara e pressiona contra o rosto; aponta com as mãos para Selma; faz gestos, sacudindo as mãos). Parece que a gente, que as pessoas, não podem saber o que a gente “tá”

pensando quando a gente “tá” usando uma máscara dessas (faz um gesto com a mão direita apontando para a cabeça e faz uma pausa). É bom (faz outra pausa e um leve sinal afirmativo com a cabeça). Gostei.

O rosto da menina aparece em *Close* e depois, o rosto de Selma também. Em Plano Geral, de um ângulo no alto da casa, aparecem Glória Maria e Selma sentadas no chão enquanto conversam. Selma mostra acessórios confeccionados por ela. Também em Plano Geral - visto do lado de fora da casa - aparece a porta e, ao fundo, o interior da casa, bastante colorido.

GLÓRIA MARIA: (*off*) Passamos algumas horas juntas e até criamos uma certa cumplicidade. Selma concorda em tirar a máscara, **mas só pra mim**.

O rosto de Selma com a máscara aparece em *Close*. Em Plano Geral aparecem as duas sentadas de frente. Selma está de costas para a câmera. As duas conversam e Glória Maria faz um gesto com as mãos, ilustrando estar tirando algo do rosto, se referindo à máscara. Selma tira a máscara - de costas para câmera - e mostra o rosto para a repórter, que observa, sorrindo, com as sobrancelhas erguidas. Glória Maria faz uma expressão de contemplação, sorrindo, e expressa um “*aaah*” (possível de escutar por causa do som ambiente).

GLÓRIA MARIA: (passagem) Ela tem um rosto lindo, **mas**, ninguém pode ver.

Ainda em Plano Geral, Glória Maria aparece juntando as mãos em frente ao peito e se inclinando para a frente, cumprimentando Selma e dizendo: “*shucran!*” (a pesquisadora desconhece a grafia correta; se trata de um cumprimento nômade).

6.1.2.2 Jamaica, 2016

Figura 56 - Glória Maria fuma Ganja em ritual Rastafári



Fonte: GloboPlay

Reportagem: Comunidade Rastafári mais fechada da Jamaica não segue leis do país

Data de Exibição no Globo Repórter: 01 de julho de 2016

Duração total: 8'45''

Sinopse: consta no capítulo 5

Decupagem: trecho a partir de 4'40'' até 6'03''

As mãos negras de um homem que usa trajes de cor vermelha e prepara um cigarro de maconha aparecem em *Close*. A erva está dentro de uma seda branca. Os dedos do homem se movimentam, ajeitando a erva no papel.

GLÓRIA MARIA: (*off*) Aqui na Jamaica é permitido, por **lei**, fumar maconha para fins religiosos.

Em Plano Geral e *Zoom In*, aparecem pessoas conversando num local de chão batido com construções de madeira ao redor. É uma comunidade Rastafári chamada *Bobo Ashanti*, localizada na Jamaica. A câmera vai até as mãos de um homem negro com barba branca que usa trajes nas cores verde, amarela e marrom, além de um turbante amarelo na cabeça. Nas mãos, ele segura uma seda com maconha. As mãos de um homem negro com traje de cor azul aparecem em *Close*. Ele segura um cachimbo com erva dentro. A partir daqui, começa a tocar uma trilha suave que permanece até o fim da reportagem, menos quando Glória Maria fala (em forma de passagem).

GLÓRIA MARIA: (*off*) A Ganja é usada em **muitos** rituais rastafáris.

Em Plano Americano e *Contra-Plongée* aparecem os homens de traje vermelho e o de traje azul sentados em um banco, fumando um cachimbo comprido de Ganja (maconha) e soltando a fumaça pela boca enquanto fazem orações. Ao fundo, paredes de madeira, pintadas nas cores vermelho, amarelo e verde. Em Plano Médio, aparece Glória Maria no lado direito da imagem, arrumando o lenço azul que está na sua cabeça e que cobre os seus ombros - um dos requisitos para entrar na comunidade é não ter os ombros à mostra. A repórter troca de lugar e senta ao lado do homem de traje azul que usa um turbante preto na cabeça. O homem de turbante amarelo também aparece na cena e está com o cachimbo na mão.

GLÓRIA MARIA: (*off*) Na hora que nos despedimos, somos convidados a participar de **um** desses rituais.

Em Plano Geral, aparecem os três homens - o de traje vermelho, o de traje azul e o de turbante amarelo -, sentados no banco, orando. Com o som ambiente da reportagem é possível ouvir as orações. As mãos de dois dos homens acendendo o cachimbo de Ganja aparecem em *Close*. Um deles tem um isqueiro em uma das mãos e na outra, uma espécie de graveto que usa para arrumar a erva no cachimbo. O outro homem segura o cachimbo. Em Plano Médio e *Contra-Plongée* aparece o homem de traje azul acendendo o cachimbo de Ganja. Fumaça sai do cachimbo. O som das orações se mistura à trilha sonora da reportagem. Em Plano Médio e com movimento de *Travelling*, a câmera acompanha a ponta do cachimbo e vai em direção ao rosto do homem de turbante amarelo que fuma a erva. Em Plano Médio, aparecem novamente os homens sentados no banco. O de turbante amarelo passa o cachimbo para o de traje azul.

GLÓRIA MARIA: (*off*) Só que participar, significa, **também**, fumar o cachimbo **gigante** junto com os rastafáris.

Em Plano Geral, aparece Glória Maria sentada na ponta do banco, ao lado do homem de traje vermelho. Ela troca de lugar e senta em meio aos dois (o de traje vermelho e o de traje azul). A repórter coloca a mão no peito e faz uma expressão séria, demonstrando insegurança ou desconfiança e aparece em Meio Primeiro Plano.

GLÓRIA MARIA: (passagem) Olha, eles diz..., eles “tão” querendo que eu prove isso também. Eee... Eu não sei fazer essa oração, essa prece. Eu não sei fazer essa prece, mas eles querem que eu tente (a repórter parece confusa e um pouco encabulada, chega a gaguejar ao falar).

Em Plano Médio e *Zoom Out*, aparece a repórter, conversando com os homens, sentados no banco. A imagem vai abrindo até ficar em Plano Geral.

GLÓRIA MARIA: (*off*) Recusar, **nem pensar**.

As mãos do homem de traje azul aparecem em *Close*.

GLÓRIA MARIA: (*off*) Seria um **desrespeito** à tradição.

Em Plano Geral, aparecem novamente os homens sentados no banco, junto com a repórter. Da esquerda para a direita, estão sentados: o rastafári de traje vermelho, com o cachimbo na mão; Glória Maria; o rastafári de traje azul e o rastafári de turbante amarelo. O homem de traje vermelho passa o cachimbo para a repórter. A câmera, em *Zoom In*, mostra a cena até ficar em Plano Americano. O homem de

turbante amarelo vai até Glória Maria e bate na ponta do cachimbo, fazendo sair fumaça dele. O som das orações se mistura à trilha sonora da reportagem.

GLÓRIA MARIA: (*off*) No primeiro momento, fiquei **completamente** tonta.

Ainda em Plano Americano e *Zoom In*, aparece o rosto de Glória Maria, que arregala os olhos e olha de um lado para o outro e para os rastafáris. Ela faz expressões faciais fortes, enrugando o rosto, apertando os olhos, levantando as sobrancelhas e demonstrando desconforto. Em Plano Geral, de outro ângulo, aparecem as pessoas sentadas no banco. A repórter passa o cachimbo para o homem de traje vermelho. Ela demonstra estar assustada e os homens riem.

GLÓRIA MARIA: (*off*) Para quem não está acostumado, é preciso **tempo** para entender.

Em Plano Médio, aparece Glória Maria, sentada entre os dois homens. Ela continua pressionando os olhos, enrugando o rosto e sacudindo as mãos no ar. Com *Zoom In* até Meio Primeiro Plano aparece Glória Maria fazendo caretas de desconforto. Ela expressa um “*uaau!*” e bate uma mão contra a outra, como se estivesse tentando limpá-las de algo. Aproxima uma das mãos do rosto e a passa perto ao cabelo caído no peito. Ela continua se movimentando assim, levanta as sobrancelhas e pisca devagar. Sobe som da trilha da reportagem e troca de cena.

6.1.2.3 Irã, 2017

Figura 57: Glória Maria entra em mesquita no Irã e veste o xador



Fonte: GloboPlay

Reportagem: Glória Maria entra em mesquita no Irã para acompanhar tradicional oração

Data de Exibição no Globo Repórter: 8 de setembro de 2017

Duração total: 6'25''

Sinopse: consta no capítulo 5

Decupagem: trecho a partir de 3'01'' até 4'32''

Em Grande Plano Geral, aparece o interior de uma mesquita no Irã repleta de fiéis, todos sentados. Os homens aparecem ao lado esquerdo da imagem em maior quantidade e em um espaço também maior, bem no centro da mesquita. As mulheres aparecem ao lado direito da imagem, em um espaço menor, separadas por uma espécie de parede de tecido azul. O som é ambiental, de alguém falando para os fiéis na língua do Irã.

GLÓRIA MARIA: (*off*) Na Mesquita, **tudo** é separado.

A divisão de tecidos azuis que separa os homens das mulheres no interior da mesquita aparece em Plano Geral. Também em Plano Geral aparece Glória Maria caminhando ao lado das iranianas e passando por debaixo de uma divisão de tecido azul, que parece uma entrada. A trilha da reportagem é uma oração muçulmana que segue durante toda a matéria, menos quando Glória Maria fala (em forma de passagem).

GLÓRIA MARIA: (*off*) As iranianas me **convidam** para acompanhar o início das orações ao lado delas, **mas** nossa câmera não pode entrar, então fizemos essas imagens com o celular.

Glória Maria, conversando e caminhando ao lado de uma mulher muçulmana que usa um traje preto, aparece em Plano Americano. A câmera acompanha as duas, por trás, depois passa pelo lado e vai para a frente das duas. Em Plano Geral aparecem algumas mulheres já sentadas no interior da mesquita, se posicionando para o início da oração e outras ainda se organizando e caminhando.

GLÓRIA MARIA: (*off*) Tudo é **simples, muito austero**, apenas alguns bancos cobertos por tapetes que elas usam para rezar.

O interior da mesquita aparece em Plano Geral, enquanto a câmera vai mostrando o lugar. Mulheres se organizam para o início da oração em um espaço específico, onde há bancos cobertos com tapetes de cores vermelha e bege. As muçulmanas usam trajes que cobrem todo o corpo, chamados de xador, deixando à mostra

apenas o rosto e as mãos. Algumas usam o xador preto; outras, o branco e ainda há algumas que, na hora da oração, trocam o xador tradicional por um florido, porque acreditam que, assim, agradam a Deus. Em Plano Médio, aparece uma muçulmana vestida com o traje preto e de óculos. Ela coloca o traje preto em Glória Maria, que ergue os braços, ajeitando o manto na cabeça e sorrindo. As duas conversam. Ao fundo, imagens das paredes e das crianças andando pelo interior da mesquita. A imagem abre um pouco e mostra outras muçulmanas no lado direito da imagem, conversando, todas de traje preto.

GLÓRIA MARIA: (*off*) É raro um **não muçulmano** entrar em uma mesquita, principalmente às sextas-feiras, dia tradicional de orações. Eu já estive em **vários países muçulmanos** e é a **primeira vez** que consigo entrar e conversar com as mulheres. É um momento especial.

Em Plano Médio, Glória Maria aparece terminando de arrumar o traje. Ela vira para a câmera, enquanto segura com as duas mãos, pelo lado de dentro do traje, as bordas do tecido, se “escondendo” dentro dele.

GLÓRIA MARIA: (passagem) Pois é, olha, eu tive que botar esse, eu tive que usar o *xador*, também. A gente ficou um tempo lá, com a nossa roupa daqui, [refere-se aos trajes usados no Irã], mas não preta, e aí até que alguém me chamou e disse que a gente era bem vindo, tudo bem, mas que era preciso usar o *xador*, né. (ergue as sobrancelhas e os ombros; ergue as sobrancelhas novamente e demonstra ter recebido uma ordem). Bom, fazer o quê, a gente respeita, né (demonstra leve “insatisfação cultural” e continua a reportagem). Sobe som da trilha da reportagem.

Em Plano Médio, Glória Maria aparece, indo em direção às outras mulheres. A câmera acompanha a repórter entrando no espaço de oração, passando por homens que parecem fiscais ou algo do gênero. Em Plano Geral, a repórter aparece tirando o calçado e colocando-o em uma sacola.

GLÓRIA MARIA: (*off*) Nos lugares sagrados, é preciso tirar os sapatos, é uma demonstração de **respeito**. Sobe som da trilha.

Os pés de uma pessoa descalça caminhando nos tapetes no local de oração, aparecem em *Close*. Em *Travelling*, a imagem sai dos pés, sobe pelo traje preto de um homem e chega ao seu rosto. Ele usa um turbante preto na cabeça, tem barba comprida e branca e olha para a frente. A trilha sonora continua alta.

6.1.2.4 Macau, 2017

Figura 58: Glória Maria salta do maior *bungee jump* do mundo em Macau



Fonte: GloboPlay

Reportagem: Glória Maria salta do maior *bungee jump* do mundo, em Macau

Data de Exibição no Globo Repórter: 9 de junho de 2017

Duração total: 6'23''

Sinopse: consta no capítulo 5

Decupagem: trecho a partir de 2'45'' até 6'23''

Em Plano Médio, aparece Glória Maria saindo de uma balança e dando a mão para um instrutor que usa um crachá e acessórios de segurança. Ela já está com alguns equipamentos de segurança que foram checados pela equipe que vai conduzir o salto de *bungee jump*. Ao fundo, turistas caminhando pelo lugar que é o topo do prédio mais alto de Macau: 233 metros. A câmera acompanha Glória Maria, de mãos dadas com o instrutor, caminhando em direção à lateral do prédio, de onde ela vai saltar.

GLÓRIA MARIA: (off) Ai! Sou eu. “Tá” chegando a hora! (em tom de medo).

Em Plano Médio, aparece um instrutor, colocando a mão no ombro de Glória Maria e direcionando-a para o equipamento que vai prendê-la. Ela pergunta: “*eu tenho que sentar aqui, nessa cadeirinha?*” Também em Plano Médio, aparece o instrutor, conferindo os equipamentos de segurança enquanto Glória Maria senta na cadeira. Outro instrutor aparece ao lado direito da imagem. Em Plano Geral e *Plongée*, aparece o chão “lá em baixo”, a calçada na base do prédio. A imagem foi feita de cima para baixo, por uma fresta no alto do prédio. Também dá para ver parte de um lago, no solo. Em Grande Plano Geral e Panorâmica, feita do alto do prédio, a

câmera sai da lateral do prédio e mostra o horizonte da cidade. É possível ver o lago, os prédios, as ruas, as residências e uma extensa ponte. Também em Grande Plano Geral, aparece um viaduto sobre ruas da cidade e sobre o lago. Automóveis percorrem as vias. Em Plano Geral, aparece novamente o instrutor, checando os equipamentos do *bungee jump*. A imagem sai do instrutor e faz um movimento para o lado esquerdo, mostrando Glória Maria sentada na cadeira com as mãos no rosto, demonstrando medo. Na frente dela, o instrutor continua checando os equipamentos.

GLÓRIA MARIA: (passagem) *Aaai. Ele já “tá” montando tudo lá. Meu Deus. Aaai, lá embaixo tem água (fala com tom de medo e lamentação; põe a mão na boca, aperta os olhos e faz expressão de medo, como alguém que quer chorar; ela sorri, nervosa, e esfrega as mãos). Aaai, you “tá” rindo de mim, né? Olha lá. Ele “tá” rindo ó. Tá todo mundo rindo de mim, olha (fala em tom de lamentação e aponta para quatro turistas que a observam, enquanto a câmera se desloca para a direita e mostra os turistas, rindo e abanando com as mãos para Glória Maria. São quatro turistas, dois homens e duas mulheres, já equipados, aguardando para saltar).*

Em Plano Médio aparece Glória Maria, ainda sentada na cadeira com o instrutor, acoplado uma câmera ao seu pulso. Ela olha para baixo e olha de volta para a câmera que está sendo instalada no seu braço. Com uma expressão séria diz: *“olha a altura!”*

GLÓRIA MARIA: (off) *A câmera presa na mão é para registrar o salto de um ângulo diferente.*

Em Plano Geral, aparece uma vista longínqua do lago. A câmera se move para a esquerda, mostrando Glória Maria sentada na cadeira, conversando com o instrutor. Na imagem, é possível ver, no canto esquerdo, um dos cinegrafistas do Globo Repórter, filmando de outro ângulo.

GLÓRIA MARIA: (off) *O instrutor verifica **mais uma vez** os equipamentos.*

As mãos do instrutor conferindo os ajustes dos equipamentos presos aos pés de Glória Maria aparecem em *Close*. A mesma câmera, sem cortes, faz *Zoom Out* e fica em Plano Geral mostrando Glória Maria recebendo as instruções.

GLÓRIA MARIA: (off) *Ele explica que quando eu chegar lá embaixo, devo puxar essa faixa pra virar de cabeça pra cima.*

O instrutor aparece em Plano Médio, passando as orientações para Glória Maria. Com o som ambiente, é possível ouvi-lo falando. Em Meio Primeiro Plano, aparece

Glória Maria, com as mãos pressionadas contra o rosto. Ela expressa um “aaaaah” com tom de bastante medo. Ela se mantém assim por algum tempo. Depois, tira as mãos do rosto, ainda com uma expressão de medo, abre os braços, bate uma mão contra outra, respira fundo e faz um sinal positivo com a cabeça: “*tá bom!*”. O instrutor se aproxima, põe a mão no ombro dela e pergunta se está pronta. Na mesma cena, outro instrutor se aproxima e conduz Glória Maria ao salto. O perfil de Glória Maria, com expressão de medo, aparece em *Close*.

GLÓRIA MARIA: (passagem) Chegou a hora!

A mesma câmera vai abrindo a imagem até Plano Médio e mostra Glória Maria, indo em direção à beira do prédio, conduzida pelo instrutor. Os pés de Glória Maria com o equipamento preso em sua canela aparecem em *Close Up*. Ela dá passos minúsculos em direção à beira do prédio. A câmera sai dos pés e sobe até o peito de Glória Maria. Um instrutor a conduz pela cintura. É possível ouvir, pelo som ambiente, um instrutor dizendo para que ela não olhe para baixo. Em Plano Geral e *Plongée*, aparece a calçada, com um colchão inflável instalado bem abaixo do *bungee jump* que diz a altura do prédio: 233 m. É por ali que Glória Maria vai sair e se desvencilhar dos equipamentos de segurança quando terminar de saltar. A mesma câmera faz *Zoom Out* e abre para a paisagem vista do alto. A mão de Glória Maria com a câmera presa ao pulso aparece em *Close Up*. Ela segura firme na base que a direciona para o salto. Também em *Close* aparece o rosto de Glória Maria, de perfil, enquanto ela olha para baixo com uma expressão muito séria. A calçada e o lago aparecem novamente em Plano Geral. Em Grande Plano Geral, provavelmente registrado com um drone, aparece a lateral do prédio ao lado esquerdo da imagem e a cidade ao lado direito. A imagem vai subindo até o topo do prédio onde está o *bungee jump*. Glória Maria se prepara para saltar e diz, alterada, quase gritando e respirando, ofegante: “*Eu tô tremendo! Eu seguro você ou não?*”. Em Plano Médio, ela aparece já na beira do prédio com os instrutores, explicando como deve saltar. Ela está nervosa. O instrutor pede que ela respire e explica que farão uma contagem para o salto. Glória Maria interrompe mostrando nervosismo, e pergunta: “*de quanto pra quanto? Uma contagem de quanto pra quanto?*” O instrutor explica. A jornalista interrompe novamente: “*pera aí, pera aí. Eu me inclino?*”. O Instrutor pede que ela olhe para a frente e explica que quanto mais tempo ficar no prédio, pior será. A repórter concorda, “*ok, então vai, então vai*”. Em Grande Plano Geral, aparecem novamente as ruas, lago e calçadas, mas com um movimento desuniforme, quase

rodando, dando a impressão de desequilíbrio e queda (pode ter sido intencional, com o propósito de despertar essa sensação no telespectador, já que era um momento tenso para a repórter). Em Plano Geral e *Plongée*, aparece Glória Maria de braços abertos, se preparando para saltar. Dois instrutores a seguram pelos braços e começam a contagem, gritando, juntos: “*five, for, three, two, one, go, go, go, go*”¹²¹. Em Meio Primeiro Plano ela aparece de olhos fechados se inclinando, devagar, para a frente, saltando do prédio. Em Grande Plano Geral aparece o prédio ao lado esquerdo da imagem, com Glória Maria saltando. Ao fundo, o lago e a cidade. A imagem em *Plongée* acompanha o trajeto do salto. Em Plano Geral, da câmera que está presa ao braço de Glória Maria, aparece o salto de outro ângulo. A repórter está descabelada e de cabeça para baixo. É possível ver o alto do prédio na imagem. A repórter grita: “*uaau!*”. Em Plano Geral e *Contra-Plongée*, aparece o salto de outro ângulo. Também em Plano Geral, mas em *Plongée*, a repórter aparece ainda pendurada no *bungee jump*, mas já parada, por cima do colchão inflável, aguardando para ser removida. É possível ouvir a sua respiração ofegante.

GLÓRIA MARIA: (passagem) Aaai! Gente! **É muito pânico, é muito medo.** O salto lá de cima é **desesperador**. Foi a **pior** sensação da minha vida. Mas, **depois** é o **máximo** (ela gagueja ao falar).

A reportagem repete imagens do salto. Em Plano Médio, com a câmera do braço de Glória Maria, aparece a repórter, ainda presa ao equipamento, mas sentada, depois do salto.

GLÓRIA MARIA: (passagem) Aqui, a gente tem a sensação de estar voando. Dá **pânico**, dá medo. Mas, agora, aqui é **maravilhoso** (ela começa a gritar para as pessoas que estão na calçada, abaixo dela: “*oooioou, ooouu, uhuuuuu*”).

Em Plano Geral e *Plongée*, a câmera acompanha a descida de Glória Maria, que grita: “*consegui! UhUUU! Consegui! Ai, ai, ai, ai*”. A imagem acompanha a jornalista chegando ao colchão inflável enquanto instrutores ajudam a tirar os equipamentos. Glória Maria aparece, ofegante, depois do salto em Plano Médio. Em Plano Geral, a câmera vai acompanhando a saída do colchão.

GLÓRIA MARIA: (passagem) Ai... Ai... Consegui, gente! Ainda tô com a perna bamba até agora. Olha, **é muito medo, é muito medo**. Ai, acabou, **graças a Deus**.

¹²¹ Cinco, quatro, três, dois, um, vai, vai, vai, vai (tradução nossa).

Maria, Maria, Laura, Laura! Olha, a mamãe conseguiu, viu!? A mamãe saltou do mais alto *bungee jump do mundo*, aqui em Macau!

A reportagem repete imagens do salto.

6.1.2.5 Sri Lanka, 2018

Figura 59: Glória Maria experimenta a medicina ayurvédica no Sri Lanka



Fonte: GloboPlay

Reportagem: Glória Maria experimenta o segredo da medicina ayurvédica

Data de Exibição no Globo Repórter: 23 de novembro de 2018

Duração total: 7'33''

Sinopse: consta no capítulo 5

Decupagem: trecho a partir de 3'05'' até 6'44''

As mãos de uma médica aparecem em *Close*, conferindo o pulso de Glória Maria. A cena ocorre em uma clínica médica, no Sri Lanka, que opera com base na medicina ayurvédica. Glória Maria e a equipe de reportagem procuraram a clínica (que é particular) para mostrar as práticas desse conhecimento médico que significa “ciência da vida” e é aplicado em hospitais públicos do país. A médica aparece em Meio Primeiro Plano, conversando. Ela usa um jaleco branco, óculos, tem o cabelo preso e segura uma caneta na mão direita.

GLÓRIA MARIA: (em *off*) Primeiro, é examinado meu pulso. Depois, **muitas perguntas**... Ela quer saber o meu tipo de pele, minha personalidade, o meu sono...

Em Plano Médio, a câmera mostra a médica sentada atrás de uma mesa, com formulários de papel sobre a superfície. Glória Maria está sentada ao seu lado, vestida com uma blusa estampada nas cores verde, azul, branco e preto. As duas conversam. A mão da médica, preenchendo um formulário, aparece em *Close Up*. Depois, o rosto da repórter aparece em *Close*, enquanto ela conversa. Em Plano Médio, as duas continuam conversando.

GLÓRIA MARIA: (na passagem) Ela quer saber a minha idade [risos]. Começou a pegar... (olha para além da câmera, provavelmente para alguém da equipe de reportagem e leva uma das mãos ao rosto, dando um tapinha na testa e rindo). E eu vou dizer baixinho, no ouvido dela (sinaliza com as palmas das mãos abertas para fora e erguidas na altura do peito).

Com a câmera em Plano Médio, ainda na mesma cena, Glória Maria se levanta da cadeira, se inclina em direção à médica e cochicha no seu ouvido. Enquanto se afasta, coloca o dedo indicador sobre o lábio, sinalizando um segredo para a médica que sorri e anota a informação no formulário. A repórter volta a se sentar e olha novamente para alguém que não está enquadrado na imagem, ainda rindo. O rosto da jornalista é enquadrado em Plano Médio.

GLÓRIA MARIA: (na passagem) Quem quiser saber a minha idade vai ter que perguntar pra doutora aqui, em cingalês, porque senão vocês não vão saber. (aponta para a médica; pisca o olho; sorrindo, balança a cabeça de um lado para o outro em sinal negativo). E eu não vou contar, né.

As mãos da médica aparecem em *Close*. Com o movimento de *Zoom Out*, a câmera abre até ficar em Plano Médio, mostrando as duas ainda conversando.

GLÓRIA MARIA: (em off) Como não tenho nenhum problema sério de saúde, ela me indica um tratamento simples.

Ainda em Plano Médio, as duas aparecem conversando. Com o som ambiente da reportagem, é possível ouvir a médica, falando em cingalês, com a repórter. Enquanto a voz de uma tradutora (em off) dubla a fala da médica [“*you can do a treatment to detoxify, relax and restore energy*”], um crédito é exibido na tela: Aruna Kanthi / médica.

GLÓRIA MARIA: (na passagem) É tudo o que eu preciso. (abre as palmas das mãos para fora na altura do peito) **Principalmente energia**, porque a gente ainda tem muitos dias de trabalho (junta as mãos batendo uma palma leve; sacode a mão

direita, como um sinal de velocidade). Ok (se vira para a médica e aceita a sugestão de tratamento).

Folhas, flores e ervas são mostradas pela câmera em *Close*. Os itens estão dentro de recipientes e dispostos em uma mesa.

GLÓRIA MARIA: (em *off*) Todos os produtos usados no tratamento ayurvédico são naturais.

Em *Close*, a câmera mostra recipientes de barro com produtos coloridos e recipientes de inox (ou alumínio), com óleos.

Em Plano Geral, à frente de Glória Maria e da médica, aparece uma mesa coberta por um tecido verde. Sobre ela, estão distribuídas ervas, pós e óleos. Glória Maria vai tocando neles ao lado da médica e mostrando aos telespectadores, enquanto a médica fala, em cingalês, para Glória Maria o nome dos produtos.

GLÓRIA MARIA: (em *off*) Eles usam muitos... éé... tem pó, tem esses óleos, sementes, chás, ervas e plantas.

A câmera em Plano Médio mostra Glória Maria deitada sobre um tipo de maca, coberta da cintura para baixo com um tecido de cor verde e descoberta no restante do corpo. Ela está deitada de bruços e tem uma flor branca apoiada na orelha, entre os cabelos. Uma médica, com trajes na cor verde claro e verde escuro, fica ao lado dela, espalhando uma substância amarelada em suas costas enquanto a massageia.

GLÓRIA MARIA: (em *off*) Começo pela sala de massagens.

O rosto da médica fica enquadrado em *Close* e a câmera, em *Travelling*, passa pelos braços da médica e vai até as suas mãos. Ela está espalhando a pasta amarela nas costas de Glória Maria. Em *Close*, aparece o rosto da repórter, que está deitada sobre um tecido verde com os olhos fechados. Com *Fade*, a imagem troca de cena. Em Plano Médio, Glória Maria aparece de frente para a câmera, ainda deitada de bruços na maca, enquanto a médica aparece, ao fundo, massageando suas costas. Ela ergue o rosto para a câmera.

GLÓRIA MARIA: (na passagem) Esse tratamento que elas estão me fazendo é para diminuir o stress, equilibrar o organismo e, **principalmente**, eliminar as toxinas. Tomara que funcione, né. Porque eu "tô" precisando (a expressão é séria, ela levanta as sobrancelhas e logo deita a cabeça na maca, demonstrando cansaço).

As mãos da médica massageando as costas de Glória Maria aparecem em *Close*. Em Plano Geral, a mesma cena mostra Glória Maria ainda deitada, com os olhos fechados, enquanto a médica massageia suas costas.

GLÓRIA MARIA: (em *off*) É um ambiente de paz e muita tranquilidade.

O rosto da médica aparece em *Close* e em movimento de *Travelling* a câmera desce e mostra as costas de Glória Maria, enquanto a médica a massageia. Em Plano Médio, a médica, que usa jaleco branco, aparece entrando na sala com uma folha de bananeira nas mãos.

GLÓRIA MARIA: (em *off*) Aaah, pensa que acabou o tratamento? Ainda colocam, em cima de mim, uma folha de **bananeira**.

Em Plano Geral, ela aparece alcançando a folha para a médica que está fazendo a massagem e as duas posicionam a folha sobre a repórter. Em *Close* e movimento de *Travelling*, a imagem mostra as mãos das médicas e a folha de bananeira. Elas fazem um nó em uma espécie de barbante que foi envolto no corpo da repórter para “prender” a folha.

GLÓRIA MARIA: (em *off*) É para concentrar e aumentar os efeitos dos produtos.

Em *Close*, aparecem as mãos de uma das médicas, pressionando nas costas de Glória Maria um pano envolto em algum tipo de óleo.

GLÓRIA MARIA: (em *off*) No final, a médica usa uma técnica **muito** antiga de massagem. Ela explica que, assim, eu vou ter mais vigor e vitalidade.

Em Plano Médio, Glória Maria aparece ao lado de uma estrutura parecida com um forno. Ela está coberta apenas dos seios para baixo, com um tecido de cor verde. A parte do corpo que fica visível está coberta por óleo, por isso, tem aparência de estar molhado.

GLÓRIA MARIA: (na passagem) Bem, agora chegou o momento da segunda parte do meu tratamento. Só que eu vou ter que entrar nesse lugar aqui, que é uma espécie de forno, que fica numa temperatura de mais ou menos 30 graus (coloca a mão direita sobre o “forno” e se inclina, olhando para ele; sacode a mão esquerda - a direita ainda está sobre o forno -, demonstrando imprecisão). Eles chamam de banho de vapor. É um tratamento que é uma espécie de um detox, purifica, queima gordura e... Elas dizem, né... (levanta as sobrancelhas, olha para cima e inclina levemente a cabeça para o lado esquerdo, demonstrando incerteza). E eu vou acreditar... Que ajuda a emagrecer também. Quer dizer, quem não quer tudo isso, né?

Em Plano Geral, Glória Maria aparece - ainda coberta pelo tecido verde - deitando sobre a espécie de forno que tem várias folhas de algum tipo planta espalhadas pela superfície. O rosto da repórter aparece em *Close*. Em Plano Médio, Glória Maria aparece com o corpo coberto por folhas verdes, enquanto a médica ainda coloca algumas folhas sobre ela. Em Plano Geral, a médica aparece fazendo um sinal com a mão para que Glória Maria se impulsione um pouco mais para o limite do “forno”. Assim, a cabeça fica posicionada em um espaço específico para fora do “forno”.

GLÓRIA MARIA: (na passagem) Meu **Deus** do céu! Tô me sentindo como em um caixão, mas vamos lá.

Ainda em Plano Geral, a médica aparece, fechando a tampa do “forno” com Glória Maria dentro. Enquanto isso acontece, a repórter faz alguns resmungos/gemidos.

GLÓRIA MARIA: (na passagem) Ai mamãe! *Aaai mamãe!* Parece uma **guilhotina!**

Ainda em Plano Geral, a médica aparece, terminando de fechar o “forno”, que deixa apenas a cabeça da repórter para fora da estrutura.

GLÓRIA MARIA: (na passagem) *Aaai, foi!*

Ainda em Plano Geral, a médica aparece, se afastando do “forno”. A repórter olha para a câmera.

GLÓRIA MARIA: (na passagem) Bom, agora é uma hora aqui dentro dessa espécie de forno. Imagina a temperatura de mais ou menos 30 graus. Eu já “tô” sentindo o negócio ferver aqui.

Uma fonte de cor cinza claro com algumas flores boiando na água aparece em *Close*. A imagem abre em *Zoom Out* até ficar em Plano Geral, onde aparece Glória Maria deitada em cima de uma maca, coberta da cintura para baixo com um tecido verde, enquanto a médica massageia as suas costas com algum tipo de óleo.

GLÓRIA MARIA: (em *off*) Depois de tudo isso, eu me senti **muito bem**, mais leve e com mais energia.

Em Plano Geral, aparece, de costas, um médico de jaleco branco conduzindo um senhor com roupas íntimas até uma sala onde há macas com alguns pacientes sendo atendidos por outros médicos e passando por procedimentos de massagem.

GLÓRIA MARIA: (em *off*) Mas, o meu caso era **simples**. Nos hospitais públicos, o tempo de tratamento depende do estado de saúde de cada pessoa.

Em Plano Médio, aparece um paciente deitado, com os braços erguidos, enquanto dois médicos - um para cada braço - fazem massagem com óleos. Em *Close*,

aparece um recipiente derramando óleo em outro recipiente que despeja o líquido sobre a cabeça de um paciente que tem os olhos e orelhas tampados com algodão.

6.2 ESTUDO DE RECEPÇÃO

Além da Análise de Conteúdo, outro método utilizado para responder a investigação foi o Estudo de Recepção por meio da técnica de coleta de dados do Grupo Focal. Considerando que o estudo busca analisar a interferência da *performance* telejornalística de Glória Maria na compreensão das informações pelos telespectadores do Globo Repórter, é indispensável que se obtenha informações acerca de suas percepções diretamente com os telespectadores.

O Grupo Focal foi muito importante para a pesquisa porque ampliou os resultados da análise final. A técnica aprofundou as reflexões acerca do tema, promovendo a discussão a partir da interação de um grupo de pessoas que puderam manifestar as suas percepções livremente sobre as cinco reportagens em vídeo exibidas no encontro.

As reportagens exibidas foram: *“Beduínos nômades mostram como vivem no deserto de Omã”*; *“Comunidade Rastafári mais fechada da Jamaica não segue leis do país”*; *“Glória Maria entra em mesquita no Irã para acompanhar tradicional oração”*; *“Glória Maria salta do maior bungee jump do mundo, em Macau”*; *“Glória Maria experimenta o segredo da medicina ayurvédica”*.

Participaram do Grupo Focal dez pessoas com idades entre 17 e 45 anos de profissões e escolaridades variadas. Um ponto que chamou a atenção da pesquisadora foi que apenas dois dos participantes foram convidados diretamente (uma atriz e um adolescente que não assiste televisão), os demais se ofereceram, voluntariamente, por meio das redes sociais, para contribuir com a pesquisa, embora nenhum deles soubesse o tema e o conteúdo que seria exibido.

Ao fazer contato com os interessados, a pesquisadora revelou resumidamente como seria o processo, explicando que seriam exibidas cinco reportagens do Globo Repórter produzidas pela jornalista Glória Maria e todos os participantes teriam a liberdade para comentar o que quisessem sobre o que vissem. Nenhuma revelação acerca do tema, objetivos ou hipóteses foi dada aos participantes antes da aplicação da técnica do Grupo Focal.

Três dos participantes (vindos de outras cidades) viajaram por, pelo menos, mais de 40 minutos até Caxias do Sul para participar do encontro, incluindo um, com dificuldade de locomoção devido a uma doença. O Grupo Focal ocorreu no dia 31 de maio de 2019, uma sexta-feira, às 19 horas e 30 minutos, no estúdio de televisão do Bloco T, da Universidade de Caxias do Sul. O processo foi gravado com uma câmera de vídeo e teve a duração de 1 hora e 6 minutos.

De início a pesquisadora propôs que os participantes se apresentassem, com o objetivo de provocar uma interação entre eles, e também para que todos pudessem ter conhecimento sobre as pessoas com as quais compartilhariam suas opiniões posteriormente.

Em seguida, a pesquisadora explicou como seria o processo do Grupo Focal e deu início à apresentação dos trechos das cinco reportagens selecionadas, um vídeo de cada vez, permitindo o debate ao término de cada um e também ao final do processo. A pesquisadora assumiu o papel de mediadora, sem exercer influência nas opiniões dos participantes, podendo, assim, aprofundar o estudo em busca das respostas para a pesquisa.

Para manter o anonimato dos participantes, a identificação foi feita por meio de letras do alfabeto brasileiro:

A - Sexo feminino, 17 anos de idade, estudante, costuma assistir televisão nas horas vagas e conhece o programa Globo Repórter;

B - Sexo feminino, 38 anos de idade, mãe da participante A, relações públicas, tem o hábito de assistir televisão diariamente e costuma assistir ao Globo Repórter;

C - Sexo feminino, 34 anos de idade, atriz e produtora cultural, costuma assistir televisão segmentada, por isso assiste pouco televisão aberta;

D - Sexo feminino, 43 anos de idade, estudante de Gestão de Recursos Humanos, costuma assistir programas de televisão diversificados;

E - Sexo masculino, 46 anos de idade, esposo da participante D, professor de História e Geografia da rede municipal de ensino de Caxias do Sul, gosta de novelas e de programas televisivos do estilo do Globo Repórter;

F - Sexo feminino, 20 anos de idade, estudante de Jornalismo, assiste bastante televisão e gosta muito do programa Globo Repórter;

G - Sexo masculino, 28 anos de idade, radialista e estudante de jornalismo, costuma assistir a programas esportivos na televisão;

H - Sexo masculino, 17 anos de idade, estudante de Engenharia Elétrica, não assiste televisão;

I - Sexo masculino, 20 anos, empreendedor social, costumava assistir televisão, mas migrou para os *podcasts*¹²²;

J - Sexo feminino, 45 anos de idade, voluntária em ações sociais que atendem pessoas em situação de rua.

6.2.1 Fase 3: tratamento e interpretação

A terceira fase da Análise de Conteúdo consiste na análise propriamente dita, é a interpretação e o tratamento dos resultados obtidos anteriormente. Para isso, foram estudados e interpretados os conteúdos dos trechos das cinco reportagens produzidas por Glória Maria para o programa Globo Repórter e selecionadas a partir dos critérios já descritos na fase anterior.

Os conceitos relacionados, especialmente, ao jornalismo televisivo e a *performance*, pesquisados e abordados nos capítulos anteriores, também foram identificados a partir da relação com as reportagens e com o que a pesquisadora espera responder por meio desta monografia.

Por escolha da pesquisadora, o procedimento desta fase é descrito juntamente com os resultados obtidos no Estudo de Recepção por meio da técnica do Grupo Focal detalhados no próximo subcapítulo. O motivo é para que facilite a leitura, no sentido de que as percepções da pesquisadora possam ser relacionadas com as percepções dos participantes do Grupo Focal.

A pesquisadora assistiu a gravação do Grupo Focal e destacou todos os comentários dos participantes que possuem alguma relação com o estudo desta monografia. Ao mesmo tempo em que foram analisados os relatos das pessoas que participaram do GF, também foram consideradas as percepções da pesquisadora, constituindo a análise detalhada na sequência.

Para identificar palavras e/ou expressões pronunciadas com maior ênfase pelos participantes do Grupo Focal ou pela repórter, nas reportagens, a pesquisadora optou por grifar essas palavras, no texto da análise, com a configuração de **negrito**. Assim, é possível perceber termos destacados sem poluir o

¹²² Arquivo informativo de áudio compartilhado por meio da internet, semelhante a um programa de rádio, cujos conteúdos podem variar de acordo com o que o público procura (explicação nossa).

texto com parênteses e explicações repetitivas. Quando a frase estiver em *itálico* e grifada por “aspas” é porque foram exatamente as palavras usadas pelo participante ou pela repórter.

Também com a intenção de facilitar a leitura, as reportagens foram identificadas pelos números:

- 1: Beduínos nômades mostram como vivem no deserto de Omã;
- 2: Comunidade Rastafári mais fechada da Jamaica não segue leis do país;
- 3: Glória Maria entra em mesquita no Irã para acompanhar tradicional oração;
- 4: Glória Maria salta do maior *bungee jump* do mundo, em Macau;
- 5: Glória Maria experimenta o segredo da medicina ayurvédica.

6.2.2 Análise

A comunicação tem lugar na sociedade qualquer que seja o grau de civilização e se torna a própria relação social porque sempre há alguém querendo conhecer o outro, saber dos fatos e transmitir informações, seja sobre os amigos, sobre si, sobre os lugares em que passou ou as emoções que sentiu. Essa percepção é confirmada por Siqueira (1999), Bahia ([19--]) e Olinto apud Bahia ([19--]) no capítulo 2.

A principal finalidade do jornalismo é a informação, portanto, considerando que a sua natureza está no medo que a sociedade tem da ignorância e do desconhecido, segundo o que acredita Pena (2005), o reconhecimento do jornalismo como um dos instrumentos básicos da comunicação, conhecimento e transformação social, se justifica.

Considerado, segundo Bahia ([19--]), como o registro, apreciação e cobertura dos acontecimentos e fatos que interessam à coletividade sob critérios de veracidade (comprovação da verdade), objetividade (clareza), impessoalidade (imparcialidade) e independência (liberdade), o jornalismo logo se tornou um hábito e uma necessidade social.

Porém, antes do seu entendimento como um instrumento de comunicação, a maneira de informar os povos, contar histórias e perpetuar acontecimentos do mundo era essencialmente oral, baseada em uma relação estabelecida pela confiança em quem relatava os fatos. O aedo (poeta cantor) da Grécia Antiga, talvez

tenha sido o precursor da comunicação com o sentido de “contar histórias”, conforme defende Stein in Pereira, Isaacsson e Torres (2012) no capítulo 2.

Para os gregos, toda a visão de mundo e consciência de sua própria história era conservada e transmitida pela oralidade do poeta, que era capaz de transportar o público para além das suas barreiras físicas e de visão, despertando a contemplação de figuras, fatos e mundos que, por meio da voz e *performance*, ganhavam formas e presença. Ele tinha a confiança do povo porque assumia um compromisso com a verdade e por isso preservava a memória, mas não tinha como oferecer provas visuais de seus relatos, portanto, tudo o que transmitia era subjetivo.

Com o surgimento do jornalismo, o caráter subjetivo dos fatos foi eliminado e passou-se a apresentar ao público uma representação da realidade, conforme o pensamento de Santos (2005), apresentado no capítulo 2. A representação faz parte da humanidade e se encontra no cenário das sociedades e no seu cotidiano, podendo ser percebida por meio de imagens, *performances*, poemas, músicas, atuações artísticas, notícias, comunicação em libras, comerciais, produtos, entre tantos outros exemplos.

Ela é um processo por meio do qual se elege um representante que, em determinado contexto limitado, tomará o lugar daquilo que representa, conforme o conceito de Aumont (1993), que consta no capítulo 2, como por exemplo, uma reportagem, representando os fatos de um determinado acontecimento ou as características de um determinado lugar.

Em relação às formas de representação, apesar das funções distintas, os conceitos jornalísticos e teatrais se relacionam porque em ambos existe a atuação. Se no teatro a atuação cabe ao ator, no jornalismo televisivo cabe ao repórter, que vai se comunicar com o público por meio da *performance*, assunto explorado no capítulo 4.

O repórter de televisão e o ator possuem semelhanças em relação à abordagem das histórias que contam, conforme discorre Stanislavski (2007), no capítulo 4, que defende a importância de se abordar uma história de diferentes modos para conhecê-la com maior profundidade. O questionamento, a investigação, a análise, a interpretação e a narrativa são exercícios aplicados em ambas as áreas.

Assim como o aedo da Grécia Antiga, o primeiro comprometimento do jornalismo é com a verdade e o seu desafio permanente é a credibilidade, já que

baseia a sua legitimidade no “*fazer crer que o que é dito é verdadeiro*”, segundo o que afirmam Kovach e Rosenstiel (2004) e Charaudeau (2013).

O que diferencia o poeta cantor grego do jornalista é que o segundo atua sob o critério da veracidade, ou seja, “*fazer crer que o que é dito é verdadeiro*”; já o jornalismo se valida ao submeter a informação à “*verificação*”, à “*prova*”.

Pensando no aedo, cabe refletir ainda que, naquela época, não se dispunha de recursos tecnológicos para incorporar uma *performance* mais elaborada que fornecesse uma variedade de experiências para o público ou que pudesse apresentar a verificação dos fatos, mas, ainda assim, por meio da exploração dos elementos da voz e do corpo, se era capaz de transmitir mensagens que se mantinham vivas e reais na memória da sociedade.

Diferente dessa situação, quando Glória Maria iniciou a carreira no jornalismo de televisão, no começo dos anos 1970, o repórter ainda não aparecia no vídeo, ou seja, a *performance* do jornalista na reportagem de TV era condicionada apenas pela voz. O telespectador não conhecia a imagem de quem lhe informava. Por esse fato, os profissionais da época desenvolveram uma preocupação ainda maior com a produção do texto, porque precisavam transmitir credibilidade por meio dele sem contar com outros recursos.

Foram ensinados a cultivar a matéria, conforme o que diz Glória Maria, no capítulo 5. “*Quando comecei, os repórteres apuravam, mas não apareciam. Eu estava feliz por poder viver de escrever (...). Sou de um tempo em que o repórter na televisão era só um instrumento, não tinha glamour (...). Isso fez com que eu fosse exercitando a arte de falar, de conversar (...). Não tinha essa história do ego, de você botar a cara no ar pras pessoas te verem. Ou você fazia um trabalho excepcional (...), ou você não fazia nada*”.

A época era a fase do “Quarto Jornalismo”, explicada por Marcondes Filho (2000) no capítulo 2, quando teve início a predominância da informação interativa; os impactos visuais começaram a ser priorizados e o papel histórico do jornalista como um “contador de histórias” passou a ser também o de um “explicador do mundo”. A partir disso, ainda nos anos 1970, o repórter passou a aparecer no vídeo, dando “cara” para a reportagem. Desde então, existe a preocupação e cuidado, não apenas com a imagem dos acontecimentos, mas também com a imagem e *performance* do repórter que aparece na televisão.

Muito antes disso, porém, um filósofo do século XVIII formulou uma teoria renovadora no teatro, que valorizou o aspecto visual da encenação (imagem), conforme descrito no capítulo 3, por Peixoto in Novaes (1988). Diderot propôs uma atuação que não dependia apenas da recitação do texto por atores quase imóveis, como acontecia no século anterior, mas uma prática teatral que explorasse a expressividade do gesto, que privilegiasse a ação e a composição visual da cena, reproduzindo aparências do mundo (representações) através das situações, gestos e emoções, ou seja, através da *performance*.

Pensando nessa revolução teatral e trazendo a reflexão para o meio jornalístico, pode-se questionar se alguém teria, séculos depois, se inspirado na proposta de Diderot. Claro que, o propósito aqui não é fazer esta descoberta, mas refletir sobre a importância da composição visual e da exploração dos aspectos da *performance* e atuação do jornalista de televisão para transmitir informações e impactar o público. O jornalismo reconheceu a necessidade de explorar novas formas de contar histórias e explicar o mundo, conforme o que Marcondes Filho (2000) acredita ser papel do jornalista.

Ainda sob a perspectiva de explorar novas formas de informar, surgiu o Jornalismo Literário, conforme capítulo 2, que passou a combinar forma literária com conteúdo jornalístico, por meio de um maior cuidado com a apuração da linguagem, incorporando ao conteúdo das reportagens os valores literários, sem comprometer os ideais jornalísticos de objetividade e verdade. A maneira de “contar boas histórias” - que nem sempre precisam ser boas na maior acepção da palavra, mas precisam ser bem contadas -, passou a ser praticada com criatividade e capacidade de sobreviver ao tempo.

Pena (2006) e Silva (2017), conforme consta no capítulo 2, consideram o Jornalismo Literário como um modo de ver a realidade que exige uma observação mais humana e minuciosa do repórter e sentimento pela essência do que vai retratar.

A exemplo disso, pode-se citar a reportagem 3 de Glória Maria, a partir da percepção da participante F, que comentou que a jornalista conseguiu mostrar a mesquita no Irã de uma forma “*mais humanizada, estando nela, sem apontar os espaços ali ou ali*”. A participante C disse que tem a impressão de que se não fosse a Glória Maria nessa situação, o telespectador não teria essa visão humanizada, porque acredita que a repórter seja uma pessoa “*aberta ao mundo, aberta a um*

olhar diferente”, e que, por meio do seu carisma e credibilidade, consegue “*abrir portas*” e levar o telespectador junto com ela.

A preocupação com os elementos visuais em uma reportagem reforça que a comunicação não acontece apenas na ação vocal, mas também naquilo que aparece sob outro formato, podendo ser a entonação das palavras, algum gesto ou expressão, conforme defendem Burnier (2009) e Pallottini (2005), no capítulo 2. Além de “o que” dizer, é preciso explorar “como” dizer, para que a comunicação seja capaz de transpor barreiras e apresentar novas percepções ao receptor.

Nessa perspectiva, a reportagem de televisão atrai para si uma responsabilidade ainda maior (em relação a outros meios jornalísticos), já que, além da oralidade, lida com a imagem; e a sociedade a privilegia (a imagem) como forma de conhecimento e comunicação social, segundo o que afirma Laplantine e Trindade (2003) no capítulo 3.

Arbex (2002) reforça a importância do sentido visual, afirmando que desde que o homem aprendeu a caminhar, baseia-se na visão para assegurar-se de seu meio ambiente e para decidir a direção a tomar. Os outros sentidos informam-lhe também sobre o ambiente, mas é a visão, de qualquer maneira, o sentido mais precioso para sua orientação. O poder atribuído ao olhar e à imagem pela sociedade - que identifica “ver” com “saber” -, como explica Arbex Júnior (2001) e Chauí in Novaes (1988), reforça a importância da percepção visual especialmente nos meios de comunicação que utilizam a imagem como ferramenta.

As produções televisivas e suas representações influenciam e fazem parte da vida dos cidadãos. As imagens apresentadas na televisão por meio de uma reportagem, por exemplo, causam efeitos no telespectador, despertando alguma sensação, seja tristeza, alegria, revolta, indiferença, etc.

Essa afirmação pôde ser verificada quando os participantes do Grupo Focal expressaram reações em momentos específicos durante a exibição dos trechos das reportagens (e não no momento aberto para comentários). Durante a reportagem 2, no momento em que Glória Maria aparece ao lado dos rastafáris que se preparam para um ritual de oração e diz: “*Só que participar, significa **também**, fumar o cachimbo **gigante** junto com os rastafáris*”, alguns dos participantes riram.

O mesmo aconteceu quando a repórter diz: “*No primeiro momento fiquei **completamente tonta***” e a imagem mostra Glória Maria fumando a ganja e, em seguida, arregalando os olhos e olhando de um lado para o outro enquanto faz

expressões faciais marcantes, enrugando o rosto, apertando os olhos e levantando as sobrancelhas.

O mesmo efeito também pôde ser observado durante a reportagem 4. No momento em que imagem mostra Glória Maria apertando os olhos, colocando a mão na boca, demonstrando nervosismo e lamentando: "*aaí! Lá embaixo tem água! Aaai!*", alguns dos participantes riram. O mesmo ocorreu quando a repórter diz que está tremendo, antes de saltar, e também quando ela expressa um "*uau!*" durante a queda. Nessa cena (da queda), todos os participantes riram e B fez uma expressão de dó, franzindo as sobrancelhas.

No momento em que a imagem mostra a repórter depois do salto, ainda pendurada no equipamento, falando sobre a sensação: "*ai, ai, é muito pânico, o salto é **desesperador***", os participantes também riem; B fechou os olhos, abriu a boca, franziu as sobrancelhas e, por fim, riu. No trecho em que a repórter conta como se sente, ao final do salto, enquanto se desvencilha dos equipamentos com a ajuda da equipe do *bungee jump* e diz: "*ainda 'tô' com a perna bamba até agora. Olha, é muito medo, é muito medo. Ai, acabou, **graças a Deus***", alguns dos participantes também riram. Ou seja, eles acompanharam, a partir de suas próprias emoções, a *performance* da repórter, se solidarizaram com ela, reconhecendo essas emoções como comuns, colocando-se em seu lugar, e reagiram ao que ela estava contando.

Durante a reportagem 5, também foi possível observar o efeito. No momento em que se mostra Glória Maria ao lado da médica, rindo, dando um "tapinha" na testa e dizendo: "*ela quer saber a minha idade (...), e eu vou dizer **baixinho** no ouvido dela*", os participantes riram. O mesmo aconteceu quando a repórter aparece dentro da espécie de forno e diz: "*meu **Deus** do céu! Tô me sentindo como em um caixão, mas vamos lá. Ai mamãe! Aaai mamãe! Parece uma **guilhotina!***". Quando a repórter diz: "*bom agora é 1 hora aqui dentro dessa espécie de forno*", a participante D levantou as sobrancelhas, impressionada, e disse: "**1 hora!**".

Ainda sob esse prisma, em relação à reportagem 5, o participante I comentou, brincando, que ficou com vontade de "*quebrar o joelho*" só para ir até o Sri Lanka e receber o tratamento ayurvédico humanizado (risos). O mesmo participante revelou que ao assistir a reportagem 4 sentiu vontade de saltar de *bungee jump* também e comentou ter lembrado de um lugar que oferece essa aventura e que vai pesquisar melhor sobre o assunto porque está determinado a experimentar.

A partir dessas reações, pode-se perceber que tanto as falas quanto as imagens apresentadas em uma reportagem podem despertar emoções e reações imediatas nos telespectadores. Para Machado (2000), conforme consta no capítulo 3, a parte mais expressiva da programação televisual depende basicamente de uma maior eloquência no manejo da palavra oralizada, seja de um apresentador, entrevistado, repórter, ou qualquer um que participe da programação.

A pesquisadora discorda do ponto de vista do autor, especialmente porque o que diferencia a televisão dos outros meios de comunicação é justamente a exploração visual, a imagem, por isso acredita que essa seja a sua parte mais expressiva. Claro que, sendo a televisão herdeira do rádio, o discurso oral faz parte da sua matéria-prima e é indispensável, porém, não é a sua parte mais expressiva.

Nesse sentido, a pesquisadora concorda com o pensamento de Marcondes Filho (1988), quando o autor diz que na televisão, a fascinação acontece pela eficácia visual, e não apenas pelo conteúdo oral; e com Siqueira (1999), quando diz que o “poder” da imagem, associado ao poder da enunciação, oferece uma “potência” à informação.

Na reportagem 1, nos momentos em que Glória Maria aparece, é possível vê-la descalça e sentada no chão, dentro da casa simples, colorida e sem móveis de uma beduína nômade, enquanto conversa com a mulher. A repórter parece estar à vontade, confortável; mesmo descalça, no chão, no meio do deserto, ela age com naturalidade (ver decupagem para melhor entendimento). Uma observação pontuada também pela participante C, que disse que a forma como a repórter vai mostrando os aspectos do povo beduíno com naturalidade e “*de uma forma bem à vontade*”, faz com que o telespectador entenda mais sobre aquela cultura.

Estar atento aos detalhes e àquilo que foge da rotina faz parte de uma ideia defendida por Kotscho (2001), no capítulo 2. É possível perceber, na reportagem, a ideia do autor se tornando concreta por meio da curiosidade da repórter em relação à máscara que cobre o rosto da beduína. O interesse é tanto que ela admite: “*a máscara, estranha, diferente, chama a nossa atenção*”. A curiosidade é uma característica natural de Glória Maria, algo que ela acredita que todos os repórteres devam cultivar, conforme consta no capítulo 5, e que a induz à experimentação.

No trecho da reportagem 1, a repórter não se desloca, ela aparece sempre na mesma posição, sentada ao lado de Selma, porém, o cenário ao seu redor se modifica (ver decupagem para melhor entendimento). Isso faz o telespectador

deduzir que ela tenha passado mais tempo no local do que o tempo mostrado pela reportagem.

Em determinado momento, é possível ver vários acessórios espalhados ao redor da repórter enquanto a beduína parece estar explicando o que são. A partir daí, mostra-se outro aspecto defendido por Kotscho (2001), de que o repórter deve estar disposto a ouvir, sem pressa, para conhecer e aprender sobre o que vai informar na reportagem.

Em determinado momento, Glória Maria expressa uma percepção pessoal, dizendo que a tradição é uma coisa incrível, e em seguida explica o que Selma disse sobre o motivo do uso da máscara pelas beduínas. Depois da explicação, ela mantém uma expressão um pouco mais séria e demonstra estar refletindo. Por fim, ela ergue os ombros e admite que “*é uma ideia*”, demonstrando não ter tanta certeza sobre a explicação. A dúvida é uma característica humana, todas as pessoas, questionam e refletem sobre coisas, ideias, teorias. O jornalista também é um questionador, e tem na investigação, na análise e na indagação, características vitais ao jornalismo. Mostrar que têm dúvidas, o que Glória Maria faz como se estivesse “conversando com os próprios botões” aproxima o repórter de seu público, o torna mais “comum”, “normal”, ou seja, parecido com as outras pessoas.

Ainda na reportagem 1, Selma coloca um lenço estampado sobre a cabeça e ombros da repórter enquanto as duas trocam olhares e conversam (ver decupagem para melhor entendimento). Glória Maria admite a dúvida sobre a máscara: “*Será mesmo? (pausa) Bem, para saber é preciso experimentar*”. A imagem de Selma “arrumando” o lenço e a máscara sobre o rosto da repórter passa a impressão de que as duas já criaram alguma afinidade. Glória Maria conta como é usar a máscara e admite que ela não “incomoda” e que entende porque as beduínas a usam com tanta naturalidade. Ela também admite que a máscara dá a impressão de que as pessoas não podem saber o que ela pensa e por fim, opina novamente, fazendo um sinal positivo com a cabeça: “*é bom, gostei*”.

Segundo o que defende Fortes (2008), no capítulo 2, a objetividade é o conceito mais importante que o jornalista deve ter em mente na reportagem. Significa que ele deve se manter distante da opinião. Porém, isso não é algo tão fácil, porque, normalmente, confunde-se objetividade com isenção, e ninguém é isento. Todas as pessoas, jornalistas ou não, têm gostos, preferências, valores, sofrimentos, emoções, revoltas, questionamentos. Isso torna a isenção, ou a

imparcialidade, algo praticamente impossível. A isenção, muito provavelmente, não gera aproximação. Além disso, o Jornalismo Literário permite que o jornalista teste modos diferenciados de contar histórias, conforme Kotscho (2001), no capítulo 2.

Pereira, Isaacsson e Torres (2012) acreditam que toda a criatividade deve surgir da “vida do seu criador”, daquilo que o artista traz dentro de si, tornando o público seu cúmplice, ou seja, não desconsiderar o seu mundo particular quando conta suas histórias. Sendo quase impossível para um artista desconsiderar suas experiências e seu mundo particular quando atua, assim também é para o repórter.

O telespectador quer saber da informação em si e por isso, a objetividade, aliada ao esforço pelo alcance da imparcialidade, é tão importante no meio jornalístico, porém, muitas vezes, o telespectador também quer saber sobre a experiência do repórter, quer que ele seja verdadeiro sobre suas impressões, transparente. Por isso, em reportagens, como a 1, que mostram experimentações, também é importante que o repórter seja sincero, que descreva o que sente ao telespectador, valorizando a curiosidade do público que não experimenta, mas que assiste a experiência, tendo também reações a ela.

No caso da reportagem 1, Glória Maria vivenciou uma experiência “privada”, desfrutou de um privilégio que não foi compartilhado com o telespectador e nem com os demais membros da equipe de reportagem em respeito ao desejo de Selma. *“Passamos algumas horas juntas e até criamos uma certa cumplicidade. Selma concorda em tirar a máscara, **mas só pra mim**”*.

A imagem mostra Selma, de costas, enquanto tira a máscara e mostra o rosto para a repórter que observa sorrindo, com as sobrancelhas erguidas e com uma expressão de contemplação (ver decupagem para melhor entendimento). Para não deixar o telespectador “desatendido” pela a experiência, Glória Maria comenta: *“aaah, ela tem um rosto lindo, **mas**, ninguém pode ver”*. Uma situação semelhante foi descrita no capítulo 5, quando a câmera não pôde filmar o interior de um mosteiro em Butão. Depois que a reportagem foi ao ar no Globo Repórter, Glória Maria, do estúdio do programa, descreveu aos telespectadores o que viu.

A cumplicidade que surgiu entre a repórter e Selma, a ponto de a beduína “quebrar” uma tradição para satisfazer uma vontade de Glória Maria (de conhecer o seu rosto), está associada à forma com que a repórter trata os seus entrevistados, conforme o que consta no capítulo 5. *“Eu gosto de escutar e tenho um respeito muito grande pelo outro. (...) Tenho uma maneira de me conduzir que quase me*

anulo ao entrevistado. Se você se coloca no pé de igualdade com ele, você coloca uma barreira, então sempre deixo claro que a estrela é ele e eu estou aí só pra fazer ele brilhar. Isso faz com as pessoas confiarem em mim. Você convidou aquela pessoa, ela é o foco. Se você tentar ser mais do que o seu entrevistado, se você competir, ele se fecha e você não 'tira' nada. Quanto mais simples você é, mais a vontade você deixa o outro".

Esse comportamento de Glória Maria vai ao encontro da ideia de Kotscho (2001) de que o maior patrimônio do repórter é a credibilidade, afinal, as pessoas precisam confiar nas outras para compartilhar suas histórias. Mesmo assim, cabe ressaltar que é exatamente este comportamento de Glória Maria que a faz parecer, muitas vezes, "maior do que a notícia", ou a "estrela" da matéria. Nesse sentido, F comentou que a repórter busca se colocar no lugar do entrevistado, independentemente do lugar em que esteja ou das regras que precise se submeter para tal, e que isso acaba chamando a atenção e despertando a vontade, no telespectador, de viver aquela experiência também.

Na reportagem 3, Glória Maria conseguiu entrar em uma mesquita em uma sexta-feira, dia tradicional de orações para os muçulmanos. Além disso, foi convidada pelas mulheres a acompanhar o início das orações ao lado delas. Como a câmera de reportagem não pôde entrar, a equipe fez as imagens com um celular.

Ela explica, na reportagem, que é raro um "não muçulmano" entrar em uma mesquita, principalmente às sextas-feiras, e que já esteve em vários países muçulmanos, mas que aquela era a primeira vez que conseguia conversar com as mulheres: "*é um momento especial*".

A imagem mostra uma mulher muçulmana colocando o *xador* (traje tradicional preto) em Glória Maria (ver decupagem para melhor entendimento) e, em seguida, a repórter explica que a equipe permaneceu um tempo na mesquita com as roupas "normais, não pretas", mas que foram advertidos. "*Alguém me chamou e disse que a gente era bem vindo, tudo bem, mas que era preciso usar o xador. Bom fazer o que, a gente respeita, né*". Ao falar isso, a repórter demonstra ter recebido uma ordem, mas não resiste ou discorda, ela apenas "dá de ombros", demonstra leve "insatisfação cultural" e continua a reportagem.

Em relação à reportagem 3, F acredita que a repórter conseguiu essa "autorização" por meio do próprio carisma e credibilidade que transmite para as pessoas. Pensando nisso, entende-se que a credibilidade do repórter não é uma

característica apenas profissional, deve ser também um valor a ser seguido “fora” da atuação. Afinal, foi preciso estabelecer alguma comunicação com as autoridades locais iranianas (que protegem a mesquita) para que a entrada da equipe de reportagem no local fosse permitida e além de conseguir esse ingresso, a repórter foi convidada a participar de um momento sagrado, o que mostra que alguma relação positiva foi estabelecida por meio dessa comunicação fora das câmeras.

O participante H levantou outra percepção sobre a atuação da jornalista na reportagem 3 ao comentar que a sua coragem chama a atenção porque percebe-se que ela “*não tem medo de chegar lá e errar. E se for corrigida, aceita ‘numa boa’ e respeita*”. A participante J aproveitou o comentário e disse que admira o respeito que a repórter demonstra por outras religiões. Essas percepções reforçam o que já foi mencionado anteriormente sobre a necessidade de o repórter estar disposto a ouvir, conhecer e aprender sobre o que vai “transformar” em reportagem.

Na reportagem 1, Glória Maria apresentou ao telespectador uma mulher, nômade, beduína, que vive no deserto, usa máscara em respeito a sua tradição, não tem energia elétrica, móveis ou algum tipo de luxo, e cria camelos (ver decupagem para melhor entendimento). Ao dar “vida” para essa personagem, a repórter atende ao questionamento de Kotscho (2001), no capítulo 2, que pergunta se o leitor (aqui entende-se telespectador) não teria direito de, entre uma desgraça e outra, encontrar uma boa história e conhecer a vida de alguém que não é político e nem empresário e só precisa de um espaço para ser contada.

O jornalismo vive uma inquietude entre o “fazer saber”, que serve para informar as pessoas, e o “fazer sentir”, que serve para provocar sentimentos e sensações e conquistar o público, conforme pensamento de Charaudeau (2013), exposto no capítulo 2. Nesse sentido, a *performance* exerce um papel importante de comunicação, que contribui tanto para o “fazer saber” quanto para o “fazer sentir”, uma vez que ela comunica algo e pode também transmitir sensações e/ou sentimentos.

A *performance* está ligada à combinação entre relações e ações; envolve ações e atividades humanas incontáveis, com os mais diversos propósitos e voltadas para as mais diversas direções. Ela é realizada sempre para alguém, com a intenção de comunicar, podendo ser compreendida como uma linguagem ampliada, ou linguagem de experimentação, conforme consta no capítulo 4. O pensamento é defendido por Albuquerque (2012 e 2014), Debord (2002), Schechner (2003),

Mostaço, Orofino, Baumgärtel e Collaço (2009), Vanhaesebrouck (2013) e Sibilia (2015). Comunicar significa “pôr em comum”, portanto, a comunicação exige o partilhar com o outro, por isso, a *performance* não pode ter uma existência independente do público, ela precisa dele.

O que o repórter faz com o corpo e a voz, a forma como lida com a *performance* de modo global transmite, além das informações em si, uma comunicação não-verbal essencial à percepção e ao estabelecimento da relação com o telespectador. Por meio da *performance*, existe a tradução de uma mensagem visível, ou seja, a *performance* é uma linguagem. A informação (mensagem) é tanto aquilo que o repórter diz quanto o que não diz, mas que aparece sob outro formato, podendo ser um gesto, expressão facial ou entonação, conforme apresentado no capítulo 4, por Pallottini (2005).

Não apenas aquilo que o repórter fala é importante e provoca reações no telespectador, mas também o que ele demonstra. “Como” ele fala as palavras, mais do que o “o que” ele fala pode fazer o público perceber seus sentimentos particulares. É possível disfarçar um sentimento com as palavras, mas não com outros elementos da fala ou do corpo, porque as informações da emoção podem ser notadas em variações muito sutis, seja pelo tom da voz, sua velocidade ou sua inflexão (melodia), segundo o que defendem Chekhov (1996) e Kyrillos, Cotes e Feijó (2003) e que consta no capítulo 4.

Na reportagem 2, especialmente na parte em que Glória Maria conta ao telespectador que, ao se despedir dos rastafáris, a equipe foi convidada a participar de um ritual, só que participar significava também fumar o cachimbo de ganja (maconha), a repórter aparenta estar nervosa, encabulada, chega a gaguejar (ver decupagem para melhor entendimento): *“Olha, eles diz..., eles “tão” querendo que eu prove isso também. Eee... Eu não sei fazer essa oração, essa prece. Eu não sei fazer essa prece, mas eles querem que eu tente”*.

Ainda sobre isso, Glória Maria admite ter sentido medo durante a reportagem, conforme consta no capítulo 5. *“Foram vários riscos ao mesmo tempo. Primeiro, saber se essa matéria seria colocada no ar. Mas, foi uma negociação de meses pra gente poder entrar nessa comunidade. Eu tinha medo (...). Nunca tinha tido uma experiência como aquela e eu não sabia o que ia acontecer (...). A vida não é só isso que se vê”*.

A comunicação passa pelo olho do espectador, contudo, o espaço visual não é apenas um lugar para a visão, mas também para o sentir, já que o olhar permite ao espectador experimentar sensações e emoções e modificar suas percepções e perspectivas conforme o que vai sendo apresentado pela reportagem, por exemplo.

Essa ideia é defendida por Féral in Pereira, Isaacsson e Torres (2012) no capítulo 4, e pode ser percebida na reportagem 2, uma vez que “ver” Glória Maria nervosa e encabulada inspira no telespectador a mesma sensação e cria uma expectativa sobre o próximo acontecimento: “será que ela vai fumar?”.

Nesse sentido, a participante C lembrou a fala da repórter: “*Recusar, **nem pensar**. Seria um **desrespeito a tradição**” e comentou que, ao buscar conhecer outras culturas e costumes, o repórter “*não pode ser plateia*”; D concordou e E ainda complementou, dizendo que se não for para se “*sujeitar*” às normas de determinadas culturas, o repórter nem deve ir até outros lugares, porque se não respeitar aquilo que encontrar, também não há motivo para querer mostrar em uma reportagem.*

Tal percepção reforça a importância da *performance* do repórter no sentido de interagir com os espaços e participar, na reportagem, de uma forma que se transfigure em mais do que um mero transmissor de informação, mas um experimentador, um “comprovador”. É também o que se defende pelo viés do Jornalismo Literário, conforme consta no capítulo 2.

O corpo tem papel fundamental na *performance*, pois é o seu suporte de comunicação primordial. Isso também pode ser verificado na reportagem 2, a partir do momento em que Glória Maria fuma a maconha e transmite uma mensagem clara de desconforto por meio das suas expressões faciais (ver decupagem para melhor entendimento). “*No primeiro momento fiquei **completamente tonta**. Para quem não está acostumado é preciso **tempo para entender**”.* Ela arregala os olhos, olha de um lado para o outro, faz expressões faciais fortes, enruga o rosto, aperta os olhos, levanta as sobrancelhas, sacode as mãos no ar, bate uma palma na outra, demonstra desconforto e expressa um “*uaau!*”.

As expressões faciais, em especial, são consideradas a principal fonte de informações não-verbais porque apresentam um grande potencial comunicativo e revelam estados emocionais que podem ser facilmente compreendidos pelo telespectador. Essa afirmação é defendida por Kyrillos, Cotes e Feijó no capítulo 4.

O gesto, a forma de se expressar, a voz, o movimento do corpo (cabeça, mãos, tronco, modo de caminhar), a expressão facial, tudo potencializa a

expressividade do repórter, que precisa estabelecer uma comunicação efetiva, na qual a mensagem seja recebida pelo telespectador com credibilidade.

Ainda sobre o trecho da reportagem 2, o participante G comentou que admira o aspecto de naturalidade da repórter. C concordou complementando que Glória Maria não “*coloca um peso*” na reportagem por estar experimentando algo diferente, não “*dramatiza o fato de fumar maconha*”, mas trata com naturalidade, afinal ela mostra que “*nessa religião é assim que funciona*”. B complementou que a espontaneidade da repórter torna a situação mais verdadeira, sem fingimento e que ela não esconde o “efeito de tontura” proporcionado pela experiência.

A partir desses relatos, percebe-se o sentido de “humanidade” do repórter, que, como visto anteriormente, não precisa desconsiderar completamente as suas percepções individuais em prol de uma reportagem, especialmente porque o telespectador também está interessado em saber o resultado da experiência e ele deseja, de alguma forma, uma resposta. Essa resposta também é informação.

Ao final da reportagem 2, a repórter aparenta estar um tanto “assustada”, por isso os rastafáris riem, o que “devolve” um pouco de “leveza” e naturalidade para a reportagem (ver decupagem para melhor entendimento). O riso torna a situação menos séria, incentiva o telespectador a rir também, a se “distrair” ou se “divertir” com a parte “engraçada” da situação que foi a *performance* da repórter, a exemplo da “chuva” de memes que surgiu na internet após a exibição dessa reportagem, conforme visto no capítulo 5.

A participante C considerou o “*viés da naturalidade*” importante também para ajudar o telespectador a “*quebrar tabus*” em relação a outros costumes. “*Isso aproxima o telespectador de entender, de viajar... A gente não ‘tá’ lá, embora quisesse o passaporte dessa mulher [risos], mas a gente consegue se transportar um pouquinho, dentro desse olhar dela e desse jeito mais aberto e afetivo [de lidar com as experiências]*”.

Nesse sentido, cabe lembrar o comentário da atriz Carla Marins, conforme consta no capítulo 5, sobre a relação de proximidade envolvendo Glória Maria e as suas reportagens: “*acho que a sua espontaneidade na hora de fazer a matéria aproxima a gente, com certeza*”; e o que Glória Maria pensa a respeito. “*Eu tento viver aquele momento. Como eu não faço nada ensaiado, eu também ‘tô’ vivendo aquela emoção, aquela surpresa, aquela descoberta. Acho que é por isso que as pessoas viajam comigo (...). Eu adoro gente, e gente ‘tá’ no mundo. Eu adoro viajar*”.

*e conhecer a alma humana. A gente vive pra aprender e crescer. Eu gosto do mundo pra poder aprender (...). Eu não penso muito, não planejo muito, eu vejo as coisas e quero aprender, quero conhecer, entender. Não devo colocar uma barreira entre eu e o telespectador. Ele tem que vir junto comigo e não olhar através de mim, mas com o **olhar dele, conduzido** por mim. O que eu tento fazer quando viajo ao mundo, é fazer as pessoas sentirem o que eu ‘tô’ sentindo na hora e não depois. Não quero que analisem, quero que vivam aquele momento”.*

Nesse entendimento, de “viajar” com o repórter, Kotscho (2001) defende, conforme consta no capítulo 2, que o objetivo da matéria é fazer com que o telespectador viaje junto com o jornalista e a história porque o repórter precisa cumprir a sua função primeira: “colocar-se no lugar das pessoas que não podem estar lá, e contar o que viu como se estivesse escrevendo uma carta a um amigo”.

Nesse sentido, o participante I declarou que considera muito válida a forma como a repórter apresenta os mais variados lugares nas reportagens porque “*muitos telespectadores não têm condições de viajar, e por meio da reportagem podem ter experiências e conhecer um pouco mais sobre o mundo e sobre outras realidades*”, além de desconstruir conceitos estereotipados sobre outras culturas e religiões.

Na mesma perspectiva, referindo-se a reportagem 3, a participante C comentou que uma das características que a faz gostar do “*jeito*” de Glória Maria é que ela não torna as coisas um “*zoológico*”, apontando o dedo: “*ali é assim, olha, lá é tal coisa*”; mas ao invés disso ela **vivencia** e o telespectador acaba vivenciando junto, com a ajuda do olhar dela: “*as reportagens de formato ‘quadrado’ são muito chatas, com o repórter apontando pra onde o telespectador deve olhar, e com a Gloria Maria é diferente, o telespectador olha pelo olhar dela, que está vivenciando o que está mostrando, e isso é um grande mérito que faz a gente viajar junto pra onde ela estiver*”.

C comentou ainda que Glória Maria é bastante “*experimental*”, e que faz o telespectador embarcar junto na viagem que estiver fazendo porque tem uma “*boa condução da reportagem*” e não apresenta um olhar “*quadrado*”, que impõe, mas ao invés disso, apresenta uma “*vivência*”, um “*sensorial*” diferente do que a frieza de “*só*” informar e acaba deixando o telespectador “*à vontade para entender o que se passa*”, porque há uma “*condução que explica*” e não apenas informa. Diz ainda que admira a condução que a repórter dá ao olhar do telespectador para aspectos específicos, mas subentendidos, como a tolerância, o respeito e o conhecimento de

outras culturas. *“Isso acaba despertando no telespectador uma memória afetiva de uma pessoa que vai nos apresentando coisas”*, que *“ensina”* o telespectador.

O sentido de aproximação é defendido por Paternostro (1999), Campedelli (1987), Marcondes Filho (1988) e Duarte e Castro (2007) conforme consta no capítulo 3, ao afirmarem que a televisão exerce fascínio sobre o telespectador, pois consegue transportá-lo para “dentro” de suas histórias, assim como o repórter deve buscar fazer em suas reportagens. O telespectador, ao “receber” as histórias, acaba estabelecendo familiaridade com elas porque a televisão simula um contato íntimo, direto e pessoal.

O aparelho de televisão não é por si só fascinante, mas sim o “mundo do lado de lá” que permite ao telespectador ver o caminho que dá passagem a outro lugar. A televisão proporciona situações que modificam o espaço-tempo do cotidiano, criando outra dimensão, a partir da qual os telespectadores redefinem a sua percepção do real por meio da difusão das imagens, referentes aos acontecimentos da reportagem, que sustenta os efeitos de sentido e de proximidade temporal e espacial do telespectador com o real.

A imagem testemunha personalidades, lugares e valores; ela consegue transportar o espectador a outros mundos e provocar no seu imaginário a reflexão de como é a vida “daquela gente”, “naquele lugar”. Vendo as imagens, as pessoas têm a impressão de que participam do ambiente que assistem.

Essa percepção é tão forte que, na primeira fase da televisão, conforme Marcondes Filho (1994), no capítulo 3, ela era comparada a uma janela (transparente), por onde as pessoas viam o mundo e ficavam sabendo dos acontecimentos nos mais variados lugares. Já na segunda fase, a transparência desapareceu, dando lugar a simulações do mundo, às representações, conforme já visto anteriormente. Nesse sentido, B comentou que *“a TV ainda é a janela do mundo”* e que ainda faz o telespectador se perguntar: *“o que mais tem nesse lugar?”*.

Conforme o que defende Kotscho (2001), no capítulo 2, o repórter deve estar sempre livre de qualquer preconceito, qualquer ideia pré-fixada, pois é a sua sensibilidade que vai determinar o enfoque da matéria. Nesse sentido, é possível perceber que esse entendimento foi atendido pelas reportagens 1, 2 e 3 a partir de comentários dos participantes do Grupo Focal.

B disse que, ao visitar outras culturas, cabe ao repórter se "*desvestir das próprias crenças*" e que isso deve gerar uma reflexão interna em relação ao que se entende como certo ou errado para um e para o outro, mas que no caso da atuação de Glória Maria, percebe-se que ela "*não está lá para contestar a cultura dos outros*" e sim para respeitar e apresentar ao telespectador.

B comentou também que, normalmente, na sociedade, as pessoas tentam impor as suas bases culturais em detrimento das outras e que as reportagens que mostram culturas diferentes ajudam a dizer ao telespectador que existem realidades diferentes da sua. Complementou, dizendo que o momento social atual é de muita intolerância com a "*cultura do outro*" e que as pessoas podem perceber nas reportagens, uma fonte de enriquecimento cultural e desmistificação de crenças sobre o que se conhece (ou se pensa conhecer) e que, a partir disso, pode-se ter mais respeito e tolerância com os outros.

No mesmo prisma, sobre a reportagem 3, o participante E comentou que chamou a sua atenção o fato de a repórter "*enfrentar*" essa situação (entrar na mesquita) em um momento social em que o muçulmano é tratado como um "*vilão, um terrorista*", e que ela mostra a cultura deles sob outra ótica. "*Ela não aponta como eles são, ela mostra. Mostra a cultura deles. Mostra como as mulheres se sentem dentro dessa cultura e, por meio disso, mostra também que estamos convivendo cada dia mais com pessoas de culturas diferentes, que migram pra perto de nós. Isso também ajuda a desmistificar a questão do terrorismo*".

Outro aspecto semelhante, em relação à reportagem 2, mencionado também pelo participante E, foi que depois da exibição dessa reportagem pelo Globo Repórter em 2016, surgiram muitos julgamentos positivos e negativos na comunidade brasileira sobre a atuação específica da repórter, mas que isso acabou ocasionando o começo de um debate sobre a descriminalização da maconha no país. "*Foi uma discussão muito interessante que ela conseguiu abrir no Brasil inteiro a partir dessa reportagem*". C complementou: "*é algo que vai pra além do que a gente vê na telinha, né?*"; e E concordou: "*exatamente*". Isso mostra que a reportagem e a *performance* do repórter podem influenciar e levantar - propositalmente, ou não - temas relevantes para a sociedade a partir do que se "mostra" para o público.

Nota-se, a partir desses relatos, que as percepções de Bahia ([19--]), Siqueira (1999) e Debord (2002), conforme constam no capítulo 2, estão corretas em relação

ao papel social desempenhado pela televisão e pela reportagem. A televisão exerce, sobre o telespectador, uma forma “não violenta” (ou simbólica) de poder e influência que pode alterar cenários sociais, culturais e políticos, se configurando em um dispositivo formador de comunidade, e que está colocado não apenas diante de “nós”, mas “conosco”, a serviço do desenvolvimento, ao informar a sociedade e provocar mudanças nas percepções sociais. Isso acontece quando esse “poder” é bem exercido, com objetivo claro de auxílio ao social.

Ainda nesse sentido, C comentou que a escolha do tema da reportagem 5 chamou a sua atenção porque normalmente são priorizados os pontos turísticos de outros países para se mostrar em reportagens. Falou, ainda, que Glória Maria consegue dar um *“outro olhar sobre aquela cultura antiga do lugar”* e não apenas um olhar de fatores que caberiam no âmbito turístico. *“Traz um olhar para o telespectador que provavelmente nunca vai usar o serviço público daquele país, mas está do outro lado da tela aprendendo um pouco com os costumes daquela medicina”*.

E e B aproveitaram o comentário e discutiram sobre as formas de medicina alternativa existentes no Brasil, sobre a manipulação das ervas e sua validade medicinal e sobre como a reportagem reforça a eficácia delas de uma forma inusitada, mostrando alguns dos processos.

C complementou, dizendo que *“ter um momento como ela teve na reportagem, de relaxamento, de massagem, com coisas naturais”* remete o telespectador a um conforto mental e não só físico, fazendo refletir sobre o hábito que as pessoas têm de tratar doenças apenas quando sentem dor. A participante A concorda sobre a importância do contato físico e da atenção no atendimento, que a reportagem transmitiu.

O participante I compartilhou sobre um “novo olhar” que a reportagem 1 lhe transmitiu. Ele contou ter ficado com a impressão de que as mulheres beduínas se protegem dos homens porque, conscientemente, também acreditam que precisam dessa proteção e não por uma obrigação, ou algo que lhes foi imposto. Admitiu que fica feliz pela reportagem ter lhe trazido essa percepção, diferente do que ele suspeitava no começo da exibição.

A partir dessas manifestações, percebe-se que a reportagem cumpriu o papel de informar, de proporcionar conhecimento ao telespectador, mas também de possibilitar o levantamento de novos questionamentos, de novas percepções,

conforme conceito que consta no capítulo 3, defendido por Carvalho, Diamante, Bruniera e Utsch (2010).

Há no telejornalismo uma forma pessoal de “contar”, pois é preciso pensar que o telejornalista conversa com o telespectador. Rezende (2000) e Paternostro (1999) concordam, no capítulo 3, que a necessidade de transmitir as informações com o máximo de clareza possível determina que elas sejam pronunciadas num estilo de conversação, exatamente para que todos os telespectadores sejam capazes de compreender, independentemente do seu grau de instrução.

Percebe-se a presença do vocabulário coloquial nas reportagens de Glória Maria. Embora a jornalista esteja sempre viajando por lugares diferentes pelo mundo, preserva a utilização, nas reportagens, de um vocabulário de fácil entendimento.

A partir disso, cabe também uma observação percebida na reportagem 3, quando a repórter mostra ao telespectador o interior de uma mesquita e comenta: “*Tudo é **simples, muito austero**, apenas alguns bancos cobertos por tapetes que elas usam para rezar*”. A pesquisadora não considera a palavra “austero” de uso coloquial e dificilmente a usaria em uma frase informal, como deveria ser o texto da reportagem.

Também há uma dúvida em relação ao seu significado (simplicidade, rigidez, ríspido, rude, etc.), que pode ser apenas uma percepção individual da pesquisadora, mas que chama a atenção, já que Rezende (2000) afirma, no capítulo 3, que na seleção vocabular, o jornalista de TV deve dar prioridade às palavras mais conhecidas e precisas em seu significado, evitando a utilização daquelas que, pelo duplo sentido, possam confundir o telespectador.

No processo de criação de um personagem, conforme acreditam Chekhov (1996) e Pavis (2008), como apresentado no capítulo 4, o ator deve imaginar-se nas diferentes atmosferas indicadas pela peça e deve atuar sob a influência delas, porque uma *performance* desprovida de suas atmosferas gera a impressão de um *mecanismo*.

Essa atmosfera, na reportagem, é o conjunto da representação e da atuação, que envolve repórter, cinegrafista, personagens, cenário, edição do material, trilha, etc., e que cria o vínculo entre o repórter/reportagem e o telespectador, que, envolvido por ela, “atua/vive” as situações junto com o repórter, compreendendo, reagindo e aprofundando a sua percepção.

A atmosfera da reportagem é capaz de fazer o telespectador penetrar nos aspectos apresentados, despertando os seus sentimentos e fazendo com que compreenda melhor o conteúdo. O processo de percepção se torna mais significativo. É a representação audiovisual aliada à *performance* do telejornalista que cria a ideia de espetáculo, no sentido de entretenimento, conforme o pensamento de Debord (2002) e Llosa (2013), no capítulo 3. A sociedade, acostumada a representação midiática e a escolher o entretenimento também como modo de informação, identifica-se, por consequência, com a forma de contar histórias de Glória Maria.

Tal afirmação pode ser percebida na reportagem 4, que foi produzida e editada com foco na *performance* da repórter. Os movimentos de câmera, enquadramentos, imagens, todos os elementos, conduzem o telespectador pelo viés da sensação, de entender o que sentiu Glória Maria da preparação ao salto do mais alto *bungee jump* do mundo (ver decupagem para melhor entendimento).

Isso pode ser pontuado, por exemplo, no trecho em que a reportagem mostra (gravado do alto do prédio) em Grande Plano Geral, as ruas, o lago e as calçadas da cidade, mas com um movimento desuniforme, quase rodando, dando a impressão de desequilíbrio e queda. A opção de usar a imagem foi intencional, com o propósito de despertar a sensação de desequilíbrio no telespectador, já que era um momento tenso para a repórter. Ou seja, além da *performance* da repórter, a atmosfera da reportagem também ajuda a conduzir as sensações do telespectador.

Essa percepção também foi pontuada pela participante C que comentou sobre a naturalidade das expressões e reações da repórter e que *“a edição da reportagem, a maneira de mostrar tudo isso também tem um efeito muito legal no telespectador. Não é só o começo e o fim, a preparação e a queda. A gente vai vivenciando todas as etapas junto com ela, a negação, o medo... A gente vive a experiência junto, a gente se sente contemplado na ‘loucura’ (...). é um pânico, uma coisa natural dela. É como a gente estaria se também estivesse lá. A gente passa a mesma experiência. Quando começou a mostrar a distância, a altura, [a participante faz uma expressão de medo e se encolhe na cadeira] começa a te dar esse sentimento”*.

A presença (e experiência) do repórter nos locais em que apresenta nas reportagens e a interação com o telespectador constroem vínculos entre emissor e

receptor, fazendo com que esse último também se sinta participante da reportagem, conforme visto anteriormente.

Com a mesma percepção a participante B se manifestou, dizendo que a repórter “*experimenta tudo*”, e que entre os repórteres da Rede Globo, a participante não se lembra de outro profissional que “*tope*” tantas coisas como ela. Diz também que sempre que vê essas “*reportagens malucas*” e experiências que Glória Maria vive, o telespectador “*vai junto com ela*”, experimenta as mesmas sensações que a repórter. “*É drama, ansiedade, tu fica tenso, dispara teu coração também*”.

A partir disso, pode-se perceber que se o repórter sujeitar a sua capacidade criativa à simples narração de um texto, sem variações de entonação, sem emoção, sem exploração de passagens atrativas, enquadramentos de imagem diferentes, sem “ajudar o telespectador a viver” a reportagem também, ele estará reduzindo a sua *performance* à mediocridade. Assim, não conseguirá envolver o telespectador e proporcionar uma experiência positiva ou significativa.

Conforme defendem Spolin (2015) Stanislavski (2012) e Checkov (1996), no capítulo 4, é na capacidade individual para “experienciar”, penetrar no ambiente, se envolver nele, seja de forma física, intelectual ou intuitiva, que a potencialidade de uma personalidade pode aparecer.

O repórter, assim como o ator, deve estar repleto de sentimento e deve, sobretudo, “sentir” o que está registrando, quer se trate da primeira ou da milésima vez. Deve criar transições, ampliar sua *performance*, explorando o seu “engenho artístico” (corpo).

Na reportagem especial de televisão, por exemplo, onde o repórter comumente aparece em mais momentos do que apenas em uma única passagem, pode-se pensar que ele tem várias oportunidades de explorar esses aspectos que, a partir da sua atuação, vão informar e despertar diferentes sensações nos telespectadores. Por exemplo, na reportagem 4, a repórter se mostra envolvida pelo ambiente e repleta de sentimentos ao viver a experiência do salto pela primeira vez, o telespectador pode acompanhar a sua *performance* o tempo todo, já que, basicamente, o foco da reportagem é o salto de Glória Maria.

Na reportagem 4, também é possível observar outro aspecto defendido por Chekhov (1996), no capítulo 4, de que o ator (neste caso, o repórter de televisão) precisa quebrar a monotonia de sua *performance*, mudando seu ritmo de tempos em tempos, causando “pequenos, mas agradáveis, choques” no espectador,

reanimando-o a continuar prestando atenção no conteúdo. Caso contrário, um ritmo uniforme da *performance* causará no espectador um efeito desagradável: o desinteresse involuntário.

Durante a reportagem 4, é possível identificar essas oscilações na *performance* de Glória Maria a partir das demonstrações de ironia, medo, lamentação, risos, expressões faciais, entonações de voz e comentários. Além, claro, da edição, dos planos e imagens que ajudam a “movimentar” a matéria.

A informalidade torna o repórter mais próximo do telespectador. Não apenas no vocabulário, conforme visto anteriormente, mas também na naturalidade da *performance*. Assim também acredita Fachine (2008), conforme consta no capítulo 4, ao afirmar que por meio desses comportamentos, cria-se uma proximidade com o telespectador, que vai perceber no repórter uma figura mais familiar, da qual ele conhece até mesmo alguns aspectos da vida, experiências ou opiniões.

Há que se ressaltar ainda que essa naturalidade deve ser mesmo “natural, vir de dentro”, a partir de reais sentimentos e emoções. Em caso contrário, e com a pretensão de passar a emoção ou os sentimentos “corretos”, o telejornalista deverá ser um excelente ator. O que se comprova a partir do relato da participante C: “*a gente tem a idade de quem cresceu vendo ela [Glória Maria] na TV, então ela é como alguém da família, curtindo uma experiência que a gente gostaria de estar junto*”.

Dentro desse ponto de vista do repórter como uma figura familiar, é possível dizer que no trecho da reportagem 4 em que Glória Maria “acusa” turistas de estarem rindo da situação dela (ver decupagem para melhor entendimento), ela também estabelece uma relação familiar com o telespectador porque “fala com ele”, de um modo mais “íntimo”, por meio da reportagem.

Em tom de lamentação e com um semblante que mistura medo e riso nervoso, ela aponta para quatro turistas e diz: “*aaai, você ‘tá’ rindo de mim, né? Olha lá. Ele ‘tá’ rindo, ó. ‘Tá’ todo mundo rindo de mim, olha!*”. A câmera se desloca num movimento brusco e mostra os turistas, rindo e abanando para a repórter. Mesmo que a intenção da repórter tenha sido sinalizar para o cinegrafista (ou alguém da equipe) que havia pessoas rindo dela, imaginando, talvez, que na edição da reportagem esse trecho não fosse utilizado (ou pensando em nada disso também), ao “inserir” o momento na reportagem ela estabelece o diálogo com o telespectador.

É como se ela dissesse ao público: *“ei, telespectador, olha só o que estão fazendo comigo, estão rindo de mim, me defenda, não seja cúmplice, não ria também”*. Além, claro, de todos os outros momentos da reportagem em que ela “fala com” o telespectador propositalmente, com um pouco mais de formalidade.

Ainda sobre a perspectiva da informalidade, B comentou que a repórter é *“multifacetada”*, que sabe ter um tom mais *“sério”*, de respeito e que também sabe ser mais *“debochada”*, como o comportamento mostrado no salto de *bungee jump*. Comentou também que acha bonito e verdadeiro o carinho que a repórter tem pelas filhas, mesmo que isso seja algo bastante pessoal para uma reportagem, se referindo ao momento em que Glória Maria diz: *“Ai, acabou, graças a Deus. Maria, Maria, Laura, Laura! Olha, a mamãe conseguiu viu!? A mamãe saltou do mais alto bungee jump do mundo aqui em Macau!”*. Embora mencionar familiares em uma reportagem não seja algo comum na prática jornalista, a situação específica envolvia uma experiência radical, um momento de adrenalina e medo para a repórter.

B ainda disse que, mesmo com tantas experiências já vividas, a repórter ainda consegue mostrar a originalidade de estar experimentando algo pela primeira vez e que isso representa um *“gente como a gente”*. C concordou e complementou: *“e o gente como a gente é isso ‘né’, termina um negócio desse e diz: filha ‘tô’ viva!”*. Os participantes riram e C finalizou: *“isso se torna próximo da gente. Nesse sentido de ser “gente como a gente”, cabe recordar o que diz Glória Maria sobre o tema, conforme consta no capítulo 5: “as pessoas querem ver você da maneira que você é, e não o glamour. Elas estão cansadas do excesso de glamour”*.

O participante H comentou que o fator que deixa a experiência da repórter mais *“realista”* para o telespectador é a emoção da *“primeira vez”* da experiência, porque quando não se grava a primeira reação e se repete a *performance* para a gravação, a atuação se torna mecanizada, o repórter já sabe o que vai acontecer e a emoção do primeiro contato já se perdeu. Mas, no caso das reportagens de Glória Maria, as reações são originais, a equipe de reportagem grava as reações da primeira experiência da repórter e isso torna tudo mais fiel e original para o telespectador.

Segundo o que acredita Barba (1994) e Chekhov (1996), conforme capítulo 4, as experiências e percepções pessoais que constituem parte da individualidade do ser humano e de seu grande anseio de livre expressão, ajudam a dar vida ao processo de criação de um personagem.

No caso do repórter, essas percepções particulares podem ser as emoções, opiniões, sensações. Pode-se perceber esse aspecto na reportagem 4 em todos os momentos em que Glória Maria se mostra “ela mesma” na reportagem, seja expondo seus medos: *“Aaai! Gente! **É muito pânico, é muito medo. O salto lá de cima é desesperador. Foi a pior sensação da minha vida. Mas, depois é o máximo (ela gagueja ao falar)**”*; ou suas alegrias (que podem ser conquistas pessoais): *“Ai... Ai... Consegui gente! Ainda tô com a perna bamba até agora. Olha, **é muito medo, é muito medo. Ai, acabou, graças à Deus. Maria, Maria, Laura, Laura! Olha, a mamãe conseguiu viu!? A mamãe saltou do mais alto bungee jump do mundo aqui em Macau!**”*

Como já visto antes, é quase impossível para o repórter, ou qualquer profissional, desconsiderar suas experiências e percepções pessoais quando atua. No caso da reportagem 4, ainda mais, porque se trata de uma experiência que envolve adrenalina, coragem, emoção, e tudo isso está intimamente relacionado à personalidade do indivíduo. Além disso, ao mostrar uma experiência como essa em uma reportagem, se cria no telespectador uma expectativa por saber como foi para o repórter “viver” aquele momento.

Pensando nisso, cabe recordar o que diz Glória Maria sobre essa experiência, conforme consta no capítulo 5: *“eu sou movida a desafios. Eu gosto de me testar. Eu sou medrosa, mas eu sou abusada (...). Quando eu cheguei lá embaixo, primeiro eu fiquei um monte de tempo sem falar, eu tava travada, quando eu voltei a mim eu disse: puxa vida, eu fiz, eu consegui. E isso é uma sensação de bem estar, por você ter chegado lá, que não dá pra descrever (...). Eu tenho orgulho de dizer que eu superei um dos meus maiores limites, que além de nadar é o de sentir medo de altura. Eu tenho pânico. Mas, eu fiz. E aí você pensa assim: bom, o que isso mudou na minha vida? Mudou tudo. Eu não sou mais a mesma pessoa de antes de ter pulado daquele negócio. Antes eu tinha um medo que eu considerava invencível. Hoje, eu sei que eu posso vencer esse e outros medos. Mas se você não tentar, se você não ir mais longe daquilo que você acha que é capaz, você nunca vai saber”*

A partir desse relato, é possível identificar que o salto foi uma espécie de “conquista” pessoal, uma vez que a repórter assume ter medo de altura. Portanto, se torna natural que suas reações (principalmente de medo e a menção às filhas) durante a reportagem tenham sido tão espontâneas.

Nesse sentido, também vale recordar sobre o questionamento que a pesquisadora fez à repórter durante o evento descrito no capítulo 5. Na ocasião, comentou-se que estava-se pesquisando sobre o efeito de aproximação ou afastamento do telespectador a partir da atuação do repórter que interage com os espaços e participa na reportagem de uma forma que se torna mais do que um mero transmissor de informação, mas um experimentador.

A partir disso, a pesquisadora perguntou se as experiências de Glória Maria eram planejadas ou se aconteciam naturalmente durante a produção das reportagens: *"não, eu não penso em nada. Eu me joga. Eu sou uma pessoa igual a todo mundo, todo mundo tem vontade de experimentar, todo mundo tem medo. Eu não quero brilhar mais do que a matéria. Eu sou um ser humano. Se é pra me jogar de bungee jump, eu me joga. Se é pra dançar com Roberto Carlos, eu danço. Porque é nisso que eu acredito: viver é experimentar. É você ousar. É você ir adiante. Então, eu não tenho medo do que a vida me oferece, eu aproveito, e tento fazer daquilo que ela me dá, sempre uma coisa melhor"*.

A partir da resposta, Glória Maria reforça uma crença de Mendonça (2016), conforme consta no capítulo 4, de que a *performance* evidencia a obra ou o movimento, ou o objeto, em detrimento do sujeito que manipula, ou seja, ela valoriza "o que" está sendo apresentado mais do que "quem" está apresentando. No caso das reportagens de Glória Maria, as suas *performances* evidenciam "aquilo" que ela faz e mostra e não "ela" mesma, apesar de, muitas vezes, assim parecer.

Até mesmo os títulos de três das cinco reportagens escolhidas para esta monografia sugerem Glória Maria como parte da informação principal: *Glória Maria entra em mesquita no Irã para acompanhar tradicional oração; Glória Maria salta do maior bungee jump do mundo, em Macau e Glória Maria experimenta o segredo da medicina ayurvédica*.

A participante C observou um aspecto que, até então, não havia chamado a atenção da pesquisadora: a repórter não fala nenhum palavrão, mesmo na hora do medo. C admitiu que, se estivesse no lugar dela, teria um vocabulário menos educado. Os participantes riram. *"Ou ela tem um controle incrível ou ela realmente não costuma falar palavrões"*, concluiu C.

Conforme defende Kotscho (2001), no capítulo 2, o repórter não deve ficar insensível à reportagem porque os sentimentos são inevitáveis, já que o repórter é um ser humano igual ao seu público. As emoções precisam ser transmitidas tanto

quanto as informações e são as duas ferramentas básicas do repórter, tendo ele que aprender a dosá-las na medida certa em cada matéria. Essa medida pode ser o fator que “guarda” os palavrões não pronunciados por Glória Maria.

Diferente da reportagem 4, em que a jornalista estabeleceu - em determinado momento - uma relação de cumplicidade com o telespectador, na reportagem 5 - também em determinado momento - ela o “afasta” por meio de uma “provocação”. Durante a reportagem, Glória Maria faz uma consulta em uma clínica particular do Sri Lanka que utiliza como metodologia a medicina ayurvédica, mesma técnica utilizada em hospitais públicos do país. Durante a consulta, a médica pergunta a idade da repórter: *“ela quer saber a minha idade [risos]. Começou a pegar... E eu vou dizer baixinho no ouvido dela”*. Glória Maria levanta da cadeira e cochicha no ouvido da médica, depois coloca o dedo indicador sobre o lábio, sinalizando um segredo para a médica que sorri e anota a informação no formulário (ver decupagem para melhor entendimento). A repórter volta a se sentar e olha para alguém que não está enquadrado na imagem (provavelmente alguém da equipe), ainda rindo, depois se volta para a câmera e diz: *“quem quiser saber a minha idade vai ter que perguntar pra doutora aqui, em cingalês [idioma], porque senão vocês não vão saber, e eu não vou contar, né”*. Ela aponta para a médica, pisca o olho sorrindo e balança a cabeça de um lado para o outro em sinal negativo.

A cena se torna engraçada pelo fato de que a repórter, “dentro” e “fora” das telas, alimenta esse “mistério” em torno da sua verdadeira idade, conforme consta no capítulo 5. Porém, ao mesmo tempo, instiga o telespectador, pois se ainda não havia curiosidade sobre o assunto, passará a ter a partir dessa provocação (pelo menos no momento da reportagem).

Sendo assim, da mesma forma em que a jornalista “distancia” o telespectador, privando-o da informação, também aproxima-se dele, porque o estimula a desvendar a “charada”. Instintivamente, ele irá refletir e observar aspectos sobre a repórter que possam “denunciar” a sua idade, estabelecendo um tipo de “relação” com ela.

Em outros dois trechos da reportagem 5, Glória Maria dá informações particulares ao telespectador, restabelecendo a “cumplicidade” supostamente perdida ao desafiá-lo a descobrir a sua idade. Depois da consulta, a médica propõe um tratamento para desintoxicar, relaxar e repor as energias e a repórter comenta: *“é tudo o que eu preciso. **Principalmente energia**, porque a gente ainda tem muitos*

dias de trabalho”, revelando estar cansada e que a equipe de reportagem ainda teria outras gravações para fazer nos próximos dias.

Depois do começo de um dos procedimentos, a repórter aparece deitada de bruços em uma maca e diz: “*esse tratamento que elas estão me fazendo é para diminuir o stress, equilibrar o organismo e **principalmente** eliminar as toxinas. Tomara que funcione, né. Porque eu “tô” precisando*”. A expressão da repórter é séria, e revela (ou supõe) que ela esteja estressada.

Recordando Pereira, Isaacsson e Torres (2012), no capítulo 4, que acreditam que toda a criatividade deve surgir da “vida do seu criador” tornando o público seu cúmplice, outra vez é possível perceber a manifestação de uma percepção pessoal de Glória Maria na reportagem. Acontece quando ela aparece ao lado de uma estrutura parecida com um forno, coberta apenas dos seios para baixo, com um tecido de cor verde e diz: “(...) *eles chamam de banho de vapor. É um tratamento que é uma espécie de um detox, purifica, queima gordura e... Elas dizem, né... (levanta as sobrancelhas, olha para cima e inclina levemente a cabeça para o lado esquerdo, demonstrando incerteza). E eu vou acreditar... Que ajuda a emagrecer também. Quer dizer, quem não quer tudo isso, né?*” (ver decupagem para melhor entendimento).

Conforme defende Kotscho (2001), no capítulo 2, uma reportagem pode ser produzida de mil maneiras diferentes, dependendo da cabeça e do coração do repórter. No jornalismo, especialmente na reportagem, não existem fórmulas, pois cada história é uma história e merece um tratamento exclusivo.

Um aspecto que chama a atenção, nesse sentido, na reportagem 5, é que, para mostrar os procedimentos, a repórter precisou se despir e apareceu, em vários momentos, coberta por panos ou folhas. Claro que, se a reportagem não mostrasse as etapas dos procedimentos, seria difícil para o telespectador compreender como funciona a aplicação da medicina ayurvédica. Logo, mostrar a repórter é a melhor alternativa informativa. Porém, ela poderia não estar muito “à vontade” com esse detalhe, mas mostrou completa naturalidade durante a reportagem.

Em relação a esse detalhe, a participante C comentou que acha “*legal*” a naturalidade da repórter, que estava quase nua durante a reportagem, em um ambiente “*novo*”, mas disposta a passar por aquilo e mergulhar na experiência. D concordou: “*ela se entrega*”, C ainda comentou, imitando as expressões da repórter [*Meu Deus do céu! Tô me sentindo como em um caixão, mas vamos lá. Ai mamãe!*

*Aaai mamãe! Parece uma **guilhotina!***] e fazendo os demais participantes rirem. Todos consideraram que a espontaneidade de Glória Maria, de gemer enquanto se prepara para ficar no “forno”, torna o momento engraçado, natural, e que “*ela deixa acontecer*”. B concordou e comentou que isso humaniza a TV. F afirmou que considera a característica da experimentação de Glória Maria como um diferencial no meio jornalístico. “*Ela vive **aquele** momento. Ela ‘pega’ e independente do que seja, vai lá e vive*”.

O participante G comentou que admira a coragem de Glória Maria e que não é qualquer jornalista que se submete a experiências como as mostradas pelas reportagens ou que consegue apresentá-las com tanta naturalidade como a repórter. Já, I disse que tem “*inveja*” das suas experiências. C brincou, dizendo que “*dá raiva*” da repórter, porque soube, por uma reportagem, que ela tem diversos passaportes e refletiu sobre cada um desses passaportes representarem uma “*gama de experiências*” que ela (participante) gostaria de viver. Tal percepção pode estar relacionada ao pensamento de Debord (2002), Llosa (2013) e Arbex Júnior (2001), no capítulo 3, sobre o espetáculo, no sentido de entretenimento, ser uma relação social mediatizada por imagens e pelos meios de comunicação de “coisas” que faltam na vida real das pessoas, causando sensações e tornando a representação (imagem) um objeto de contemplação.

O participante E também disse que admira a coragem da repórter e lembra que ela acompanhou a eleição de Tancredino Neves, o primeiro presidente eleito pelo povo depois do regime militar, e que já naquela época demonstrou coragem por fazer essa cobertura, cheia de mistérios devido à morte inexplicada do então presidente um dia antes de sua posse. B falou que a atuação de Glória Maria desperta a sua atenção porque “*sempre segue o viés da cultura da **experimentação**, ela **tem** que se colocar no lugar do outro*”. Ressalta que isso envolve uma questão de empatia, de entender como o outro se sente e acredita que a experimentação nas reportagens é também uma maneira de fazer cumprir o sentido real do jornalismo.

Com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e a convergência midiática, o público, antes mais definido (leitor, ouvinte, telespectador), migrou para um espaço onde todas essas experiências de recepção podem ser mescladas: a internet. Os programas televisivos passaram a disponibilizar o conteúdo exibido em plataformas na internet, possibilitando que o público o acesse no momento em que

quiser. Além disso, é possível compartilhar os conteúdos em outras plataformas, como redes sociais, por exemplo.

O jornalismo continua servindo ao público, porém, agora, pode utilizar os avanços tecnológicos para desenvolver formatos mais atraentes e interativos. Um dos exemplos é o GloboPlay¹²³, mencionado pela participante B, que comentou sobre as reportagens mais humanizadas não tornarem a informação “robótica, chata” e assim, incentivarem o telespectador a assistir, atraindo a audiência e despertando a curiosidade nas pessoas. Ela também acredita, que esse tráfego de informações incentive a exploração das plataformas online como o GloboPlay, porque depois as pessoas vão querer rever o conteúdo.

As principais produções de Glória Maria foram elencadas, no capítulo 4, para mostrar a variedade de coberturas para as quais ela já foi enviada e de reportagens relevantes (que sempre têm algum diferencial) que já produziu ao longo dos anos na profissão. Sua credibilidade, postura profissional e comportamento lhe conferem uma confiança capaz de conquistar a cumplicidade de fontes e personagens. Essa pode ter sido a característica que lhe garantiu uma boa *performance* ao entrevistar a “temida” Madonna, conforme consta no capítulo 4.

Na carreira, a repórter já enfrentou condições adversas nas produções de suas reportagens pelo mundo: arrastou mala, conseguiu informações exclusivas, dormiu em saco de dormir na beira de rio, foi a primeira mulher a fazer matérias de aventura na televisão, entrevistou celebridades, ficou sem comer, cobriu uma guerra, teve experiências inusitadas, foi roubada e abandonada no meio do caminho, cobriu momentos históricos, virou meme...

Glória Maria experimenta algo diferente em todas as suas reportagens, seja uma comida típica de determinado lugar do mundo, o contato com outros costumes e crenças ou alguma aventura radical. A repórter costuma produzir um “estilo” de reportagem que explora diversos aspectos performáticos, seja pela atuação de personagens (fontes) ou da própria repórter. Sempre há investimento na experimentação de alguma coisa, seja em um aspecto aventureiro, culinário, social ou turístico, além do zelo pela passagem e pelo texto. As imagens, com seus planos, ângulos e movimentos, são um show à parte. Tudo isso junto pode ser considerado Jornalismo Literário em sua forma televisual.

¹²³ Plataforma digital de vídeos da Globo onde ficam disponíveis os conteúdos oficiais da emissora.

A jornalista passou a integrar a equipe do Globo Repórter em 2010, como repórter exclusiva e permanece até hoje. *“Eu só sabia que eu queria fazer minhas reportagens pelo mundo”*. Na época, ela já havia consolidado um estilo próprio de fazer reportagem, uma *performance* particular, e para a editora-chefe Silvia Sayão, conforme consta no capítulo 5, a contratação foi uma decisão acertada. *“(...) a nossa preocupação era que ela fizesse matérias de impacto (...). Havia uma grande expectativa sobre o que as pessoas iam achar da Glória no Globo Repórter. Acho que a primeira pessoa que adorou foi ela própria (...)”*.

O fato de Glória Maria gostar de trabalhar para o programa, pode ser um fator que contribui com o seu desempenho nas reportagens, afinal, quando se faz algo prazeroso, o resultado tende a ser positivo ou, no mínimo, agradável. *“O Globo Repórter me dá tempo de viajar e poder cuidar das minhas filhas e de reaprender tudo (...). Eu nunca pensei que eu pudesse ser tão feliz de novo dentro do jornalismo, como eu estou sendo agora”*. Além disso, o amor pela profissão e a entrega a ela podem ser o diferencial determinante do sucesso performático que rende a “marca” da repórter: *“o jornalismo para mim é uma paixão”*.

Para Sibilía (2015), no capítulo 4, muitos atores, repórteres, apresentadores de televisão, profissionais do vídeo em geral que atuam para serem assistidos pelos públicos se tornam, ou não, celebridades por meio de suas *performances* porque criam suas “marcas pessoais” e são lembrados e admirados, ou não, por elas. Domingos (2013) defende que não há sucesso ou fracasso de um trabalho performático, mas sim a necessidade de aventura, de se sentir vivo, pulsante e movente.

Nesse sentido, percebe-se que Glória Maria imprimiu em suas reportagens uma marca pessoal de “experimentação”, cuja característica lhe acompanha desde o início da carreira, já que a própria decisão de ingressar no jornalismo foi uma experimentação, conforme consta no capítulo 5: *“eu não sabia direito o que era o jornalismo (...). Então eu fui na experiência, na experimentação. Não fui para ser jornalista, porque eu nem sabia o que queria, só sabia que eu queria escrever, tinha fascínio pela palavra”*. Além disso, suas reportagens sempre são recheadas de experiências distintas, mantendo-a “movente”, como sugere Domingos (2013).

Percebe-se que a repórter está sempre disposta a aprender, conforme postura defendida por Kotscho (2001), a partir do que ela diz no capítulo 5, sobre que o repórter precisa: *“ser humilde, ter vontade de aprender sempre e saber que a*

gente nunca sabe nada, cada dia tem uma coisa nova pra aprender sobre você e sobre o mundo. O repórter é um observador do mundo, tem que estar sempre atento a uma coisa simples: do outro lado tem uma pessoa igual a você. Quando você entende isso, o caminho fica mais fácil”.

Por fim, a participante B comentou, com uma expressão de decepção, que Glória Maria cochichou a idade no ouvido da médica, enquanto A disse que a pesquisadora até ergueu o volume da televisão na tentativa de escutar o cochicho, mas que não adiantou. A pesquisadora comentou, durante o Grupo Focal: *“não foi dessa vez que descobrimos o mistério”.*

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O meio jornalístico e o teatral possuem semelhanças em relação às suas formas de representação da realidade por meio da *performance*. Embora com funções distintas, os conceitos se relacionam porque em ambas as áreas existe a atuação de um “representante” que se comunica com o público. A maneira com que o repórter de televisão age (atua) diante das câmeras em uma reportagem, constitui-se em uma *performance* capaz de despertar no telespectador alguma sensação, seja positiva ou negativa, direta ou indiretamente.

A jornalista Glória Maria tem mais de 45 anos de experiência na televisão e, guiada pelo viés da experimentação, consolidou um estilo próprio de fazer reportagem, uma *performance* particular. Há, em suas reportagens, uma atuação que a torna mais do que transmissora de informação, mas uma experimentadora, capaz de proporcionar ao telespectador impressões e emoções distintas.

Desde que a pesquisadora iniciou o estágio em telejornalismo na emissora de televisão RBS TV (Rede Brasil Sul de Televisão) de Caxias do Sul/RS, filiada à Rede Globo, houve o aumento de interesse por assuntos como reportagem, trabalho do repórter, produção de programas telejornalísticos e impactos causados pelas informações nos telespectadores. Os questionamentos e reflexões acerca da influência do repórter na compreensão do conteúdo apresentado em reportagens aos telespectadores inspiraram o tema desta monografia.

Em razão disso, instituiu-se como tema a interferência da *performance* da telejornalista Glória Maria na compreensão das informações pelos telespectadores do Globo Repórter. A pesquisa gira em torno da questão norteadora que deseja identificar como a *performance* telejornalística da repórter interfere na compreensão das informações pelos telespectadores do programa. Com a realização de todos os processos essenciais para a execução dessa pesquisa, desde as referências bibliográficas até os métodos e técnicas presentes na metodologia, foi possível obter as respostas para as hipóteses e objetivos estabelecidos.

Com relação à questão norteadora, que também é o objetivo principal, pode-se inferir que a *performance* telejornalística de Glória Maria interfere de forma positiva na compreensão (pelos telespectadores) das informações presentes nas reportagens veiculadas pelo programa Globo Repórter. Verificou-se que a atuação

da repórter, que segue um viés de experimentação e informalidade, ajuda o telespectador a compreender melhor as informações, uma vez que, além de informar, também provoca sensações que aproximam o receptor da informação.

A hipótese A, estabelecida para esta monografia, é de que a *performance* jornalística da repórter Glória Maria contribui para a melhor compreensão das informações pelos telespectadores. A hipótese foi comprovada porque percebeu-se a importância da *performance* como um instrumento de informação que, se bem explorado, contribui para uma comunicação mais efetiva entre repórter, reportagem e telespectador, garantindo a melhor compreensão dos fatos.

A hipótese B, estabelecida para esta monografia é de que o estilo de informar e participar, de forma ativa, da informação, percebido nas reportagens de Glória Maria, transmite ao telespectador a sensação de aproximação com o conteúdo apresentado. A hipótese foi comprovada porque foi possível perceber que ao apresentar, na reportagem, uma experimentação, o telespectador tem a impressão de ser cúmplice, testemunha do fato. Também foi possível verificar que o telespectador se sente “contemplado” pela experiência, ficando em uma condição não apenas de “receptor da informação”, mas também de “receptor da emoção”, cumprindo um papel do jornalismo defendido por Charaudeau (2013) de “fazer saber” (informar) e “fazer sentir” (provocar sentimentos). O sentido de aproximação é defendido por Paternostro (1999), Campedelli (1987), Marcondes Filho (1988) e Duarte e Castro (2007), ao afirmarem que a televisão exerce fascínio sobre o telespectador, pois consegue transportá-lo para “dentro” de suas histórias, assim como o repórter deve buscar fazer em suas reportagens.

A hipótese C, estabelecida para esta monografia, é de que a experimentação dos cenários, culturas, normas e hábitos de diferentes comunidades existentes pelo mundo, no exercício da profissão de repórter e na construção de suas reportagens, atribui à Glória Maria ainda mais credibilidade e confiança por parte do telespectador. A hipótese foi comprovada, porque a experimentação dá à reportagem um caráter de “comprovação”. Ao reconhecer Glória Maria como uma repórter que viaja pelo mundo e apresenta ao telespectador as mais variadas culturas e experiências, o público já espera que ela não assuma uma posição de “plateia”, o que acaba estabelecendo uma relação de confiança que é ainda mais reforçada por meio da *performance* e experimentação.

A hipótese D, estabelecida para esta monografia, é de que Glória Maria, por meio da valorização da *performance* de telejornalista, consegue despertar no telespectador o desejo de vivenciar os cenários e situações apresentados. A hipótese foi comprovada, porque a partir das percepções dos participantes do Grupo Focal foi possível identificar que eles sentiram vontade de viver as experiências apresentadas nas reportagens, ou pelo menos, se sentiram “transportados” para “dentro” da reportagem e conduzidos à experiência por meio do olhar da repórter, que não apenas informa ou aponta, mas explica e mostra. Tal ideia é defendida por Kotscho (2001), no capítulo 2, ao dizer que o repórter precisa cumprir a sua função primeira: “colocar-se no lugar das pessoas que não podem estar lá”.

A hipótese E, estabelecida para esta monografia, é de que a *performance* telejornalística de Glória Maria, que participa ativamente como personagem central de suas matérias, atrapalha o entendimento da mensagem, chamando mais atenção para si própria do que para o conteúdo das informações prestadas ao telespectador. A hipótese foi refutada porque mesmo quando a *performance* da repórter fica mais evidenciada, o efeito, para o telespectador, não é negativo porque ela atua (aparece) para compartilhar alguma experiência pela qual o telespectador passa a se interessar a partir da reportagem e da *performance* apresentadas. Dependendo da reportagem, há a sugestão no próprio conteúdo, de que Glória Maria também faz parte do assunto principal, portanto, o telespectador não a percebe como um “ruído de comunicação”, mas como alguém que lhe conduz a um entendimento mais completo sobre determinado assunto..

Quanto aos objetivos específicos desta monografia, um deles foi compreender a linguagem televisiva. Pode-se dizer que ele foi alcançado dentro do âmbito desse estudo, conforme consta no capítulo 3, onde é possível encontrar as informações de diversos autores sobre o assunto. Porém, vale ressaltar que a linguagem televisiva sofre mutações porque está em constante evolução, assim como todos os processos aplicados ao meio televisivo.

Outro objetivo foi compreender o conceito de *performance* e sua aplicação no exercício do telejornalismo. É possível dizer que foi atingido, uma vez que no capítulo 4 foi explorado o tema por meio de diversos autores conceituados da área do teatro, já que a arte é um campo privilegiado pelos estudos da *performance*. Também foram pesquisados autores da área do jornalismo e ambos os campos foram considerados para o estudo dessa pesquisa porque entendeu-se que a

representação da realidade por meio da *performance* é uma semelhança entre eles, embora suas funções sejam distintas, detalhe que também foi esclarecido no capítulo.

Observar de que forma acontece a interação entre reportagem/informação e telespectador; analisar quais fatores geram a identificação do telespectador com o que está sendo mostrado; analisar quais fatores transmitem credibilidade ao telespectador quando este assiste ao material telejornalístico; também foram objetivos específicos desta monografia. Pode-se dizer que eles foram alcançados por meio do Estudo de Recepção e da aplicação da técnica do Grupo Focal, conforme consta no capítulo 7, já que para cumprir tais objetivos se fez necessário observar e considerar as reações e percepções dos telespectadores. Vale ressaltar que os estudos alcançados se referem aos participantes do Grupo Focal, que representam uma parcela do público. Para se ter um resultado mais completo, é necessário fazer uma pesquisa mais extensa.

Além da análise prática, também foi estudado um referencial teórico composto por assuntos que ajudaram a obter respostas sobre a pesquisa, como: comunicação oral; arte de contar histórias; jornalismo como forma de conhecimento e transformação social; Jornalismo Literário; televisão; papel do jornalista; poder da imagem; espetáculo da representação; televisão como a janela do mundo; *performance*, comunicação não-verbal; personagem e experimentação.

Outro objetivo foi verificar se existe um padrão sobre a forma de atuação do telejornalista em relação à forma de produção de conteúdo. Pode-se dizer que esse objetivo foi atingido porque foi verificado, mas o resultado o refuta porque cada reportagem é produzida de uma forma diferente, conforme o assunto abordado e, assim, também o repórter atua de formas variadas. Uma reportagem com teor mais sério, por exemplo, pode ser produzida com elementos que reforcem a sua seriedade, seja pela *performance* do repórter, pelo texto ou pela edição. Já outra, com teor mais descontraído, como a “*Glória Maria salta do maior bungee jump do mundo, em Macau*”, por exemplo, é produzida com elementos que reforçam a informalidade, o entretenimento e a aventura. Portanto, tanto *performance*, quanto edição são projetadas para ter esse efeito. Ou seja, não há um padrão. O que atende a defesa de Kotscho (2001), no capítulo 2, de que uma reportagem pode ser produzida de mil maneiras diferentes, dependendo da cabeça e do coração do repórter. Além disso, no jornalismo, especialmente na reportagem, não existem

fórmulas imutáveis, pois cada história é uma história e merece um tratamento exclusivo. Dentre as tantas maneiras de contar histórias, pode-se dizer que o estilo de Glória Maria insere-se na categoria híbrida, que une informação e entretenimento, conforme conceitos vistos no capítulo 3.

O último objetivo trata de observar quais elementos são adicionados à reportagem para despertar, ou não, o desejo de vivenciar o que está sendo mostrado ou, ainda, se são adicionados tais elementos. Pode-se dizer que a partir desse objetivo percebeu-se que a experimentação é o elemento mais eficaz para despertar, no telespectador, o desejo de vivenciar a experiência porque provoca nele a sensação ou, pelo menos, a reflexão sobre “estar no lugar do repórter”. Esse elemento é adicionado à reportagem por meio da *performance*, que existe na atuação do repórter, independentemente de haver a experimentação.

O jornalismo desempenha um importante papel social capaz de alterar cenários sociais, culturais e políticos. Ele se configura em uma área que influencia a opinião pública por natureza e que está colocado não apenas diante de “nós”, mas “conosco”, a serviço do desenvolvimento, ao informar a sociedade e provocar mudanças nas percepções sociais.

Comunicar significa “pôr em comum”, portanto, a comunicação exige o partilhar com o outro, por isso, a *performance* não pode ter uma existência independente do público, ela precisa dele. Por esse motivo, a pesquisadora achou conveniente fazer o Estudo de Recepção, por meio da técnica do Grupo Focal, para que pudesse contar com outras percepções acerca do tema desta monografia, além das suas próprias ideias e pesquisas.

Como futura jornalista, a pesquisadora acredita que o estudo foi muito importante para compreender o poder comunicativo da *performance* e a sua capacidade de estabelecer uma relação entre repórter e telespectador. Ao se “aventurar” pelo viés da experimentação, o repórter pode estar cumprindo com maior eficácia o papel de “levar” o telespectador a lugares que, no momento, ele não pode ir sozinho.

O jornalista de televisão possui uma grande responsabilidade ao assumir a condição de transmissor de conhecimento, principalmente porque, no meio televisivo, a percepção visual tem a sua importância reforçada. Por isso, considerar o poder da comunicação performática é essencial para se estabelecer uma comunicação eficiente.

Por fim reitera-se que a pesquisa foi de extremo valor, no sentido de que possibilitou diversas reflexões e novas percepções acerca do jornalismo, da *performance*, da reportagem e do papel do repórter. Durante o desenvolvimento da monografia, a pesquisadora aprendeu que mudar “uma só coisinha” na vida de “uma só” pessoa, também significa mudar o mundo. E essa “coisinha”, às vezes, pode ser, simplesmente, compartilhar uma experiência.

REFERÊNCIAS

Livros e e-books

ABRUZZESE, Alberto. **O esplendor da TV**: origens e destino da linguagem audiovisual. São Paulo: Studio Nobel, 2006.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ARAÚJO, Gilvan Ferreira. **Telejornalismo**: da história às técnicas. Curitiba: InterSaberes, 2017.

ARBEX, José. **O poder da TV**. São Paulo: Scipione, 2002.

ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnalismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

ARGAN, G Carlo. **Arte moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

AUBENAS, Florence; BENASAYAG, Miguel. **A fabricação da informação**: os jornalistas e a ideologia da comunicação. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1993.

BAHIA, Juarez. **Jornalismo, informação, comunicação**. São Paulo: Martins, [19--].

BALOGH, Anna Maria. **O Discurso Ficcional na TV**: sedução e sonho em doses homeopáticas. São Paulo: Edusp, 2002.

BARBA, Eugenio. **A canoa de papel**: tratado de antropologia teatral. São Paulo: Hucitec, 1994.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1979.

BISTANE, Luciane; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

BORELLI, Silvia Helena Simões; PRIOLLI, Gabriel (Coords). **A deusa ferida**: porque a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência. São Paulo: Summus, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 2008.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1999.

BURNIER, Luis Otávio. **A arte de ator**: da técnica à representação. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

CAMPEDELLI, Samira Youssef. **A telenovela**. São Paulo: Ática, 1987.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2003.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CARVALHO, Alexandre et al. **Reportagem na TV**: como fazer, como produzir, como editar. São Paulo: Contexto, 2010.

CASHMORE, Ellis. **...e a televisão se fez**. São Paulo: Summus, 1998.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

CHAUÍ, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In NOVAES, Adauto et al. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

CHEKHOV, Michael. **Para o ator**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

COSTA, Cristina. **Ficção, comunicação e mídia**. São Paulo: Editora Senac, 2002.

CUNHA, Albertino Aor da. **Telejornalismo**. São Paulo: Atlas, 1990.

CURADO, Olga. **A notícia na TV**: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo. São Paulo: Alegro, 2002.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

DEJAVITE, Fábila Angélica. **INFOtenimento**: informação + entretenimento no jornalismo. São Paulo: Paulinas, 2006.

DIZARD JUNIOR, Wilson. **A nova mídia**: a comunicação de massa na era da informação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O que é realidade**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DUARTE, Elisabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de (Orgs). **Comunicação audiovisual**: gêneros e formatos. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____, Elisabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de (Orgs). **Televisão**: entre o mercado e a academia. Porto Alegre: Sulina, 2006.

_____, Elisabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de (Orgs). **Em torno das mídias**: práticas e ambiências. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

FÉRAL, Josette. Um corpo no espaço: percepção e projeção. In PEREIRA, Antonia; ISAACSSON, Marta; TORRES, Walter Lima (Orgs.). **Cena, Corpo e Dramaturgia: entre tradição e contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2012.

FONSECA, Jurandira. Quem fala no jornalismo? In LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo (Orgs.). **Para entender o jornalismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

FORTES, Leandro. **Os segredos das redações: o que os jornalistas só descobrem no dia-a-dia**. São Paulo: Contexto, 2008.

GOMES, Itânia Maria Mota. O embaralhamento das fronteiras entre informação e entretenimento e a consideração do jornalismo como processo cultural e histórico. In DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de (Orgs.). **Em torno das mídias: práticas e ambiências**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

GUARESCHI, Pedrinho A. **O direito humano à comunicação: pela democratização da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HABERMAS, Jurgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HERZ, Daniel. **A história secreta da Rede Globo**. Porto Alegre: Editora Tchê!, 1987.

JAPIASSU, Hilton. **Nem tudo é relativo: a questão da verdade**. São Paulo: Letras e Letras, 2001.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2009.

JOST, François. **Seis lições sobre televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2001.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Elementos do Jornalismo**. O que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

KYRILLOS; COTES; FEIJÓ. **Voz e corpo na TV: a fonoaudiologia a serviço da comunicação**. São Paulo: Globo, 2003.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 2006.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo (Orgs.). **Para entender o jornalismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LLOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

LOEBLEIN, Daniela Fogaça. **Técnicas para TV**. Curitiba: InterSaberes, 2017.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

MANTOVANI, Anna. **Cenografia**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo**: a saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker, 2000.

_____, Ciro. **Imprensa e capitalismo**. São Paulo: Kairos, 1984.

_____, Ciro. **O capital da notícia**: jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo: Ática, 1989.

_____, Ciro. **Ser jornalista**: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria. São Paulo: Paulus, 2009.

_____, Ciro. **Ser jornalista**: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões. São Paulo: Paulus, 2009.

_____, Ciro. **Televisão**. São Paulo: Moderna, 1994.

_____, Ciro. **Televisão**: a vida pelo vídeo. São Paulo: Moderna, 1988.

MARCONDES, Pyr. **Uma História da propaganda brasileira**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

MARSHALL, Leandro. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus, 2003.

MATTOS, Sérgio. As organizações Globo na mídia impressa. In: BRITTOS, Valério Cruz e BOLAÑO, Ricardo Siqueira, Orgs.). **Rede Globo - 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005.

_____, Sérgio. **História da televisão brasileira**: uma visão econômica, social e política. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

MELO, José Marques de. **As Telenovelas da Globo**: produção e exportação. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

MENDONÇA, Thales Branche Paes de. Entre gritos e risos: os mascarados da marujada de São Benedito de Quatipuru (PA) como performance. In PEREIRA, Antonia; ISAACSSON, Marta; TORRES, Walter Lima (Orgs.). **Cena, Corpo e Dramaturgia**: entre tradição e contemporaneidade. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2012.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. São Paulo: Cultrix, 2001.

MORAIS, Fernando. **Chatô**: o rei do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

MOSTAÇO, Edécio (Org.) et al. **Sobre Performatividade**. Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas, 2009.

MOTTER, Maria Lourdes; MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. Gênero Teledramatúrgico: entre a imposição e a criatividade. **Revista USP**. São Paulo, 2007, 2008.

NOVAES, Aduino et al. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ORTIZ, Renato; BORELLI, Silvia Helena Simões; RAMOS, José Mário Ortiz. **Telenovela**: história e produção. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____, Renata. **Dramaturgia**: construção do personagem. São Paulo: Ática, 1989.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PAVIS, Patrice. **A análise dos espetáculos**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar do estrangeiro. In NOVAES, Aduino et al. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PENA, Felipe. **1000 Perguntas**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 2005.

_____, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

PEREIRA JÚNIOR, Alfredo Eurico Vizeu; PORCELLO, Flávio Antônio Camargo; MOTA, Célia Ladeira (Orgs). **Telejornalismo**: a nova praça pública. Florianópolis: Insular, 2006.

PEREIRA, Antonia; ISAACSSON, Marta; TORRES, Walter Lima (Orgs.). **Cena, Corpo e Dramaturgia**: entre tradição e contemporaneidade. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2012.

PIGNATARI, Décio. O paleolhar da televisão. In NOVAES, Aduino et al. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PORTO, Mauro Pereira. **Televisão e política no Brasil**: a Rede Globo e as interpretações da audiência. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

REZENDE, Guilherme Jorge. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

ROCHA, Everardo. **A sociedade do sonho**: comunicação, cultura e consumo. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SANTOS, Gilmar. **Princípios da publicidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

SILVA, Marconi Oliveira da. **Imagem e verdade**: jornalismo, linguagem e realidade. São Paulo: Annablume, 2006.

SILVA, Marleth. **Técnicas de redação e edição na imprensa**. Curitiba: InterSaber, 2017.

SILVA, Rafael Souza. **Discursos simbólicos da mídia**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **A ciência na Televisão**: Mito, Ritual e Espetáculo. São Paulo: Annablume, 1999.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus Editorial, 2015.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

STEIN, Flávio. A voz, o intérprete e o texto: um inventário. In PEREIRA, Antonia; ISAACSSON, Marta; TORRES, Walter Lima (Orgs.). **Cena, Corpo e Dramaturgia**: entre tradição e contemporaneidade. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2012.

STANISLAVSKI, Constantin. **A criação de um papel**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____, Constantin. **A preparação do ator**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

TIBURI, Marcia. **Olho de vidro**: a televisão e o estado de exceção da imagem. Rio de Janeiro: Record, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2012.

TYNAN, Kenneth. **A vida como performance**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VIEIRA, Eduardo. **Os bastidores da internet no Brasil**. São Paulo: Barueri, 2003.

VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (Orgs.). **60 anos de telejornalismo no Brasil**: história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010.

Artigos

ALBUQUERQUE, Beatriz. Extravagância das feiras de arte em Nova York + performance arte = diferentes meios de expressão! **eRevista Performatus**, Inhumas, ano 2, n. 9, mar. 2014. Disponível em: <<https://performatus.net/estudos/feiras-de-arte-ny/>>. Acesso em: 03 de outubro de 2018.

_____, Beatriz. Performance Arte + Internet = Comunicação + Audiência". **eRevista Performatus**, Inhumas, ano 1, n. 1, nov. 2012. Disponível em: <<https://performatus.net/estudos/performance-internet-comunicacao-audiencia/>>. Acesso em 03 de outubro de 2018.

BACKES, Dirce Stein et al. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **Revista O Mundo da Saúde**. São Paulo, 2011.

Disponível em:

<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/artigos/grupo_focal_como_tecnica_coleta_analise_dados_pesquisa_qualitativa.pdf>. Acesso em: 10 de julho de 2018.

BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. A Presença do Corpo em Cena nos Estudos da Performance e na Etnocologia. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v.1, n.2, p.346-359, jul./dez. 2011. Disponível em:

<<https://seer.ufrgs.br/presenca/article/viewFile/22804/14333>>. Acesso em 03 de outubro de 2018.

DOMINGOS, Clóvis. O performer é um imigrante?. **eRevista Performatus**, Inhumas, ano 1, n. 6, set. 2013. Disponível em: <<https://performatus.net/dos-cadernos/o-performer-e-um-imigrante/>>. Acesso em: 03 e outubro de 2018.

FECHINE, Yvana. Performance dos apresentadores dos telejornais: a construção do éthos. **Revista Famecos**, Porto Alegre, nº 36, ago. 2008. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4417/3317>>. Acesso em: 03 de outubro de 2018.

FERREIRA, Raquel Marques Carriço; SANTANA, Dhione Oliveira. A força do hábito: um estudo sobre a tradição temática das telenovelas da Rede Globo por faixa horária. **Palavra Chave**, v. 16, n. 1 abr. 2013, p. 215-239. Disponível em :

<<http://www.scielo.org.co/pdf/pacla/v16n1/v16n1a09.pdf>>. Acesso em 10 de outubro de 2018.

FIGARO, Roseli. Estudos de recepção para a crítica da comunicação. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo: ECA-USP/Segmento, 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/viewFile/36895/39617>>. Acesso em: 10 de julho de 2018.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em 10 de julho de 2018.

LEAL, Miguel. O Campo Expandido do Corpo. **eRevista Performatus**, Inhumas, ano 4, n. 15, jan. 2016. Disponível em: < <https://performatus.net/estudos/o-campo-expandido-do-corpo/>>. Acesso em 03 de outubro de 2018.

MACHADO, Arlindo. Pode-se falar em gêneros na televisão? **Revista FAMECOS**, nº 10, junho 1999, Porto Alegre: PUCRS/FAMECOS. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3037/>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

MENDONÇA, Cinthia. 'Estado das Coisas': Agir no Corpo, Agir na Arte da Performance. **eRevista Performatus**, Inhumas, ano 4, n. 15, jan. 2016. Disponível em: < <https://performatus.net/estudos/estado-das-coisas/>>. Acesso em: 03 de outubro de 2018.

SANTOS, José Mário Peixoto (ZMário). Ayrson Heráclito: **Performances, Espaços e Ações**. eRevista Performatus, Inhumas, ano 5, n. 17, jan. 2017. Disponível em: <<https://performatus.net/estudos/ayrson-heraclito/>>. Acesso em: 03 de outubro de 2018.

SCHECHNER, Richard. O que é Performance. **O Percevejo**, Rio de Janeiro, UNIRIO, n. 12, p. 25-50, 2003. Disponível em: < https://ppgipc.cienciassociais.ufg.br/up/378/o/O_QUE_EH_PERF_SCHECHNER.pdf >. Acesso em 15 de novembro de 2018.

SETENTA, Jussara Sobreira. **O fazer-dizer do corpo**: dança e performatividade. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: < <http://books.scielo.org/id/fs/pdf/setenta-9788523204952.pdf>>. Acesso em 05 de novembro de 2018.

SIBILIA, Paula. Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível. **Revista Fronteiras - estudos midiáticos**, Unisinos, set./dez. 2015. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/viewFile/fem.2015.173.09/4984>>. Acesso em: 03 de outubro de 2018.

TOMAÉL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler; CHIARA, Ivone Guerreiro Di. **Das redes sociais à inovação**. Universidade Estadual de Londrina, Paraná, v. 34, n. 2, p. 93-104, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n2/28559.pdf>> Acesso em: 01 de maio de 2019.

VANHAESEBROUCK, Karel. Teatro, estudos performáticos e fotografia: uma história de contaminação permanente. **eRevista Performatus**, Inhumas, ano 1, n. 4, mai. 2013. Disponível em: < <https://performatus.net/traducoes/teatro-estudos-performaticos-e-fotografia/>>. Acesso em: 03 de outubro de 2018.

Teses

SILVA, Daniela Grieco Nascimento e. **Corpo - escrita no balé**: para repensar o corpo doce da bailarina da caixinha de música em uma pesquisa em educação e arte. 2017. 225 p. Tese de doutorado (Educação) - Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, 2017. Disponível em:

<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/14122/TES_PPGEDUCACAO_2017_SILVA_DANIELA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 20 de março 2019.

Sites

ACERVO O GLOBO. **Fatos Históricos**. Criada a Lei Afonso Arinos, a primeira norma contra o racismo no Brasil. Disponível em:
<<https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/criada-lei-afonso-arinos-primeira-norma-contraracismo-no-brasil-10477391>>. Acesso em 09 de abril de 2019.

ACERVO O GLOBO. **Em destaque**. Em 1996, Tupac Amaru toma embaixada do Japão, em Lima, e faz 490 reféns. Disponível em:
<<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/em-1996-tupac-amaru-toma-embaixada-do-japao-em-lima-faz-490-refens-20641827>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

ACERVO O GLOBO. **Em destaque**. Em 1996, Tupac Amaru toma embaixada do Japão, em Lima, e faz 490 reféns. Disponível em:
<<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/em-1996-tupac-amaru-toma-embaixada-do-japao-em-lima-faz-490-refens-20641827>>. Acesso em: 01 de maio de 2019

ACERVO O GLOBO. **Em destaque**. Michael Jackson sobe o morro, grava clipe e leva o Dona Marta para o mundo em 96. Disponível em:
<<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/michael-jackson-sobe-morro-grava-clipe-leva-dona-marta-para-mundo-em-96-18647055>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

ACERVO O GLOBO. **Fatos históricos**. Criada a Lei Afonso Arinos, a primeira norma contra o racismo no Brasil. Disponível em:
<<https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/criada-lei-afonso-arinos-primeira-norma-contraracismo-no-brasil-10477391>>. Acesso em 09 de abril de 2019

ACERVO O GLOBO. **Em destaque**. Michael Jackson sobe o morro, grava clipe e leva o Dona Marta para o mundo em 96. Disponível em:
<<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/michael-jackson-sobe-morro-grava-clipe-leva-dona-marta-para-mundo-em-96-18647055>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **Em 2016, 6,9 milhões de domicílios dependiam do sinal analógico de TV aberta.** Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20102-em-2016-6-9-milhoes-de-domicilios-dependiam-do-sinal-analogico-de-tv-aberta.html>>. Acesso em: 24 de agosto de 2018.

ARQUIVO NACIONAL. **Ministério da Justiça e Segurança Pública.** Lei do Ventre Livre. Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br/br/ultimas-noticias/736-lei-do-ventre-livre.html>>. Acesso em: 09 de abril de 2019. (SITE SÓ: <http://www.arquivonacional.gov.br>)

ARQUIVO NACIONAL. **Ministério da Justiça e Segurança Pública.** DOI-CODI. Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br/br/difusao/arquivo-na-historia/696-doi-codi.html>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO. **Homenagens.** Disponível em: <<http://www.camara.rj.gov.br/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

CASA VOGUE. **Glória Maria: "Sou uma revolução ambulante".** 30/10/2015. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/Colunas/Confidencial/noticia/2015/08/ gloria-maria-sou-uma-revolucao-ambulante.html>>. Acesso em: 09 de abril de 2019. /// SITE DA REVISTA: <https://casavogue.globo.com/>

ÉPOCA. **Bruno Astuto.** Glória Maria vai lançar um livro em 2015: "São reflexões sobre a vida". Disponível em: <<https://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/bruno-astuto/noticia/2014/12/bgloria-mariab-vai-lancar-um-livro-em-2015-sao-reflexoes-sobre-vida.html>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

ESTADAO. **Repórter foi capturado, torturado e morto por traficantes.** Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,reporter-foi-capturado-torturado-e-morto-por-trafficantes,20020609p17850>>. Acesso em 18 de maio de 2018.

G1. **Globo Repórter.** Conheça o Butão, considerado o país da felicidade. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2011/05/conheca-butao-que-e-considerado-o-pais-da-felicidade.html>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GAUCHAZH. **Morre Tom Wolfe, ícone do jornalismo literário, aos 87 anos.** Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2018/05/morre-tom-wolfe-icone-do-jornalismo-literario-aos-87-anos-cjh7tzmqw08dg01qoaf18mte0.html>>. Acesso em 18 de maio de 2018.

KANTAR IBOPE MÍDIA. **Audiência TV 15 Mercados 19/06/2018.** Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/dados-de-audiencia-nas-15-pracas-regulares-com-base-no-ranking-consolidado-1106-a-1706/>>. Acesso em: 17 de junho de 2018.

MEMÓRIA GLOBO. **Globo Repórter.** Brunei Darussalam. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/globo-reporter/globo-reporter-brunei-darussalam.htm>>. Acesso em 10 de julho de 2018.

MEMÓRIA GLOBO. **Assassinato de Ângela Diniz**. Disponível em:
<<http://memoriaglobo.globo.com/mobile/programas/jornalismo/coberturas/angela-diniz-assassinato/a-historia.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Atentado no Riocentro**. Disponível em:
<<http://memoriaglobo.globo.com/mobile/programas/jornalismo/coberturas/atentado-no-riocentro/a-historia.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Bom Dia Rio**. Disponível em:
<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/bom-dia-rio/fotos-e-videos.htm>>. Acesso em 01 de maio 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Caso Cláudia Lessin**. Disponível em:
<<http://memoriaglobo.globo.com/mobile/programas/jornalismo/coberturas/claudia-lessin-morte/claudia-lessin-morte-a-historia.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Chacina da Candelária**. Disponível em:
<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/chacina-na-candelaria/sobre.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Copa do Mundo da Alemanha - 1974**. Disponível em:
<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/copa-do-mundo-da-alemanha-ocidental-1974/jogos-do-brasil.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Copa do Mundo da França - 1998**. Disponível em:
<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/copa-do-mundo-da-franca-1998/copa-do-mundo-da-franca-1998-videos.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Criança Esperança**. Disponível em:
<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/musicais-e-shows/crianca-esperanca/crianca-esperanca-1989.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Fantástico**. Disponível em:
<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/fantastico.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Globo Repórter**. Disponível em:
<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/globo-reporter/globo-reporter-no-tempo-do-filme.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Globo Repórter**. Omã, o oásis da paz. Disponível em:
<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/globo-reporter/globo-reporter-oma-o-oasis-da-paz.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Glória Maria**. Disponível em:
<<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/gloria-maria.htm>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Guerra das Malvinas**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/guerra-das-malvinas.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/o-jornalismo-eletronico-e-os-reporteres-de-video.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Morte de Ayrton Senna**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ayrton-senna-morte/morre-ayrton-senna-do-brasil.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Olimpíada de Atlanta - 1996**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/olimpiada-de-atlanta-1996/fotos-e-videos.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Olimpíada de Los Angeles - 1984**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/olimpiada-de-los-angeles-1984/olimpiada-de-los-angeles-1984-videos.htm>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Olimpíadas de Atenas - 2004**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/olimpiada-de-atenas-2004/fotos-e-videos.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Orlando Moreira**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/orlando-moreira.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Queda do Paulo de Frontin**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/queda-do-paulo-de-frontin.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Roberto Carlos Especial**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/musicais-e-shows/roberto-carlos-em-jerusalem.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Roberto Carlos Especial**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/musicais-e-shows/roberto-carlos-especial/roberto-carlos-especial-1995.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Roberto Carlos Especial**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/musicais-e-shows/roberto-carlos-especial/roberto-carlos-especial-2002.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Rock in Rio I**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/rock-in-rio-i/rock-in-rio-i-a-historia.htm>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

MUSEU DE MEMES. **Glória Maria na Jamaica**. Disponível em: <<http://www.museudememes.com.br/sermons/ gloria-maria-na-jamaica/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

PRIMEIRO FILME. **Enquadramentos**: planos e ângulos. Disponível em: <<http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>>. Acesso em 10 de maio de 2019.

REVISTA TRIP. **Tpm**. Da pobreza à Globo, do jornalismo à fama, Glória não faz por menos. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/gloria-maria>>. Acesso em 09 de abril de 2019.

Vídeos online

GLOBOPLAY. **Domingão do Faustão**. Glória Maria fala sobre momento radical no 'Domingão'. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7280397/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Encontro com Fátima Bernardes**. Viajar para Glória Maria é conhecer a alma humana. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2253046/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Especiais Fim de Ano**. Roberto Carlos dança com Glória Maria. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3851418/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Estrelas**. Glória Maria se derrete ao falar das filhas com Angélica. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3352657/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Fantástico**. Glória Maria explora cratera do vulcão mais perigoso do mundo. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1810935/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. “Carne” de jaca: Globo Repórter conhece a culinária típica e popular do Sri Lanka. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6954351/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. A rotina dos nômades: grupos vagam pelo Irã cuidando de rebanhos. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6121371/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Água retirada de encostas abastece as cidades de Omã. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1903209/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Águia e falcão são criados como animais de estimação em Dubai. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1964790/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Algarve é escolhido o melhor lugar do mundo para aposentados. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6679712/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Angkor Wat atrai turistas de todo o mundo para o Camboja. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2608527/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Aprenda a fazer bolos típicos da Eslovênia. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2073197/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Artesãos do Laos extraem cores intensas de raízes, madeiras e frutos. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2608561/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. As ninjas do Irã: mulheres tentam conseguir a igualdade através da luta. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6136487/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Beduíno mostra como é feita extração do melhor de incenso do mundo. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1903373/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Beduínos nômades mostram como vivem no deserto de Omã. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1903359/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Bond, o agente secreto mais famoso do mundo, nasceu na Jamaica. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5135048/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Brasileiro comanda a cozinha do bar mais alto do planeta. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5818882/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Brasileiro conquista posto de primeiro bailarino do Royal Ballet. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2973553/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Brasileiro realiza sonho de se tornar regente da orquestra de Mozart. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4478602/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Britânicos vão à praia de casaco, echarpe e galocha. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2973557/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Butão possui mais alto monumento sagrado da fé budista: Ninho do Tigre. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1514877/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Calçada dos Gigantes é um exemplo da força da natureza na Irlanda do Norte. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3214539/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Calor de turistas faz palácio de gelo na Suíça se mover 15 cm por ano. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4576867/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Casal brasileiro escolhe o deserto do Saara como cenário de lua de mel. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5086375/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Casal enfrenta o inverno da Macedônia do Norte completamente isolado nas montanhas. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7590107/programa/>>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Casal passa o verão nos alpes suíços para produzir queijo único e especial. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4576854/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Casamento em Omã acontece em dois rituais diferentes. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1903368/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Casas populares em Brunei têm cerca de 200m². Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1245131/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Cassinos transformam Macau em um dos lugares mais ricos do mundo. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5930472/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Castelo de pedra protege o porto da capital da Irlanda do Norte. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3214537/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Castelos portugueses parecem ter saído de um conto de fadas. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6679755/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Cavalos mais bonitos da Europa fazem espetáculo na Eslovênia. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2073312/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Chá feito no Ceilão, atual Sri Lanka, é considerado um dos melhores do mundo. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7184325/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Chefes de cozinha jovens criam e reinventam pratos tradicionais. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6679753/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Cidade com cerca de três mil templos é uma das maravilhas do mundo religioso. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3276782/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Cidade do País de Gales tem o maior nome de todo o Reino Unido. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3214552/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Cidade na Suíça produz relógios com lava de vulcão e pedaços do Titanic. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4576859/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Cidade no deserto se transforma em enorme estúdio de cinema ao ar livre. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5086353/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Com dois milhões de anos, lago Ohrid, na Macedônia do Norte, é o mais antigo da Europa. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7590123/programa/>>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Comida da Macedônia do Norte é conhecida por ser muito saudável. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7590111/programa/>>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Comunidade Rastafári mais fechada da Jamaica não segue leis do país. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5135071/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Conheça os mistérios e crenças do Nepal. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2823733/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Conheça os segredos da preparação do whisky escocês. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2973548/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Considerada a mais bonita do mundo, livraria inspirou autora de Harry Potter. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6679723/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Construção de Dubai faz com que passado seja deixado de lado. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1964766/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Crianças da Jamaica têm sonho de ser o novo Usain Bolt. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5135047/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Descubra onde nasceu Buda e conheça seus ensinamentos mais sagrados. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2823758/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Deserto no Irã é lugar mais quente do mundo: temperatura já passou de 70°. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6136493/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Dubai reúne diferentes significados de luxo em um só lugar. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1964762/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Dubai se torna sinônimo de riqueza, modernidade e ostentação. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1964761/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Equipe de "Joia Rara" se aventura ao gravar em um país distante e diferente do Brasil. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2823744/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Equipe do Globo Repórter visita bar de gelo em Dubai. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1964696/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Eslovênia esconde ilha considerada a mais bonita do mundo. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2073300/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Espaço sagrado no Irã guarda lembranças da primeira religião persa. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6136517/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Estádio Estrela Vermelha tem apelido em homenagem ao Maracanã. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4102430/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Estátua do Buda Gigante, no alto de montanha, é orgulho de Hong Kong. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5818874/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Estátuas budistas e hinduístas mostram mistura de crenças no Laos. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2608537/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Família britânica vive sem nenhum empregado em castelo com 43 cômodos. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2973514/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Famosos tapetes persas feitos à mão por iranianas podem custar milhões. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6121353/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Fenômeno da natureza cria espetáculo de luz na água da Jamaica. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5135051/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Florestas exuberantes, montanhas e belos rios surpreendem na Eslovênia. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2073307/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Forte e doce: saiba o que torna o vinho do Porto tão especial. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6679729/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Gigante Mekong é o centro da vida de quem mora no sul do Vietnã. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2501580/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Globo Repórter desvenda a vida dos nômades do deserto do Saara. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5086363/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Globo Repórter visita fábrica de chocolate mais antiga da Suíça. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4576863/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Globo Repórter visita parque nacional no Vietnã que tem mais de 300 cavernas. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2501600/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Glória Maria cuida de panda gigante durante um dia em parque. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5818865/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Glória Maria desce da tirolesa mais alta e mais veloz da Europa. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3214520/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Glória Maria embarca no trem do bruxo mais famoso do mundo: Harry Potter . Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2973507/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Glória Maria entra em mesquita no Irã para acompanhar tradicional oração. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6136504/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Glória Maria experimenta o segredo da medicina ayurvédica. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7184334/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Glória Maria experimenta roupa usada pelas mulheres de Dubai. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1964702/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Glória Maria mostra caixa eletrônico de barras de ouro. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1964699/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Glória Maria salta do maior bungee jump do mundo, em Macau. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5930480/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Glória Maria sobe quase 2 mil degraus para conhecer tesouro arqueológico do Sri Lanka. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6954345/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Grandes shoppings tomam conta do comércio em Dubai. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1964718/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Grandiosas cavernas no Ceilão guardam mais de 200 estátuas de buda. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7184330/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Guia britânico revela segredos da pesca de salmão. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2973644/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Há 27 anos no Irã, brasileira garante que o país é mais seguro que o Brasil. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6136512/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Hábitos milenares contrastam com jeito despojado dos súditos da Rainha. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2973643/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Homenagem aos mortos reúne dinheiro e bala no Laos. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2608544/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Hong Kong tem o bairro mais populoso do mundo. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5818870/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Hong Kong, a metrópole de contrastes, mistura passado e futuro. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5818866/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Igreja na Sérvia é decorada com ouro e 40 milhões de mosaicos coloridos. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4102421/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Igrejas com mais de 500 anos flutuam no mar de Montenegro. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4266047/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Imagens nas ruínas de Persépolis, no Irã, contam a história do povo persa. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6121368/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Índios milionários fazem uma ponte de vidro suspensa sobre o Grand Canyon. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1322372/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Jamaica quer criar indústrias de medicamentos à base de maconha. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5135072/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Jôquei brasileiro bate recorde e conquista fama em Hong Kong. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5930505/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Liberdade de expressão é atração em parque do Reino Unido. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2973573/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Lisboa se moderniza e atrai turistas seduzidos por um novo Portugal. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6679757/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Macau recebe quase cinco vezes mais turistas estrangeiros do que o Brasil. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5930492/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Madre Teresa de Calcutá nasceu na Macedônia do Norte. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7590132/programa/>>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Maior estufa de floresta tropical do mundo tem mais de um milhão de plantas. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2973579/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Maior ponte de madeira do mundo levou dois anos para ficar pronta. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3276738/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Maiores cavernas da Europa recebem até concerto de música clássica. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2073327/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Maranhense é uma das poucas brasileiras que vivem na Jamaica. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5135074/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Menor casa do Reino Unido fica no País de Gales. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3214542/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Monsanto: vilarejo mais português do país tem casas construídas em granito. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6679739/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Monstro do Lago Ness atrai um milhão de turistas por ano para a região. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2973527/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Montenegro tem a sua própria praia de Copacabana. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4266061/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Moradores de cidade na Sérvia se comunicam em 6 idiomas diferentes. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4102429/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Mulheres de pescoço gigante carregam argolas que pesam cerca de 6 quilos. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3276727/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Mulheres tatuavam o rosto para esconder a própria beleza. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3276781/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Museu que fica em bunker no Irã guarda as joias mais valiosas da Terra. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6121347/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Nazaré: ondas gigantes mudam a vida na pequena cidade. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6679742/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. País de Gales possui mais de 640 castelos em seu território. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3214526/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Palácio que possui 1,4 mil aposentos é atração mais visitada da Áustria. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4478562/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Parque em Montenegro abriga cânion mais profundo da Europa. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4266025/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Parque homenageia jamaicanos que disputaram Olimpíada de Inverno. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5135057/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Parque Nacional Yala é a maior reserva natural do Sri Lanka. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6954337/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Parque no Laos abriga ursos ameaçados de extinção. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2608520/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Pedra gigante no alto da montanha desafia a gravidade em Myanmar. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3276745/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Pescadores do Sri Lanka se equilibram em estacas dentro da água para trabalhar. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6954323/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Pescadores remam com os pés e fazem balé impressionante em lago. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3276719/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Pó de árvore asiática evita rugas e serve como protetor solar. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3276790/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Portugal atrai turistas com paisagens espetaculares. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6679716/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Povo das montanhas do Nepal demonstram força e energia contagiante. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2823752/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Reserva natural na costa sul da China abriga 400 espécies de aves. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5930509/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Sábio lama explica o que é a vida para o budismo. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2823761/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Segredo da longevidade em Montenegro é alimentação caseira. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4266028/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Somente mulheres colhem azeitonas no oásis das mil palmeiras, no Saara. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5086374/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Sri Lanka é rota da baleia azul, o maior ser vivo de todo o planeta. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6954321/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Sultão de Omã incentiva consumo de tâmaras no país. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1903314/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Tâmara: fruta mais valiosa do deserto é uma poderosa fonte de energia. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5086357/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Templo do Dente Sagrado atrai milhares de pessoas para o Sri Lanka. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7184336/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Tragédia do Titanic é lembrada na Irlanda do Norte. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3214529/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Uva da Sérvia pode tratar problemas vasculares e até diminuir colesterol. Disponível em: <>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Veja como os vietnamitas enlouqueciam os americanos sumindo debaixo da terra. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2501588/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Vietnã corre atrás do desenvolvimento. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2501571/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Visitantes usam tobogã para descer mina de sal mais antiga do mundo. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4478569/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Globo Repórter**. Xícara de chá especial pode custar até R\$ 160 em casa no Reino Unido. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2973523/programa/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Mais Você**. Mais Você - Programa de Sexta-feira, 17/03/2017, na íntegra. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5731657/programa/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Vídeo Show**. A primeira vez a gente nunca esquece com Glória Maria. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1690620/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Vídeo Show**. Glória Maria entrevista Mick Jagger para o Jornal Nacional. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3791513/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Vídeo Show**. Reveja a entrevista de Glória Maria com Michael Jackson - antes que o mundo acabe!. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2241932/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

GLOBOSATPLAY. **Espelho**. Glória Maria. Disponível em: <<https://globosatplay.globo.com/canal-brasil/v/5831062/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

GLOBOPLAY. **Estrelas**. Glória Maria se derrete ao falar das filhas com Angélica. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3352657/>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

YOUTUBE. **Ai que loucura!** Revelações de Glória Maria à Narcisa - Parte 01. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UF4CpzipSQg&t=226s>>. Acesso em 09 de abril de 2019.

YOUTUBE. **Ai que loucura!** Revelações de Glória Maria à Narcisa - Parte 02. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2BHAjcdkXRY>>. Acesso em 09 de abril de 2019.

YOUTUBE. **Ai que loucura!** Revelações de Glória Maria à Narcisa - Parte Final. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tjY6Os08f0k>>. Acesso em 09 de abril de 2019.

YOUTUBE. **Alexandre Garcia**. Glória Maria - Profissão Sempre Gostei De Lidar Com As Pessoas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tbffAYPI Luk>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

YOUTUBE. **Bernardo Figueiredo**. A primeira Entrada ao vivo, em cores, do JN. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=apvtv43cIMlg>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

YOUTUBE. **Eduardo Rodrigues**. Glória Maria - Confusão durante desfile da Vila Isabel 1992. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DpuqcPMzW2I>>.

YOUTUBE. **K7edoCacete**. Gloria Maria vs Freddie Mercury - 1985 - Rock in Rio Bastidores. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=F0W9jEjrv4I>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

YOUTUBE. **Matheus Mazzafera**. Glória Maria já foi cigana! Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HVxHZcGeYJg>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

YOUTUBE. **Programa Especial**. Programa Especial - Fernanda Honorato entrevista Glória Maria. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1zrC1TzwFVs>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

YOUTUBE. **Regina Silva**. Michael Jackson 55 anos - GloboNews 29.08.2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wwCjJGnZahs>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

YOUTUBE. **Tauil**. O dia em que Raul Seixas foi atropelado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AxzZ1YTgb98>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

YOUTUBE. **Vanderson Vasconcelos Machado**. Barão Vermelho Entrevistado Pela Glória Maria - 1983. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KbxV6MeFLcU>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

APÊNDICE A - PROJETO DE MONOGRAFIA

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

TAINARA ALBA

***A PERFORMANCE DA TELEJORNALISTA GLÓRIA MARIA E A COMPREENSÃO
DAS INFORMAÇÕES NO GLOBO REPÓRTER***

CAXIAS DO SUL

2018

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

TAINARA ALBA

***A PERFORMANCE DA TELEJORNALISTA GLÓRIA MARIA E A COMPREENSÃO
DAS INFORMAÇÕES NO GLOBO REPÓRTER***

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para a aprovação
na disciplina de Monografia I.

Orientadora: Prof.^a Me. Marliva Vanti
Gonçalves

**CAXIAS DO SUL
2018**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	273
2 TEMA	299
3 JUSTIFICATIVA.....	300
4 QUESTÃO NORTEADORA	305
5 HIPÓTESES.....	306
6 OBJETIVOS.....	307
7 METODOLOGIA	309
8 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	312
9 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS.....	314
10 CRONOGRAMA	315
REFERÊNCIAS.....	316

1 INTRODUÇÃO

Nas diversas tradições, ao longo da história, a voz e seu intérprete desempenharam várias funções e receberam vários nomes. Os autores do livro *Cena, Corpo e Dramaturgia: entre tradição e contemporaneidade* Antonia Pereira, Marta Isaacsson e Walter Lima Torres (2012) se apropriam das percepções da pesquisadora inglesa Rosalind Thomas e do filósofo clássico Jaa Torrano, sobre o aedo (cantor, poeta) na Grécia Antiga (1.100 a.C até 146 a.C), como um possível início da comunicação com o sentido de “contar histórias”.

Antes da constituição da polis (modelo de cidade-estado) e da adoção do alfabeto, para as comunidades agrícolas e pastoris da Grécia arcaica (800 a.C até 500 a.C), o poeta representava o máximo poder de tecnologia de comunicação. Através do canto e da poesia, ele era simultaneamente o preservador da memória e o performático, o sábio e o filósofo. Para este grupo social, toda a visão de mundo e consciência de sua própria história era conservada e transmitida pelo canto do poeta.

É através da audição deste canto que o homem comum podia romper os restritos limites de suas possibilidades físicas de movimento e visão, transcender suas fronteiras geográficas e temporais, que de outro modo permaneceriam infranqueáveis, e entrar em contato e contemplar figuras, fatos e mundos que pelo poder do canto se tornam audíveis, visíveis e presentes (TORRANO apud STEIN in PEREIRA; ISAACSSON; TORRES, 2012, p. 223-224).

Para Pereira, Isaacsson e Torres (2012, p. 221-222, grifos dos autores), de simples fonte de informação até formador da memória de um povo e principal fonte de desfrute de obras artísticas da sociedade em que vive, o poeta-intérprete, no exercício de sua *performance*, constituiu figura central na vida cotidiana e formação espiritual de grupos sociais que “(...) deveram (e no presente ainda devem) sua coesão social aos conteúdos e formas veiculados por essa linguagem falada ou cantada que existem na presença vocal de um intérprete.” Nesse caso, a *performance* é “o ato pelo qual um discurso poético é comunicado por meio da voz e, portanto, percebido pelo ouvido” (ZUMTHOR apud STEIN in PEREIRA; ISAACSSON; TORRES, 2012, p. 224).

Ainda para os autores, a relação entre voz, corpo e expressividade vai além de relacioná-los, é preciso “compreender que existe um paralelo na dinâmica de funcionamento de ambos que nos permite ampliar o olhar na maneira de abordá-los” (Ibidem), porque a voz é relação com os espaços e não apenas ação. Pode-se pensar, a partir disso, que a oralidade exerce grande capacidade de interação com a sociedade, sendo um importante elemento transmissor de informações.

Para Florence Aubenas e Miguel Benasayag (2003), autores do livro *A fabricação da informação: os jornalistas e a ideologia da comunicação*, o relato era o que importava, ao que se pensava; todo o resto só vinha ao seu serviço. Para Felipe Pena, (2006, p. 26) “(...) os relatos orais são a primeira grande mídia da humanidade”, e para José Arbex Jr. (2001, p. 85), é “(...) a linguagem que condiciona o homem, sua forma de agir e de se relacionar com o mundo e com os outros homens”.

Segundo Luis Otávio Burnier (2009) a ação vocal não está exatamente nas palavras, mas sim no texto da voz. Ele diz ainda que os dadaístas¹²⁴ souberam distinguir essa diferença em seus poemas fonéticos. “Além de o *que* dizer, eles exploravam o *como* dizer, criando uma poesia em que o texto desse como era mais relevante do que o das próprias palavras” (BURNIER, 2009, p. 56, grifos do autor). Pode-se entender que a forma como as coisas são ditas é tão impactante quanto o próprio conteúdo que está sendo explorado pela fala.

Pallottini (2005) diz que o texto, ou a informação, é tanto aquilo que se diz quanto o que não se diz, mas que aparece sob outro formato, podendo ser um gesto, expressão ou entonação. Talvez, na profissão de repórter de televisão, essa seja uma consideração importante, uma vez que o telespectador está atento também à forma como recebe as informações e não apenas ao seu conteúdo.

Para Felipe Pena (2005, p. 11-15), “a origem do jornalismo está no medo que temos de nossa própria ignorância”. O autor aproveita as palavras de Bill Kovach e Tom Rosenstiel, autores do livro *Os elementos do jornalismo*, para dizer que “os relatos orais podem ser considerados uma espécie de pré-jornalismo. Para eles, quanto mais democrática uma sociedade, maior é a tendência para dispor de mais notícias e informações”.

¹²⁴ Dadaísmo (1916 a 1922) foi um movimento artístico denominado "Dadá", lançado por Marcel Duchamp, que pregava o absurdo e defendia a desordem das formas de arte institucionalizadas. Seu objetivo era deixar claro ao público que todos os valores estabelecidos, morais e estéticos, haviam perdido o seu significado em decorrência da Primeira Guerra Mundial (SILVA, 2005, p. 56-57).

Segundo Juarez Bahia ([19--]), a informação é a principal finalidade do jornalismo, e este, é um dos instrumentos básicos da comunicação coletiva. “Jornalismo quer dizer a transmissão de informações, fatos, ou notícias, com exatidão, clareza e rapidez, conjugando atualidade, pensamento e ação. É o meio pelo qual as notícias e comentários chegam ao público” (BAHIA, [19--] p. 37).

Conforme Araújo (2017), o jornalismo teve origem nas cartas escritas à mão na Roma Antiga, durante o Império Romano (27 a.C.), que eram um meio de revelar a verdade, onde "os acontecimentos importantes eram publicados em Álbum, uma tábua branca que ficava pendurada o ano todo no muro da residência do grande pontífice" (ARAÚJO, 2017, p. 22). Para o autor, os jornais periódicos surgiram inspirados e impulsionados pelas cartas, pois a necessidade de obter novas informações foi tão acelerada quanto os avanços industriais ocorridos a partir do século XVIII.

Pena (2006) diz que, para muitos pesquisadores, o jornalismo começou ainda na Pré-história com a primeira comunicação humana e, para outros, o começo foi entre os séculos XVIII e XIX, quando a universalidade de assuntos, a periodicidade, a atualidade e a publicidade, já faziam parte dos jornais. Para ele, a natureza do jornalismo está no medo do desconhecido, que faz o homem buscar a segurança no conhecimento.

Essa segurança que o conhecimento traz pode ser comparada ao poder que, para Chauí in Novaes (1988), a sociedade atribuiu ao olhar. A autora exemplifica essa afirmação com situações cotidianas em que esse poder é atribuído, afirmado ou reforçado, como por exemplo, quando uma criança, aprendiz da brincadeira do “esconde-esconde”, fecha os olhos pensando que está invisível, já que também não está vendo. Ou então quando aceitam-se opiniões, defendendo que cada um tem direito ao seu “ponto de vista”; ou quando afirma-se que algo é verdadeiro, dizendo que é “evidente”, é “sem sombra de dúvida” ou é “claro”; relacionam-se coisas e fatos dizendo que eles “têm a ver”; faz-se relação entre ver e falar ao dizer “veja o que diz” ou “olhe aqui”; aconselha-se alguém a “não olhar para trás” ou tomar cuidado com o “mau olhado”; fala-se em “visões de mundo”, referindo-se a culturas e ideologias diferentes; fecham-se os olhos para não ver algo horrendo, tentando torná-lo inexistente e atribui-se esse poder ao dizer que “o que os olhos não vêem o coração não sente”.

Para a autora, a sociedade crê nas palavras porque crê nos olhos e crê que as coisas existem porque as vê, e as vê porque existem. Esse pensamento pode ser comparado a um texto sagrado do hinduísmo que a pesquisadora lembra de ter ouvido ainda quando era criança: “o olho é a verdade. Se dois homens disputam entre si, devemos dar razão àquele que diz eu vi e não àquele que diz contaram-me”.

Segundo Japiassu (2001, p. 125-126), a questão da verdade se opõe ao ceticismo, “doutrina segundo a qual o espírito não tem condições de atingir a verdade”. Para o autor, cético é o indivíduo que reflete, duvida, questiona permanentemente, por entender que “nada pode ser conhecido com certeza”, seguindo o pensamento de Pirro (filósofo grego do século IV a.C.). Porém, o autor questiona essa teoria a partir do fato de que se a menor de nossas ações exige a confiança em nossas percepções e em nossos raciocínios, logo, é necessário que se acredite em alguma verdade.

Para Japiassu (2001) as posições filosóficas do realismo e do anti-realismo dispõem de quatro posições em relação à verdade: no realismo, a verdade é única e universal, existindo independentemente do pensamento dos seres humanos; no anti-realismo a verdade é universal e depende dos seres humanos e dos meios racionais de conhecimento deles (razão e experiência); no relativismo, não há verdade universal, ela é relativa a cada um, ou ao grupo social que pertence, pois é modelada pela cultura e pela sociedade; no ceticismo, não se sabe se a verdade universal existe ou não (não se nega e nem se afirma), acreditando que a razão humana é impotente para conhecer a verdade. Para Duarte Júnior (2004), a questão da verdade e da realidade passa pela compreensão das diferentes maneiras de o homem se relacionar com o mundo.

Japiassu (2001, p. 134) acredita que “não conhecemos as coisas como são” e que a questão da verdade está envolvida em distinguir as coisas tais como nos aparecem e as coisas tais como são - ou seriam - independentemente de nós. Para ele, a verdade é a conformidade à realidade (as coisas como nos aparecem) e às leis do pensamento (princípios universais admitidos pela razão). O autor diz que para o filósofo Kant (1724 - 1804), a verdade/verdadeiro é o processo da verificação (que submete as coisas à legislação) e que só é válida quando se verifica. Bistane e Bacellar (2008, p. 41) afirmam que, para os budistas “(...) nem tudo é o que parece ser. A mente distorce, manipula, e a interpretação da realidade é mera ilusão. Para

os filósofos, um fato não tem valor intrínseco, e sim aquele atribuído por quem o observa”. Todos esses posicionamentos reforçam, novamente, a capacidade atribuída ao olhar.

O homem trabalha com imagens desde a Pré-História. “Há mais de 40 mil anos foram representados, na gruta de Pech-Merle (França), mãos, cavalos, bisões e animais em movimento” (MARCONDES FILHO, 1988, p. 11). Para Laplantine e Trindade (2003) as sociedades ocidentais privilegiam as imagens como forma de conhecimento e comunicação social. Para os autores, as imagens são construções baseadas em informações obtidas pelas experiências visuais anteriores. “Nós produzimos imagens porque as informações envolvidas em nosso pensamento são sempre de natureza perceptiva” (LAPLANTINE; TRINDADE, 2003, p. 10).

Desse modo, as imagens não seriam coisas concretas, mas criadas como parte do ato de pensar, portanto, a imagem de um objeto não é o próprio objeto, mas uma faceta do que se sabe sobre esse objeto. Laplantine e Trindade (2003) defendem que as imagens não são formadas de modo imutável, pois são sempre marcadas pelos sentimentos e experiências que as provocam, e que, depois, elas provocam nos outros ao serem evocadas; podendo transformar-se conforme o sujeito interage com elas e percebe a vida social. Assim, a imagem constitui representações, a realidade é algo percebido e interpretado.

(...) a realidade, como ambiente social e natural que se faz presente em sua concretude independentemente da nossa percepção, difere do real. O real é a interpretação que os homens atribuem à realidade. O real existe a partir das idéias, dos signos e dos símbolos que são atribuídos à realidade percebida. As idéias são representações mentais de coisas concretas ou abstratas (LAPLANTINE; TRINDADE, 2003, p. 11-12).

Segundo Duarte Júnior (2004), o mundo é o que pode ser dito, portanto, é ordenado e significado através da linguagem; conseqüentemente, a realidade também é estabelecida por ela.

A partir da linguagem que um povo emprega (e também a partir de suas condições materiais, é claro), ele constrói a sua realidade. A construção da realidade passa pelo sistema lingüístico empregado pela comunidade. A linguagem de um povo é o sistema que lhe permite organizar e interpretar a realidade, bem como coordenar as suas ações de modo coerente e integrado. (...) Nossa percepção de mundo é, fundamentalmente, derivada da linguagem que empregamos (DUARTE JÚNIOR, 2004, p. 24).

O autor diz ainda que a construção da realidade é um processo fundamentalmente social, pois são comunidades humanas que produzem o conhecimento de que necessitam, distribuem-no entre os seus membros e, assim, edificam a sua realidade.

Araújo (2017) complementa, mostrando que até a invenção da fotografia, no século XIX, a pintura era a maneira mais avançada de retratar imagens de pessoas, lugares e objetos. Em 1895, os irmãos franceses Louis e Auguste Lumière, exibiram filmes utilizando o cinematógrafo, um equipamento inventado por eles que era capaz de projetar sequências de fotografias numa velocidade rápida, produzindo a ilusão de movimento. Foi assim que as imagens estáticas da fotografia começaram a ganhar movimentos, dando origem ao cinema e a uma nova linguagem.

Segundo Marcondes Filho (1988) o cinema falado surgiu em 1927 como uma nova revolução e em 1935, a cor passou a ocupar as telas cinematográficas. A imagem testemunha a mentalidade da época, do lugar e de seus valores. Para Marcondes Filho (1988, p. 12), “ela nos transporta a um mundo antigo, do qual estamos enormemente distanciados no tempo, e atira nosso imaginário na reflexão de como deve ter sido a vida daquela gente.”

À luz da tradição cultural que identifica “ver” com “saber”, é coerente, e até esperado, que o desenvolvimento tecnológico dos meios de registro e comunicação, em particular a partir do final do século XIX (fotografia, cinema, televisão, Internet), tenha reforçado a importância da percepção visual (ARBEX JÚNIOR, 2001, p. 35).

Para Llosa (2013), depois dos duros anos de privações da Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945) e da escassez dos primeiros anos pós-guerra, seguiu-se um período de desenvolvimento econômico no Ocidente. As classes médias das sociedades democráticas e liberais cresceram; a mobilidade social se intensificou e houve uma notável abertura dos parâmetros morais, como a liberdade sexual, por exemplo, tradicionalmente refreada pelas igrejas.

A liberdade de costumes e o bem-estar que surgiram a partir dessa fase fizeram crescer também a indústria da diversão. Passou-se a evitar o perturbador, angustiante ou entediante, e surgiu o que o autor chama de “civilização do espetáculo”. Ele a descreve como “(...) a civilização de um mundo onde o primeiro lugar na tabela de valores vigente é ocupado pelo entretenimento, onde divertir-se, escapar do tédio, é a paixão universal” (LLOSA, 2013, p. 29).

Guy Debord, em seu livro *A Sociedade do Espetáculo*, diz que a vida nas sociedades é uma imensa acumulação de espetáculos. O autor apresenta o espetáculo como uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens. “(...) é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência” (DEBORD, 2003, p. 16). Concluindo, a Sociedade do Espetáculo de Debord (2003) é a inversão concreta da vida, uma visão do mundo onde a representação substitui o que já foi vivido, tornando a vida e a realidade um objeto de contemplação. Prefere-se a representação à realidade, a imagem à coisa, a aparência ao ser.

A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. A exterioridade do espetáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhes apresenta. Eis porque o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda a parte (DEBORD, 2003, p. 26).

O autor afirma também que o espetáculo é a principal produção da sociedade atual, submetendo para si os homens, que já estão totalmente submetidos à economia. É como a economia desenvolvendo-se para si própria. Segundo o pensamento de Debord (2003), a dominação da economia sobre a vida humana levou à degradação do “ser” em “ter” ou “parecer”. O espetáculo é o capital acumulado que se torna imagem; não é um complemento ao mundo real, mas o centro da irrealidade da sociedade real; ele encontra na visão um sentido privilegiado, que em outras épocas foi o tato.

Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o *modelo* presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha *já feita* na produção, e no seu corolário - o consumo. A forma e o conteúdo do espetáculo são a justificação total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo é também a *presença permanente* dessa justificação, enquanto ocupação principal do tempo vivido fora da produção moderna (DEBORD, 2003, p. 15-19, grifos do autor).

Para Llosa (2013), outra característica da sociedade do espetáculo é a superioridade das imagens sobre as ideias, que fez com que os livros perdessem

espaço para os meios audiovisuais como a televisão, o cinema e a internet. Segundo o autor, outro fator que contribuiu para essa realidade, de exaltar o entretenimento e desviar as preocupações da realidade, foi o fenômeno da democratização da cultura, que por meio da educação e da promoção das artes e manifestações culturais, a colocou ao alcance, não apenas da elite, mas de todos. Em razão desse propósito, de fazer a cultura chegar à maioria e ser compreendida por ela, houve um efeito de facilitação e superficialidade dos conteúdos culturais.

Por tudo isso, os produtos culturais como a literatura contemporânea, por exemplo, são leves, fáceis e ligeiros, não exigindo esforços intelectuais dos leitores, que buscam entretenimento, distração. Do mesmo modo funciona a televisão, em especial a TV aberta, com uma linguagem coloquial, que pode ser compreendida facilmente por todas as classes sociais e pessoas com diferentes níveis de instrução.

A supervalorização da descontração, do humor e da diversão acabou ocasionando a banalização da cultura, atendendo a definição adotada no discurso antropológico de que “(...) cultura são todas as manifestações da vida de uma comunidade: língua, crenças, usos e costumes, indumentária, técnicas e, em suma, tudo que nela se pratica, evita, respeita e abomina” (LLOSA, 2013, p. 31). Resumindo, nossa cultura passa, basicamente, pela relação com a tecnologia da comunicação, seus veículos e seus produtos, em especial, com os que trabalham com a imagem. Lembrando Debord (2003), a cultura seria pura representação, e não vida.

Ainda, para Llosa (2013, p. 48), uma das consequências de transformar o entretenimento e a diversão em valor supremo de uma época, é que, no campo da informação também se produz uma alteração de prioridades. As notícias passam a ser importantes ou secundárias de acordo com seu caráter novidadeiro ou escandaloso e não tanto por sua significação econômica, política ou social. “Sem que isso tenha sido proposto, o jornalismo de nossos dias, acompanhando o preceito cultural imperante, procura entreter e divertir informando”.

Como mencionado anteriormente, Laplantine e Trindade (2003) afirmam que a sociedade privilegia a imagem como forma de comunicação. Peixoto in Novaes (1988) leva a questão da imagem mais ao passado ainda, quando faz uma referência à Diderot, no século XVIII, como o formulador de uma teoria renovadora do teatro, que valorizou o aspecto visual da encenação (imagem) e não apenas a

recitação do texto por atores quase imóveis, como acontecia no século XVII. Diderot propôs um teatro que explorasse a expressividade do gesto, privilegiasse a ação e a composição visual da cena, reproduzindo aparências do mundo através das situações, gestos e emoções.

Por isso, o autor afirma que, através do teatro (século XIX), do cinema (século XX) e da TV no Brasil (desde 1950), o gênero que conquistou a preferência do grande público foi o melodrama, com encenações que tinham a finalidade de apresentar grandes revelações. A verdade era desvendada após mistérios, pistas falsas, detalhes enganadores e reveladores. Era a manifestação de uma busca pela expressividade onde “tudo se quer ver estampado na superfície do mundo, na ênfase do gesto, no trejeito do rosto, na eloquência da voz” (PEIXOTO in NOVAES, 1988, p. 361). O melodrama do teatro se assemelha ao entretenimento da TV nesses aspectos de envolvimento que provocam a preferência de um público que busca emoções e “fuga” do cotidiano.

Stanislavski (2007) diz que todo ser humano vive de fatos cotidianos, mas pode, também, viver a vida de sua imaginação que, por vezes, é mais agradável e interessante que a real. Assim também acontece com o alcance da TV.

Assistir à televisão é um hábito ligado a fatos muito antigos na história das sociedades humanas. Tem a ver com a experiência do homem de olhar objetos, cenas, a natureza e buscar por meio disso algum tipo de resposta, satisfação, distração, conhecimento (MARCONDES FILHO, 1994, p.8).

Para Marcondes Filho (1988), na televisão, tudo é espetáculo e a fascinação acontece pela eficácia visual, e não apenas pelo conteúdo oral. Ao identificar os desejos dos telespectadores, a TV capta aquilo que falta às pessoas e pensa em conteúdos que atendam essas necessidades, produzindo uma experiência indireta para o telespectador (porque é assistida e não vivida), mas que proporciona uma satisfação paliativa, superficial, aparente. O autor entende que as novelas possuem a preferência popular, o jornalismo vem logo em seguida e aparenta ter boa proximidade com as preferidas do público. Talvez, por isso, os noticiários sejam produzidos também a partir da linguagem do entretenimento e do espetáculo.

Llosa (2013) complementa, ressaltando que os casos mais notáveis, na atualidade, de conquista de grande público por órgãos da imprensa não são alcançados por publicações sérias, que tentam ser responsáveis, buscando verdade

e objetividade e informando em vez de divertir, mas sim por aqueles que alimentam as paixões e diversões da sociedade. Ainda conforme o autor, não está em poder do jornalismo, sozinho, mudar a civilização do espetáculo, pois essa realidade está enraizada no tempo contemporâneo de uma sociedade que privilegiou o entretenimento e adquiriu o costume de rejeitar tudo o que aborreça ou lembre que a vida não é só diversão (como o jornalismo, por exemplo). No passado, a cultura foi uma espécie de consciência que não permitia que a sociedade esquecesse ou ignorasse a realidade, mas agora, atua como mecanismo de distração e entretenimento, deixando essa função ao jornalismo. Para Duarte Júnior (2004), a vida cotidiana à qual a sociedade retorna, depois da diversão, é considerada a realidade predominante, e o óbvio é o mais difícil de ser visto.

Ao mencionar, anteriormente, a TV, não se pode ignorar a sua história, que teve início em 1931, quando os Estados Unidos e a Inglaterra iniciaram a colocação de antenas de transmissão, tornando a televisão uma realidade.

As primeiras transmissões de imagens coloridas ocorreram nos Estados Unidos em 1950 e tornaram-se regulares, inclusive com a fabricação de receptores a cores, a partir de 1954. As transmissões via satélite tiveram início em caráter experimental, entre os Estados Unidos e a Europa, em 1962 (...) Somente em 1965 ocorreu o lançamento do (...) satélite criado com fomentos de um consórcio de mais de cem países (entre eles o Brasil), para regulamentar e controlar o sistema comercial de satélites e telecomunicações (DE ARAÚJO, 2017, p. 26).

Conforme Araújo (2017), No Brasil, a televisão foi recebida durante a onda de crescimento industrial, que se iniciou nos governos Dutra e Getúlio Vargas, e viveu seu ápice na gestão de Juscelino Kubitschek. Sua inauguração aconteceu com a TV Tupi, em 18 de setembro de 1950, em São Paulo. Ela foi a primeira emissora de televisão da América do Sul e a quarta do mundo, pois já havia emissoras nos Estados Unidos, Inglaterra e França. O primeiro programa transmitido regularmente pela TV Tupi foi *TV na Taba*, uma espécie de revista de variedades, apresentado por Homero Silva e dirigido por Cassiano Gabus Mendes. Contava com nomes como Lima Duarte, Mazzaropi, Hebe Camargo e Ivon Curi. O teleteatro surgiu em novembro de 1950 com *A vida por um fio*, uma adaptação (exibida pela TV Tupi) do filme norte-americano *Sorry, Wrong Number*.

Segundo Marcondes Filho (1988), a televisão começou a se expandir rapidamente a partir dos anos 1950, conquistando o público e ocupando um lugar

importante no lazer das pessoas. Cada país desenvolveu uma linguagem própria de televisão, dependendo da sua cultura e do desenvolvimento das outras formas de comunicação social. No Brasil, essa linguagem foi extraída das formas de comunicação populares: o circo e o rádio. Nos anos 1950, quando a televisão brasileira surgiu, ela ainda não havia conquistado a sua linguagem, então o que se fazia era um rádio televisionado.

Araújo (2017) conta que a primeira telenovela brasileira foi *Sua Vida me Pertence*, que foi ao ar na TV Tupi em dezembro de 1951. O primeiro telejornal exibido no Brasil foi *Imagens do Dia*, escrito por Rui Resende. Estreou em setembro de 1950, um dia após a inauguração da TV Tupi. Inicialmente as notícias eram retiradas de jornais impressos; mais tarde, começaram a surgir as equipes de reportagem televisiva. As câmeras de TV eram muito pesadas e grandes para sair do estúdio, então as reportagens eram filmadas com câmeras de cinema. O jornal de maior destaque da TV Tupi surgiu em abril de 1952 e permaneceu no ar até 1970. Ele se chamava *Repórter Esso*, inspirado no radiojornal de mesmo nome. Outros importantes telejornais nasceram na sequência, como o *Jornal de Vanguarda* e o *Show de Notícias*, da TV Excelsior, e o *Jornal Nacional*, da TV Globo.

Para uma melhor visualização dos períodos da televisão brasileira, Araújo (2017) faz referência a Mattos (2008), que dividiu essa trajetória em seis fases:

- **Fase 1.** Elitista (1950 a 1964): marcada pelos grandes teleteatros da época, como Grande Teatro Tupi, TV de Vanguarda, TV de Comédia e Câmara Um, que, com produções evidenciadas pelo romantismo melodramático, levavam para a televisão um referencial da “alta” cultura. Em 1960, chegaram ao Brasil os primeiros aparelhos de videoteipe, inaugurados pela TV Tupi.
- **Fase 2.** Populista (1964 a 1975): os programas de auditório ocupavam a maior parte da programação das emissoras. Percebeu-se que o público da televisão era diferente daquele do rádio, teatro ou cinema e profissionais começaram a se especializar em televisão.
- **Fase 3.** Desenvolvimento tecnológico (1975 a 1985): predominância do estilo modernista, estabilização da TV Globo e diversidade dramática foram as principais marcas.
- **Fase 4.** Transição e expansão internacional (1985 a 1990): novos formatos de teledramaturgia foram criados (séries e minisséries),

aumentando a qualidade e a audiência. Telenovelas passaram a ser exportadas, levando o Brasil a um patamar mais alto no mercado mundial da ficção.

- **Fase 5.** Globalização e TV paga (1990 a 2000): novas tecnologias, adaptação da televisão aos novos rumos da redemocratização da política brasileira.
- **Fase 6.** Convergência e qualidade digital (a partir de 2000): marcada pela convergência dos veículos de comunicação e qualidade da tecnologia digital.

Segundo Araújo (2017), o enfraquecimento do teleteatro aconteceu na segunda metade da década de 1960, quando a telenovela diária se consolidou como gênero de maior popularidade e de baixo custo para as emissoras de TV. A TV Globo estreou em 1965 e, já no primeiro ano de existência, lançou o *Show da Noite*, um programa de variedades com brincadeiras, música, dança e entrevistas, apresentado por Gláucio Gil, atendendo justamente a demanda pelo entretenimento. Novelas e programas de auditório eram muito mais assistidos na TV brasileira do que os telejornais.

Ainda conforme o autor, a crítica ao baixo nível da programação da televisão brasileira fez com que Roberto Marinho, presidente da TV Globo, criasse departamentos de pesquisa e contratasse profissionais para cuidar das áreas de administração, produção e programação já em 1966. Em 1967, o comando financeiro de Walter Clark contratou José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, para dirigir a programação e a produção. Naquela época, a grade de programação foi montada de acordo com os princípios de horizontalidade (reserva de horários para determinados programas durante a semana) e verticalidade (organização dos programas em diferentes horários diários).

O autor também diz que o *Jornal Nacional*, da já então Rede Globo, teve sua estreia em 1º de setembro de 1969, com a apresentação de Hilton Gomes e Cid Moreira. Foi o primeiro telejornal a ser transmitido em rede, o primeiro jornal no Brasil a transmitir uma guerra ao vivo (Guerra do Golfo - 1991) e também o primeiro a utilizar, em 1977, equipamentos portáteis para a geração de imagens ao vivo.

Para Loeblein (2017), a grande revolução na TV aconteceu em 1960, com o surgimento do videotape (ou videoteipe), uma fita com cobertura magnética usada

para registrar as imagens; ela permite armazenar sons e imagens. Antes disso, as transmissões só eram possíveis ao vivo. Hoje, a nomenclatura é popularmente conhecida como VT, e se refere à reportagem, ou ao vídeo em si, pois com a evolução tecnológica, a fita não é mais utilizada.

Conforme Araújo (2017), a década de 1960 foi de grande expansão da televisão no Brasil, e a década de 1970 foi o período de maiores transformações. Segundo Loeblein (2017), a primeira transmissão oficial em cores aconteceu na Festa da Uva, na cidade de Caxias do Sul (RS), em 1972. O evento foi transmitido para todo o país pela TV Difusora (Bandeirantes, hoje TV Band) e, por intermédio da Embratel, foi exibido por outras emissoras.

Ao longo dessa década, ainda conforme Loeblein (2017), a Rede Globo foi a emissora que mais se empenhou na renovação de sua programação. Sua proposta era investir numa programação direcionada à audiência popular (padrão classe média) que, naquele momento da década de 1970, já tivesse condições de comprar aparelhos de televisão. "O número de aparelhos de TV existentes no Brasil em 1975, de acordo com a revista Mercado Global de dezembro daquele ano, era de 10,5 milhões, e 97% deles já faziam parte da área de cobertura da Rede Globo" (ARAÚJO, 2017, p. 43).

O autor informa também que a consolidação de um padrão de qualidade, que melhor se apropriava às exigências do Estado, foi mais perceptível na Rede Globo, o que a ajudou a se fixar como líder de audiência. Na época (1964 - 1985), o Brasil vivia o regime autoritário da ditadura militar. Uma das principais características desse período foi a censura. O governo procurava controlar as atividades dos meios de comunicação, coibindo aquilo que pudesse desestabilizar o seu poder¹²⁵.

Araújo (2017) afirma que, com o fim da ditadura militar no Brasil, houve uma consolidação da cultura televisiva e foram criados novos formatos de teledramaturgia, como séries e minisséries, especialmente endereçadas ao público

¹²⁵ Em 1962, a TV Globo fez uma parceria com o grupo de mídia americano Time-Life e passou a ser subvencionada por milhões de dólares. Dois contratos foram assinados. Neles, a TV Globo comprometia-se a adquirir e instalar todo o equipamento de transmissão e completar a construção do prédio até 1963. A Time-life tinha direito a participação nos lucros e comprometia-se a oferecer assistência técnica, treinamento especializado na área de televisão, troca de informações sobre direção administrativa e comercial, assessoramento de engenharia e orientação para a aquisição de filmes e programas produzidos no estrangeiro. Os contratos afirmavam que não contrariavam a disposição da lei e que a contribuição financeira de Time a sociedade em conta de participação não lhe daria o direito de possuir ações do capital da TV Globo, nem de ter qualquer interferência direta ou indireta na administração da TV Globo. Em 1966 a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) investigou as ligações entre Globo e Time-Life e em 1971 o acordo foi encerrado (HERZ, 1987).

juvenil. As redes de TV aberta, a partir de meados da década de 1990, passaram a popularizar a programação, buscando atrair um público com menos condições econômicas de consumir outros meios, como a TV segmentada ou paga, que surgiu na fase 5, conforme Mattos (2008).

Ainda segundo Araújo (2017), os anos 2000 foram marcados pela digitalização e pela convergência e a televisão brasileira passou a lançar portais na internet, onde deposita parte de seu conteúdo, para ampliar o alcance do público e atender ao desenvolvimento tecnológico. Em 2007 aconteceu a primeira transmissão de TV digital no Brasil. Em 2010, a interatividade foi garantida por meio da internet e em 2015 teve início o processo de desligamento gradativo do sinal analógico no Brasil.

Para Araújo (2017), o surgimento da televisão no País possibilitou novas formas de transmitir informações, através das reportagens telejornalísticas. Uma de suas características é a objetividade, que organiza a distribuição das informações de forma mais direta. Isso ocorre porque a TV opera com velocidade e, dessa forma, as informações precisam ser claras e precisas. Pena (2006) diz que em 1960, nos Estados Unidos, os profissionais da imprensa se mostraram insatisfeitos justamente com as normas de objetividade dos textos jornalísticos, como por exemplo, o “lead”, que tornou-se uma espécie de prisão narrativa.

Segundo Lage (2006, p. 30), o “lead” (ou lide) é o primeiro parágrafo da notícia em jornalismo impresso, primeira proposição de uma notícia radiofônica ou a cabeça (texto que introduz uma reportagem) em televisão. Seu conteúdo é o relato mais importante do fato, informa quem fez o que, a quem, quando, onde, como, por que e para quê. Essa insatisfação com a falta de autonomia para escrever foi o que motivou e proporcionou o advento do Jornalismo Literário.

O Jornalismo Literário é uma vertente da prática jornalística que se divide na direção do jornalismo de literatura e do cuidado com a apuração da linguagem, incorporando ao conteúdo das matérias valores literários sem comprometer os ideais jornalísticos de objetividade e da busca pela verdade. Exige observação minuciosa do repórter, mais do que anotações. Suas características são a descrição detalhada e a valorização da linguagem e da estética com a prática da observação mais humana e sensível dos fatos (PENA, 2005).

Silva (2017) diz que o Jornalismo Literário era chamado anteriormente de reportagem especial e que combina forma literária com conteúdo jornalístico, uma

vez que há vários elementos da literatura que os jornalistas aspiram ver em suas reportagens, como a criatividade, o texto impecável e a capacidade de sobreviver ao tempo. Para a autora, o jornalismo literário se renovou nos Estados Unidos, nas décadas de 1960 e 1970, no estilo que seria chamado de Novo Jornalismo.

Nessa época, Tom Wolfe (1975) publicou um livro intitulado *The New Journalism* em que falava do que entendia ser um movimento na imprensa americana. (...) identificava nas reportagens do novo jornalismo quatro características: descrição detalhada de cada cena; muitos diálogos; um ponto de vista evidenciado na narrativa, que pode ser o de um personagem, reconstruído em entrevistas, cartas ou diários; detalhes que expressam o que seria o conjunto de comportamentos e de bens por meio do qual os personagens expressam sua posição no mundo (a real ou a que eles supunham ocupar) (SILVA, 2017, p. 163-164, grifos do autor).

Tom Wolfe morreu em maio de 2018, justamente no período de elaboração deste projeto de Monografia¹²⁶. Para Pena (2006), no século XX, antes do manifesto de Wolfe, outros escritores anteciparam o gênero.

O mais significativo deles talvez seja John Hersey, autor do célebre *Hiroshima* (1946), que utilizou uma narrativa romanceada para escrever um livro jornalístico, cujo objetivo era descrever a tragédia atômica por intermédio dos pontos de vista de seis personagens reais, sobreviventes da bomba (PENA, 2006, p. 53).

No livro *1000 perguntas*, de Felipe Pena (2005), o autor diz que reportagens longas, escritas com rigor profissional e estilo podem até se tornar clássicos da literatura, como por exemplo, o livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha, que inicialmente seria um relato jornalístico sobre a Guerra de Canudos e acabou se transformando em uma referência da literatura brasileira. O autor cita também os livros *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos e *A noite das grandes fogueiras*, de Domingos Meirelles.

Pena (2006, p. 54) defende que os repórteres não precisam e nem devem assumir a postura de um “chato”, com pensamento banal, personalidade apagada e escravos do manual de redação. Defende também que “o texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas literárias”. Ao encontro desse pensamento, de mais liberdade criativa, mais autonomia para narrar os fatos jornalísticos e menos

¹²⁶ GAUCHAZH “**Morre Tom Wolfe, ícone do jornalismo literário, aos 87 anos**”. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2018/05/morre-tom-wolfe-icone-do-jornalismo-literario-aos-87-anos-cjh7tzmqw08dg01qoaf8mte0.html>>. Acesso em: 18 de maio de 2018.

objetividade, no livro *A prática da reportagem*, de Ricardo Kotscho (2001), o autor diz que uma reportagem pode ser produzida de mil maneiras diferentes, dependendo da cabeça e do coração de quem escreve, além de que, no jornalismo, especialmente na reportagem, não existem fórmulas, pois cada história é uma história e merece um tratamento exclusivo. “Enquanto houver repórteres dispostos a levar seu ofício até as últimas conseqüências, a reportagem sobreviverá - grande ou pequena, não importa. O importante é continuar contando o que acontece por aí” (KOTSCHO, 2001, p. 80).

Segundo Stanislavski (2007), é o sentimento quem cria, e não o cérebro, por isso na arte, a iniciativa pertence ao sentimento. A partir dessa perspectiva, pode-se dizer que o mesmo ocorre com o repórter ao exercer seu trabalho.

(...) o ator pode submeter-se aos desejos e às indicações de um escritor ou de um diretor, e executá-los mecanicamente, mas para sentir seu papel é preciso que use seus próprios desejos, engendrados e elaborados por ele mesmo, e que exerça sua própria vontade, não a de outros (STANISLAVSKI, 2007, p. 71).

Os fatos e circunstâncias teatrais precisam ser transformados pelo ator, ganhar vivacidade, passar de teatral para humano, e essa transformação é efetuada com o auxílio da imaginação artística. Num contexto de Jornalismo Literário, a imaginação artística pode ser comparada à criatividade e à autonomia, reforçando a “fuga” das regras de objetividade para buscar sempre novas perspectivas e novos olhares sobre os acontecimentos do cotidiano. “A liberdade é tão necessária para o jornalismo como para o homem” (BAHIA, [19--] p.40).

Apesar de defender mais a autonomia literária no jornalismo do que a objetividade, Pena (2005) lembra que é preciso ter cautela e equilíbrio em relação à projeção excessiva da profissão.

Quando pensamos em grandes jornalistas, logo nos remetemos àqueles responsáveis por grandes e famosas reportagens. Bob Wodoord e Carl Bernstein no escândalo *Watergate*, em Washington. Skeets Miller na tragédia da gruta *Sand cave*, no Kentucky. Peter Arnett na Guerra do Golfo. E Tim Lopes no mercado do tráfico da Favela da Grota, no Rio de Janeiro¹²⁷. O último exemplo é proposital. Um alerta para a excessiva

¹²⁷ ESTADAO “Repórter foi capturado, torturado e morto por traficantes”. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,reporter-foi-capturado-torturado-e-morto-por-trafficantes,20020609p17850>>. Acesso em 18 de maio de 2018.

romantização do trabalho de repórter. (...) O *glamour* não é regra na profissão (PENA, 2005, p.32, grifos do autor).

O que diferencia um repórter do outro é a sua capacidade de transformar os fatos que compõem a rotina de um determinado local em conteúdo agradável. Esse é o pensamento de Kotscho (2001). Ele também diz que o lugar do repórter é na rua, mesmo se estiver sem credencial para um determinado evento, ou sem pauta, pois é ali que as coisas acontecem e a vida se transforma em notícia.

Segundo o autor, a essência do trabalho do repórter é a mesma para cobrir uma grande tragédia ou um pequeno acidente, mas isso vai sendo descoberto com o exercício e com o tempo. O repórter não deve parar de garimpar informações enquanto ele próprio não tiver absoluta segurança sobre todos os fatos que irá transmitir. Também não deve ficar insensível aos trabalhos de cobertura, uma vez que tristeza e alegria são inevitáveis, pois o repórter é um ser humano igual aos seus leitores, e as emoções precisam ser transmitidas tanto quanto as informações.

“Informação e emoção são as duas ferramentas básicas do repórter, e ele terá de lutar sempre consigo mesmo para saber dosá-las na medida certa em cada matéria” (KOTSCHO, 2001, p. 32). Assim, pode-se pensar que o jornalismo objetivo e imparcial, de certa forma, é uma impossibilidade, uma vez que o jornalista é humano, tem suas interpretações e suas percepções acerca do mundo e das emoções. O ideal do jornalismo objetivo e imparcial é que não se permita que as emoções, interpretações e percepções ditem o rumo da matéria. Mesmo assim, admite-se que as fontes possam falar a partir dos pontos de vista não permitidos ao repórter. Por isso, o Jornalismo Literário e suas características “mais humanas”, podem resultar numa melhor harmonia entre jornalista e jornalismo.

Entendendo que uma das funções do repórter é justamente a de investigar o seu material, estudar e conhecer o que vai transformar e transmitir na reportagem, pode-se comparar o jornalismo, sob diversos aspectos do teatro. Uma observação interessante pode ser feita quanto à comparação entre um roteiro teatral e uma pauta jornalística, uma vez que a investigação, a análise e o questionamento são características vitais ao teatro e também ao jornalismo.

“Raramente chegamos a conhecer uma peça com uma só leitura. Frequentemente é preciso abordá-la de diferentes modos” (STANISLAVSKI, 2007, p. 25). Assim como no teatro, no jornalismo, em especial no televisivo, também existe a

atuação. Se no teatro ela pertence ao ator, no jornalismo pertence ao repórter, que vai ser o transmissor da mensagem. No cotidiano, as pessoas fazem diversas atividades, desempenham papéis sociais (são filhos, pais, irmãos) e se dedicam a diversas atividades e profissões na sociedade (ator, repórter, padeiro, professor), formando uma múltipla rede de interações. O que há em comum em tudo isso é a *performance*.

Noção moderna, embora derivada de um antigo verbo inglês¹, passou a maior parte do tempo despercebida enquanto tal, provavelmente em função da quase naturalidade que infunde: “fazer” ou “desempenhar” são hábitos tão entranhados no dia a dia que dificilmente nos damos conta de como os realizamos, a partir de que perspectiva e seguindo que modelos (MOSTAÇO; OROFINO; BAUMGÄRTEL; COLLAÇO, 2009, p. 15-16).

¹ Segundo o dicionário Houaiss, o substantivo formou-se a partir do verbo inglês *performance*, registrado pela primeira vez em 1531, de *to perform* ‘alcançar’, ‘executar’ e, este, do francês antigo *parfourmer* ‘cumprir, acabar, concluir’, de *former* ‘formar, dar forma a, criar’, do latim *formāre* ‘formar, dar forma’.

Segundo Schechner apud Mostaço, Orofino, Baumgärtel e Collaço (2009, p.17), entende-se por *performance* o “ser, o fazer, o mostrar fazendo, o explanar mostrando como se faz”, o que envolve ações e atividades humanas incontáveis, com os mais diversos propósitos e voltadas para as mais diversas direções. A essência da *performance* está ligada à combinação entre relações e ações, onde *performar* é o resultado de: ser (comportar-se); fazer (atividade de tudo o que existe); mostrar fazendo (ligado à natureza do comportamento humano, mostrar o que se faz, exhibir-se); explicar a exposição do fazer (campo dos pesquisadores e dos críticos para refletir sobre a performatividade - o mundo como *performance*).

Para os escritores do livro *Sobre Performatividade*, Edélcio Mostaço, Isabel Orofino, Stephan Baumgärtel e Vera Collaço (2009), desempenhar ou fazer algo, ocupa função primordial na vida humana, individual e coletiva. Outro aspecto da *performance* é a recepção (leitura e audição). Os diferentes modos em que a palavra escrita ou a audição da literatura oral são praticadas influenciam as relações criadas com o texto, estimulando percepções e sentimentos distintos diante do poético.

Antes dos estudos da *performance*, os pensadores do ocidente achavam que sabiam exatamente o que era e o que não era ‘*performance*’. Mas, de

fato, não existe um limite histórico ou fixável para distinguir o que é ou não é 'performance'. Ao longo do tempo novos gêneros foram somados e outros caíram fora. A noção básica é a de que qualquer ação que seja estruturada, apresentada, marcada ou exposta, é performance. Muitas delas pertencem a mais de uma categoria ao mesmo tempo. Um jogador de futebol americano, por exemplo, correndo com a bola e apontando um dedo para cima depois de um tento convertido está performando uma dança e executando um ritual como parte de seu desempenho profissional enquanto astro popular (SCHECHNER, apud MOSTAÇO; OROFINO; BAUMGÄRTEL; COLLAÇO, 2009, p. 26, grifos dos autores).

Mostaço, Orofino, Baumgärtel e Collaço (2009) escreveram que o conceito de performatividade foi introduzido em 1955 pelo filósofo John Langshaw Austin, ao lançar um conjunto de palestras para descrever a natureza da língua (ou linguagem) quando efetiva ou registra atos. Os autores dizem que Austin investigou o surgimento da pragmática (protocolo), destacando o que existe de performatividade implícita aos atos da fala quando a linguagem é empregada como ação ou para indicar atos perpetrados (rituais, casamentos, juramentos, etc.).

Segundo Mostaço, Orofino, Baumgärtel e Collaço (2009, p. 39) a teatralidade não está naquilo que o espectador enxerga, mas no seu olhar, pois "(...) ela é um produto mental propiciado pelas percepções e, para emergir, não depende de um palco, atores ou cenografia, mas tão somente de uma operação de linguagem intermediando um sujeito e um objeto (...)". Para os autores, a teatralidade e a performatividade são filhas do mesmo estímulo fenomenológico que fundamenta a mais simples experiência de um sujeito: olhar.

Ainda para os autores, as reflexões sobre *performance* (performativo), estão numa perspectiva que afirma que a realidade é percebida através de interpretações que devem ser contextualizadas e atender diversos pontos de vista simultaneamente, e que a sua significação depende do conceito onde estão inseridas. O ponto de vista da *performance* é semelhante, senão igual, às características exigidas para o desenvolvimento do trabalho do repórter, ou então do próprio jornalismo, que precisa ser contextualizado, atender a diferentes modos de observar os fatos ou posicionamentos, e considerar sempre a realidade onde os fatos se encontram.

Conforme Mostaço, Orofino, Baumgärtel e Collaço (2009), Se a ação é a base da *performance*, então os estudos performáticos consistem em estudar as ações, explorando o comportamento humano, a prática artística, o trabalho de estudo de campo e o engajamento social. Mesmo que as artes sejam um campo de estudos

privilegiado, a *performance* atende não apenas obras artísticas ou rituais, mas também ações cotidianas comuns, ocupações esportivas e recreativas, situações de trabalho, contextos tecnológicos, relações de sexo, rituais sacros e profanos, jogos, etc. Se as ações cotidianas pertencem ao conceito de *performance*, então pode-se pensar que o exercício profissional do repórter, sua atuação, sua função, sua ação, também constituem *performance*.

Como já mencionado anteriormente, a representação da vida, das *performances* ou da realidade pode ser percebida nos meios de comunicação, especialmente na TV. Para Mostaço, Orofino, Baumgärtel e Collaço (2009), os programas televisivos imitam a própria vida. Eles são alimentados com reportagens que, mesmo baseadas em imagens autênticas e fatos reais, são representações, e passam por um tratamento antes de serem veiculadas. Para Debord (2003), os programas televisivos representam a vida. “Trata-se da lógica do melodrama: o mundo é violento, sanguinário, horripilante, mas também terno, acolhedor, aprazível” (MOSTAÇO, OROFINO, BAUMGÄRTEL E COLLAÇO, 2009, p. 36). A cada notícia ruim, outra positiva é exibida em seguida, controlando a angústia que constitui o mundo.

Se a vida cotidiana, de acordo com uma teoria social dos atos de fala e dos papéis sociais, implica compreender a ação como comunicação, e esta materializada em performances, então a presença da mídia implica uma reencenação, reapresentação. Ou seja, uma reiteração do ato performativo agora mediatizado. (...) a mídia é mais do que mero veículo de representação do real. (...) diferentes meios de comunicação mediatizam a vida social pelas vias da representação e/ou da performance (MOSTAÇO; OROFINO; BAUMGÄRTEL; COLLAÇO, 2009, p. 226-227).

Ainda segundo os autores, a mídia desempenha um papel fundamental na estruturação das relações sociais. Hoje, ainda mais com as redes sociais, onde os receptores (público) podem responder, acolher, criticar ou contestar os conteúdos veiculados pelos meios de comunicação.

Para eles, a relação entre mídia e performatividade refere-se à própria história social dos meios de comunicação, e o surgimento da televisão constitui a representação da vida social por meio de imagens. Por isso, essa condição da “performatividade restaurada” pela tela da TV passa a ser também um lugar de busca pela capacidade de influência, como por exemplo, o interesse dos

personagens públicos e/ou políticos em transmitir uma imagem pessoal de qualidade para persuadir e conquistar seus fãs/eleitores.

Seguindo a perspectiva de que vida, fatos, *performance*, cultura, lugares, pessoas são representados na televisão por meio dos seus conteúdos, entende-se que os programas televisivos são produzidos também a partir de representação. Um exemplo disso é o programa *Globo Repórter*, da Rede Globo, que é exibido desde abril de 1973, tendo surgido no período, como já mencionado antes (meados de 1975), em que a Globo assumiu a liderança absoluta da audiência no Brasil. O programa é um dos mais antigos da história da TV brasileira.

Segundo o site *Memória Globo*¹²⁸, o *Globo Repórter* é um programa semanal de reportagens sobre comportamento, aventura, ciência e natureza. Transita por várias esferas do telejornalismo: registra momentos decisivos da história do país, aprofunda a cobertura de fatos abordados nos telejornais da Globo, exhibe matérias investigativas ancoradas na preservação dos direitos humanos e traça os perfis de importantes personalidades brasileiras.

Ainda conforme o site, outra marca do programa tem sido informar o telespectador, com riqueza de imagens, sobre os lugares mais exóticos do Brasil e do mundo, novas pesquisas científicas nas áreas de saúde e tecnologia, além de curiosidades sobre o universo animal e o meio ambiente. Com reportagens mais elaboradas e mais extensas que demandam mais tempo de produção e buscam mostrar locais, povos e culturas distintos, pode-se questionar se o conteúdo exibido pelo programa tem afinidade com a linguagem do Jornalismo Literário.

Além do programa *Globo Repórter*, quem também surgiu como repórter em meados de 1975 foi Glória Maria Matta da Silva¹²⁹, filha do alfaiate Cosme Braga da Silva e da dona de casa Edna Alves Matta. Glória estreou como repórter na TV Globo em 1971, durante o desabamento do Elevado Paulo de Frontin, no Rio de Janeiro. Trabalhou no *Jornal Hoje*, no *Bom Dia Rio* e no *RJTV*. De 1998 a 2007, apresentou o *Fantástico* e, desde 2010, integra a equipe do programa *Globo Repórter*.

Conforme o site *Memória Globo*, Glória Maria mostrou os mais diferentes povos, culturas e lugares do Brasil e do mundo em suas reportagens para o Globo

¹²⁸ memoriaglogo.globo.com

¹²⁹ MEMÓRIA GLOBO “**Glória Maria**”. Disponível em:

<<http://memoriaglogo.globo.com/perfis/talentos/gloria-maria/trajetoria.htm>>. Acesso em 17 de abril de 2018.

Repórter. Sem produtor, suas viagens eram feitas só com um cinegrafista. O site diz que ela nunca mediu esforços para chegar onde queria e enfrentou condições adversas, tendo que dormir em saco de dormir na beira de rio, arrastar mala, ficar sem comer, etc. Há até a menção de uma situação que ocorreu na Nigéria, quando ela e o cinegrafista foram roubados e abandonados pelo caminho.

O espírito de aventura sempre pautou a carreira da repórter, seja sobrevoando de helicóptero a cratera de um vulcão, escalando o Himalaia ou nas mais diversas experiências vividas na profissão e também proporcionadas por ela. Ela já atravessou o deserto sobre um dromedário, interagiu com povos nômades, saltou do maior *bungee jump* do mundo, entrou em uma mesquita tradicional no Irã e usou as vestes exigidas pela crença. Ela chegou a fumar maconha, em respeito às regras de uma comunidade Rastafári na Jamaica.

O site ainda informa que Glória Maria fez sua primeira aparição no vídeo ao entrevistar os jogadores da Seleção Brasileira que iam disputar a Copa do Mundo de 1974. Cobriu a posse de Jimmy Carter, em Washington, em 1977. Foi a primeira repórter a entrar no ar, ao vivo, na primeira matéria em cores do Jornal Nacional, em 1977 (mostrando o movimento de saída de carros do Rio de Janeiro, no fim de semana). Cobriu a Guerra das Malvinas, em 1982. Desviou a segurança dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984 e conseguiu uma exclusividade que foi exibida pelo Fantástico: o velocista Carl Lewis, então campeão mundial dos 100 metros rasos, antecipou parte do juramento olímpico para ela. Entrevistou chefes de estado no Brasil, durante o regime de ditadura militar.

A partir de 1986, a jornalista integrou a equipe do Fantástico, do qual foi apresentadora de 1998 a 2007 e ficou conhecida pelas matérias especiais, viagens a lugares exóticos e por entrevistar celebridades. Para o programa, ela viajou por mais de cem países, passando por toda a Europa, África e parte do Oriente. Cobriu a invasão da embaixada brasileira do Peru por um grupo terrorista, em 1996; os Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996 e a Copa do Mundo na França, em 1998. Em maio de 2006, acompanhou o escritor Paulo Coelho no trajeto da ferrovia transiberiana até Moscou.

Ainda segundo o site *Memória Globo*, ao lado do cinegrafista Lúcio Rodrigues, Glória Maria realizou a primeira transmissão em HD da televisão brasileira, em 2007 (reportagem do Fantástico sobre a Festa do Pequi, fruta adorada pelos índios Kamaiurás, no Alto Xingu). Após dez anos no Fantástico, Glória tirou

dois anos de licença e se empenhou em projetos pessoais, como a viagem para a Índia e a Nigéria, onde trabalhou como voluntária, cuidando de pessoas, vítimas da vulnerabilidade social. Nesse período (2009), adotou as meninas Maria e Laura. Apresentou o especial de Roberto Carlos na Praia de Copacabana, em 2010 e apresentou o show que o cantor fez em Jerusalém, em 2011. Em 2015, Glória Maria foi uma das jornalistas convidadas para participar da série do Jornal Nacional sobre os 50 anos de jornalismo na Globo e relembrar suas coberturas mais marcantes.

Ao retornar para a Globo, em 2010, a repórter passou a integrar a equipe do Globo Repórter, programa do qual faz parte até hoje. Estreou com uma matéria chamada *Brunei Darussalam - A Morada da Paz*, que fala sobre o país governado por um sultão no Sudeste Asiático, na fronteira com a Malásia. Esteve no Grand Canyon, nos Estados Unidos, voou de balão e desceu de bote o rio Colorado. No mesmo ano fez ainda a reportagem *Duas Chinas*, mostrando diversas peculiaridades do país. Em 2011, fez *Brunei - O País da Felicidade*, também sobre o sultanato. Em 2012, Glória mostrou o Oásis da paz em Omã e fez um passeio com camelos pelo deserto. Logo depois, passou por Dubai.

Em 2013, exibiu as belezas do Vale do Loire, Champagne e Provence, na França. No mesmo ano, revelou a cultura e os costumes dos moradores do Vietnã, Laos e Camboja. Passou também por Myanmar, no sul da Ásia, onde fez reportagens sobre o misticismo na região. Em 2014, as paisagens do Reino Unido, Suécia e Lapônia foram temas do Globo Repórter.

Em 2016, mostrou as belezas de Marrocos, como a cidade azul, Marrakesh, os encantadores de serpente e a colheita do argan feita pelas cabras. Cruzou o deserto do Saara em um dromedário e mostrou a vida dos povos nômades. Visitou a Jamaica, participou dos rituais de uma comunidade Rastafári e teve a oportunidade de entrevistar o campeão mundial de atletismo Usain Bolt. Em 2017, foi à China e fez matérias em Hong Kong, onde cuidou de um panda gigante, e pulou do mais alto “bungee jump” do mundo em Macau, com 233 metros de altura.

No dia 17 de março de 2017, Ana Maria Braga, apresentadora do programa televisivo *Mais Você*, da TV Globo, recebeu a repórter Glória Maria. Na ocasião¹³⁰, Ana Maria apresentou Glória Maria como “pioneiríssima, a primeira em tudo”,

¹³⁰ GLOBOPLAY MAIS VOCÊ “Programa de Sexta-feira, 17/03/2017, na íntegra”. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5731657/>>. Acesso em 18 de maio de 2018.

fazendo uma alusão às suas diversas estréias na televisão. O programa resgatou imagens de três momentos:

- a) a primeira repórter a entrar ao vivo no Jornal Nacional em 1976 em uma entrevista com João Batista da Costa, vereador do município de São Pedro da Aldeia, que era o mais jovem vereador no estado do Rio de Janeiro;
- b) primeiro vôo duplo de asa delta;
- c) primeira transmissão em HD, em 2007.

Para Ana Maria Braga, Glória Maria disse que iniciou na profissão em uma época em que o telejornalismo estava começando e o repórter não aparecia no vídeo. Quatro anos depois de estar atuando no jornalismo o repórter começou a aparecer, com sua própria imagem, na matéria. “Isso fez uma geração de jornalistas diferentes porque fomos ensinados a cultuar a matéria, a história”, declarou ao programa.

No site *Memória Globo*, é possível encontrar um depoimento de Glória Maria: “O que é mais extraordinário é a possibilidade que o jornalismo te dá de aprender. É a única profissão em que você tem contato direto com todo tipo de emoção. Você tem a guerra, com tudo o que ela significa, você tem todas as performances do ser humano. Um dia você está com o político mais poderoso do planeta, no outro com o homem mais miserável que Deus permitiu existir. É uma outra visão, outra dimensão da existência”. Seu depoimento vai ao encontro do que Kotscho (2001) e outros autores mencionados neste projeto de monografia já declararam sobre a função/missão do repórter.

Ser repórter é bem mais do que simplesmente cultivar belas-letas, se o profissional entender que sua tarefa não se limita a produzir notícias segundo alguma fórmula “científica”, mas é a arte de informar para transformar (KOTSCHO, 2001, p.8, grifos do autor).

A partir dessas “atuações” mencionadas, aplicando *performance* e exercendo seu trabalho profissional (que também é *performance*), Glória Maria consolidou um estilo próprio de fazer reportagem. Ela participa da reportagem, tornando-se também elemento dela. Isso acontece quando ela interage com os espaços, situações e cenários que apresenta. Sua *performance* tem características próprias, particulares, que fazem parte da sua personalidade “aventureira”, como o próprio *Memória Globo* definiu.

Com base nisso, pode-se refletir sobre a maneira como a sua *performance* interfere na compreensão dos telespectadores sobre as informações em suas reportagens. Ao estar em diversos países com culturas e crenças peculiares e submeter-se aos costumes, rituais e normas das comunidades locais em prol da reportagem, pode-se questionar se a sua narrativa/discurso lhe proporciona mais credibilidade do que a de alguém que não experimenta algo, mas fala sobre, por exemplo.

Glória Maria esteve em diversos países, como já mencionado, e quando o repórter fala sobre o exterior é preciso apresentar determinado contexto para que o telespectador seja capaz de absorver o conteúdo. “Nas coberturas no Exterior, não basta relatar o que aconteceu: é preciso ajudar o leitor a entender *por que* tais fatos estão ocorrendo, situando-os dentro de um contexto histórico e lembrando as características de cada país” (KOTSCHO, 2001, p. 29, grifos do autor).

Outro questionamento pode ser feito em relação à sensação de proximidade (ou distância) provocada no telespectador, uma vez que a repórter apresenta realidades distantes dele, sempre mostrando as características e geografias desses lugares, seja interagindo com pessoas, animais, relevos, superfícies, etc.

Em uma parte do prefácio, escrito por Simon Callow no livro *A vida como performance*, de autoria de Kenneth Tynan (2004, p. 10-11), ele apresenta a obra como uma performance maravilhosa, com jornalismo simples, apresentações elegantes e define o autor [Tynan] como um “repórter de ouvidos e olhos excelentes”. O livro é uma coletânea de perfis de pessoas altamente teatrais, pelas quais Tynan vibrava pelas suas qualidades e temperamentos. Ele as descreve e conta suas histórias. Calow diz que para além da habilidade da escrita de Tynan, sua façanha é despertar a vontade de estar perto das pessoas e situações que ele descreve. Diz também que “a perigosa doação de si mesmo é a marca que distingue todas as pessoas”.

Um exemplo disso, ou seja, fazer com que se tenha vontade de conhecer ou ter presenciado algo, pode ser percebido nas páginas 105 até 119 da obra de Tynan (2004), onde o autor descreve o perfil de Antonio Ordóñez, um toureiro que marcou época, passando por vários estágios de sua vida e carreira. A narrativa é tão dedicada e emocionante que prende o leitor e cria um interesse pelo personagem.

Essa capacidade de fazer o leitor/ouvinte/telespectador/internauta, sentir vontade de estar envolvido com o que lê/ouve/vê, é uma característica importante

para o repórter, uma forma de aproximar a informação, ou até ele próprio, de quem recebe o seu conteúdo. Pode-se então pensar que para conquistar tal efeito (sensação de proximidade), o repórter deve utilizar sua capacidade criativa e intuitiva. Talvez a repórter Glória Maria seja um exemplo de profissional adepto dessa prática, levando em conta as situações vivenciadas em várias de suas reportagens.

2 TEMA

Análise sobre a interferência da *performance* telejornalística de Glória Maria na compreensão das informações pelos telespectadores do Globo Repórter.

3 JUSTIFICATIVA

“Viver sempre foi, para o homem narrar o mundo, cada qual com seu discurso específico, sua maneira própria de construir o tecido verbal de sua existência” (ARBEX, 2002, p. 26). Essa existência, é o jornalismo que ajuda a construir através do registro dos acontecimentos e da história em todas as sociedades do mundo. Segundo Pena (2005), as notícias incidem efeitos afetivos, cognitivos e comportamentais nas pessoas, sociedades, culturas e civilizações.

Isso pode ser feito de várias formas dentro do jornalismo e uma delas é por meio da reportagem de televisão. Pena (2005) usa a descrição do jornalista Ricardo Noblat, autor do livro *A arte de fazer um jornal diário* (2003), para definir notícia como o relato mais curto de um fato e reportagem, como o relato mais circunstanciado. O autor refere-se também a Nilson Lage, com seu livro *A estrutura da notícia* (2006), para dizer que a reportagem requer um nível de planejamento maior do que a notícia.

Desde que a pesquisadora iniciou o estágio em telejornalismo na RBSTV de Caxias do Sul/RS, filiada à Rede Globo, houve o aumento de interesse pela reportagem, trabalho do repórter de televisão e produção de programas telejornalísticos. As reflexões sobre o alcance do jornalismo de TV e sobre a influência do repórter na compreensão do conteúdo apresentado aos telespectadores se tornaram constantes e, cada vez mais interessantes.

Para Pena (2005), a televisão está calçada no tempo, levando o repórter a construir a notícia com mais agilidade. Entretanto, para um programa como o Globo Repórter é permitido um mergulho do jornalista na notícia, ou seja, um maior tempo de pesquisa, de apuração e de captação de imagens.

Ao mesmo tempo, sabe-se que para realizar uma boa reportagem, é preciso um bom repórter. Nesse sentido, a pesquisadora sempre admirou o trabalho de Glória Maria. A jornalista integrou a equipe do programa Globo Repórter em 2010 e permanece nela até hoje. Pelo programa, conheceu e apresentou aos telespectadores diversos países e suas culturas. A pesquisadora costumava assistir ao programa Globo Repórter sempre em reunião com a família.

As noites de sextas-feiras eram as únicas em que a família podia dormir mais tarde. Então, todos sentavam no sofá, ao lado do fogão a lenha, e assistiam ao programa da Rede Globo, juntos. A sensação de que a televisão era uma convidada

especial, que merecia a atenção de todos os familiares, fazia com que todos se transformassem em telespectadores curiosos. Nesse sentido, Pignatari in Novaes (1988) fala sobre a televisão de uma forma quase poética.

Televisão é olho contra olho, olhar contra olhar. Endoscopia vídeo-eletrônica para dentro das salas e das almas cotidianas, dose diária de um “midiacamento” insuportável e insubstituível, mistura de elixir e droga, que provoca reações variadas no paciente, da náusea ao vício e à paixão (PIGNATARI in NOVAES, 1988, p. 487)

Hoje, a pesquisadora não divide mais a casa com a família, e assiste ao Globo Repórter pela internet, graças à convergência digital (integração das mídias). Mas, a repórter Glória Maria continua chamando a atenção da pesquisadora pela *performance* apresentada em suas reportagens.

Para Mostaço, Orofino, Baumgärtel e Collaço (2009), que utilizam-se dos conceitos de Schechner (2007), a *performance* marca a identidade, submete o tempo, remodela e adora o corpo e conta histórias. O comportamento se refere às várias maneiras como cada um age e representa a si mesmo nas diferentes situações que enfrenta, adicionando traços de identidade, personalidade e conduta. Por isso, pode-se dizer que o repórter se comporta de maneiras diferentes, reproduzindo *performances* diferentes, conforme o tipo de conteúdo que transmite no momento.

A maneira com que a jornalista Glória Maria apresenta a matéria, a sua interação com as pessoas dos lugares mostrados e as imagens das paisagens e povos são elementos que prendem a atenção da família da pesquisadora e a fizeram refletir se o mesmo aconteceria com outros telespectadores e suas famílias.

Stanislavski (2007) diz que, para poder influenciar pessoas com nossos sentimentos e convencê-las com nossos pensamentos é necessário atraí-las, procurar entender o que passa em seu interior e buscar formas de transmitir o que queremos. Segundo ele, a dúvida é inimiga da criatividade e impede o processo de viver um papel.

Da mesma forma ocorre com o repórter, que precisa estar convencido da verdade daquilo que transmite para poder realizar seu trabalho. Por isso, ao experimentar situações, conhecer outras culturas, contextualizar informações e interagir com os espaços que apresenta, o repórter pode estar cumprindo um papel importante da profissão: “levar” o telespectador a lugares que, no momento, ele não

pode ir sozinho. Dessa forma, pode-se dizer que Glória Maria “leva” o telespectador em uma “viagem” pelo mundo, o que é o objetivo (ou um deles) do Globo Repórter.

Para Aubenas e Benasayag (2003), todas as pessoas participam do mundo da comunicação. Por isso, é importante provocar uma reflexão sobre os papéis do repórter de televisão, que, diferente do repórter de jornal ou de rádio, pode contar, além de suas habilidades profissionais, com a contribuição do recurso da imagem. Uma vez que as pessoas associam ver com saber, como disse Arbex Júnior (2001), a percepção visual tem sua importância reforçada no meio televisivo.

Para Bistane e Bacelar (2008), as imagens dão credibilidade ao conteúdo, mesmo que as reportagens sejam apenas um recorte da realidade. “(...) a televisão, com o seu aparato tecnológico cada vez mais aperfeiçoado, reivindica para si a capacidade de substituir com vantagem o olhar do observador individual” (ARBEX JÚNIOR, 2001, p. 34). As câmeras, postadas em diferentes lugares, podem captar mais detalhes e de diferentes ângulos, tendo um alcance visual muito maior e proporcionando ao telespectador a sensação de estar transitando pelos cenários apresentados.

O desafio do repórter de TV é relatar com precisão e síntese, entender as histórias o suficiente para contá-las, transmitindo a relevância da informação de forma atraente e inteligível. “O repórter é um contador de histórias (...) com personagens reais, que nem sempre terminam bem. Há enredo, protagonistas, hora e local onde se desenrolam os fatos, e também um motivo” (BISTANE; BACELLAR, 2008, p. 13). Isso é basicamente o que coloca Stanislavski (2007) quando se refere ao teatro.

Se uma das funções do repórter é “levar” o telespectador para determinados locais, logo, é importante saber de que forma isso acontece. Observar os fatores que tornam essa “viagem” possível. Este é um dos objetivos desta monografia.

Portanto, operar com sabedoria os elementos da linguagem televisiva para a construção de uma reportagem torna-se essencial para diferenciar um bom trabalho de um trabalho comum, quando se fala em reportagens. Além de atraente, o trabalho deve ter conteúdo, informação, acrescentar “algo” para o telespectador.

A forma com que o repórter age diante das câmeras, e que é percebida pelo telespectador, constitui-se em uma *performance* capaz de despertar no telespectador alguma sensação, seja positiva ou negativa, direta ou indiretamente.

Portanto, esta monografia pretende analisar o impacto da *performance* da repórter de televisão Glória Maria na compreensão dos conteúdos existentes em suas reportagens, especialmente naquelas que produziu para o programa Globo Repórter, da Rede Globo. Uma vez que ela chama bastante atenção, é preciso analisar se o telespectador compreende o conteúdo da reportagem, ou presta mais atenção na atuação da repórter.

Mesmo sendo um dos programas mais antigos da televisão brasileira, no ar desde abril de 1973, o Globo Repórter continua com boa audiência.

Segundo dados do Ibope¹³¹, em abril de 2018 (considerando 15 mercados: Grande São Paulo, Grande Rio de Janeiro, Grande Belém, Grande Belo Horizonte, Grande Campinas, Grande Curitiba, Distrito Federal, Grande Florianópolis, Grande Fortaleza, Grande Goiânia, Manaus, Grande Porto Alegre, Grande Recife, Grande Salvador, Grande Vitória) o programa Globo Repórter alcançou uma média de audiência domiciliar de 23,3%.

Pode-se refletir ainda se a linguagem mais próxima do Jornalismo Literário e das reportagens especiais (grandes reportagens) aliada com a *performance* dinâmica dos repórteres são elementos que conquistam o telespectador.

A jornalista Glória Maria tem mais de 45 anos de experiência na TV. Quando iniciou na carreira profissional em 1971, na TV Globo, os repórteres ainda não apareciam nas reportagens, e isso pode ter despertado uma preocupação maior nos profissionais da época em produzir conteúdo que fosse capaz de transmitir credibilidade mesmo sem que os telespectadores pudessem conhecer a imagem do repórter.

Mesmo mais tarde, quando os repórteres passaram a aparecer no vídeo, Glória Maria manteve um perfil mais ousado. Ela era persistente em conseguir as informações de que precisava, ou que julgava serem importantes e relevantes, como por exemplo no desfile de Carnaval de 1992, quando ela percebeu que o casal mestre-sala da escola de samba Unidos de Vila Isabel estava chorando em pleno desfile e insistiu, mesmo ao vivo, para que alguém explicasse o motivo.

Mesmo sendo repreendida pelas pessoas que estavam em volta (provavelmente tentando ocultar o motivo do pranto), ela manteve uma postura firme e insistente ao cobrar um posicionamento. Voltou ao ar (ao vivo), minutos depois,

¹³¹ KANTAR IBOPE MÍDIA. **Audiência TV 15 Mercados**. Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/dados-de-audiencia-nas-15-pracas-regulares-com-base-no-ranking-consolidado-1106-a-1706/>>. Acesso em: 17 de junho de 2018.

explicando o que estava acontecendo (a confecção dos trajes artísticos daquela escola não tinha sido finalizada a tempo, e estava se desfazendo enquanto as pessoas desfilavam).

A postura ativa do repórter, a exemplo de Glória Maria, pode transmitir ao telespectador uma afinidade com o meio jornalístico e uma confiança nele, uma vez que o repórter sacia o desejo de quem assiste: saber o que está acontecendo.

Para analisar os efeitos dessa *performance* específica de Glória Maria, serão observadas reportagens produzidas por ela para o programa Globo Repórter, além de conceitos e estudos sobre *performance*, televisão, sociedade, Rede Globo, programa Globo Repórter, entre outros assuntos que possam ser pertinentes e contribuir com este trabalho.

A partir disso, esta pesquisa monográfica está plenamente justificada.

4 QUESTÃO NORTEADORA

Como a *performance* telejornalística de Glória Maria interfere na compreensão das informações pelos telespectadores do Globo Repórter?

5 HIPÓTESES

- a) A *performance* jornalística da repórter Glória Maria contribui para a melhor compreensão das informações pelos telespectadores.
- b) O estilo de informar e participar, de forma ativa, da informação, percebido nas reportagens de Glória Maria, transmite ao telespectador a sensação de aproximação com o conteúdo apresentado.
- c) A experimentação dos cenários, culturas, normas e hábitos de diferentes comunidades existentes pelo mundo, no exercício da profissão de repórter e na construção de suas reportagens, atribui à Glória Maria ainda mais credibilidade e confiança.
- d) Glória Maria, por meio da valorização da *performance* de telejornalista, consegue despertar no telespectador o desejo de vivenciar os cenários e situações apresentados.
- e) A *performance* telejornalística de Glória Maria, que participa ativamente como personagem central de suas matérias, atrapalha o entendimento da mensagem, chamando mais atenção para si própria do que para o conteúdo das informações prestadas ao telespectador.

6 OBJETIVOS

H A.

- a) compreender a linguagem televisiva.
- b) compreender o conceito de *performance* e sua aplicação no exercício do telejornalismo.
- c) observar de que forma acontece a interação entre reportagem/informação e telespectador.

H B.

- a) compreender a linguagem televisiva.
- b) compreender o conceito de *performance* e sua aplicação no exercício do telejornalismo.
- c) observar de que forma acontece a interação entre reportagem/informação e telespectador.
- d) verificar se existe um padrão sobre a forma de atuação do telejornalista em relação à forma de produção de conteúdo.
- e) analisar quais fatores geram a identificação do telespectador com o que está sendo mostrado.

H C.

- a) compreender a linguagem televisiva.
- c) observar de que forma acontece a interação entre reportagem/informação e telespectador.
- d) verificar se existe um padrão sobre a forma de atuação do telejornalista em relação à forma de produção de conteúdo.
- e) analisar quais fatores geram a identificação do telespectador com o que está sendo mostrado.
- f) analisar quais fatores transmitem credibilidade ao telespectador quando este assiste ao material telejornalístico.

H D.

- a) compreender a linguagem televisiva.

- b) compreender o conceito de *performance* e sua aplicação no exercício do telejornalismo.
- c) observar de que forma acontece a interação entre reportagem/informação e telespectador.
- d) verificar se existe um padrão sobre a forma de atuação do telejornalista em relação à forma de produção de conteúdo.
- e) analisar quais fatores geram a identificação do telespectador com o que está sendo mostrado.
- g) observar quais elementos são adicionados à reportagem para despertar, ou não, o desejo de vivenciar o que está sendo mostrado ou, ainda, se são adicionados tais elementos.

H E.

- a) compreender a linguagem televisiva.
- b) compreender o conceito de *performance* e sua aplicação no exercício do telejornalismo.
- c) observar de que forma acontece a interação entre reportagem/informação e telespectador.
- d) verificar se existe um padrão sobre a forma de atuação do telejornalista em relação à forma de produção de conteúdo.
- e) analisar quais fatores geram a identificação do telespectador com o que está sendo mostrado.
- f) analisar quais fatores transmitem credibilidade ao telespectador quando este assiste ao material telejornalístico.
- g) observar quais elementos são adicionados à reportagem para despertar, ou não, desejo de vivenciar o que está sendo mostrado ou, ainda, se são adicionados tais elementos.

7 METODOLOGIA

O objetivo deste projeto de monografia é analisar a interferência da *performance* de Glória Maria, repórter do programa Globo Repórter, na compreensão das informações de suas reportagens pelos telespectadores. Em busca de respostas para a questão norteadora, foram levantadas algumas hipóteses que serão comprovadas ou negadas após a aplicação dos métodos de Análise de Conteúdo e Estudo de Recepção.

Para Gil (2007) apud Gerhard e Silveira (2009)¹³², a pesquisa é o procedimento que, por meio de várias fases, vai produzir respostas aos problemas propostos (questionamentos). Esta monografia tem como caráter metodológico a pesquisa qualitativa, já que é um procedimento mais compatível com a proposta do tema. Segundo Gerhard e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa se preocupa com aspectos que não podem ser quantificados, buscando explicar o porquê das coisas com base na interpretação. Minayo (2001) apud Gerhard e Silveira (2009) diz que esta pesquisa trabalha com significados, motivos e aspirações. Para Bardin (2016), a pesquisa qualitativa é um procedimento mais intuitivo, mais adaptável a índices não previstos ou à evolução das hipóteses. Sua característica primordial é a inferência.

Como procedimento metodológico será utilizada a pesquisa bibliográfica. Fonseca (2002) apud Gerhard e Silveira (2009, p. 32), diz que a pesquisa bibliográfica "(...) é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites". Ela apresenta ao pesquisador o que já foi estudado sobre o assunto.

Como método inicial para a pesquisa, se utilizará a Análise de Conteúdo. Segundo Laurence Bardin (1979), a Análise de Conteúdo consiste em um conjunto de técnicas adaptáveis e aplicadas ao campo das comunicações que leva em consideração as significações e interpretações. Ela se organiza em três fases:

a) pré-análise: é o período de organização, reunião dos documentos que serão submetidos à análise (podendo incluir novos procedimentos durante a investigação), elaboração das hipóteses, objetivos e indicadores que fundamentem a interpretação. Para este projeto de monografia foram levantadas hipóteses e

¹³² Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em 10 de julho de 2018.

objetivos que pretendem responder à questão norteadora definida, além da leitura de diversos autores relacionados ao tema. Os conceitos e conteúdos encontrados serão aprofundados na monografia. Os documentos que serão submetidos à análise se tratam de 5 reportagens produzidas pela repórter Glória Maria para o programa Globo Repórter da Rede Globo:

I. “Omã, o oásis da paz”, exibida em 13 de abril de 2012;

II. “Globo Repórter desvenda a vida dos nômades do deserto do Saara”, exibida em 10 de junho de 2016;

III. “Comunidade Rastafári mais fechada da Jamaica não segue leis do país”, exibida em 1º de julho de 2016;

IV. “Glória Maria salta do maior bungee jump do mundo, em Macau”, exibida em 09 de junho de 2017;

V. “Glória Maria entra em mesquita no Irã para acompanhar tradicional oração”, exibida em 08 de setembro de 2017.

b) exploração do material: aplicação das decisões tomadas, operação de codificação. Para este trabalho, nesta fase, serão selecionados recortes de cenas, das 5 reportagens selecionadas, que mostrem a atuação da repórter e que contenham características importantes para o estudo do tema.

c) tratamento dos resultados obtidos e interpretação: sendo os resultados significativos e válidos, poderão adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos ou trazer novas descobertas.

Além da Análise de Conteúdo, outro método a ser utilizado para buscar responder a investigação será o Estudo de Recepção por meio da técnica do Grupo Focal (*Focus Group*). Para Fíguro, no artigo “*Estudos de recepção para a crítica da comunicação*” (2000)¹³³, a partir da recepção, pode-entender melhor o papel da comunicação e de seus meios na vivência da sociedade. Os Estudos de Recepção propõem uma abordagem diferenciada dos meios de comunicação, buscando compreender o processo de comunicação como interação social.

Segundo Backes, Colomé, Erdmann e Lunardi (2011), no artigo “*Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas*” (2011)¹³⁴, o Grupo Focal (GF) representa uma técnica de coleta de dados que intensifica o

¹³³ Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/viewFile/36895/39617>>. Acesso em: 10 de julho de 2018.

¹³⁴ Disponível em: <http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/artigos/grupo_focal_como_tecnica_coleta_analise_dados_pesquisa_qualitativa.pdf>. Acesso em: 10 de julho de 2018.

acesso às informações acerca de um tema promovendo a discussão sobre um foco específico a partir da interação de um grupo de participantes. Neste processo, os participantes podem explorar e manifestar os seus pontos de vista.

Através do Grupo Focal é possível atingir outras/novas reflexões e observações sobre o tema, que não foram percebidas pelas técnicas utilizadas anteriormente, ou então foram percebidas e serão comprovadas pela técnica. Para Duarte e Barros (2011), o Grupo Focal permite aprofundar a reflexão sobre o essencial, o sentido dos princípios e motivações que regem os julgamentos e percepções das pessoas. Tem como objetivo perceber os aspectos valorativos e normativos que são referência de um grupo em particular.

Para esta pesquisa, serão convidadas a participar da técnica do GF, 8 pessoas com idades entre 15 e 60 anos. Os participantes serão escolhidos de acordo com alguns critérios definidos pela pesquisadora. Pelo menos um deles será telespectador do programa Globo Repórter; pelo menos um deles não terá o hábito de acompanhar programas telejornalísticos ou televisivos; pelo menos um deles será adolescente; pelo menos um deles terá mais de 50 anos de idade; pelo menos um deles será jornalista ou profissional da área de comunicação; pelo menos um deles será artista ou profissional da área artística.

Aos participantes serão apresentadas as 5 reportagens selecionadas, uma de cada vez, permitindo o debate ao término de cada uma. A pesquisadora assumirá o papel de mediadora, sem exercer influência nas opiniões dos participantes, podendo assim aprofundar o estudo em busca das respostas para a pesquisa.

8 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

As discussões já realizadas por outros autores da comunicação, relacionadas aos assuntos que importam para a monografia, serviram como o início do desenvolvimento dos questionamentos em torno do tema. O referencial teórico é o embasamento principal da pesquisa deste projeto, contribuindo com a sustentação da investigação do trabalho.

8.1 JORNALISMO

Para um melhor entendimento sobre a origem e a função do jornalismo na sociedade, foram referências as obras: *Jornalismo Informação Comunicação* (1971), de Juarez Bahia e *O que é jornalismo* (1994), de Clóvis Rossi.

8.2 PERFORMANCE

Para a compreensão da *performance* e de que forma ela se aplica nas diferentes situações e comportamentos, foram essenciais as obras: *Sobre Performatividade* (2009), de Edécio Mostaço, Isabel Orofino, Stephan Baumgärtel e Vera Collaço e *A criação de um papel* (2007), de Constantin Stanislavski, para compreender melhor as relações do papel do repórter com o papel do ator.

8.3 JORNALISMO LITERÁRIO

Para esclarecer o conceito e o significado da prática do Jornalismo Literário e refletir sobre a sua aplicação nos diferentes formatos jornalísticos foi fundamental a obra: *Jornalismo Literário* (2006), de Felipe Pena. Igualmente importante, foi a obra *A prática da reportagem* (2001), de Ricardo Kotscho, que fala de uma forma apaixonante sobre o repórter, a reportagem, suas experiências e capacidade de transformação das realidades sociais.

8.4 TELEVISÃO

Para um melhor entendimento sobre televisão, sua linguagem e influência na sociedade, foram importantes as obras *O poder da TV* (2002), de José Arbex; *Showrnlismo: a notícia como espetáculo* (2001), de José Arbex Júnior; *Televisão: a vida pelo vídeo* (1988), e *Televisão* (1994), de Ciro Marcondes Filho e *Telejornalismo: da história às técnicas* (2017), de Gilvan Ferreira de Araújo.

8.5 GLÓRIA MARIA E GLOBO REPÓRTER

Para conhecer melhor a personagem principal desta monografia, a jornalista de televisão Glória Maria, e o programa Globo Repórter, onde atua como repórter, foi importante a busca por informações no site Memória Globo.

8.6 METODOLOGIA

Para esclarecer a metodologia e a aplicação de técnicas para análise dos documentos desta pesquisa, foram importantes os livros *Análise de Conteúdo* (1979), de Laurence Bardin e *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*, de Jorge Duarte e Antonio Barros.

9 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS

1 INTRODUÇÃO

2 TELEJORNALISMO

2.1 JORNALISMO E O MEDO DA IGNORÂNCIA

2.2 REPÓRTER E REPORTAGEM: CRIADOR E CRIAÇÃO

2.3 JORNALISMO LITERÁRIO E AUTONOMIA JORNALÍSTICA

3 *PERFORMANCE*

3.1 A PERSONAGEM

3.2 TEATRALIDADE, PERFORMATIVIDADE E REPRESENTAÇÃO

3.3 *PERFORMANCE* DO TELEJORNALISTA

4 TELEVISÃO E COMUNICAÇÃO

4.1 VER PARA SABER: A SEDUÇÃO DA IMAGEM

4.2 TELEVISÃO BRASILEIRA

4.2 GÊNEROS E FORMATOS

5 GLÓRIA MARIA: À LUZ DA *PERFORMANCE*

5.1 GLOBO REPÓRTER E GLÓRIA MARIA

6 METODOLOGIA

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

10 CRONOGRAMA

ATIVIDADE	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Leituras e anotações	X	X	X	X	X
Produção da Introdução	X				
Produção Capítulo 2 e correção Introdução		X			
Produção Capítulo 3 e correção Capítulo 2		X			
Produção Capítulo 4 e correção Capítulo 3			X		
Produção Capítulo 5 e correção Capítulo 4			X		
Produção Capítulo 6 e correção Capítulo 5				X	
Considerações Finais e correção Capítulo 6				X	
Correções finais e verificação da formatação					X
Entrega da Monografia					X
Não desanimar/reclamar	X	X	X	X	X

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Gilvan Ferreira. **Telejornalismo**: da história às técnicas. Curitiba: InterSaber, 2017.
- ARBEX, José. **O poder da TV**. São Paulo: Scipione, 2002.
- ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnalismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- AUBENAS, Florence; BENASAYAG, Miguel. **A fabricação da informação**: os jornalistas e a ideologia da comunicação. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1979.
- BAHIA, Juarez. **Jornalismo, informação, comunicação**. São Paulo: Martins, [19--].
- BISTANE, Luciane; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- BURNIER, Luis Otávio. **A arte de ator**: da técnica à representação. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O que é realidade**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- HERZ, Daniel. **A história secreta da Rede Globo**. Porto Alegre: Editora Tchê!, 1987.
- JAPIASSU, Hilton. **Nem tudo é relativo**: a questão da verdade. São Paulo: Letras e Letras, 2001.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 2006.
- LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- LLOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- LOEBLEIN, Daniela Fogaça. **Técnicas para TV**. Curitiba: InterSaber, 2017.
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2001

MANTOVANI, Anna. **Cenografia**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão**. São Paulo: Moderna, 1994.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo: Moderna, 1988.

MOSTAÇO, Edécio (Org.) et al. **Sobre Performatividade**. Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas, 2009.

NOVAES, Aduino et al. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

PENA, Felipe. **1000 Perguntas**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 2005.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

PEREIRA, Antonia; ISAACSSON, Marta; TORRES, Walter Lima (Org.). **Cena, Corpo e Dramaturgia: entre tradição e contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2012.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SILVA, Marleth. **Técnicas de redação e edição na imprensa**. Curitiba: InterSaberes, 2017.

SILVA, Rafael Souza. **Discursos simbólicos da mídia**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

STANISLAVSKI, Constantin. **A criação de um papel**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

TYNAN, Kenneth. **A vida como performance**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Meios eletrônicos

BACKES, Dirce Stein et al. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **Revista O Mundo da Saúde**. São Paulo, 2011.

Disponível em:

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/grupo_focal_como_tecnica_coleta_analise_dados_pesquisa_qualitativa.pdf>. Acesso em: 10 de julho de 2018.

ESTADÃO. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/>. Acesso em: 08 de maio de 2018.

FIGARO, Roseli. Estudos de recepção para a crítica da comunicação. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo: ECA-USP/Segmento, 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/viewFile/36895/39617>>. Acesso em: 10 de julho de 2018.

GAÚCHA ZH. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/>>. Acesso em: 10 de maio de 2018.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em 10 de julho de 2018.

GLOBOPLAY. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/>. Acesso em 15 de junho de 2018.

KANTAR IBOPE MÍDIA. **Audiência TV 15 Mercados**. Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/dados-de-audiencia-nas-15-pracas-regulares-com-base-no-ranking-consolidado-1106-a-1706/>>. Acesso em: 17 de junho de 2018.

MEMORIA GLOBO. Disponível em: <memoriaglobo.globo.com>. Acesso em: 17 de abril de 2018.

Reportagens

GLOBO REPÓRTER. **Glória Maria entra em mesquita no Irã para acompanhar tradicional oração**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/edicoes/2017/09/08.html>>. Acesso em: 06 de julho de 2018.

GLOBO REPÓRTER. **Glória Maria salta do maior bungee jump do mundo, em Macau**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/edicoes/2017/06/09.html>>. Acesso em: 06 de julho de 2018.

GLOBO REPÓRTER. **Comunidade Rastafári mais fechada da Jamaica não segue leis do país**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/edicoes/2016/07/01.html>>. Acesso em: 06 de julho de 2018.

GLOBO REPÓRTER. **Globo Repórter desvenda a vida dos nômades do deserto do Saara**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/edicoes/2016/06/10.html>>. Acesso em: 06 de julho de 2018.

MEMÓRIA GLOBO. Globo Repórter. **Omã, o oásis da paz**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/globo-reporter/globo-reporter-oma-o-oasis-da-paz.htm>>. Acesso em: 06 de julho de 2018.

**ANEXO A - CD CONTENDO O VÍDEO DO ESTUDO DE RECEPÇÃO E OS
TRECHOS DAS 5 REPORTAGENS UTILIZADAS COMO OBJETO DE ESTUDO**